



OS ESPÍRITOS EM MINHA VIDA  
MEMÓRIAS

# ROBSON PINHEIRO



casadosespíritos

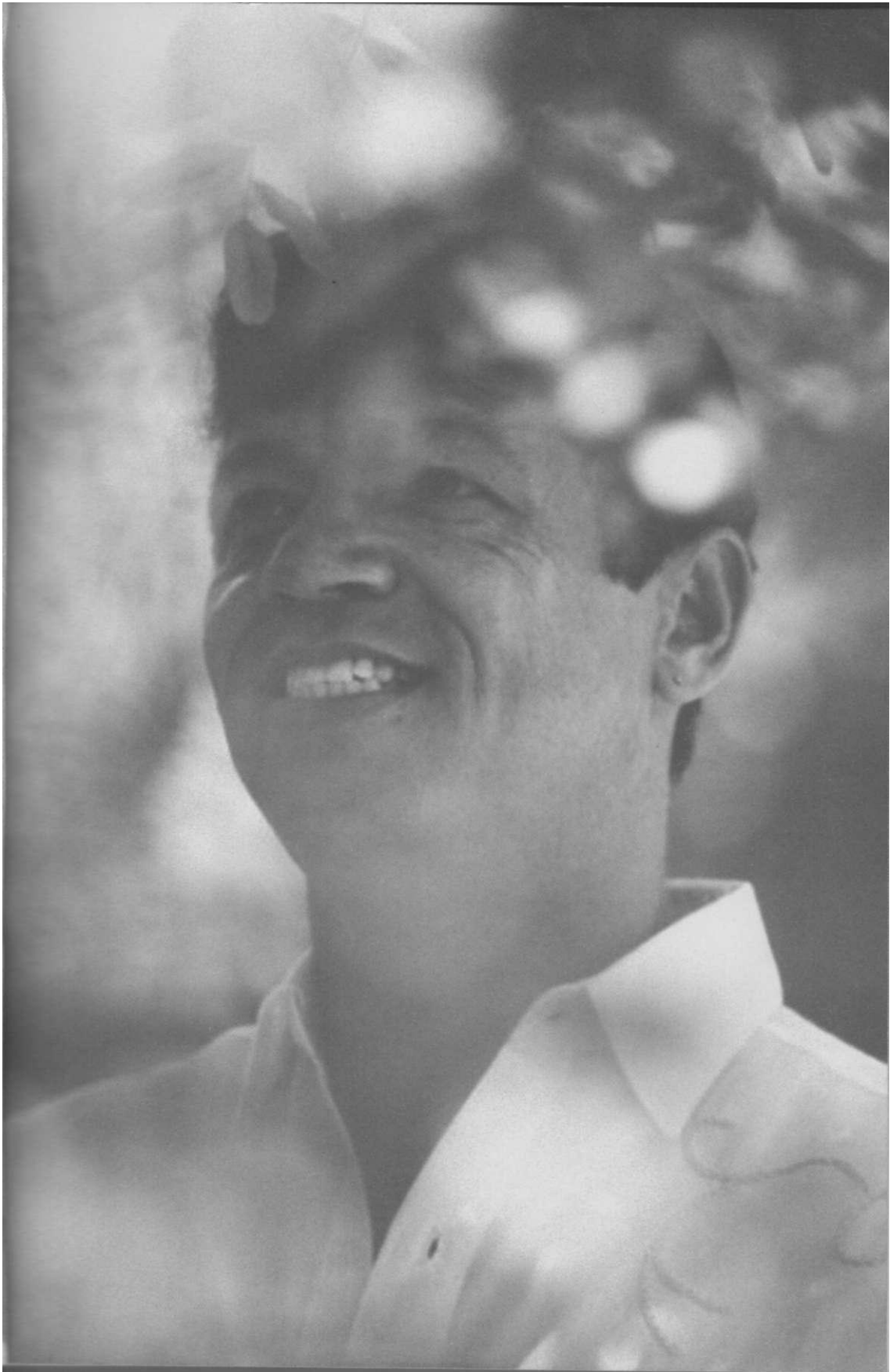


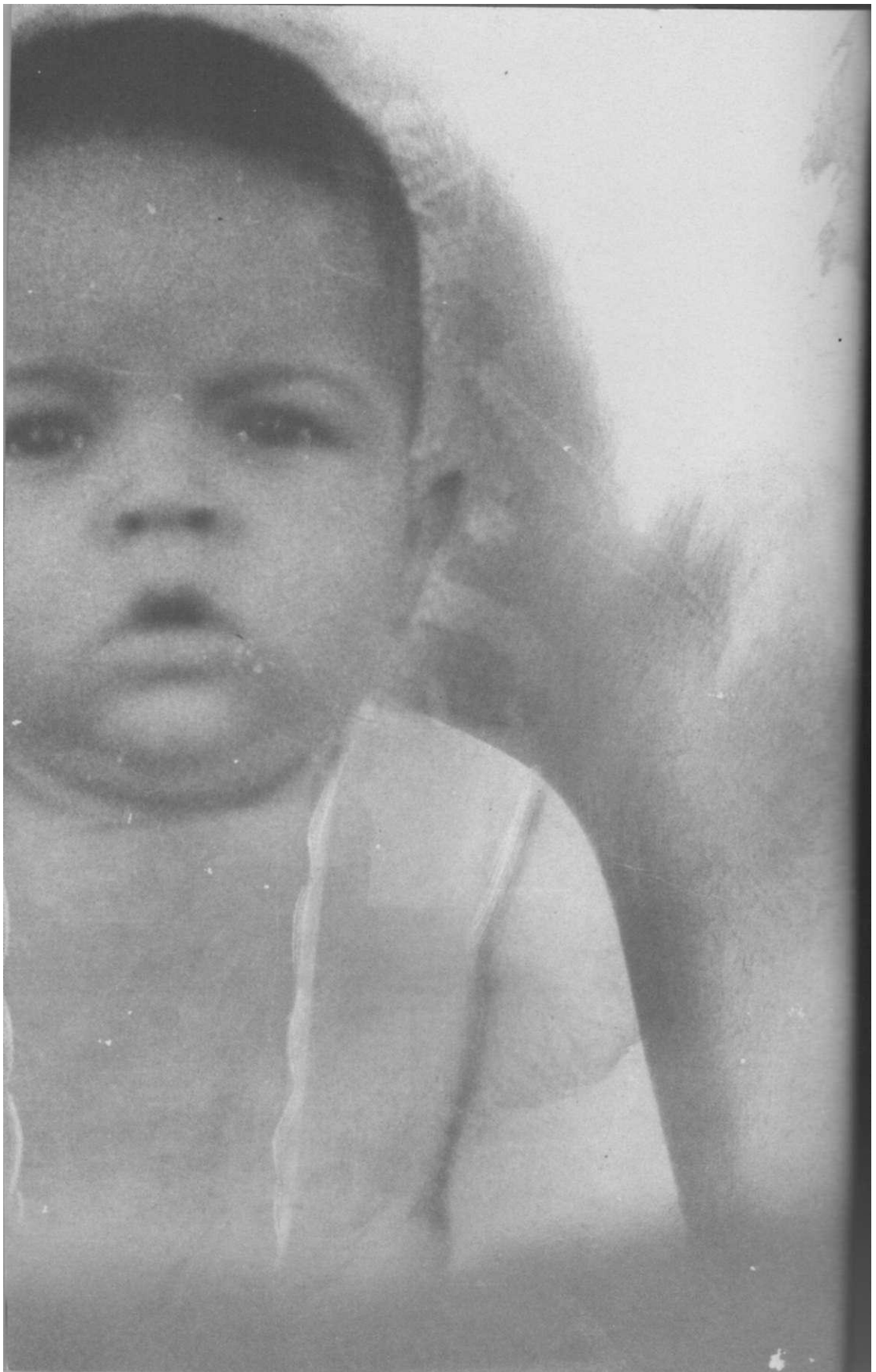
ALIANÇA ESPÍRITA ÍRMA  
DE CASTRO - MEIMEÍ

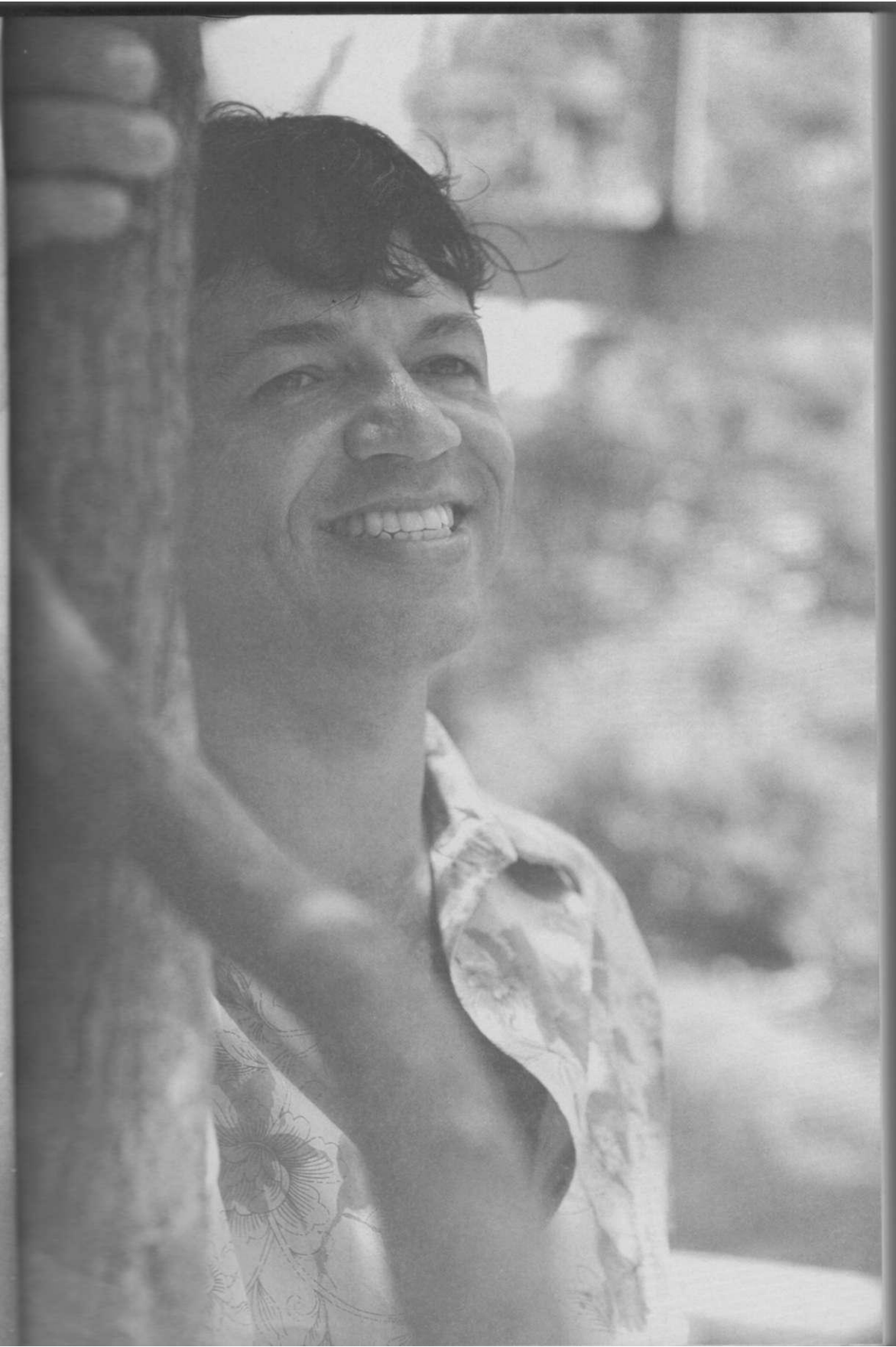
**LIVRARIA**

End.: Rua - 31 de Março, 117-A - Timbó  
Abreu e Lima/PE CEP: 53.520-580  
FONE: 542.1115











**OS ESPÍRITOS  
EM MINHA VIDA  
ROBSON  
PINHEIRO**





**casadosespíritos**

**OS ESPÍRITOS  
EM MINHA VIDA  
ROBSON  
PINHEIRO  
EDITADO POR  
LEONARDO MÖLLER**

1ª EDIÇÃO | NOVEMBRO DE 2008 | 10.000 EXEMPLARES  
CASA DOS ESPÍRITOS EDITORA, © 2008

Todos os direitos reservados à  
CASA DOS ESPÍRITOS EDITORA  
Rua Floriano Peixoto, 438 | Novo Progresso  
Contagem | **MG** | 32140-580 | Brasil

Tel/Fax +55 31 3304 8300  
[www.casadosespíritos.com.br](http://www.casadosespíritos.com.br)  
[editora@casadosespíritos.com.br](mailto:editora@casadosespíritos.com.br)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO [CIP]  
[CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO | SÃO PAULO | SP | BRASIL]

Pinheiro, Robson  
Os espíritos em minha vida : memórias / Robson Pinheiro ; editado por Leonardo Möller. -  
Contagem, MG : Casados Espíritos Editora, 2008.

Inclui: **CD**  
**ISBN** 978-85-87781-32-1 (capa laranja)  
**ISBN** 978-85-87781-33-8 (capa rosa)

i. Pinheiro, Robson 2. Memórias autobiográficas  
I. Möller, Leonardo. II. Título.  
**CDD:** 133.9092

08-11191

Índices para catálogo sistemático:  
i. Espíritos : Memórias autobiográficas 1339092

# SUMÁRIO

VIVER A EXPERIÊNCIA MEDIÚNICA 16

1

ZEZINHO 22

PETER PAN MINEIRO 28

SERÁ QUE ELE É? 31

2

TUPINAMBÁ E OUTROS CABOCLOS 36

O VENTO SOPRA ONDE QUER 42

BANDEIRA VERMELHA, BANDEIRA BRANCA 50

3

PAI JOÃO 60

PAI JOÃO, MENTOR DE EVERILDA BATISTA 64

DE ALFRED RUSSELL A PAI JOÃO 68

DE PAI JOÃO A PAI JOÃO 78

MUDAR É SABER, SABER É MUDAR 92

4

EVERILDA BATISTA 100

ESPÍRITO DO LADO DE CÁ 102

EDUCAR COM "SIM" E COM "NÃO" 111

TRABALHAR É PRECISO 115

ESPÍRITO DO LADO DE LÁ 128

A MELHOR ÁGUA-DE-COCO DO MUNDO 147

5

JOSEPH GLEBER E ALEX ZARTHÚ 176  
PRONTO PARA NASCER 182  
AS VOZES DO SILÊNCIO 186  
CANTAR COM ESPERANÇA 198  
MEDICINA DO CORPO E DA ALMA 223  
PSICOGRAFAR É PRECISO 241  
NEM SÓ DE PAPEL VIVE O HOMEM 244

6

BÁ 256  
PEDRA BRUTA 260  
DA SUBJUGAÇÃO À MEDIUNIDADE 265  
BRINCANDO COM FOGO 276

7

UMA CASA NO CAMINHO 312  
PASSES NA COZINHA 322  
ANTES DE PEGAR A ESTRADA, O MAPA 326  
CONTAGEM REGRESSIVA 332

8

O HIPNO 344  
BOFETÃO FRATERNAL 350  
A MEDICINA DA ALMA 356  
O HIPNO ATACA DE NOVO 364  
O HIPNO REVELADO 373

A YVONNE PEREIRA,  
QUE ME INSPIROU  
AO ESCREVER  
AS MEMÓRIAS  
DE SUA VIVÊNCIA  
MEDIÚNICA.

A RODRIGO ALEIXO,  
QUE ME DISSE:  
"ESCREVA LOGO!".

# VIVERA EXPERIÊNCIA MEDIÚNICA

QUANDO SE FALA  
"EXPERIÊNCIA MEDIÚNICA"  
OU COISA PARECIDA,  
HÁ QUEM A ASSOCIE A  
UM FENÔMENO QUE NÃO  
ENVOLVE NENHUMA OUTRA  
PESSOA ALÉM DO MÉDIUM.  
NA VERDADE, "EXPERIÊNCIA  
MEDIÚNICA" SIGNIFICA MAIS  
DO QUE FENÔMENO: É O  
"RELACIONAMENTO" COM A  
DIMENSÃO EXTRAFÍSICA  
E SEUS HABITANTES - GENTE  
COMO A GENTE, AINDA  
QUE SEM CORPO CARNAL.

## É DAS MINHAS VIVÊNCIAS COM OS ESPÍRITOS

que pretendo falar neste livro. O intuito é lembrar alguns eventos, desde a infância, e refletir a respeito desses acontecimentos de cunho mediúnico. Quero convidar você a reviver comigo certas experiências - algumas das quais são muito engraçadas, por um lado; instigantes, por outro -, que aqui e ali demonstram o planejamento, o compromisso e a fidelidade dos espíritos à tarefa confiada ao médium. Nesse aspecto, os episódios falam por si, você verá.

Quer dizer, é preciso fazer a ressalva de que guardo pouca memória da infância e da adolescência. Alguns episódios esparsos, que se encadeiam numa linha de tempo nem sempre clara para mim... e só. Relatos dos familiares ajudaram-me a recuperar histórias que, talvez, tivessem se perdido nos dias (não tão distantes...) de mocidade - especialmente no tocante aos fatos ocorridos durante o transe me-

diúnico, que, no meu caso, se caracteriza pela inconsciência, conforme explicarei posteriormente.

Não obstante, os momentos de relacionamento com os espíritos e, sobretudo, a impressão e a sensação deixadas por eles, sem dúvida, compõem o que de mais vívido há em minha memória da fase infanto-juvenil. É interessante observar, por exemplo, que, de modo absolutamente natural e espontâneo, não premeditado, tenho recordações detalhadas dos ensinamentos do espírito João Cobú acerca das propriedades terapêuticas de ervas e plantas, assim como de suas características energéticas, segundo a aplicação e o conhecimento ancestral dos povos africano e indígena, que envolvem cultivo, colheita, método de preparo de mandingas, chás ou beberagens etc. Aliás, grande parte do que sei a esse respeito me foi ensinado diretamente por esse espírito, incorporado em minha mãe, que era médium de psicofonia e de efeitos físicos de qualidades extraordinárias.

Por outro lado, tenho enorme dificuldade em lembrar-me da quase totalidade dos assuntos ligados a qualquer das matérias básicas: português, matemática, história ou geografia. Apesar de ter cursado até a 8ª série do que hoje é chamado de ensino fundamental, olhar uma equação, para mim, é como ver um texto em idioma desconhecido. A respeito dos representantes ou dos estilos da literatura brasileira, pou-

quíssimo ou nada sei. Nem ousou falar dos mistérios impenetráveis - ao menos para mim - da gramática e da abominável análise sintática. Costumo brincar que predicado deve ser o marido da crase e dizer "subjuntivo do imperativo do gerúndio", ou qualquer coisa do gênero, como um dos meus palavrões prediletos. Períodos históricos, governantes do Brasil e do mundo, características de vegetação ou relevo, nome de capitais... Deus me acuda! Para mim, Acarajé é a capital de Salvador! Não tenho vergonha de admitir: tudo isso me parece nebuloso e muito distante da minha realidade. Falta interesse, é verdade, mas também falta o mínimo registro de que isso um dia tenha feito parte de meu repertório de conhecimentos. E fez, sou forçado a concluir, pois que fui aprovado - e, pasme, com destaque acadêmico e notas quase sempre próximas do total.

Mais duas curiosidades sobre a época escolar, para encerrar o assunto e ilustrar um pouco da ação nada ortodoxa dos espíritos junto de mim. Nas provas de matemática, invariavelmente a diretora era chamada a intervir. Chegava aos resultados corretos, porém por meios ou raciocínios diferentes daqueles ensinados pela professora, o que provocava sua indignação e, suponho, a suspeita de que tivesse colado nos exames. Estudava com bastante dedicação, mas a verdade é que a preta-velha Vovó Mariana me ajudava muito na hora das provas, conforme contarei mais adiante.

Entretanto, diferentemente do ocorrido com as demais matérias, eu era vidrado em ciências. Meus projetos de feira de ciências, por exemplo, eram destaque em todas as cidades da região. Uma vez montei luz química, à base de fósforo, e outra, um computador analógico, então já com meus 16 anos, em 1977. Nesse segundo caso, recordo-me claramente de ter sido conduzido por alguém, que jamais via, mas podia escutar. Como não fazia idéia do que era mediunidade, imerso nos estudos evangélicos que me encontrava, nem me dei conta. De tão natural, o fato não me chamava a atenção.

Seja como for, o objetivo desta obra não é tão-somente relatar vivências que tive com os Imortais; mais que isso, é contribuir para a melhor compreensão da dinâmica que rege o relacionamento entre os habitantes dos dois lados da vida. E desse entendimento - quem sabe? - extrair alguma lição, algum proveito para todos nós, porque definitivamente não adianta travar contato com inteligências extrafísicas se permanecemos os mesmos, se esse contato não promove nenhuma mudança que possa marcar, positivamente, nosso existir. E esse é o maior objetivo.

# 1

## ZEZINHO

"É POSSÍVEL DISCORDAR  
DA PESSOA E CONTINUAR  
AMANDO-A. NÃO É NECESSÁRIO  
FAZER GUERRA COM QUEM NÃO  
CONCORDAMOS.

KARDEC FAZIA ASSIM:  
REPUDIAVA A OPINIÃO DOS  
CONTRADITORES, MAS  
NUNCA RESVALAVA PARA O  
DESRESPEITO AO SER  
HUMANO." ZEZINHO

## UM DOS PERSONAGENS CENTRAIS EM MINHA VIDA

é um espírito que eventualmente se manifesta dando orientações, como porta-voz dos mentores em nossa casa espírita, a Sociedade Espírita Everilda Batista, na Grande Belo Horizonte. Trata-se do espírito José Ribeiro Fonseca. Na verdade, ele se apresenta assim, com esse nome, fora do transe mediúnico, de terno em tons de cinza claro e camisa branca. Embora seja um espírito adulto ou com aparência de adulto, nas comunicações mediúnicas ele é o menino Zezinho, como é conhecido de todos.

Zezinho sempre foi claro ao apontar sua ligação genuína com minha família consanguínea ou, mais precisamente, com os espíritos reencarnados no ambiente doméstico encabeçado por Everilda Batista, já que ela adotou vários filhos. Everilda Batista, minha mãe, dá nome à nossa instituição.

Para entender a ação de Zezinho, que, como dis-

se, tem uma ligação muito estreita com minha família e a gente lá de casa, precisamos estudar as definições de Kardec a respeito dos chamados *espíritos familiares*. Conforme explica, são aqueles mais ou menos próximos do núcleo familiar, que formam grupos afins ao longo das reencarnações, pertencentes ao que se convencionou chamar de família espiritual - a verdadeira família, segundo esclarecem Jesus<sup>1</sup> e, mais tarde, o espiritismo<sup>2</sup>. Acredito honestamente que, em algum momento do passado, Zezinho esteve profundamente ligado, principalmente, a três pessoas da família: minha mãe, a irmã Marvione e a mim.

Desde criança, percebo esse espírito próximo de mim. Então se apresentava à minha visão como um garoto cafuzo, ou seja, com traços dos povos negro e indígena; um caboclo ou mestiço, poderia se dizer. Trajava sempre uma camiseta verde muito surrada, meio apertada, como acontece com as crianças quando crescem, mas precisam continuar usando as mesmas roupas. Um calção azul e a camiseta verde, ligei-

1 Cf. Mt 12:46-50.

2 KARDEC. Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1944. 120a ed., 2002. Cap. 14: Honrai a vosso pai e a vossa mãe, itens 5: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?" e seguintes. Tradução de Guillon Ribeiro da 3a. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866.

ramente arrebitada na frente, com a barriga um pouco de fora... assim, meio exagerada, como se tivesse alguma verminose ou barriga-d'água, na linguagem popular. Lembrava aqueles meninos nordestinos muito pobres, queimados de sol do sertão, ou ainda de alguma favela cosmopolita. A camisa jamais escondia seu umbigo. Comumente se mostrava com um bico ou chupeta, mas não o usava da maneira convencional, com a ponta emborrachada dentro da boca. Além dessa parte, colocava metade daquela rodela plástica da chupeta entre o lábio inferior e a gengiva, o que o obrigava a ficar com a boca um tanto aberta. Daí ficar meio beíçudo, com o lábio inferior saliente.

Brincava muito com esse menino. Lógico que, na época, nem suspeitava se tratar de um espírito... Mas como podia não perceber que era desencarnado? Na verdade, o que acontecia é que era tão natural pra mim, naquela ocasião, ver espíritos - não *todos*, evidentemente, mas *alguns* espíritos - que nem me ocorriam indagações do tipo: "Afinal de contas, o que é aquele sujeito que só eu vejo?". Achava que todo mundo via o tal menino. De tão natural o fenômeno, para mim Zezinho era como qualquer criança. Não racionalizava, por exemplo, como é que, de repente, lá estava ele no alto de uma árvore, já que não o tinha visto se aproximar ou subir nela. Eu era novo demais: cinco, seis anos. Nessa idade, você acha que é nor-

mal porque é a única realidade que conhece; acredita mesmo que todo mundo vê espíritos... Parece que são muito freqüentes casos como esse, de espíritos aparecerem para crianças, as quais encaram o fato com a mais absoluta naturalidade. Aliás, elas nem imaginam que sejam *espíritos*; nem sequer conhecem esse conceito. Apenas convivem com tais entidades como pessoas comuns, encarnadas.

Às vezes, ocorria de estar conversando ou brincando próximo a minha mãe e outras pessoas quando Zezinho me fazia um sinal, chamando-me com a mão. Saía em sua direção, dizendo a ela:

- Vou brincar com meu amiguinho...

26

Ela deixava. Inicialmente, apenas deixava. Depois, começou a perceber, também ela, a presença do espírito. Algumas vezes, quando eu ia me deitar, falava:

27

- Vai, meu filho, vai voar com seu amiguinho - numa referência direta a Zezinho.

E Zezinho brincava comigo, contava histórias e mais histórias, muitas das quais nem me lembro mais. Entretanto, recordo-me claramente de passar, com relativa freqüência, ao menos as tardes acompanhado desse espírito. Muitas vezes, sentado diante de mim numa espécie de balanço, debaixo de uma árvore, ficava pra lá e pra cá conversando comigo. Eu, nas peripécias de infância, envolvia-me com aquilo a tal ponto que nem de longe imaginava que era um de-

sencarnado. Nem sabia o que era isto: encarnado ou desencarnado; a gente não tinha essa noção.

Até que um dia ele me contou - bem mais tarde, naturalmente - ter morrido numa situação complicada. Disse que foi brincar numa chapada (até hoje não sei exatamente o que é uma chapada) e então caiu num poço perto de onde costumava apanhar frutas para levá-las à família. Dentro do poço ele agonizou de fome e sede, durante três a quatro dias, e veio a desencarnar ali mesmo, sem ninguém o ter encontrado.

Zezinho participou, mais tarde, de uma época muito importante para mim, quando comecei a conhecer o fenômeno da mediunidade, no fim da adolescência, especialmente após os 18 anos. Manifestava-se em mim, e eu já sabia que era um espírito, que era desencarnado. Tomei contato com o espiritismo em 1979. Após isso, mais exatamente a partir de 1982, vez ou outra ele fazia uma ponte entre os ensinamentos espíritas e aqueles com os quais minha família estava acostumada.

Meu pai contava que Zezinho incorporava em mim - e meu pai o respeitava profundamente, apesar de o espírito trazer um conhecimento diferente do que ele possuía na época, já que era evangélico. Era ele quem conversava com meu pai, minha mãe e minha irmã, especificamente, trazendo noções a respeito da vida fora da matéria. Foi uma época particularmente rica em fenômenos, em que esse espírito e outros

mais apareceram em nossa vida causando significativa mudança, porque foram eles - e o Zezinho de maneira muito especial - os responsáveis por meu pai e as irmãs Marvione e Maria (esta última, de criação) adquirirem noções de espiritualidade. Meu pai era, digamos, um tanto descompromissado com a vida doméstica, e essa irmã adotiva, que ajudou na criação de quase todos, por ter mais idade, vivia um processo obsessivo seriíssimo, que se estendeu por mais de 27 anos - sobre o qual comentarei em diferentes momentos desta obra. A presença de Zezinho como porta-voz de conceitos de grande valor colaborou de modo definitivo no ganho de qualidade da vida familiar. Embora não acontecesse com tanta frequência, nas vezes em que ocorria sua comunicação trazia bons resultados.

## PETER PAN MINEIRO

Como disse, esse foi um período rico na fenomenologia e no contato com os espíritos; minha mediunidade estava desabrochando e eu levava essa situação com a máxima naturalidade. Um bom exemplo é que, nos desdobramentos que ocorriam comigo, ao sair do corpo - a chamada *mediunidade sonambúlica* de Allan Kardec ou a *viagem astral* dos dias de hoje - eu não via exatamente o Zezinho, mas sabia que havia uma

criança a me guiar, que segurava meu braço. Em geral, meu braço esquerdo, por meio do qual me puxava para fora do corpo. Jamais, em todo esse período, cheguei a perceber visualmente a tal criança durante os desdobramentos, porém, ao tocar-me no pulso, ela auxiliava-me na *decolagem* para fora do corpo. E eu sabia que essa criança era o Zezinho.

Inúmeros foram os desdobramentos anteriores à fase adolescente na igreja evangélica. Minha mãe pressentia que eu estava prestes a desdobrar e, então, colocava uma cadeira ao lado da minha cama, tocava na minha testa e dizia:

- Meu filho, pode seguir tranqüilo com seu amiguinho, porque estou aqui vigiando seu corpo pra você.

Eu não entendia muito bem o que significava aquilo, mas me entregava completamente, porque era um fenômeno agradável, prazeroso mesmo de se viver. Ficava naquela situação, meio tonto, sem estar dormindo, mas tampouco acordado e, daí a pouco, começava a girar dentro do próprio corpo para, em seguida, sentir aquela mão me tocar, a mão de uma criança que me puxava. Nesse período, ocorriam desdobramentos recorrentes. Durante muitos anos, a mesma rotina. Esse espírito me segurava pela mão, outras vezes pelo braço, conduzia-me, ia comigo levitando, voando sobre campos, pradarias, tudo florido, bem florido, principalmente com margaridas brancas

e algumas flores amarelas sempre presentes na paisagem. Ali e acolá, montes de árvores, como se fossem ilhas naquele mar de flores, e eu sobrevoando essa paisagem, invariavelmente levado por aquela criança segurando a minha mão. Durante muitos anos Zezinho participou ativamente desses fenômenos.

Os desdobramentos aconteciam toda vez que me encontrava muito agitado ou irritado. Quando me deitava, nessas ocasiões, via-me transportado para as paisagens bucólicas do plano extrafísico. Parecia um bosque de grandes proporções, imenso mesmo. Após a experiência, sentia-me mais calmo. Ao voltar para o corpo, Zezinho estava aos pés da minha cama, rindo, simplesmente, sem falar absolutamente nada. Sorria pra mim por um tempo, despedia-se e, finalmente, saía.

30

---

31

Em mim, a faculdade da psicofonia - ou seja, a mediunidade falante, como a chamava Kardec - caracteriza-se pela inconsciência, o que significa dizer que, ao voltar do transe, não me recordo do que foi dito através da minha boca, do que foi feito com meu corpo físico durante a comunicação. Em contrapartida, e este é um fenômeno freqüentemente associado à mediunidade sonambúlica, guardo a recordação do que presenciei fora do corpo.

Durante longo tempo da vida de estudante, havia um horário, quase que sagrado, em que eu saía do corpo. Às 17 horas em ponto eu sentia uma espécie de

tonteira... já sabia. Deitava-me e falava:

- Mãe, vou brincar com meu amiguinho - daí a pouco eu decolava.

Hoje, um aspecto curioso é que, ao retornar de um transe mais prolongado ou uma comunicação em que houve desdobramento, é comum que Zezinho surja ao final dos trabalhos e cumprimente a todos, falando do jeitinho infantil e brincalhão que lhe é próprio:

- Nossa mãezinha! - põe a língua entre os dentes ao pronunciar o som do esse, como se falasse errado ou estivesse aprendendo a falar. - Eu só vim pra trazer o *cavalinho*... - ele brinca, usando a terminologia bem brasileira para se referir ao medianeiro e marcando sua responsabilidade por me conduzir de volta ao corpo.

## SERÁ QUE ELE É?

Na nossa casa espírita, as atividades e o papel de Zezinho são interessantes. Apesar de ter se manifestado sempre com o aspecto ou a roupagem fluídica de uma criança, em dado momento me informou que seu nome era José Ribeiro Fonseca. Não o reconheci a primeira vez que o vi como um mulato alto e corpulento, elegante. Apesar de ter algo familiar no semblante, não descobri de onde conhecia aquele jovem bem-apegoado. Foi aí que me revelou seu nome e se

mostrou como Zezinho. Boquiaberto, lembro-me de ter perguntado por que preferia apresentar-se como uma criança, ao que respondeu que dessa maneira conseguia tocar mais o coração e a sensibilidade das pessoas. Realmente, seu jeito tem um quê da alegria e da espontaneidade infantis, além da doçura e da simplicidade verdadeiras. Ademais, o grande número de pessoas que já conversou com esse espírito incorporado ficou efetivamente encantado. Mesmo quando "puxa a orelha" de alguém, o faz com sabedoria, levantando o astral do interlocutor, enchendo-o de entusiasmo e abastecendo-o de idéias para promover as mudanças necessárias em sua vida<sup>3</sup>.

32

33

Zezinho é um dos espíritos responsáveis pelo cuidado com nossas crianças da Sociedade Espírita Everilda Batista - e crianças de modo geral, inclusive da vizinhança, sobre as quais eventualmente traz recomen-

<sup>3</sup> A epígrafe deste capítulo fala dessa maneira de agir. Um dos textos em que Kardec aborda o trato com os contraditores é tão inspirador que o reproduzimos: "Quanto às rivalidades, às tentativas que façam por nos suplantarem, temos um meio infalível de não as temer. Trabalhamos para compreender, por enriquecer a nossa inteligência e o nosso coração; lutamos com os outros, mas lutamos com caridade e abnegação. O amor do próximo inscrito em nosso estandarte é a nossa divisa" (KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Rio de Janeiro, RJ: FEB. 1ª ed. especial, 1944/2005. 1ª parte, item "Os desertores", p. 307).

dações. Em segundo plano, é muito ligado a questões do dia-a-dia das reuniões mediúnicas. Suspeito que, além de notória afinidade com pais-velhos e caboclos, possua vasto saber ligado à umbanda e à magia, fato que ele faz questão de omitir, de não destacar em hipótese alguma. Manifesta-se segundo o arquétipo do erê, que, na mitologia africana, corresponde à alma infantil. Esmera-se sempre para disfarçar sua posição entre os demais espíritos que nos orientam. Nota-se seu trabalho nos resultados, mas ele não é de tocar no assunto. Pelo contrário, apenas diz: "Ah, eu não sei de nada... Sou só uma criança". De toda maneira, no âmbito das reuniões mediúnicas, atua principalmente quando lidamos com espíritos mais endurecidos e complicados. Nesses casos, Zezinho entra em cena e, com aquela doçura de criança, que lhe é própria, vai suavizando o diálogo, o contato e as emoções desses espíritos. Desempenha esse papel bem próximo de Pai João de Aruanda ou João Cobú e de Vovó Mariana, espíritos igualmente associados à minha família, a quem aprendi a amar e respeitar desde novo. Portanto, Zezinho desempenha o papel de suavizar emoções, de tocar sentimentos, de despertar esse lado infantil que existe em cada espírito, em nossa própria alma. No contato com os espíritos endurecidos, essa sua característica ou habilidade tem um efeito muito grande. Eis uma das razões pela qual tenho profundo apreço por Zezinho, assim como

o têm os demais voluntários da instituição.

Recentemente, desdobrado, tenho tido contato com determinado guardião no plano astral, e esse sujeito, vez ou outra, lembra o Zezinho. Não sei bem ao certo se são os traços da face, se é a expressão, nem sequer se ele é o próprio Zezinho, mas fato é que esse espírito aparece como um africano de nome Watab, que é personagem do livro *Senhores da escuridão*, o segundo volume da Trilogia O Reino das Sombras. Sorriente ao extremo, alegre, apresenta-se como um negro alto de rosto grande, muito determinado em suas ações. Em meio ao largo sorriso desse guardião, percebo alguma coisa em comum com Zezinho. Entretanto, toda vez que faço menção de perguntá-lo a respeito, dá um jeito de se afastar e não confirma nada. Vejo-me assim na obrigação de respeitar seu desejo de não se expor.

34

---

35

**AO REFLETIR OU CONVERSAR A RESPEITO DE** minhas experiências mediúnicas e do relacionamento com os espíritos, é impossível deixar de enxergar o encadeamento por trás de eventos aparentemente desconexos, fortuitos e cotidianos.

Muitos dos espíritos presentes em minha infância e juventude são importantes hoje, muito importantes. Cada qual desempenha um papel muito bem definido no trabalho da casa espírita que fundei e onde exerço

minhas atividades, a qual integra a Universidade do Espírito de Minas Gerais. Essa instituição, cuja incumbência de fundar me foi transmitida em orientações que recebi de Chico Xavier e dos Imortais, hoje compreende a Sociedade Espírita Everilda Batista, a Casa dos Espíritos Editora, a Clínica Holística Joseph Gleber e a Aruanda de Pai João, mas abrigará ainda outras instituições e atividades.

Na verdade, concluo que toda a experiência que vivi anteriormente ao espiritismo tinha determinada função, fazia parte de um planejamento que os espíritos detinham e que só se delineou pouco a pouco, com o passar do tempo. Mas a gente sabe que 30, 40, 50 anos para os espíritos é um tempo curto, relativo. Desde as primeiras providências a fim de articular minha reencarnação, desde o resgate no umbral, os espíritos já tinham um plano desenhado.

# 2

## TUPINAMBÁ E OUTROS CABOCLOS

"QUANDO VOCÊ DESENCARNAR,  
SEREI O ÚLTIMO A ABANDONAR  
SUA SEPULTURA."

CABOCLO TUPINAMBÁ

**ESTA OBRA NÃO TEM POR OBJETIVO OBEDECER A** uma cronologia, mas não há como deixar de lembrar de cada um dos espíritos à medida que apareceram e passaram a fazer parte da minha vida. Um desses personagens muito presentes, principalmente em meus dias de juventude, é o índio Tupinambá. Mais tarde, nos anos em que me integrei ao movimento espírita, a partir de 1979, ele se fazia visível, mas jamais participava das atividades - nem sequer penetrava no recinto das instituições, até a fundação da Sociedade Espírita Everilda Batista, em 1992. Foi um período, de aproximadamente dez anos, de menos contato com ele. Isso mudou a partir de 1996, se não me falha a memória. E a história de como ele ingressou efetivamente na equipe espiritual da Casa de Everilda é muito interessante, por si só.

Quando eu era jovem, ele aparecia com muita frequência montado num cavalo branco, galopando. Vez ou outra eu me pegava, por algum motivo, mais quie-

to, com o olhar fixo numa garrafa d'água - no interior, àquela época, era habitual manter cheias garrafas e mais garrafas com água. De repente, surpreendia-me ao ver dentro do recipiente cristalino um cavalo galopando, montado em pêlo por um índio que usava uma espécie de capacete com um penacho muito grande; na verdade, um cocar chamativo e grande, que lhe descia até abaixo dos joelhos, quando estava de pé. E eu falava com mãe:

- Mãe, olha... Olha ali! - apontava. - É um índio, um índio.

Mas um índio que demonstrava ter 50, 55 anos de idade, com o rosto grande e longo, de expressões fundas e marcantes, lembrando certos caciques norte-americanos. Sem dúvida, tinha aparência bastante distinta da que habitualmente se vê entre os indígenas das diversas tribos brasileiras.

Lembro-me de uma história interessante envolvendo esse personagem, esse espírito, de quando eu ainda era criança.

Minha mãe tinha nove filhos adotivos e havia dado à luz mais quatro. Morávamos todos em Governador Valadares, leste de Minas Gerais, com meu pai e minha avó. Eu tinha 8 ou 9 anos de idade e vivíamos, na família, o ápice de um processo de obsessão complexa envolvendo uma das irmãs adotivas, a Maria ou Bá, como era apelidada entre nós. Mãe levou-a en-

tão a uma casa espírita para solucionar o problema ou obter algum socorro, pois o caso era grave. Portadora de enorme potencial fenoménico e mediúnico - o maior que já vi -, essa irmã, desencarnada em 2007, era fruto da união entre um sujeito meio feiticeiro, de ascendência germânica, e uma *bugra pegada no laço*, como se dizia no interior, antigamente.

O fenômeno obsessivo manifestava-se de forma violenta, com episódios de possessão mesmo, detalhes que contarei mais adiante, em outro capítulo. Na casa espírita, logo de imediato, disseram: "Esse caso não é pra nós" - matéria fértil para análise posterior - e indicaram à minha mãe determinado terreiro de umbanda ou um misto de umbanda e candomblé, que existia na cidade. Everilda Batista, minha mãe, conduziu Bá ao terreiro; junto com ela, foram meu pai, um irmão, minha avó e duas outras pessoas que ela resolveu levar, além de mim. Minha mãe sempre me carregava junto dela, para onde quer que fosse; em todos os momentos graves da vida dela, lá estava eu. Dada a minha pouca idade, as memórias desse evento me foram favorecidas em conversas familiares anos mais tarde.

Ao chegar à casa de umbanda, foi-nos informado que a médium ou mãe-de-santo atendia num cômodo separado. Ela recebia um índio, um caboclo chamado Tupinambá. Minha mãe contava que a médium, quando incorporada, usava uma coroa, na verdade um

cocar com penas nas cores vermelha, roxa e verde. Era algo comum na umbanda que ali se praticava. Naque-la noite, assim que o caboclo se manifestou, ao invés de se dirigir à minha mãe, como seria de se supor, ajoelhou-se diante de mim, tirou o penacho da cabeça da médium, assim como as guias e os colares do pei-to, e os colocou todos sobre mim. Como eu era peque-no, o penacho acabou escorregando e caindo sobre os ombros; os colares foram quase até o chão.

Segundo minha mãe, o espírito então disse:

- Salve o velho Tupinambá! Eu te peço permissão para trabalhar.

40

41

É claro que não entendi o que era aquilo; não sabia nada. Falou ainda que o pai dele, o cacique da aldeia, era também responsável por minha condução. Logo de- pois, tirou de mim o cocar e as guias, para prosseguir a atividade. Continuei sem entender nada, é claro. Crian- ça assim, nem poderia ser diferente.

Transcorrido certo tempo, já envolvido com os es- tudos espíritas, passei a ver ocasionalmente uma luz que me seguia. Esse fenômeno ocorreu com maior in- tensidade depois de 1980. Toda vez que eu estava num local em que não deveria estar, segundo o julgamento dos espíritos, via esse foco de" luz, de um azul inten- so, muito brilhante, que começava a girar em torno de mim e do ambiente. Não sei explicar o fenômeno em si; só sei que, em instantes, a luz azul parava num canto,

aumentava aos poucos, como uma bolha, e, de seu bojo, surgia esse índio de braços cruzados e porte altivo, com o longo penacho colorido que pendia de cima da cabeça, sempre com a expressão absolutamente austera.

Lembro-me bem da primeira vez em que avistei a tal luz azul. Havia sido convidado por meus colegas da Usiminas - onde trabalhei por cerca de sete anos, na cidade de Ipatinga, MG - para participar de uma festa. Assim que entrei no ambiente, deparei com um ponto azulado. De início, era pequeno, a ponto de eu cogitar se porventura não era um efeito da iluminação local. Porém, dentro de instantes, cresceu até atingir a dimensão de uma mão humana. Era de um azul muito intenso, reluzente como estrela. Como eu não saísse do ambiente, essa luz aumentou até que divisei em seu interior o Caboclo Tupinambá.

Mais tarde, esclareceu-me que era um método escolhido para chamar minha atenção e sinalizar sua presença no ambiente, emitindo uma espécie de alerta, na qualidade de guardião. Logo aprendi que, quando aparecia a luz azul, deveria deixar o local imediatamente. Nem esperava o índio aparecer dentro dela, pois percebi que isso ocorria apenas quando o lugar ou alguém ali presente me pudesse prejudicar ou, simplesmente, não era um local adequado para frequentar. Se eu persistisse, aí Tupinambá aparecia realmente. A luz se diluía e, em seu interior, ele se fazia notar. Para mim, significa-

va: Saia daqui agora, porque a situação é perigosa. Ao longo de vários anos, tive muito medo quando ele aparecia, pois era muito sério. Sua seriedade me provocava temor, e somente com o passar do tempo é que aprendi a interpretar seu semblante adequadamente.

Uma vez, dentro de um bar, lá na cidade de Ipatinga, ele falou: "Saia daqui agora". Não pensei duas vezes. Deixei todos os amigos e saí, apavorado.

- Falei assim com você porque daqui a pouco vai ocorrer ali uma briga e, possivelmente, alguém vai ser cortado com uma garrafa quebrada - disse-me depois. - Tem horas que não dá tempo de explicar. Prefiro ser enfático para evitar problemas.

42

43

Nesses momentos, eu saía do ambiente, sem pestanejar, pois não era tão freqüente a presença dele. Somente se manifestava em ambientes e situações de perigo; no mais das vezes, nessas ocasiões, não dava tempo de raciocinar; era preciso agir. Confesso que nunca me decepcionei com esse espírito, a quem devo muitíssimo.

## O VENTO SOPRA ONDE QUER

Em outras ocasiões o espírito Tupinambá veio fazer parte de minhas experiências. Em várias oportunidades, ao fazer palestras em casas de umbanda - convida-

do principalmente devido ao livro *Tambores de Angola*<sup>4</sup>, lançado em 1998 - notava que os dirigentes das instituições me cumprimentavam de maneira ligeiramente reverente. Pude compreender que reverenciavam, na verdade, aquele índio que percebiam próximo a mim.

Como disse antes, Caboclo Tupinambá nunca entrava em nenhuma das casas espíritas que eu frequentava, ainda que me acompanhasse até a porta em determinados momentos, claramente ocupado com minha segurança. Indagado por mim, afirmava não ter sintonia com o método de trabalho que adotavam ali. Algumas vezes, me aguardava junto ao portão. Disse-me certa vez que alguém havia pedido que tomasse conta de mim, de tal modo que, quando eu desencarnasse, seria ele o último a abandonar minha sepultura, pois faria jus à sua incumbência de defender-me e acompanhar-me até o fim.

Tenho carinho especial por esse índio. Em dado momento, descobri que ele era a reencarnação de um asteca e que trazia consigo não somente índios tupi-

<sup>4</sup> *Tambores de Angola* é um romance histórico que aborda diferenças entre umbanda e espiritismo com respeito, valorizando ambas manifestações culturais e religiosas. É pioneiro na literatura espírita, em virtude da abordagem despida de preconceito que propõe (PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Ângelo Inácio. *Tambores de Angola*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 1998/2006, 22a. ed.: 115 mil exemplares vendidos).

nambás, mas numerosa falange de espíritos que coordenava, composta por puris e caiçaras, entre outros, além de um contingente de espíritos astecas. Antes de sua reencarnação na tribo tupinambá, foi um iniciado, um sacerdote asteca. No Brasil, nasceu próximo ao recôncavo baiano, provavelmente numa época ainda anterior à descoberta do Brasil.

Quando fundamos a Sociedade Espírita Everilda Batista, no ano de 1992, eu vi, pela primeira vez, esse espírito dentro do centro espírita. Disse-me, na ocasião:

- Agora, aqui eu entro. Aqui, trabalho. Sei que aqui não terei de desperdiçar energia com o preconceito das pessoas.

44

---

45

Na verdade, mesmo em nossa casa havia preconceito, claro. Isso é muito humano. Tanto que imagino ter sido esse um dos motivos para que somente a partir de 1996, como eu disse, ele tenha se integrado declarada e efetivamente ao trabalho.

É interessante observar que minha participação na fundação de casas espíritas parece ter sido uma espécie de preparação, um treino para o trabalho a ser desempenhado na fundação e administração da Sociedade Espírita Everilda Batista e, mais tarde, nos demais núcleos da Universidade do Espírito de Minas Gerais. A partir de então, o Caboclo Tupinambá passa a fazer parte do colegiado de espíritos que nos dirige até os dias atuais, da equipe que nos orienta, ligado

principalmente às reuniões de desobsessão - ou *evocação*, modelo preferido por nós.

CABE AQUI UMA PAUSA NA NARRATIVA PARA tratar da denominação escolhida para a atividade de :terapia espiritual que realizamos: *reunião de evocação*. Costuma provocar estranhamento em muitos espíritas a metodologia empregada, ou seja, a evocação. Fico a imaginar a razão, já que Allan Kardec dedicou todo um capítulo de seu *O livro dos médiuns* às evocações (cap. 25). Aliás, no título completo da obra, cuja segunda parte é geralmente esquecida - *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores* -, dividiu os integrantes de uma reunião espírita em duas categorias básicas: de um lado, médiuns ostensivos; de outro, *evocadores*. No mínimo, isso denota a trivialidade com que o codificador do espiritismo tratava o tema das evocações - a ponto de assim se referir aos participantes ordinários de uma reunião. Sem falar na regularidade com que evocava espíritos, observada na obra citada, bem como no periódico que publicou por pouco mais de 11 anos, a *Revista espírita*<sup>5</sup>, e na obra

<sup>5</sup> KARDEC, Allan. *Revista espírita: jornal de estudos psicológicos*. Obra em 12 volumes: ano I (1858) a ano XII (1869). Rio de Janeiro, **RJ: FEB**, 1ª ed., 2004 a 2006. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Há outras traduções disponíveis, mas recomendamos essa por ser a mais criteriosa e bem elaborada.

*O céu e o inferno*<sup>6</sup>. Outro aspecto que salta aos olhos do leitor atento é a preocupação constante do Codificador de assinalar, na *Revista espírita*, as comunicações recebidas de modo *espontâneo*. Com isso, talvez seja seguro afirmar que a maior parte era obtida por meio da evocação direta, pois os sistemas de classificação geralmente buscam destacar o desigual, o que destoa, o que não é predominante. À parte as especulações, vejamos a clareza com que Kardec introduz, em *O livro dos médiuns*, o capítulo sobre as evocações, prescrevendo-as. Apesar de extenso, vale reproduzir o primeiro parágrafo na íntegra:

46

47

*Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Pensam algumas pessoas que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito e ser preferível que se espere aquele que queira comunicar-se. Fundam-se em que, chamando determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu moto próprio, melhor prova a sua identidade, pois que manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coi-*

<sup>6</sup> KARDEC, Allan. *O céu e o inferno ou a justiça segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro, RJ: FEB, ia. ed., 1944; 2004, ia. ed. especial. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. (Diversas traduções e editoras.)

sa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem uma chamada direta, um Espírito nenhum motivo terá muitas vezes para vir confabular conosco, a menos que seja o nosso Espírito familiar.<sup>7</sup>

Numa reunião de evocação com finalidade terapêutica, a diferença básica em relação à desobsessão convencional é que se evocam diretamente os espíritos ligados a cada um daqueles que procuraram tratamento na casa e tiveram seu nome indicado para a atividade, por orientação espiritual. A abordagem em relação ao plano extrafísico é, portanto, ativa, incisiva, pois se convocam espíritos específicos.

**O CABOCLO TUPINAMBÁ É DOTADO DE GRANDE força moral. No plano astral, comanda uma legião de espíritos protetores, que não só contribuem para a de-**

<sup>7</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. Rio de Janeiro, **RJ: FEB**, 1944. 71a. ed., 2003. Cap. 25: "Das evocações", item 269, p. 404-405. Tradução de Guillon Ribeiro da 49a. ed. francesa - grifos nossos.

fesa espiritual de nosso trabalho como realizam captura de certas entidades, penetrando nas regiões inferiores quando há permissão do Alto para atacar bases das sombras. São os *caças*, espíritos muito primitivos em sua vibração, primários mesmo, cuja bravura é temida nos recônditos umbralinos.

Outra característica do chefe Tupinambá é a maestria com que manipula a força elemental, isto é, as forças da natureza e os chamados elementais ou *espíritos da natureza*, de que fala Kardec.<sup>8</sup> Destacadamente, aqueles ligados às matas, aos rios e às cachoeiras são por ele coordenados de maneira brilhante, prestando grande contribuição ao dia-a-dia das reuniões mediúnicas.

Se pretendemos lidar conscientemente com o as-

48

49

<sup>8</sup> • KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1944 (e diversas editoras). "Ação dos espíritos nos fenômenos da natureza", itens 536-540. Como se pode depreender da leitura indicada, Kardec congrega sob o nome *espíritos da natureza* tanto aqueles que presidem os fenômenos quanto os que os executam. Entretanto, esclarece tratarem-se os primeiros de espíritos experientes, que não mais reencarnam sobre a Terra; os executores, por outro lado, compara a operários, que ainda *serão* humanos um dia (item 538). São estes os espíritos elementais, que se encontram num estágio de evolução pré-humano. *Elemental* é um termo esotérico, que optamos por utilizar para distinguir entre os dois tipos apontados pelo Codificador.

pecto energético em nossas reuniões, principalmente com vibrações de natureza mais grosseira, não há como fazê-lo sem empregar o trabalho daqueles que sabem "processar" tais vibrações. Sem uma relação mais estreita com as forças da natureza, inserindo o trabalho mediúnico nesse contexto, como dissipar as energias densas captadas pelos médiuns e descritas fartamente na literatura espírita psicografada? Como lidar com a carga fluídica de que são portadores os espíritos mais endurecidos?

A energia densa não se dissipa só com o poder do pensamento; é preciso canalizá-la para a natureza, capaz de transmutá-la.<sup>9</sup> O procedimento deve ser feito sob a supervisão de quem conhece o assunto e tem autoridade para tal, uma vez que sabemos ser arriscado manipular recursos que não dominamos. Por isso, consideramos remota - para não dizer impossível, ao menos na cultura brasileira - a hipótese de realizar

9 Um de meus livros trata exclusivamente do aspecto energético do ser humano e sua relação com a natureza. Julgo-o uma obra altamente recomendável, dada a falta de familiaridade com o assunto que se verifica mesmo entre muitos estudiosos do espiritismo, que desconhecem métodos de reabastecimento energético, entre outras questões (PINHEIRO, Robson. Orientado pelos espíritos Joseph Gleber, André Luiz e José Grosso. *Energia: novas dimensões da bioenergética humana*. Contagem, MG: Altos Planos Editora, 2008, 2a. ed).

esse tipo de trabalho sem a coordenação dos pais-velhos e caboclos. São eles os grandes iniciados do passado, revestidos da aparência espiritual simples de um indígena ou um ancião negro. Relembra uma época de maior harmonia com a natureza e, de quebra, ainda mexem com nossos preconceitos de homem branco e civilizado, que considera sua cultura tão superior. Esses espíritos utilizam o concurso dos elementais para realizar a parte mais material do trabalho. A ação que Tupinambá desencadeia à frente dessas entidades no livro *Amanda*<sup>10</sup>, por exemplo, é de impressionar. Conforme relatado pelo autor espiritual, ele coordena a reestruturação de um ambiente astral, recrutando para isso as fadas, que são elementais de transição ligados à terra e ao ar.

50

51

## BANDEIRA VERMELHA, BANDEIRA BRANCA

Ao falar desse índio, não posso deixar de citar espíritos que o acompanham e compõem sua falange. Em primeiro lugar, o Caboclo Pena Branca, ligado direta-

<sup>10</sup> PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Ângelo Inácio. *Amanda: magia negra, elementais, pretos-velhos e caboclos sob a ótica espírita*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 2004/2008, na- ed., cap. 12, p. 197-224.

mente à área de cura de nossa casa espírita. É um médico do espaço, um caboclo elegante, bonito, que se manifesta junto com Tupinambá, apesar de agir em área distinta - mas" complementar. Aliás, que aula nos dão os espíritos no que se refere a isso. Nós, seres humanos, tão dados a formar guetos e "tribos" que fazemos de tudo para nos relacionar somente com nossos iguais, assistimos ao trabalho dos Imortais, que reúne toda e qualquer contribuição, dos mais diferentes matizes, para o êxito do trabalho, sob a coordenação do Alto. Sem descaracterizar sua individualidade, todos cooperam juntos para um objetivo comum, conscientes de que um complementa o trabalho do outro.

Em segundo lugar, o Caboclo Roxo, por quem temos enorme gratidão. Atua principalmente com plantas e ervas na área de cura, sob as orientações de Joseph Gleber, físico nuclear e médico alemão desencarnado no Holocausto, que é um dos mentores e administradores do trabalho como um todo. Devo muito do que sei sobre fitoterapia ao Caboclo Roxo. Dada sua especialidade com as plantas e sua autoridade sobre os elementais da terra - os gnomos em particular, que são responsáveis pela extração do bioplasma -, ele é tido como um caboclo *juremeiro*, isto é, ligado às forças da Jurema, figura que representa o princípio curativo das plantas. Costuma entoar seu cântico evidenciando sua ligação com a vibração da natureza nas

plantas, na mata, que é denominada Oxóssi.

*Caboclo Roxo*

*Tem a pela morena*

*Ele é um oxóssi*

*É caçador lá da Jurema.*

Vale lembrar que, para a mitologia africana, difundida pelo Brasil nas roças de candomblé de caboclo, em suas diversas vertentes e denominações, Deus não é único e é imanente à natureza. É importante saber que a explicação de mundo ou *cosmologia* africana é panteísta, ou seja, vê o elemento divino *na* natureza. Sendo assim, Oxóssi não é o deus *da* mata, como se costuma pensar; é sim a face de deus *na* mata. Quando adentro na mata, penetro no reino de Oxóssi, penetro *em* Oxóssi. O orixá é vibração; não há imagem - isso já é produto do sincretismo brasileiro, ou seja, da associação com elementos do catolicismo e da sabedoria popular. Entretanto, diz-se de um espírito, de uma inteligência extracorpórea que representa a vibração de determinado orixá, que ele é um oxóssi, por exemplo, com letra minúscula, como é o caso do Caboclo Roxo.

À parte as considerações filosóficas, já que a visão panteísta diverge da compreensão espírita, uma coisa é fato: as sociedades regidas por esse princípio, como foram os povos negro e indígena em sua maioria, foram capazes de desenvolver uma relação muito mais harmoniosa e saudável com a natureza, provavelmen-

te por emprestar a ela o *status* de divindade. Concordar ou não com sua concepção não vem ao caso. O que interessa é observar e aprender, reconhecendo que, em matéria de ecologia, estão milênios à frente da fonte greco-romana e judaico-cristã da qual bebeu a sociedade ocidental contemporânea.

O Caboclo Tupinambá ainda trouxe até nós o Capitão Sereno, um outro tipo de caboclo, que é o espírito de um bandeirante. Um remanescente dos homens destemidos que penetravam no desconhecido do Brasil colonial e se embrenhavam na mata atlântica e nas selvas da Região Sudeste, partindo do litoral paulista e fluminense, em busca de conhecimento e riquezas. Quanta coragem lhes deve ter sido necessária, especialmente sabendo que, além da paisagem inóspita, da completa inexistência de mapas, estradas e qualquer infra-estrutura, topariam com diversas tribos indígenas hostis. Independentemente de julgar suas motivações, é preciso se curvar a seu destemor e sua bravura.

Capitão Sereno é um caboclo *quimbandeiro*, cuja especialidade é transformar e transmutar energias densas, geralmente voltadas à maldade, no trabalho de antigoécia ou "desmanche" da feitiçaria e da magia negra. Sem os caboclos quimbandeiros, que dominam a arte de reverter tais processos, é imprudente ousar a abordagem dos intrincados desafios dessa ordem, que chegam às portas da casa espírita. Canta ele:

*Lá no campo de batalha  
Eu fui soldado, eu fui tenente  
Hoje na minha quimbanda  
Sou eu, Capitão Sereno.*

Há quem se apavore ao ouvir falar em quimbanda, há quem a associe à prática da maldade e há mesmo aqueles que empregam o termo de modo inconseqüente, referindo-se à baixa feitiçaria. Porém, a verdade é que, assim como os médicos precisam estudar e entender o funcionamento de uma doença para poder curá-la, é imperativo conhecer os mecanismos da magia negra e da feitiçaria a fim de combatê-las.

Além dos espíritos que vieram com o Caboclo Tupinambá, há os que lhe são subordinados. Entre eles, há os puris-flecheiros, puris-guerreiros e puris-de-aldeia, todos muito determinados no enfrentamento dos marginais do plano astral. Tupinambá coordena esse grupo de entidades, direcionando suas energias no combate ao mal. Contudo, os puris são guerreiros mesmo, caboclos índios bastante primitivos e até violentos em sua forma de agir, pois conservam muitas características de quando encarnados. Ainda de evolução primária, têm pouca noção de bem e mal, por isso precisam da condução de alguém mais experiente e esclarecido. São educados pelo velho Tupinambá, que age como um pai para esses espíritos, direcionando seu potencial. Há também os astecas que coordena, porém esses já são

mais maduros, especialistas em magia, tanto quanto o próprio Tupinambá. Portanto, são dois grupos distintos sob sua supervisão direta.

Algumas vezes, entoava uma canção que faz alusão a ambos. É uma exortação explícita a seus comandados, que faz com muita garra e determinação:

*Bandeira vermelha, espada roxa e terra  
Chegou Tupinambá, ele é vencedor de guerra  
Vamos guerreiros, vamos guerrear  
Vamos salvar a bandeira do velho Tupinambá.*

Os espíritos coordenados por ele respondem prontamente ao chamado do seu chefe, assumindo o posicionamento nas batalhas e confrontos espirituais - que muitos nem imaginam e outros julgam que não existem, mas que ocorrem no plano astral.<sup>11</sup>

Cantigas, músicas ou mantras como esse ele entoava quando parte pelo umbral afora com seu batalhão de choque, os puris, para capturar espíritos vândalos. No entanto, certo dia, na Casa de Everilda Batista, per-

<sup>11</sup> Para quem quiser explorar o controverso assunto citado aqui, recomenda-se começar pelo livro *Legião: um olhar sobre o reino das sombras* (PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Ângelo Inácio. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 2006/2008, 7a-ed., cap. 3, p. 143-147). Além de encontrar o relato de uma batalha que se desenrola na dimensão extrafísica, o leitor poderá obter referências na obra de Allan Kardec que corroboram a ocorrência de eventos desse tipo (*op. cit.*, nota de rodapé 17, p. 145).

cebi que Tupinambá estava totalmente diferente. Em vez de aparecer com aquela roupagem de cacique ou guerreiro indígena, apresentava-se com os cabelos longos, até as costas. Um cabelo muito liso, sem nenhum penacho, sem absolutamente nada sobre a cabeça. Em lugar do traje típico, trazia sobre os ombros um manto branco, muito alvo, assim como toda a sua indumentária, que era uma espécie de segunda-pele, porém não tão justa. Não havia qualquer adereço. Nessa ocasião, eu o ouvi cantar algo inédito pra mim. Repetiu várias vezes esta música, que, acredito, seja o reflexo de uma mudança profunda tanto na sua forma de agir quanto em sua intimidade.

56

*Eu sou um velho guerreiro*

57

*Eu não vou guerrear mais*

*Eu só quero é bandeira branca*

*Eu agora só quero épaz.*

Segundo pude entender, fora promovido a tarefas mais representativas no plano em que se encontra. A partir de então, mudou sensivelmente seu perfil de trabalho. Quem sabe tenha modificado o jeito de trabalhar, no contato com os benfeitores Joseph Gleber e Alex Zarthú, além de em outras experiências na esfera extrafísica? Sei que, de lá para cá, tem aparecido com a nova roupagem fluídica, salvo nos momentos que exigem postura mais agressiva ou mesmo mais firmeza na liderança que exerce perante os demais.

A melodia se assemelha mais a uma cantiga, que me desperta grande nostalgia. Ouvi-lo nesses momentos movimenta muita energia em meu coração. Algo parece despontar em meu interior e a emoção de *conviver* com esse espírito me toma por completo, suscitando certo saudosismo... Saudade de algum lugar, que não sei exatamente qual é. Nesses momentos, vejo-o encostado numa árvore frondosa, muito grande, cantando como se fosse para mim. Ao passo que emociona, incita também admiração e alegria saber que esse espírito continua próximo. Que, em alguma medida, cresceu e aprendeu a ponto de aprimorar seu método de trabalho com base nos anos de convivência com os mentores. Não depende mais dos apetrechos de antes - o que não significa que não possa dispor deles, quando necessário. Simplificou para ganhar qualidade, exatamente como ensina Zarthú, o Indiano, um dos dirigentes espirituais de nosso trabalho.

Demonstrando que crescer significa *aperfeiçoar-se*, e não *passar uma borracha* no que ficou para trás, ainda hoje, quando se faz necessária uma abordagem mais agressiva ou incisiva junto às comunidades de seres voltados para o mal, o velho Tupinambá assume a postura antiga, de modo a fazer frente a determinados espíritos, que vão temê-lo e respeitá-lo somente com aquele aspecto. Certa vez explicou-me que existem espíritos que simplesmente não respeitam - nem sequer

percebem - uma conformação perispiritual mais sutil, fluídica. O que é natural de se imaginar: entre espíritos muito materializados, a aparência deve ser um atributo que conta muito, mais ou menos como se dá na Terra. Diante desses casos, assume sem constrangimento a postura de guerreiro, do velho general guerreiro que, junto com seus soldados, sabe se impor.

O contato desse índio tupinambá com a doutrina espírita certamente foi algo proveitoso, e hoje temos um grande amigo, um espírito em quem confiamos plenamente, pois não há como não reconhecer suas habilidades ao lidar com questões espirituais intrincadas e complexas, principalmente na área da terapia desobsessiva.

# 3

## PAI JOÃO

"UNIÃO SEM FUSÃO,  
DISTINÇÃO SEM SEPARAÇÃO."  
PAI JOÃO DE ARUANDA

LEMBRANDO DE ALGUNS PERSONAGENS, DE alguns espíritos importantes em minha orientação espiritual, um dos que primeiro vêm à mente é a personalidade forte e amorosa do espírito João Cobú - ou Pai João de Aruanda. Certos espíritos têm um papel especial ou, ao menos, fazem-se mais presentes que outros, e está aí um espírito associado a todas as fases da minha vida. Todas mesmo, pois o conheci através de minha mãe: ele era seu mentor ou *anjo guardião*, conforme a terminologia kardequiana<sup>12</sup>.

João Cobú escreveu os livros *Sabedoria de preto-velho*<sup>13</sup> e, mais tarde, *Alforria*, ambos psicografados por

<sup>12</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1944 (e diversas editoras). "Anjos de guarda; Espíritos protetores, familiares ou simpáticos" (itens 489-522).

<sup>13</sup> PINHEIRO, Robson. *Pelo espírito Pai João de Aruanda*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 2003/2008, 9a. ed., cap. 9, p. 56.

mim e publicados pela Casa dos Espíritos Editora. Além disso, é personagem de *Amanda e Legião: um olhar sobre o reino das sombras*. Tive oportunidade de conhecer um pouco mais da história dele durante a preparação de sua primeira obra, que contém mais detalhes sobre sua biografia. Em linhas gerais, soube que teve duas encarnações no Brasil. Na primeira delas, nasceu na África e veio para o Brasil a bordo dos navios negreiros. Viveu como escravo nas fazendas, nos coqueirais pernambucanos. Teve oportunidade de aprender muito nesta que, segundo ele, foi uma encarnação transformadora. Tanto assim que - loucura aos nossos olhos encarnados - pediu para reencarnar como escravo pela segunda vez.

Era como um pai-de-santo, uma espécie de referência espiritual da comunidade de Nazaré, BA, onde a cultura dos candomblés é muito forte e enraizada. Cidade que ficou conhecida como Nazaré das Farinhas, é vizinha à Ilha de Itaparica e situa-se a cerca de **200km** de Salvador por terra, contornando a Baía de Todos os Santos a partir da capital até a outra extremidade, perto da margem que lhe é oposta.

Já como ancião, num momento avançado da vida, torna-se líder reverenciado na comunidade, alguém conhecido e respeitado por seus contemporâneos. A frente do candomblé da nação *ketu* que dirigia, aprende o manejo das ervas e suas propriedades

Terapêuticas. Nas terras da Bahia, João Cobú era Pai João de Aruanda.

### **PAI JOÃO, MENTOR DE EVERILDA BATISTA**

Pai João esteve sempre muito ligado a minha família. Meus irmãos e eu crescemos como se essa figura fizesse parte do círculo familiar; era um de nós, que nos visitava através da mediunidade de nossa mãe. Médiun de efeitos físicos e de psicofonia, com característica inconsciente, ela tinha em Pai João o espírito responsável por sua encarnação.

É interessante que, conforme me recordo, embora utilizasse o nome de Pai João de Aruanda, ele não incorporava como um preto-velho tradicional. Ao contrário, mantinha uma postura ereta, que deixava mi-rilla mãe uns 20 a 30cm mais alta - ao menos essa é a •Impressão que nos causava, tão empinada a deixava!... Olhos muito abertos, quase esbugalhados, mas vivos, penetrantes, punha-se a andar normalmente pela casa, com desenvoltura e até rapidez quando incorporado em Everilda Batista, o que de modo algum lembra a figura popular e quase folclórica do preto-velho. Voz muito firme e sonora, nada havia que denotasse qualquer dificuldade em falar, como é freqüente no-

tar em comunicações de pretos-velhos, que muitas vezes se exprimem gaguejando, de modo arrastado. Pai João, não! Minha memória de sua atuação sobre minha mãe é o oposto disso: muito direto, firme, ágil e determinado, de tal maneira que alguns o temiam, até pelas circunstâncias familiares críticas e bem graves em que costumava se apresentar.

Everilda não percebia com antecipação que se entregaria ao transe. Geralmente, ele ocorria após sua decisão de repousar por alguns minutos, nos raros momentos em que se assumia exausta. Nos instantes que precediam à chegada do pai-velho, era muito comum que recostasse numa determinada cadeira de encosto, uma espécie de espreguiçadeira, que nos acompanhou por décadas. Questão de segundos, tão logo se acomodava já voltava com a fisionomia totalmente mudada, imponente. Era Pai João que a tinha assumido. Após atuar durante o tempo que julgasse necessário, tinha por hábito assentar-se novamente na cadeira antes de se afastar da médium, a fim de que ela não percebesse, ao menos de imediato, que havia chegado e realizado alguma atividade por seu intermédio. Dessa forma, ele procurava deixá-la na mesma posição de quando a envolvera. Tinha sua razão de ser esse expediente de que ele lançava mão. Minha mãe sentia-se irritada ao saber que algum espírito incorporou através dela. Não era de seu agra-

do permitir, em casa, envolvimento espiritual desse **tipo**, de cunho mediúnico. Acho que herdei dela essa irritação, talvez mais por saber que alguém fez coisas de mim das quais não guardo lembrança, pronunciou palavras que -os demais afirmam ter sido ditas por minha própria boca. Cria-se uma lacuna, um **lapso** incômodo na memória.

Everilda então falava, nas raras vezes em que ouvíamos relatar a ela o ocorrido:

- Não, isso não pode ter vindo de mim! Não posso ter falado isso, não posso...

Realmente ficava inconformada com a situação, e matuto, a fim de evitar essa reação, João Cobú desde muito cedo passou a assumir Everilda Batista nos momentos de relaxamento, seja sentada ou deitada. Levantava-se por meio de seu instrumento já em transe: fazia o que devia ser feito e só se afastava após retorná-la à posição anterior. Ela voltava a si como se estivesse acordando, e nós, os filhos, logo aprendemos a ser discretos sobre o assunto. Ficávamos quietos, ainda que um pouco ressabiados.

Evidentemente, isso não ocorria com tanta frequência. Momentos assim, geralmente, eram bem sérios, graves. Por exemplo, era comum que Pai João se apresentasse quando havia alguém da família ou algum hóspede passando muito mal.

Minha mãe lidava cotidianamente com gente

sem posses. Quer dizer, ela nunca recebeu mais que um salário mínimo em seu emprego como merendeira escolar - ou seja, ela mesma não detinha posses. Ocorre que, não sei muito bem como, assumira muitos afazeres e atividades e tornara-se uma referência na hora das doenças, das mortes e das agruras da vida. Era grande o número de pessoas de baixa renda que a procuravam lá em casa a fim de que prestasse os mais diversos tipos de socorro.

Talvez isso seja estranho para quem tem menos idade, acostumado às comodidades urbanas do mundo moderno. Porém, no interior de antigamente, as coisas eram bem diferentes. Se, diante das inegáveis melhorias das últimas décadas, a saúde pública ainda não consegue dispor de recursos para atender a toda a população, imagine nos anos de 1960, 1970... A expectativa de vida era cerca de vinte anos menor que na atualidade, a mortalidade infantil, três ou quatro vezes maior. Governador Valadares, historicamente, era a mais importante metrópole do leste de Minas, antes de Ipatinga e da instalação da Usiminas, principalmente no ápice da extração de pedras preciosas. Minha mãe estava sempre pronta a receber gente das cidadezinhas, além da população rural ligada aos familiares da região de Ataléia, MG, onde se criou, ou de Jequié, onde viviam os baianos da parte de meu pai. Afora todos da cidade, que a conheciam das escolas e

que por ela procuravam nas horas difíceis.

Assim sendo, quando chegava alguém se sentindo muito mal, com urgência de atendimento ou na impossibilidade de ser atendido em algum hospital, Pai João de Aruanda assumia Everilda Batista e ministrava o tratamento espiritual à pessoa. Minha mãe possuía determinada característica mediúnica que favorecia a ele transferir a enfermidade do atendido para ela e, em seguida, expelir do corpo dela todos os resquícios, liberando-a de qualquer sintoma ou vestígio do mal-estar. Vi coisas impressionantes através de suas possibilidades de cura, que relatarei mais adiante.

Nesse contexto é que se enquadra a música que ouvi - e ouço, até hoje - Pai João cantar quando determinado socorro precisa ser prestado. O que o preto-velho quer dizer é que, a despeito das preferências do médium, sua vontade não prevalece, se é que efetivamente fez um compromisso com o Alto de dispor de si e de suas potencialidades para uma tarefa superior.

*Lá vem vovô*

*Descendo a ladeira com sua sacola*

*É com seu rosário, é com seu patuá*

*Ele vem de Angola*

*Eu quero ver, vovô,*

*Eu quero ver*

*Eu quero ver se filho de Zâmbi tem querer.*

Definitivamente, não. Na hora que as determinações do Alto vêm, filho de Zâmbi, ou seja, filho de Deus, não tem querer.

## DE ALFRED RUSSELL A PAI JOÃO

Na verdade, a manifestação como preto-velho, dispondo-se a tratar das pessoas através de minha mãe, tinha a ver com o passado dele como negro alforriado, pois havia sido portador da mediunidade de cura, algo vital para a época, porque a medicina, especialmente para a população pobre em geral, simplesmente inexistia. Porém, havia outro componente psicológico importante. Temos notícia de que, noutra tempo mais recuado, fora um médico: Dr. Alfred Russell, homem branco, de posses, que viveu no sul segregacionista e escravocrata dos Estados Unidos da América, provavelmente antes da proclamação de independência, em 1776. E algumas características dessa personalidade mantinham-se como traço forte em seu temperamento, evidentes pelo menos ao comunicar-se através de Everilda Batista e, esporadicamente, através de mim - O que só ocorreu após O desencarne dela, em 1988.

Em síntese, através de Everilda Batista, Pai João apresentava a vocação para a medicina e a mediunidade de cura, mas sua manifestação trazia fortemente a pos-

**tura** de Alfred Russell, patriarca viril, destemido e empreendedor que fora no continente norte-americano.

Reencarnou como escravo a seu próprio pedido, **desde** a primeira vez, justamente porque, tendo sido senhor de escravos no sul dos Estados Unidos, desejava viver o outro lado da moeda - ou da chibata. E a transformação efetivamente ocorre, em terras pernambucanas. Na segunda encarnação como negro, na Bahia, dá mais um passo e adquire *status* de liderança cuidando da comunidade, que permanece sob sua responsabilidade.

Inicialmente, ganha popularidade como curandeiro. O número de pessoas que o procurava era muito grande, porque, como já foi dito, tanto apresentava a mediunidade de cura quanto a oferta escassa de serviço médico na segunda metade do século XIX fazia com que as pessoas que possuísem conhecimento, como Pai João, fossem procuradas pelo povo. Como negro, ex-escravo e adepto de um culto que valoriza sobremaneira a força das ervas - era iniciado e babalorixá, na verdade -, ele detinha uma experiência muito vasta com fitoterapia. Empregava esse saber para assistir a carente população regional.

Quem não era carente naquele lugar? Cidade pequena do interior da Bahia, negro no período decadente da escravidão, das leis abolicionistas para ingleses ver... Até a mais importante delas, a Lei Áurea de

1888, foi promulgada no país sem qualquer política de inserção do escravo recém-liberto na sociedade. Resultado: muitos nem queriam deixar seus senhores, suas senzalas: para onde iriam? Sem falar na demora para chegar a notícia - imagino a prática - da lei nos rincões deste Brasil. Canta ele, a esse propósito:

*Treze de maio*

*Quando acabava o cativo*

*Negro-velho sorria*

*Negro-velho chorava*

*E a Princesa Isabel*

*Já libertava os escravos.*

Entre suas atribuições como pai-de-santo de um culto afro-brasileiro, João Cobú conduziu toda a prática candomblecista de modo que os seus pupilos pudessem ser também terapeutas. Ensinava a respeito das ervas para seus afilhados ou filhos-de-santo da época, mas objetivando principalmente o atendimento terapêutico às pessoas necessitadas. O curandeiro de Nazaré das Farinhas desencarnou em 1900, vítima da febre amarela.

ALGUNS EPISÓDIOS FICARAM PARA SEMPRE gravados em minha memória, pois vários deles mostram a maneira vigorosa de Pai João de enfrentar as adversidades e injustiças.

Em Governador Valadares havia uma feiticeira - na verdade, outrora respeitável mãe-de-santo, que se per-

deu nos caminhos do trabalho espiritual ao longo dos anos. Quando eu era criança, ela foi recomendada pelo centro espírita onde minha mãe procurou ajuda para minha irmã Maria, a irmã adotiva apelidada de Bá, e efetivamente encontrou auxílio, conforme relatei no capítulo referente ao chefe Tupinambá. Pouco a pouco, entretanto, essa médium foi mudando a atitude em relação ao trabalho espiritual. Não acompanhei sua trajetória de perto, pois jamais voltei ao tal terreiro, mas ouvi histórias contadas por minha mãe e observava o que ocorria em minhas visitas à cidade, da qual me mudei aos 18 anos. Até porque, em determinada época, a própria Bá chegou a trabalhar como médium no terreiro dessa senhora, antes de a situação mudar. Alguns casos estão relatados no capítulo 6, que dedico a essa irmã, mas aqui registro o derradeiro evento envolvendo a feiticeira, em que Pai João se envolveu mais diretamente.

Chegou uma época em que não só a tal mulher passou a viver dos trabalhos no barracão, mas também sua família. O marido inclusive deixou de trabalhar para dedicar-se à matança de animais para sacrifícios e a ações vis de todo gênero. Ganhou repercussão na vizinhança seu desencarne agonizante; atravessou anos de um processo grave de putrefação, que levou os tecidos de várias partes do corpo ao completo apodrecimento, formando um quadro trágico e bizarro, que qualquer

um, naturalmente, não deixaria de relacionar às décadas de feitos de maldade. Fato é que, bem antes disso, as coisas no barracão de D. Lia<sup>14</sup> foram degradingando a ponto de suas perversidades atingirem fama na região. Pessoas de diversas localidades vinham em busca de seus préstimos lastimáveis. (Certa vez, um amigo visitou uma roça de candomblé numa noite de celebração aos caboclos marinheiros. Na ocasião, ouviu de um espírito chamado Martim Pescador a seguinte afirmativa, através da boca da mãe-de-santo: "Dizem que a gente é ruim, é mau. Mas ruim é esse povo que vem atrás de nós pra pedir maldade, é ou não é?". Apesar de tender a concordar com esse argumento, o estudo do espiritismo mostra que não é isento de responsabilidade quem se presta a atender pedidos indecorosos.)

Determinada noite, talvez indignado com as maldades de D. Lia, talvez motivado por algum fator que tenha desencadeado uma decisão abrupta - porém certamente com a autorização do Alto -, Pai João assume minha mãe em nossa casa no Bairro Santa Helena. Sem muitas explicações, dirige-se ao canto de um cômodo mais vazio e anuncia:

- Hoje termina o reinado de maldade de D. Lia. Ela extrapolou os limites e, depois de hoje, nunca mais reerguerá seu gongá.

14 Alguns nomes foram trocados para evitar constrangimentos.

Pai João virou-se para a parede, incorporado em minha mãe, assentado no chão com as pernas de lado, como só ele sabe fazer. Antes, pediu-nos um giz, o qual chamou de *pemba*, que minha mãe tinha em casa por ter sempre trabalhado em escolas. Ninguém em casa jamais ousaria negar o pedido de Pai João, tamanha era sua força moral e o tom de autoridade, especialmente se somado ao papel de liderança que minha mãe já exercia perante a família. Prontamente lhe entregamos o giz; então, de cabeça baixa, riscava algo no chão, num movimento repetitivo, enquanto se punha a cantar, a plenos pulmões, uma música bem cadenciada:

*Se na casca da braúna tem demanda*

*Eu quero ver a braúna braunar*

*Marcha, marcha meus soldados*

*Soldados de confiança*

*Esse machado é minha funda*

*É meu ponto de vingança.*

Repetiu a música ou o ponto cantado algumas vezes. Claramente, o ambiente foi tomado de certo assombro, de certa gravidade. As irmãs Silvana e Marvione, nessas horas, tinham muito medo e, com freqüência, escondiam-se debaixo da cama. Hoje sei que o canto de Pai João era uma evocação poderosíssima, aliada à manipulação de ectoplasma, que minha mãe oferecia em grande quantidade, dada sua faculdade propícia para a realização de fenômenos para-

normais *psi-kapa* ou de efeitos físicos, na terminologia kardequiana. Há quem pense ser coincidência, mas em instantes começaram trovoadas e relampejos fortes, repentinos, acompanhados de tempestade, breve e inesperada. A perícia e a autoridade sobre os fenômenos da natureza, bem como no comando de seus agentes mais imediatos, os elementais, podem sem dúvida explicar tal ocorrência sem descambar para o domínio do místico e do sobrenatural. O assunto é controverso, indigesto à maior parte dos espíritas, mas a leitura atenta de *O livro dos espíritos* no trecho anteriormente indicado (ver nota 8) dá margem para admitir tal possibilidade. Sem considerar as incontáveis danças e rituais da chuva, presentes em inúmeras culturas de sociedades chamadas primitivas. Será que nenhuma delas tinha validade e era tudo credence, pura e simples?

- Está feito - informou Pai João, novamente ereto, porém ainda no chão.

Passados alguns minutos, ouvimos soar a sirene do Corpo de Bombeiros, que passou ao largo, em direção à casa de D. Lia. No dia seguinte, pudemos confirmar: de maneira inexplicável, apurou-se que uma vela deixada no gongá do barracão fora o estopim de um incêndio avassalador. A vela tombou, não se sabe como, e a proteção de vidro que a envolvia se partiu. O fogo se espalhou pelos tecidos e consumiu tudo em

poucos minutos. O barracão foi reduzido a cinzas, e a construção anexa, que era a residência da família da feiticeira, permaneceu absolutamente intacta. Nunca mais, até o momento em que escrevo estas linhas, D. Lia conseguiu reerguer seu barracão, a despeito de inúmeras tentativas. Ela continua encarnada, apesar de idosa. Já se passaram mais de 25 anos do ocorrido.

**OUTRA HISTÓRIA DESSE PERÍODO, QUE ILUSTRA O** jeito com que Pai João costumava agir em situações extremas, envolve meu pai, Adelmário. Em determinada época de sua existência, tinha o hábito de embriagar-se, embora eu acredite que ele não tenha sido vítima do alcoolismo, como doença. Certo dia, estava tão alterado que pretendeu agredir fisicamente sua esposa. Nesse momento, Pai João - que era o mentor responsável pela encarnação de Everilda Batista - a assume. Como ela era médium de efeitos físicos, tinha muita facilidade para ceder ectoplasma, o que favorecia alguns fenômenos por seu intermédio. Diante de vários filhos, o preto-velho pega o guarda-roupa cheio, com uma única mão, a mão direita. Segura o armário por um dos pés, naturalmente usando ectoplasma para produzir o fenômeno, e o suspende, como se fosse uma almofada ou coisa assim, tamanha a facilidade com que o manuseia. Em seguida, declara, cheio de autoridade na voz, através da psicofonia:

- Segure aqui e honre as calças que você veste, já que você é homem. Você diz que é homem e pensa que ser homem é poder bater em mulher, portanto, honre as calças que você veste!

E soltou o guarda-roupa sobre ele.

- Nunca mais você bate em mulher na sua vida, mulher não se bate nem com uma flor, aprenda isso - prosseguiu o preto-velho.

Voltando-se para nós, os filhos, que víamos o fenômeno impassíveis, sem compreendê-lo, determinou, de forma a não deixar margem para questionamento:

- E aí de vocês se o ajudarem a sair daí debaixo! Não ter comigo se o ajudarem. Ele tem que sair com as próprias forças, já que ele é homem a ponto de querer bater numa mulher, tem que mostrar sua força e sair daí debaixo sozinho.

A família toda ficou muito marcada com o episódio. Todos se apavoraram. A partir dessa ocasião, meu pai ficava atemorizado até com a suspeita de que Pai João iria se manifestar... Desencarnou no ano de 2003 e até sua morte dizia:

- Ah, esse nego desgraçado! Enterraram o corpo, mas a língua dele... Esqueceram sua língua pra fora da sepultura.

Meu pai realmente aprontava muito. Pai João de Aruanda falava com minha mãe, mostrava a ela as malandragens dele que afetassem os demais de algu-

ma maneira. Todos comentavam quanto era difícil esconder algo dela, muito difícil mesmo. É natural que, devido à sensibilidade de seu psiquismo, ela se abrisse mentalmente e percebesse certas questões com alguma facilidade, o que levou meu pai a ficar com medo de Pai João, achando que era ele o responsável por relatar todas as coisas a Everilda.

Certa vez meu pai esteve, dois ou três anos antes de desencarnar, em nossa casa espírita. Ele era evangélico, mas mesmo assim queria conhecer de perto a família espiritual que mantinha todo um trabalho inspirado naquela mulher que, para ele, era apenas a esposa, uma mulher simples do interior. Quando se preparava para sair em direção à instituição, perguntou:

- Se eu for lá, vou encontrar aquele velho? - assim ele se referia a Pai João, pelo medo que tinha devido aos acontecimentos do passado. - Porque *parece* que ele está morto - repetia meu pai -, mas a língua dele, pelo que sei, está solta até hoje.

Costumo brincar que, como meu pai e João Cobú eram baianos, deviam se entender... Por azar do meu pai, Pai João, muito carinhoso, foi um dos espíritos que primeiro o recebeu no mundo extrafísico, quando desencarnou. Ao chegar do outro lado, lá estava o preto-velho aguardando-o:

- Eu que vim tomar conta de você, pra não dar ainda mais trabalho.

Imagino o que Adelmário passou do outro lado da vida, ao topar com o espírito João Cobú, de quem fugiu durante quase toda a existência...

## DE PAI JOÃO A PAI JOÃO

Everilda Batista, por meio de quem conheci o espírito João Cobú, desencarnou em 1988. Quatro anos mais tarde, abre-se a casa espírita que leva seu nome e, desde o início, o espírito Pai João de Aruanda se apresenta para o trabalho. Nesses pouco mais de 15 anos, Pai João de Aruanda mudou bastante seu jeito de agir, se comparado ao que vimos desde minha infância. Antigamente, era uma ligação de cunho familiar, que evoluiu em todo aspecto ao ingressar mais diretamente nas atividades da casa espírita.

Essa mudança é um aspecto bastante inspirador, porque tem gente que quer ver nos mentores sujeitos santos, sempre iguais, entidades acima do bem e do mal. Só que isso os torna tão distantes que a gente não é capaz de se identificar com eles. O que é altamente admirável é justamente verificar o crescimento, a transformação, que nos possibilita criar identidade com eles. E Pai João teve de ouvir reprimendas até dos mentores que conduzem a atividade!

O pai-velho sempre manteve fidelidade ao traba-

**lho.** E sabe mostrar que apaziguar uma situação não é fazer-se tolo. Um dos aspectos que evidencia isso de modo bem claro é sua postura de defesa em relação às ameaças que surgem.

Certa noite, logo depois da aquisição do lote onde se localiza a Casa de Everilda Batista, lá pelo ano de **1994**, Pai João resolve me acordar no meio da noite:

- Você precisa levantar agora e ir à Sociedade.

Deviam ser umas 2h da madrugada. Ocorre que eu morava 2 ou 3 bairros distante da instituição, porém não na direção do centro da cidade. O que quer dizer: não havia transporte coletivo que ligasse a residência ao centro espírita. Apesar de que, de madrugada, de nada adiantaria haver, já que os ônibus praticamente não trafegam nesse horário. Tampouco eu tinha carro e muito menos dinheiro para tomar um táxi - isso nem me passava pela cabeça.

- Pai João, você enlouqueceu? São mais de 30 minutos de caminhada! Agora é noite, está frio, é perigoso. E, de mais a mais, eu tenho sono! - apelei. - Preciso dormir, amanhã tenho de trabalhar.

- Você pode ir sozinho ou, se preferir, incorporo em você e vamos - disse ele, sem afetação. - Acabaram de fazer um despacho na porta da Sociedade e precisamos cortar o mal pela raiz.

Na verdade, a segunda frase me motivou sobremaneira, e Pai João sabia que efeito essa informação

teria sobre mim. Sempre tive um forte instinto de proteção à instituição e sei que feitiçaria e magia são coisas sérias, com o que não se deve brincar.

Mais de 30 minutos de caminhada pelas solitárias ruas a partir de minha residência, deparo com um alguidar de barro ao chegar à entrada da casa espírita. Continha uma galinha inteira, com penas pretas, e uma garrafa de cerveja. A rua onde se localiza a Casa de Everilda Batista sempre foi muito ecumênica: àquela altura, dispunha de igrejas católica e neopentecostal, casa espírita e, mais recentemente, de macumba. Nada do que vi me chamou tanto a atenção quanto o espírito que notei ao lado da oferenda, rindo, curvando-se de tanto rir; parecia deliciar-se com tudo aquilo. Tinha um porte altivo e trajava um terno negro muito alinhado, com camisa vermelha - como manda o figurino. Ostentava uma pequena capa, até a cintura, igualmente preta.

- Quem é você? - perguntei reticente, achando que debochava de mim.

- Sou o Exu Tranca-Ruas das Almas. Boa noite!

- E o que faz aqui?

- Estou aqui rindo do que essa peste de mulher fez... e ainda disse que entregava pra mim - ele dava gostosas gargalhadas. - Eu não quero essa porcaria. Ela fez tudo errado! E o que é pior: a encomenda é pra fechar o seu centro. Só que eu ajudo a tomar con-

ta das ruas por aqui e estou do seu lado! Meu trabalho é defender a ordem e a disciplina para esta casa continuar funcionando.

- É mesmo?

- É. Ela não sabe fazer nada. Baseou-se num livro que comprou, da editora Eco, que traz umas receitas à toa. Além do livro só trazer bobagens, mesmo que ela soubesse como, podia fazer quantos despachos quisesse que não daria certo, pois ela não tem axé, não tem força espiritual nenhuma.

- E você pode me explicar como é que se faz, do jeito certo?

Prontamente o Tranca-Ruas das Almas se pôs a explicar cada detalhe do feitiço, o que podia, o que não podia e por quê. Alguns instantes depois, lá estava eu na porta da autora do despacho, que o exu havia me indicado quem era, de frango em punho. Bati, bati in-  
entemente para acordar os donos da casa e, assim que se abriu a porta, lá estava ela.

- Está aqui! - arremessei o animal nos peitos da vizinha.

E sem dar tempo de ela reagir, continuei:

- Você é uma feiticeira de meia-tigela! Chamou o Tranca-Ruas pra fechar o nosso centro, mas ele está aqui a meu lado dizendo que você não sabe fazer nada.

- Eu? Eu não fiz nada...

- Fez sim. Ele me disse que tirou tudo de um li-

vro que está ali na sua cômoda - e informei o título à mulher. - Não só ele não vai fechar o centro, como trabalha a nosso favor. Está aqui falando que, se você quiser fazer certo, saiba que não se oferece a ele o frango inteiro; só as pernas, asas e o pescoço, além das vísceras. O resto você podia ter comido, sua besta! Além disso, não é cerveja a bebida correta, mas sim anis-estrelado com aguardente.

Enquanto a mulher me olhava, atônita, ainda de camisola, arrematei:

- E nunca mais se meta comigo nem com meu centro, senão eu é que vou pedir aos exus para acabar com sua casa - dito isso, virei e fui-me embora.

Quis assustar a mulher, é claro, e usei o enorme desconhecimento que há acerca do papel real dos exus, cujo conceito errôneo é difundido até mesmo por adeptos assumidos do trabalho com eles, como se vê em muitos terreiros e barracões. Durante anos ela passou longe de mim, até atravessava a rua se porventura nos cruzássemos. Até que um dia teve coragem de se aproximar e pedir desculpas. Explicou que ficou aflita na ocasião em que abrimos o centro, porque tinha medo de que tomássemos sua "freguesia", uma vez que fazíamos tudo de graça, enquanto ela cobrava por tudo. Claro que havia *mercado* para tudo, assegurei a ela. Nosso tratamento espiritual não era para trazer o homem amado em sete dias nem nada do gênero...

Pai João sabia o que esperar de mim quando me acordou, e tenho certeza de que esse episódio, antes mesmo da psicografia de *Tambores de Angola*, que se deu em 1997, foi útil, entre outras coisas, para que eu me confrontasse com meus próprios preconceitos e aprendesse a respeitar ainda mais a falange dos exus, guardiões ou *meninos* de Pai João, que têm sido presença essencial ao logo dos anos, sem os quais nossa segurança estaria comprometida.

É CURIOSO QUE, ATRAVÉS DA MEDIUNIDADE DE minha mãe, eu jamais havia visto Pai João apresentando-se com a roupagem fluídica de um preto-velho, ao menos no conjunto de trejeitos e características da figura tradicional do preto-velho. Ele se manifestava, à época, sempre de pé, com olhos bem abertos, andar vigoroso, firme, e as palavras bem determinadas, lembrando mais o Dr. Russell.

Entretanto, quando se manifestou através de mim pela primeira vez, logo no início da formação da Casa de Everilda Batista, já se mostrava de maneira diferente como pai-velho. Nunca consegui saber exatamente a razão de se manifestar de jeitos diversos, em Everilda e em mim. De qualquer forma, Pai João, durante algum tempo, manteve aquele modo firme de falar e agir, às vezes até mesmo assumindo a personalidade do Dr. Russell, principalmente nas horas bem graves, em que

alguém havia saído da linha e o limite devia ser restaurado, para o bem coletivo. Se alguém chegava ao trabalho na casa espírita sem estar devidamente preparado para uma reunião mediúnica, por exemplo, ele falava abertamente. As pessoas da época que permanecem como voluntários em nossa casa ainda guardam essas lembranças de Pai João; algumas mantêm certa reserva com relação a ele. Por causa disso, em dado momento o espírito Joseph Gleber, que dirige a casa em conjunto com Zarthú, chamou Pai João e advertiu-o:

- Ou você muda o jeito de trabalhar ou será suspenso das atividades.

E pensar quão grande é o número de pessoas que não suportam uma observação sequer sobre sua atuação e seu desempenho... Pai João, em vez de se entregar ao melindre, resolveu agir. Modificou sua abordagem sem abrir mão de sua característica, que é alertar os filhos pelos quais tem enorme zelo. Em vez de falar abertamente para as pessoas, Pai João adotou um método um tanto poético ou metafórico: ele começou a cantar. Ele entoa músicas em que já está inserido o alerta para a pessoa. Fico pensando até que ponto ele compõe essas músicas e em que medida aproveita algumas que, talvez, fossem comuns em sua experiência como encarnado, nos terreiros de candomblé.

Lembro de um trabalhador que tinha algumas dificuldades com a família; notei que Pai João estava

querendo falar de forma direta, mas Joseph tinha im-  
**posto** a condição citada. Ele resolveu o impasse apre-  
sentando uma canção ao amigo, que inclusive é co-  
mentada no livro *Sabedoria de preto-velho*:

*Filho que não obedece pai*

*Que não obedece mãe*

*Não obedece padrinho*

*Ele fica no meio da estrada*

*Ele fica chorando no meio do caminho.*

A pessoa a quem se destinava o alerta, natural-  
mente, captou o recado.

Tivemos outro caso de um companheiro de ativi-  
dade espírita que estava pensando em trair a esposa. Já  
estava tudo preparado para consumir a idéia, quando  
decide ir a uma das nossas reuniões. Temos uma reu-  
nião específica com pretos-velhos e caboclos, quinze-  
nalmente, voltada exclusivamente para os trabalhado-  
res. Pai João, no meio de toda a turma, resolve cantar  
uma canção. Como da reunião só participam médiuns  
da casa, ou seja, não é aberta ao público, o pai-velho  
fitiu-se à vontade para entoar através de mim:

*Ô Zé, quando for para a lagoa*

*Toma cuidado com o balanço da canoa*

*Ô Zé, faça tudo que quiser*

*Mas não maltrata o coração dessa mulher.*

Aí nosso amigo começou a chorar. Quando Pai  
João cantou, desarmou-o totalmente, dissuadindo-o

de seus planos extraconjugais, pois percebeu a indireta. Ou seja, o amigo espiritual mudou o jeito de trabalhar. A esse mesmo companheiro de atividades, propôs outra música:

*Caititu fora da manada  
É papá de onça  
Cadê o meu caititu  
Eu já vou buscar.*

Nessa versão cabocla de uma das parábolas de Jesus - a parábola das ovelhas<sup>15</sup> - Pai João diz que caititu sempre anda em bando e, caso se afaste dos demais, vira comida de onça. Portanto, que cada um tenha cuidado com o caminho escolhido. A mensagem é mais ou menos esta: Se permanecermos juntos, sobreviveremos, mas se você se afastar - o caititu fora da manada -, virará alvo de obsessão ou papá de onça. Creio que o destinatário da mensagem entendeu o recado, pois começou a refletir a respeito de suas atitudes, sem contar que todos certamente pudemos tirar grande proveito desses versos.

Penso que Pai João tenha sido um pouco malandro, tentando enganar Joseph Gleber... Brincadeiras à parte, como estava proibido de falar abertamente, então usava metáforas, e aquele a quem se destinava a mensagem era capaz de perceber exatamente o que

<sup>15</sup> Lc 15:1-7; Mt 18:10-14.

Pai João queria.

Contudo, esse negócio de falar indiretamente, que a alguns pode parecer mais agradável, delicado, também pode servir para pregar grandes peças.

Era o ano de 2001 quando começamos a organizar a quarta edição do Entremédiuns - Encontro de Trabalhadores e Médiuns Espíritas em Minas Gerais -, que é uma espécie de congresso, sem as formalidades dele, um evento anual promovido pela Casa dos Espíritos e Casa de Everilda Batista. Como na época o Entremédiuns ocorria em novembro, lá pelo mês de março ou abril estávamos reunidos, planejando um superevento. Sentíamos-nos mais seguros ao olhar a evolução do projeto ao longo dos anos. O primeiro, mais tímido, ocorrera na própria sede. No Entremédiuns 99, encontramos um espaço em Contagem, município da região metropolitana, um pouco fora de mão, mas a um ótimo custo. Foi um sucesso de público. No ano seguinte há\íamos dado outro passo corajoso, fazendo o evento em um confortável teatro da capital mineira. Sem muito sucesso na captação de patrocínio, apesar de ter havido até viagens com essa finalidade, tínhamos nos saído bem até então. Belo Horizonte é uma cidade onde é difícil realizar eventos do tipo congresso, principalmente de natureza religiosa. A mídia não abre espaço para divulgação, e levar o mineiro a sair de casa é uma tarefa árdua, ainda mais com a oposição declarada de

setores do movimento espírita.

Pai João, certamente assistindo a nossa discussão, ao final da reunião resolve intervir:

- Como têm passado, meus filhos? Se vocês forem fazer o evento da forma como estão falando, não podem ficar sem anúncios na televisão.

Disse mais algumas coisas, mas a frase ficou marcada na memória dos que assistiram à comunicação do pai-velho. Lembro que Leonardo, particularmente, sentiu-se empolgado. Então, todas as definições tomadas até ali estavam na direção certa. Incluía contratação de profissionais de criação gráfica, produção de peças publicitárias da melhor qualidade, possivelmente com *website* exclusivo, veiculação de anúncios, entre outras ações dispendiosas. Não só os espíritos apoiavam o evento num novo formato - com o valor da inscrição substancialmente mais alto e realizado no Sessiminas, um dos melhores teatros da cidade - como achavam que devíamos ousar mais e ir à TV. Era a confirmação de que precisávamos.

Anos antes, quando da construção da sede da casa espírita, trouxemos vários espetáculos de teatro espírita à cidade e havíamos alcançado grande sucesso em todos eles. Por duas ou três vezes, conseguimos anunciar em TV. Era hora de repetir a dose. Assim como um amigo bem relacionado havia conseguido reduzir a tarifa da locação do teatro, tivemos contato com

uma empresa que viabilizou a produção do anúncio mediante pequeno cachê para os cinegrafistas envolvidos. Eu mesmo fui o garoto-propaganda, e a edição, igualmente doada, transformou aqueles 30 segundos em uma peça de qualidade. O diretor, espírita, fez seu trabalho sem ônus.

Durante aquele Entremédiuns, haveria o lançamento de um livro psicografado por mim - o romance *O transe*, hoje denominado *Encontro com a vida* - após cerca de um ano e meio em que nada lançávamos. A pré-venda do livro foi um sucesso, principalmente para adrões da época, o que nos deu novo ânimo às vésperas do evento. Foram uns 5 mil exemplares vendidos antecipadamente, ainda que a preço baixo, porém suficiente para arcar com o investimento de lançamento, já que a Editora estava bastante descapitalizada. Era um momento crucial para nós e estávamos entusiasmados. No encontro, estariam presentes os convidados Djalma Argollo e Adenauer Novaes, da Bahia, entre outros expositores. Haveria palestras e atividades artísticas, e eu ainda faria pintura mediúnica, cujas telas seriam leiloadas no próprio encontro para ajudar a custear as despesas. Tudo parecia plenamente viável.

O fim de semana tão aguardado chegou, e o Sesi-minas, que era realmente muito bem conservado, bonito e imponente, estava pronto. Fizemos amplo trabalho de divulgação, que normalmente sabemos fazer

bem, com distribuição de mais de 40 mil impressos. Sem contar o anúncio de TV, que fora veiculado, e as matérias e entrevistas que a assessoria de imprensa havia conseguido. Apostávamos todas as nossas fichas no sucesso. No entanto, ele não veio, pelo menos no quesito inscrições. Dos quase 700 lugares disponíveis, preenchemos pouco mais de 200. Nos demais aspectos, o evento foi um sucesso - e um desafio para todos, mais ou menos decepcionados, como não podia deixar de ser. Já na semana seguinte, começamos a rodada de negociações com fornecedores. Dos Correios até o teatro, todos tiveram seus pagamentos renegociados. Tudo correu de forma relativamente tranqüila - exceto com relação à TV. Foram bem inflexíveis, e botamos os pés pelas mãos no início do processo; a dívida se arrastou por anos, até solucionarmos o impasse. O que propunham era uma extorsão, e simplesmente não tínhamos como pagar tudo à vista. Quitamos a dívida, finalmente, mediante o socorro de um advogado amigo, por meio de um parcelamento que se encerrou somente quatro anos depois.

90

---

91

Passada a raiva ou o desapontamento que alguns tiveram com Pai João, sentindo-se traídos, assim que a poeira baixou relembramos suas palavras naquela fatídica noite, durante a reunião de planejamento: "*Se vocês forem fazer o evento da forma como estão falando, não podem ficar sem anúncios na televisão*". Ve-

jamos o que é a interpretação. Ele queria nos proporcionar um choque de realidade, apelando para uma figura meio absurda, apresentando a TV como *exigência*, e não *sugestão*. Afinal, era um despropósito fazermos comerciais em televisão, assumindo uma dívida altíssima, sem qualquer parcela de retorno garantido. Já era impróprio o evento nos moldes que acabáramos de acertar; já era sofisticado demais para aquilo a que o Entremédiuns se propunha, de acordo com os planos dos Imortais, mesmo sem a televisão. Tudo clamava pela revisão de nossa rota, mas extraímos de suas palavras aquilo que queríamos entender: um en-

so às nossas decisões. "Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no céu" - *desde que ela concorde com a minha*, talvez devêssemos acrescentar à oração.

Pai João, na verdade, não nos havia dito para fazer nada! Não encorajou, tampouco apoiou. Apenas adicionou um elemento para mostrar as implicações de nossa decisão. Bem contrariamente ao que Allan Kardec ensinou - e exercitava, como espírita -, costumamos tomar a palavra dos espíritos como regra, emprestamos a ela *status* de ordem e saímos a campo, irrefletidamente. É curioso, porque todos, em equipe, avaliamos que não havia em nós, na ocasião, maturidade para enxergar o que Pai João, em nome da equipe espiritual, propunha naquela noite. Estávamos cegos aos apelos do bom senso e dificilmente teríamos

dado ouvidos a algo oposto ao que desejávamos. Especulações e conjecturas à parte, fato é que o ocorrido foi de extremo proveito para nosso crescimento e amadurecimento, tanto no trato com os espíritos como ao concretizar a tarefa confiada a nós. Todos passamos a encará-la de forma menos romântica, sob uma perspectiva mais realista e com os pés no chão. Com mais humildade e responsabilidade, em suma.

## MUDAR É SABER, SABER É MUDAR

92

---

93

Hoje o preto-velho Pai João passou por uma mudança ainda mais intensa e evita até mesmo cantar quando deseja transmitir um alerta. Pessoalmente, acho que tem preferido dar uma mensagem - até longa, às vezes - trazendo de modo geral e abrangente o ensinamento que pretende, deixando a aplicação particular a cargo da interpretação individual. Cada um se coloca, na medida que lhe é própria, dentro da mensagem.

É bom lembrar que esse talento de falar indiretamente do que é específico, a partir de uma perspectiva mais ampla, é uma das grandes provas de sabedoria de um espírito. Trata-se da capacidade de sintetizar a experiência do grupo ou do público-alvo da comunicação nas palavras escolhidas. Os próprios livros de Pai João refletem isso. Quantas pessoas lêem as obras *Sa-*

*bedoria de preto-velho* ou *Alforria* e dizem:

- Meu Deus, parece que ele está falando da minha situação!

Na verdade, ele não descreve nenhuma situação em particular; no entanto, encanta a possibilidade de o texto ser aplicado em diversos casos e diferentes **textos**. De certa maneira, isso nem é inovação do espírito João Cobú. As parábolas de Jesus guardam essa mesma característica, que talvez seja universal no que se refere aos textos que refletem o conhecimento espiritual de todas as épocas, atemporal, ou que contêm elementos das verdades eternas.

Aprecio essa mudança para melhor e é com muita satisfação que observo o ganho de qualidade no trabalho desse espírito. Pai João, desde a época em que se manifestava através de Everilda Batista até os dias de hoje, em nossas atividades, cresceu e progrediu gradativamente na forma de se expressar, em seu vocabulário, na maneira de agir e conduzir os desafios que lhe são apresentados. Não obstante, permanece o mesmo pai-velho por quem sempre nutrimos carinho especial.

Pai João de Aruanda faz parte da falange de servidores corajosos que trabalham intensamente no âmbito das obsessões complexas, dos casos mais intrincados, de difícil resolução. Respeitadíssimo no plano astral - isto é, no umbral - tanto pelas entidades em geral quanto pelos magos negros, Pai João enfrenta pessoalmente e

consegue solucionar diversos quadros de magia negra, o que nos facilita os trabalhos desobsessivos<sup>16</sup>.

Sei que ele tem uma história ligada ao Egito Antigo, além de experiências em outras civilizações do passado, as quais o capacitaram no campo da magia. No Brasil, muitos iniciados na magia, chamada hoje de magia branca, apresentam-se de um jeito que soe familiar à cultura brasileira e, ao mesmo tempo, que seja revestido de simplicidade e despretensão. Nenhuma figura é mais apropriada a essa finalidade que a do pai-velho. Não do preto-velho - e nesse instante há que se fazer a diferença entre ambos. Geralmente empregamos tais termos como sinônimos, mas, a rigor, pai-velho é aquele espírito que se apresenta como ancião negro dotado de maior experiência, de sabedoria notável. O nome *pai* faz alusão a isso. Ao passo que geralmente o preto-velho foi negro e escravo, quando encarnado, o pai-velho não o foi, necessariamente; pode apenas ter escolhido se apresentar com essa roupagem, como ocorre, por exemplo, com o espírito que se apresenta como Pai Joaquim de Aruanda, que jamais reencarnou como negro escravo, mas se manifesta com essa aparência.

Segundo me relatou certo espírito, sem oferecer

94

95

---

16 O livro *Legião (op. cit.)*, entre outras passagens interessantes da atuação de Pai João nos redutos sombrios, relata uma cena de enfrentamento face a face com um mago negro (cap. 4, p. 211).

maiores detalhes, Pai João, bem antes da existência como médico norte-americano, havia participado de iniciações à época do Egito Antigo, civilização que remonta a 4.500 a.C, e, posteriormente, entre os astecas, que eram o ápice de sua civilização entre os séculos xiv e xv. Depois é que se deu sua encarnação nas chamadas Colônias do Sul como Alfred Russell, ao que tudo indica durante o século xvii. Ao abordarmos o ser espiritual sob a visão reencarnacionista, nota-se que existe um aprendizado crescente, um progresso relevante.

Imagino ter sido na vivência como asteca que se desenvolveu tão grande sintonia de trabalho entre os espíritos João Cobú e Tupinambá, pois que o pai-velho recorre ao índio com freqüência, como se um começasse e outro terminasse determinadas atividades. Eíí sinergia está bem expressa na interação entre ambos que se vê ao longo do livro *Aruanda*<sup>r</sup>.

Tendo em vista tudo isso, a roupagem fluídica de pai-velho não deixa de ser certo disfarce diante de nossa pretensão; ao ouvir Pai João falar, extravasa a grandeza do espírito. Atrás da figura humilde de um pai-velho, freqüentemente alvo de preconceitos também dentro do movimento espírita, reside uma sabedoria milenar. É útil lembrar, nesse caso, que, segundo recomendou Kardec, deve-se atentar mais ao conteúdo

*Op. dl.*

da mensagem que à aparência do espírito.

Na maior parte das vezes, Pai João apresenta-se vestido de terno de linho branco, muito alvo, com o corpo ereto, via de regra segurando uma bengala, que denomina *caridade*. Brinca que, quando o conselho dele fala, a *caridade* entra em ação. Além daquele vozeirão firme, são marcantes o porte altivo e a segurança ao manipular o ectoplasma e coordenar forças da natureza. Negro de barba e cabelos brancos, usa uma barba bem feita, arrumada e de pouco volume. Por cima da gravata, traz uma cruzinha minúscula, como se feita de galho de guiné, que permanece ali como se um fino cordãozinho a sustentasse.

96

97

Ainda sobre o pai-velho, vale destacar um aspecto interessante na forma como concebeu seus dois primeiros livros. Ao contrário do que ocorre na obra inaugural, no título seguinte - *Alforria* - vê-se como ele também trabalha como médium, do outro lado da vida. É um livro singular, pois, de suas mensagens, emana a inspiração do mentor Alex Zarthú, autor dos livros *Serenidade* e *Gestão da Terra*<sup>1\*</sup>, entre outros. As palavras, o vocabulário, porém, são de Pai João, que assina os textos. A temática é a de preferência do

<sup>1\*</sup> PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Alex Zarthú. *Serenidade: uma terapia para a alma*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 1999/2005, 6<sup>ª</sup>-ed. \_\_\_\_\_. *Gestão da Terra*. Idem, ibidem, 2002/2007, 8<sup>ª</sup>-ed.

espírito Zarthú, assim como o pensamento exposto em todo o livro, o qual com certeza escolheu **transmitir** suas mensagens através de João Cobú, o Pai João, porque vislumbrou a possibilidade de sua linguagem **atrair** mais pessoas para as reflexões propostas. Eis algo que merece mais estudos de nossa parte: como funciona a mediunidade entre dois desencarnados? Um recebe o ensinamento de outro, atuando como ponte entre o autor espiritual original, se assim podemos nos exprimir, e o médium encarnado.

É sensacional essa possibilidade de Pai João de Aruanda transmitir certos conteúdos utilizando a linguagem própria do pai-velho. Canaliza o pensamento dos dirigentes do trabalho e apresenta-o de modo novo, falando as mesmas verdades de Zarthú, porém numa linguagem fácil, que atinge todas as camadas sociais, independentemente do nível de escolaridade.

#### **JOÃO COBÚ É UM AMIGO INSEPARÁVEL QUE TEMOS.**

Nossa gratidão em relação a ele é tremenda, porque jamais - jamais! - nas épocas de crise deixamos de receber seu amparo, de constatar sua presença e ter sua firmeza a nosso lado. Pai João tem até um ditado a respeito: "Antes que os meus filhos caíam, nego-velho já se encontra no chão para amparar os filhos nos braços". Há uma música que ele canta e retrata justamente isso:

*Taí, taí*

*Eu nunca vi rolar pau grosso*

*Nem filho de Pai João cair.*

Fala assim porque sua presença é constante, para amparar e até mesmo abraçar, numa atitude de fidelidade. Fidelidade à causa, àqueles que acolheu como filhos e aos compromissos que assumiu.

Fidelidade é algo que admiro e prezo muito, uma atitude por vezes ignorada no âmbito espiritualista, quando a compreendemos de acordo com a forma como é apresentada na Bíblia. Conceito fundamental principalmente no Antigo Testamento<sup>98</sup>, é reiterado por profetas e autores para mostrar como Deus cumpre suas promessas e jamais abandona aquele que crê e observa os preceitos da lei divina. Particularmente, talvez devido a meu passado evangélico, gosto de encarar a presença dos emissários de Deus, os benfeitores espirituais, e sua atitude de perseverança para conosco, como demonstração da fé que Deus deposita em nós, sempre acreditando que seremos vencedores.

Recordo-me de alguns trabalhadores que se afastaram da casa espírita, por este ou aquele motivo, e já chegamos a ficar anos sem mesmo nos lembrar do nome de antigos companheiros, ainda que haja aque-

---

98

99

<sup>98</sup> Dt 7:9, iRs 8:56, SI 36:5, entre muitos outros versículos, abordam a fidelidade de Deus.

les que deixaram saudades. Eventualmente, recebo uma mensagem de Pai João:

- Estamos precisando trabalhar em prol de Fulano.

- Mas ele não está afastado do trabalho? - indaguei, desconfiado, das primeiras vezes.

E Pai João responde:

- Ah, Fulano pode ter se afastado da Casa, mas nós não nos afastamos dele. Nunca deixamos de olhar pelo meu filho.

4

EVERILDA BATISTA

"NUNCA LHE DISSE  
QUE SERIA FÁCIL;  
DISSE-LHE APENAS  
QUE COMPENSAVA."

EVERILDA BATISTA

HÁ UMA CARACTERÍSTICA PARTICULAR NO relacionamento com Everilda Batista, que o diferencia daquele que mantemos com os demais espíritos. É que temos suas experiências de encarnada ainda frescas na memória. Experiência de mãe, de mulher e, ao mesmo tempo, de mentora. Ao comparar esses três papéis, vemos as relações existentes entre eles na forma como ela atua tanto de um quanto de outro lado da vida.

Ao desencarnar, em outubro de 1988, Everilda foi convidada pelo espírito Bezerra de Menezes a fazer parte da equipe espiritual que dirige os nossos trabalhos. Àquela altura, não existia a casa espírita que leva o nome dela, fundada somente quatro anos mais tarde; no entanto, os projetos dos espíritos estavam avançados, como os acontecimentos demonstrariam. Ao analisar a história do ponto de vista atual, fica claro que Everilda já fazia parte da equipe de espíritos que coordena as atividades antes mesmo de reencarnar.

Topou renascer como parte da tarefa que lhe competia, a fim de receber a família e aproveitar para lidar com suas questões pessoais, cármicas. Alguém tinha de vir, e sinceramente acredito que Everilda chamou a si a responsabilidade.

A orientação que dela recebi foi essencial para que eu chegasse até aqui, para que continuasse a caminhar mesmo na hora das dificuldades; foi fundamental para pautar minha caminhada, minhas escolhas. Credito à influência dela, em grande medida, a concretização das tarefas desempenhadas hoje por mim e pelo conjunto de instituições reunidas sob o nome de Universidade do Espírito de Minas Gerais.

102

103

## ESPÍRITO DO LADO DE CÁ

Sem querer compará-la de modo algum à grandeza do codificador do espiritismo, assim como a sua influência à que ele exerceu, pessoalmente tenho convicção de que, como Kardec, ela fazia parte da equipe de espíritos da Codificação antes de reencarnar.

Erasto ou Fénelon, entre outros, cumpriram seu papel como orientadores espirituais; Kardec cumpriu o dever que lhe cabia reencarnado. Só assim se explica, a meu ver, como em tão pouco tempo de estudo tornou-se mestre na doutrina a que tinha sido apresen-

tado - que não era sua, mas dos espíritos. Há quem confunda, porque hoje dizemos *espírita* para nos referirmos apenas ao adepto e ao templo. Isso dá a muitos a impressão equivocada de que a doutrina espírita é a doutrina *dos espíritas*, a doutrina que seus adeptos professam. Nada é mais impreciso: *doutrina espírita* é sinônimo de *doutrina dos espíritos*. Tanto assim que Kardec empregava a expressão *mundo espírita* quando queria falar do *mundo dos espíritos*, que hoje chamamos de plano espiritual ou dimensão extrafísica.

Allan Kardec ou o professor Hippolyte Leon Denizard Rivail - somente mais tarde lhe seria revelado o nome que adotaria como pseudônimo - conheceu os fenômenos que hoje denominamos mediúnicos por meio das mesas girantes, diversão em voga na Paris de meados do século XIX e em outros lugares mundo afora. O fato deu-se entre 1854 e maio de 1855, quando assiste à primeira sessão prática<sup>20</sup>. Seu objetivo era entender a origem dos fenômenos face a face. A obra que publicou sob o nome de *O livro dos espíritos*, em abril de 1857, foi o resultado do contato com os espíritos, que assim se

<sup>20</sup> As informações aqui relatadas foram extraídas de um dos textos de Allan Kardec que mais aprecio, em que relata como conheceu os fenômenos espíritas (KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Rio de Janeiro, RJ: FEB. 1ª edição especial, 1944/2005. 11 parte, item "A minha primeira iniciação no Espiritismo", p. 323-330. Diversas editoras).

autodenominaram, mantido regularmente de agosto de 1855 até setembro de 1856. Em março de 1860, quando lança a segunda edição da obra, "inteiramente refundida e consideravelmente aumentada"<sup>21</sup>, Kardec não é mais o discípulo de quatro anos antes: "o discípulo torna-se mestre. Nivelava-se o aprendiz com os instrutores. Julga. Critica. Distingue. Selecciona".<sup>22</sup> Que outro fato poderia explicar tamanha sintonia com as idéias da filosofia nascente, tamanha autoridade com que dirimia as controvérsias, tal propriedade com que discorria sobre temas tão novos, tais como mediunidade, ciência espírita, controle universal do ensino dos espíritos? Kardec, um dos integrantes da falange do Espírito Verdade, desempenhou reencarnado a missão que lhe cabia. Os postulados da doutrina certamente não eram produto de sua mente, mas sem dúvida lhe eram familiares.

Mas... não quero passar o carro na frente dos bois. Vamos aos episódios que me levam a crer na hipótese de que, assim como Kardec, Everilda Batista fazia parte da equipe espiritual e resolve reencarnar para realizar, do lado de cá, sua tarefa.

21 RIBEIRO, Canuto. *O primeiro livro dos espíritos de Allan Kardec*. São Paulo, SP: Cia. Ed. Ismael, 1957. Edição bilíngüe. Notas do tradutor, p. xxi. Conforme fac-símile da folha de rosto da 2ª edição de *O livro dos espíritos*, de 1860 (*op. cit.*, apêndice 2).

22 *Op. cit.*, p. xv.

Pessoalmente, sinto falta da mãe Everilda - e, claro, não há jeito de retornar no tempo. A convivência com ela, sem dúvida, deixou saudades. Restam lembranças de muito afeto e carinho, às vezes um tanto melancólicas, porque não havia nada melhor que ser aconchegado em seu colo, principalmente na hora dos problemas e desafios inerentes à vida. Graças a Deus, juntam-se a esse sentimento a convicção imortalista e o intercâmbio mediúnico, sem os quais seria difícil .er o amor separado pela morte.

Everilda era uma mulher firme ao extremo, obstinadíssima - talvez, daí, sua ligação com Pai João de Aruanda. Eram ambos da mesma índole, tinham o mesmo jeito de agir. Detentora de uma determinação a toda prova, enfrentava qualquer dificuldade a fim de levar a cabo aquilo que elegera como objetivo. Quando decidia fazer uma coisa, ninguém a conseguia dissuadir, ninguém era capaz de tirar de sua cabeça a meta, seja por meio do sarcasmo, da ironia ou da argumentação racional. Não fazia isso de maneira inconseqüente, mas corria todos os riscos, com destemor e coragem invejáveis.

Inúmeras histórias ilustram muito bem essa característica; de fato, ela era persistente, teimosa ou mesmo cabeça-dura.

Quando começou a se popularizar a geladeira no Brasil, era algo bem mais caro do que podíamos com-

prar. Everilda Batista jamais recebeu sequer um salário mínimo em seu emprego na rede estadual de ensino. Na época, a economia não tinha tanta instabilidade e não havia inflação como na era Sarney, por exemplo, em que fomos dos cruzeiros aos cruzados, cruzados novos e cruzeiros novos em meia dúzia de anos. Mas também não havia a oferta de crédito e a facilidade em parcelar as compras da Era Real, o que encoraja mesmo a população de baixa renda a adquirir bens que, de outra forma, dificilmente teriam.

De repente, chega Everilda em casa com fôrmas de gelo. No início, muitos acharam que era piada. Revelados seus planos, ela foi motivo de escárnio, principalmente da parte de meu pai, que disse:

106

- Você é pobre! Deixa de ser metida a besta! Até parece que vai conseguir comprar uma geladeira. E você nem tem geladeira e começa a comprar fôrmas de gelo... Pra quê?

107

- Não tenho, mas vou ter. E, pra não deixar minha mente sossegar enquanto não realizar esse sonho, vou comprar todo mês alguma peça da geladeira - respondeu, serenamente, sem se deixar abater.

E assim ela fez. Garrafas, bandejas, gavetas passaram a povoar nossa casa, uma a uma, bem à vista de todos. Na época, geladeiras eram vendidas quase vazias, sem peças internas, adquiridas separadamente. Ao contrário do que ocorre hoje, até mesmo gavetas e porta-

ovos tinham de ser comprados à parte. Ela continuou:

- Vai chegar uma hora que terei tantas coisas de geladeira que não haverá onde mais guardá-las, a não ser numa geladeira.

Claro que não era só isso; de nada adiantaria sua estratégia sem a devida poupança, sem a disciplina da economia. É curioso reparar, no entanto, que ela na verdade fazia uso de uma técnica sofisticada para não deixar a mente se desligar do objetivo traçado, ao mesmo tempo em que construía e alimentava sem cessar seu modelo mental - no caso, a geladeira. A iniciativa tem amplo amparo nas modernas teorias enunciadas pela programação neurolingüística. Em suma, é um mecanismo que reforça a motivação e lhe permitiu conquistar, passo a passo, sua geladeira. *Dividir para conquistar*: o princípio de estratégia não se aplica somente à guerra; tem a ver sobretudo com vencer obstáculos por meio do fortalecimento da vontade.

ANTES DE EU NASCER, EVERILDA BATISTA DECIDIU cuidar de 58 crianças na cidade onde morava desde criança e onde se casou, com 19 anos. Era Ataléia, situada no nordeste de Minas Gerais, bem próximo à divisa com os estados do Espírito Santo e da Bahia. Trabalhava como servente escolar na Escola Estadual Doutor Antônio Olinto, única naquela localidade, anteriormente denominada Santa Cruz do Norte, que ha-

via conquistado o título de município em 31/12/1943.

Na década de 1950, Alziro Zarur, fundador da Legião da Boa-Vontade (LBV), divulgava a campanha que se tornou conhecida como a Sopa dos Pobres ou Sopa do Zarur. Através da Rádio Globo, sediada no Rio de Janeiro, então capital federal, ele difundiu a idéia pelo Brasil, e, em Ataléia, Everilda resolveu fundar a primeira sopa da cidade no porão de sua casa. Nessa época, todos os dias da semana, depois que vinha da escola, reunia as 58 crianças no pátio lá de casa. Porém, só admitia dar a sopa às que estivessem de banho tomado, limpas e arrumadas; caso contrário, ela mesmo providenciava a higiene antes de alimentar as crianças mais pobres.

108

109

Ela realizou um trabalho marcante na região. A adoção aos poucos se tornou natural em sua vida. Além dos quatro filhos que deu à luz, adotou nove e os criou até a idade adulta, quando se casaram. Sem contar os que ficaram em casa por menos tempo, durante poucos anos, assim como os casais de idosos que ajudou e as pessoas que sempre abrigava em casa. No Natal, lembro sempre: nós, os filhos, é que deveríamos servir os convidados, que se alimentavam primeiro. Depois, se sobrasse, é que cearíamos. Era seu método de ensinar a *servir*, um princípio fundamental na constituição do caráter, segundo Everilda Batista. Inclusive como espírito. Na atualidade, assina 0 nome acrescentando 0 epíteto *a serva do Senhor* e repete um

mote que adotamos quase como *slogan* de nossa casa espírita: Não se canse de amar, não se canse de servir.

Certo dia meu pai chegou indignado:

- Você escolhe: ou eu ou seus pobres, esses velhos e essas crianças que traz pra dentro de casa!

Coitado! Mal acabara de falar e suas coisas saíram voando pela janela..:

- Isso é pra você aprender a nunca mandar uma mulher escolher! - disse ela, após deixar bem clara sua opção.

Armou-se um tumulto em casa. Meu pai foi morar com o filho mais velho - o primeiro a ser adotado -, que residia em outra cidade, a cerca de 100km. Ficou lá por uns seis meses... Everilda Batista marcou a história da nossa vida profundamente.

**NÃO ESPANTA O CANSAÇO DE MEU PAI DIANTE das adoções. É de se compreender. Com esse mesmo filho, que ofereceu asilo ao Seu Adelmário, é que tudo começou. Poucos meses antes de completar 19 anos de idade, Everilda atende a um jovem que bate à porta de casa:**

- Por favor, moça, sou pai deste bebê que tenho nos braços, mas não tenho como criar um filho agora. Sou pobre, preciso viajar para trabalhar... Tenho passado fome aqui na cidade. Minha mulher acaba de falecer, por causa do parto. Faz uma semana que deu à luz.

- Não posso ficar com a criança! - aos 19 anos, ela ainda morava com a mãe, três irmãos e a irmã. - Estou noiva, com a data do casamento marcada. De jeito nenhum, meu senhor, não posso!

Deseja boa sorte ao moço e dele se despede. Enquanto isso, dois de seus irmãos bebiam num boteco de esquina, pertinho de casa, bêbados já na manhã de sábado. Recebiam o ordenado no início de mês e tratavam de gastá-lo quase todo no primeiro fim de semana, entre doses de cachaça e partidas de sinuca. Passavam o dia inteiro lá. Ao anoitecer, chegam em casa trocando as pernas, embriagados, e dizem:

- Veja, Everilda, o que trouxemos pra você! É nosso presente de casamento.

110

111

Tinham ficado com o bebê, que já estava cansado de tanto chorar. Após o rapaz tentar mais algumas portas, no auge do desespero, deixara o filho com os dois marmanjos no boteco e desaparecera. Everilda ainda procurou encontrá-lo. Em vão. Era ainda pela manhã quando o pai havia passado pelo bar, e a criança ficara o dia inteiro numa caixa, no chão, sem alimentar-se.

- E agora? Que marido vai aceitar uma esposa que já vem com um bebê? - angustiava-se ela.

Adelmário, meu pai, aceitou. Ainda teve de receber, após três meses, sua sogra, que se mudou para junto dos recém-casados devido às dificuldades financeiras da família. Aos poucos, um a um os cunhados

dele vieram também, e ficaram até se casarem.

O ano era 1948. Na cerimônia de casamento, a criança, batizada Pascoal Alves Pereira, tinha três meses de nascido. Assim começa a saga maternal de Everilda Batista.

### EDUCAR COM "SIM" E COM "NÃO"

Ela tinha um jeito bem interessante de falar conosco, os filhos. Chamava a atenção e repreendia sem constrangimento, sendo mesmo muito severa em inúmeras ocasiões. Ao mesmo tempo, era carinhosa ao extremo e sempre a víamos com os filhos, sobrinhos e as crianças da família no colo; mesmo depois de adultos lembro-me de muitos de nós com a cabeça sobre suas pernas, recebendo afagos. Cativava a todos, o que a dotava de certa autoridade na hora das corrigendas necessárias. Todos a ouviam e respeitavam - e os filhos éramos encapetadíssimos, sem exceção, cada um a sua maneira.

Era seu costume chamar-nos a atenção pelos erros de modo privado, ao menos nas ocasiões em que julgava haver suficiente maturidade da parte de quem deveria ouvir. Quando aprontávamos qualquer coisa mais séria, gostava de convidar-nos para sair e passava, então, a relatar uma história, mais ou menos assim:

- Ah, meu filho, uma amiga minha tem um filho a quem ama demais. Imagine só que ela ficou sabendo, um passarinho veio e lhe contou, que o filho aprontou e fez isso, isso e isso...

E descrevia exatamente o que seu próprio filho tinha feito, como se fosse uma história de terceiros. Pai João lhe revelava muitas coisas a nosso respeito, tenho certeza, pois ela falava de situações que por vezes julgávamos não ser de seu conhecimento. Prosseguia:

- Essa amiga minha me pediu que desse a ela um conselho, mas, você sabe, sua mãe já está velha, de idade, meio caduca, e não sabe muito bem o que dizer a ela. Foi aí que informei a ela: Vou pedir a opinião do meu filho, porque o amo tanto quanto você ama o seu, e quem sabe meu filho, que é mais moderno, mais vivido, tenha alguma idéia de como fazer em relação ao seu?

Claro que logo percebíamos que estava falando da gente mesmo... Qualquer dos filhos desabava a chorar nessas horas. Depois da lição, insistia:

- Ô meu filho, que conselho dou pra minha amiga? Como você acha que ela deve se comportar em relação ao filho que ama?

Nós não tínhamos resposta. Entretanto, encerrava o passeio em clima de leveza e afeto, sem jamais se referir diretamente ao acontecido, não deixando assim margem para discussões ou justificativas. O objetivo era nos fazer raciocinar e refletir a respeito de nosso

gesto ou atitude, propondo a nós mesmos o problema, estimulando a inteligência na busca pela solução.

NÃO OBSTANTE A HABILIDADE DE MÃE, ÉRAMOS muito, muito levados, como relatei antes. Quando o diálogo não dava certo, Everilda Batista não era negligente, não perdia tempo para coibir o erro e aproveitar as oportunidades a fim de ensinar alguma coisa, deixar algum princípio impresso em seus filhos.

Certo dia, eu e um de meus irmãos - que atualmente reside em Governador Valadares - achamos grande quantidade de dinheiro na rua, perto de um telefone público. Sem pestanejar, o pegamos e viemos discutindo:

- Que vamos fazer? Nós achamos dinheiro! Vamos comprar bala? - propôs Luiz.

- Não, vamos levar pra mãinha! - como costumávamos chamá-la.

*Mãinha* é um jeito carinhoso de se referir à mãe, equivalente a mamãe, comum no norte de Minas e em quase todo o nordeste brasileiro.

Fizemos conforme combinado. Quando chegamos, perguntou ela:

- Que é isso, meus filhos?

- Ah, mãe, nós achamos um dinheiro na rua e trouxemos pra senhora - estávamos saltitantes, felizes, orgulhosos de podermos ajudar nossa mãe e, em

nossa inocência, agradar-lhe com uma boa surpresa.

- Mas vocês perderam esse dinheiro? - indagou novamente.

- Não, mãe! Nós achamos.

- Mas ninguém acha aquilo que não perdeu! - retrucou ela, já tratando de pegar um cinto de meu pai.

Em segundos, já batia em mim e em Luiz, saindo de casa para o meio da rua, obrigando-nos a percorrer o caminho de volta e devolver o dinheiro ao local onde o havíamos apanhado. No retorno para casa, puxava nossas orelhas enquanto dizia:

- Aprendam uma coisa, de uma vez por todas: só pertence a vocês aquilo que é fruto de seu suor. Ninguém acha aquilo que não perdeu.

114

---

115

Com efeito, nunca esquecemos a lição. Durante anos tive mágoa de mãe sem compreender seu objetivo nesse episódio, o porquê de uma reação tão dura. Bem mais tarde é que vim entender a lição de uma mulher que não perdia a oportunidade de transmitir algo àqueles que educava. Everilda não sabia ler nem escrever, mal desenhava o próprio nome, porém demonstrava grande sabedoria e firmeza de caráter ao ensinar que qualquer posse que viéssemos a ter na vida deveria ser produto do próprio trabalho. Tudo é conquista; assim é que se aprende a dar valor às coisas. Ninguém da família jamais alimentou, principalmente depois desse fato inesquecível, a pretensão do

dinheiro fácil, de ganhar na loteria... Isso nunca fez parte de nossa história, das cogitações de nenhum dos filhos. Trabalhar sempre, eis uma das principais lições que Everilda Batista deixou. Começamos todos desde cedo, dedicando o tempo e as energias a alguma coisa além dos estudos. A propósito disso, recordo-me de Everilda ter dito, no dia em que viria a desencarnar, antes mesmo de ir para o hospital:

- Filhão - como gostava de me chamar. - Não vou deixar nenhuma herança para vocês, porque vim pobre e retorno pobre, sem nada. Mas deixo honra e espírito de trabalho; isso é o que quis ensinar pra vocês.

No fundo, em seu último dia enfatizou o que havia legado de mais importante, pois não é verdade que tenha partido sem bens materiais. Com toda a luta, conquistou a casa, tal qual queria, após somente 10 anos morando em Governador Valadares. Incrível: ela concluiu a construção da casa própria como desejava, aos 50 anos de idade, cerca de 8 anos antes de desencarnar. É uma herança que a família ainda não soube aproveitar.

### **TRABALHAR É PRECISO**

É impressionante a trajetória até o completo erguimento dessa casa, um sobrado de dois andares no

Bairro Santa Helena, em Governador Valadares. Para construí-la, lidou com empecilhos que poucos estão dispostos a enfrentar.

No início de sua vida profissional, Everilda Batista trabalhou com peões, sobre o lombo do cavalo. Ainda em Ataléia, teve de aprender a montar, a atirar e tudo o mais, a fim de tomar conta do gado de um fazendeiro de muitas posses, político influente da região, bem no estilo dos coronéis de antigamente. Boiadeira, pegava animais no pasto normalmente, como os outros peões, e daí tirava o sustento dos seus. Na verdade, ainda solteira já era arrimo de família, ou seja, provia os meios de subsistência para os demais. Depois de casada, houve pouca mudança, pois meu pai, artesão da área de selaria, era acomodado. Apesar de reconhecido na profissão, seu serviço realmente era bastante sujeito a sazonalidades.

Da história de vida de minha mãe sempre transpareceu coragem: fazia o que fosse necessário diante das possibilidades que o meio oferecia. Alguns anos depois, acredito que antes de entrar na carreira escolar, pôs-se a explorar jazidas. Picareta em punho, Everilda subia morros nas redondezas de Ataléia, próximo a Carlos Chagas e Nanuque, a caminho da divisa com a Bahia. Numa época em que houve um *boom* de escavação na região, sobretudo de água-marinha e ametista, ela foi para a lavra e, com instrumentos

de trabalho pesados para uma mulher, extraiu pedras preciosas e semipreciosas. Com o dinheiro dessas gemas, comprou um terreno e construiu sua primeira casa. Foi essa a casa onde morou mais tempo em Ataléia: a terceira e última, onde nasci, que ficava na Rua Novo Cruzeiro, 104.

Na verdade, não sei precisar exatamente quando o trabalho na lavra se deu. Pode até ter sido em meio à época escolar, pois que chegou a ficar seis meses sem receber salário, devido à burocracia da Secretaria Estadual de Educação. Para se ter uma idéia da realidade da época, sua amiga Maria da Conceição Barbosa, a Nezinha, servente em Ataléia, com quem trabalhou de 1961 até 1969, afirma ter uma irmã e uma amiga que ficaram dois anos trabalhando até receber o atrasado e passarem a ser pagas em dia. Já pensou?

Como filho, ao analisar suas experiências após tanto tempo, não sei de onde tirava forças para enfrentar determinadas situações, sem jamais se acomodar diante das dificuldades econômicas, da origem absolutamente desfavorável, do ponto de vista sociocultural. Seu pai, conhecido como Domingão, era pistoleiro. Foi um dos três maridos de minha avó Maria - imagino a fama que ela tinha, pois, na época, mulher de mais de um marido era inaceitável, um disparate. Largou-a quando minha mãe tinha três, quatro anos de idade. Isso foi um dos fatores que levou minha avó

a mudar-se de onde Everilda nascera, uma localidade denominada Valão, pertencente ao município de Pote - que, como eu brinco, fica na na região metropolitana de Teófilo Otoni. Embarcaram na estação da maria-fumaça com destino a Carlos Chagas, distante aproximadamente 130km, para, em seguida, instalarem-se definitivamente em Ataléia.

A despeito de tudo isso, Everilda não perdia tempo nem energia reclamando; não colocou a culpa na família desestruturada nem no governo... Tão-somente trabalhou duro para sair da condição em que se encontrava e assim alcançou êxito ao criar os filhos do próprio ventre e os alheios.

Uma lição importante que esse espírito de fibra deixou para nós revela-se nas mais de três décadas em que trabalhou em escola pública, como servente e, depois, como merendeira escolar. Todos lembram daquela mulher que levantava 4h, 4h30 da manhã para colocar as coisas em casa no jeito e sair para a escola. Entrava às 6h, limpava as salas, em que havia ocorrido o turno da noite, para que quando as crianças chegassem, às 7h, estivesse tudo limpo. Durante a aula, fazia a merenda, servida no lanche. Por incrível que pareça, houve época em Ataléia em que havia 3 turnos de aula durante o dia, segundo conta sua ex-colega Nezinha: de 7 às 10h30, de 11 às 14h, de 14h30 às 18h, ou algo parecido.

Nesses mais de trinta anos, envolveu-se com

crianças, diretoras, professoras e pessoas ligadas à educação. Mesmo sem ter sido alfabetizada, nunca a ouvíamos pronunciar as palavras de forma errada, como seria de se esperar. Tinha a fala simples, sem tentar complicar, mas se expressava de maneira que todos entendiam e jamais denunciava sua pouca instrução. Transitava em meio aos profissionais da área - e entre vereadores, prefeitos e pessoas abastadas - com desenvoltura, sem envergonhar-se nem fazer feio. Meu pai ficava intrigado. Como podia falar um português correto, afinal? Ela mesma explicava:

- O segredo é só um: é só não tentar complicar! Se você simplificar, você fala certo; se tentar ser aquilo que não é, você cai do cavalo. Então, fico no meu lugar, falo o que sei, como sei, e dá certo. Agora, você fala errado porque quer falar como gente grande, sendo que você é pequeno. Aí você não consegue sustentar essa situação.

Em falas como essa, a mulher Everilda foi deixando a sua marca - autêntica - em nossas vidas.

**GARRA E PERSEVERANÇA SÃO CARACTERÍSTICAS** de Everilda que também nunca poderemos esquecer. Ao se aproximar dos 40 anos de idade, sentia que a pequena cidade rural de Ataléia já tinha lhe oferecido tudo. E queria mais, especialmente para seus filhos. Nunca se contentou em estacionar-se, acomodada diante do que

a vida lhe deu. Foi uma eterna inconformada - não rebelde ou revoltada -, que não perdia tempo murmurando; simplesmente arregaçava as mangas e ia à luta.

Pois é com esse estado de espírito que anuncia:

- Vamos nos mudar.

- De novo, Everilda? - reage o marido, incomodado. - Mas, desde que tirou as pedras na lavra, estamos bem nessa casa que comprou, grande como você sempre quis.

- Não, não é isso...

- Ainda bem. Não agüento mais mudança - respira ele, aliviado.

- Não é se mudar de casa; é mudar de cidade!

- De cidade? O quê? Enlouqueceu de vez?

- Bom, eu e meus filhos estamos indo. Se quiser vir conosco, venha. Se não...

Ele sabia que com a mulher não adiantava discutir. Desafiava tudo e todos: o marido e sua atitude de não ajudar em nada, já que não queria a mudança, bem como as estatísticas, uma vez que uma mulher de 40 anos, dada a expectativa de vida da época, estava mais para o fim da vida que para a maturidade... Para ela, no entanto, era hora de recomeçar.

Vende a casa, coloca os móveis sobre o caminhão e toma a estrada, naquilo que muitos viam como uma aventura maluca. Acredito que sua decisão não se deveu apenas à necessidade de oferecer aos filhos con-

dições de estudar - ali só havia até a 4ª série primária - e à possibilidade de maior cuidado com a saúde, o que por si só seria motivo suficiente. Afinal, Everilda conviveu com diversas doenças crônicas, principalmente dela e de sua mãe, e em Ataléia não existia hospital. Contudo, para mim, os espíritos tiveram grande influência em sua escolha, em virtude das questões relacionadas à minha mediunidade e à tarefa a desempenhar futuramente. A cada vez que reflito sobre os passos e as opções de minha mãe, alimento a convicção de que ela, discretamente e sem jamais pronunciar uma só palavra a respeito, apreendia ou intuía todo o planejamento dos Imortais com relação a mim. Como afirmei no início, acredito que ela fazia parte da equipe espiritual já antes de reencarnar... Não é possível explicar a lucidez de suas escolhas e intuições sem considerar esse fato.

Outro fator que me inclina a ver o aspecto espiritual como motivação é a quantidade de obstáculos que enfrentou, daqueles muito sugestivos da ação extrafísica por parte de quem intenta atrapalhar. Exatamente no dia da mudança, amanheço com febre. Tive muitas febres quando criança, mas, à medida que os 70km que nos separavam do trevo de Teófilo Otoni chegavam ao fim, a febre aumentava. Tinha sete ou oito anos de idade, mas me lembro vagamente de termos parado no trevo, em busca de outro caminhão, pois o

que nos levava quebrou. Recordo-me mais é da sensação, de angústia, desamparo, que ainda hoje me emociona. A mudança toda descarregada em pleno trevo, a chuva ininterrupta, Bá tentando achar espaço para mim debaixo da lona, o abrigo improvisado... E meu pai completando o circo:

- Viu? Falei que não ia dar certo, que era loucura se mudar de Ataléia nessa altura do campeonato!

Acredite ou não, Everilda não se deixou abater - como, não sei. Deixou-nos com a irmã de criação mais velha - a Maria ou Bá - e foi atrás de outro caminhão. Tão logo conseguiu, colocou todo mundo e a mudança dentro dele, e seguimos viagem. De Teófilo Otoni a Governador Valadares, na época a mais importante cidade fora a capital, são aproximadamente 130km. Segundo me confidenciou muito mais tarde, seus planos iniciais eram ir até Belo Horizonte. Para ela, Valadares era algo transitório. Pensava em ir dali a Juiz de Fora, que, em sua limitação de conhecimento geográfico, acreditava ser passagem obrigatória de quem sai de Valadares para a capital do estado<sup>23</sup>. Com efeito, estava certa, pelo

122

123

23 A cidade de Juiz de Fora, das mais importantes do interior mineiro, na verdade está a 448km de Governador Valadares - pelo caminho mais curto, que não passa pela capital bélo-horizontina. A rota é quase toda pela BR-116, na estrada para o Rio de Janeiro, pois Juiz de Fora é próxima à divisa do estado fluminense.

menos em determinado ponto: acabou conseguindo chegar à região metropolitana de Belo Horizonte, especialmente a partir de 1992, coordenando como espírito o trabalho da casa que leva seu nome.

Chegando a Governador Valadares, era preciso arrumar uma casa para dormir já naquela noite. A família não podia ficar ao relento. Novamente, saiu a procurar, todos na rua, junto da mudança, aguardando. Alugou um barracão, como se diz em Minas, uma casa de fundos com dois cômodos na Rua Iapu, 38. Nossa primeira residência na nova cidade era minúscula, com o pé-direito baixíssimo. Éramos nove ou dez pessoas, àquela altura.

De lá nos mudamos naquele mesmo ano. Em 10 anos, de 1969 a 1979, foram 10 casas diferentes. Todas partindo do mesmo princípio: adquiria um imóvel malcuidado, reformava - muitas vezes atuando como servente de pedreiro ela mesma, preparando a massa - e então revendia por um valor maior, com certo ganho. Até construir a casa definitiva, no Bairro Santa Helena.

Força de vontade e pensamento firme eram suas características. Numa dessas casas, no número 51 da antiga Rua 44, uma parede ameaçava cair.

- Dema - era o triste apelido de meu pai. - É preciso consertar a parede, que vai cair. Choveu demais e a calha não agüentou.

- Ah! Não, Bida - também não podia ser mais

feito o jeito que chamava minha mãe. - Amanhã a gente conserta. Coloco um pau pra escorar a calha e está resolvido - meu pai adorava soluções quebra-galho; ela, é claro, odiava.

Após insistir um pouco mais, sem resultado, ela se vira para Bá e diz:

- Bá, pelo amor de Deus, não toque nessa porta da cozinha amanhã cedo ao levantar! Não toque, que ela vai cair em cima de Dema.

Dito e feito. No outro dia cedo, todos acordam:

- Socorro! Socorro!

- É você, Bá? - pergunta ela.

- Não! Estou deitada. É o velho Dema!

- Ah! Bom. Bem-feito, velho preguiçoso. Fique aí, na cama, Bá. Também estou deitada e não vou levantar.

A idéia era ensinar algo para um "aluno" difícil, meu pai, que deixava absolutamente tudo para amanhã, para depois. Não que eu queira reforçar o estereótipo... Acontece que ele era baiano, baiano legítimo, de Jequié. E ia postergando a solução. Foi uma lição dura, mas que funcionou, além de impressionar pelo anúncio antecipado do fato.

Noutro momento, quando Everilda ia construir a décima moradia da família na cidade, a casa do Santa Helena, a prefeitura decide embargar a obra. Já tinha enfrentado o poder público de outras vezes, brigando por seu direito de aprimorar sua moradia. Dessa vez, rasgou

a notificação da Prefeitura na frente do fiscal, irritada. E determinada a não obedecer. À noite, colocou lâmpadas na obra, convocou pedreiros que queriam trabalhar e varrou a madrugada. Pela manhã, o fiscal retorna:

- Que aconteceu aqui? Essa obra foi embargada!

- Não sei, Seu Fiscal! - bem cínica, como só ela sabia ser, quando queria. - Era noite, estava dormindo. Agora está assim... O senhor vê como são as coisas, não é incrível?!

Usou desse expediente para concluir a casa, trabalhando à noite. Os fiscais acabaram por desistir, até porque ela era muito respeitada entre vereadores e ex-prefeitos.

Em um desses seus arroubos de intransigência diante das sanções públicas ao trabalho que desejava fazer com crianças - e que o governo não fazia, é preciso dizer - ela realizou uma visita ao então prefeito, cuja residência era na Rua Sete de Setembro. Peituda demais, bateu no portão; como já era reconhecida por sua fama reivindicadora, conseguiu entrar. Dirigia-se à porta, enquanto orientava a mim, que a acompanhava, que tirasse mudas do jardim para levarmos. Ao chegar, manifestou suas exigências, cheia de uma autoridade tirada não sei de onde, e arrematou:

- E se não autorizarem, venho com as minhas crianças todas aqui e arrancamos esse jardim inteiro pra levar de muda - D. íris, a então primeira-dama,

nem resistiu, pois conhecia sua obstinação.

Pobre, Everilda Batista nunca aceitou a mediocridade. Todo ano, por exemplo, fazia questão de pintar a casa. Não admitia passar o Natal sem a pintura, que renovava o aspecto do imóvel. Se a época era de vacas magras, comprava uma tinta mais econômica, mas não abria mão do intento. O mesmo fazia com relação às roupas. Não podia comprar o melhor, mas me recomendava: "Pobre tem que comprar coisa boa, meu filho, porque não pode comprar a toda hora. Por isso, na hora de comprar roupa, prefiro o linho, que não acaba nunca, sempre tem aspecto de novo e ainda ajuda nesse calor de Valadares".

126

---

127

E quanto à paisagem desanimadora do Santa Helena, um bairro novo, de periferia? Em vez de reclamar, ela agia. A parte mais feia era um afluente de rio malcheiroso, às margens do qual passava diariamente a caminho da escola, na bicicleta do filho, de carona - algo muito comum na cidade, que é muito plana. Comprou sementes de flores do campo, as quais jogava nas margens do rio durante o trajeto. Resultado? Em pouco tempo, as flores tomaram conta das margens do riacho, camuflando os dejetos e sobrepondo-se ao odor que era exalado.

E como gostava de trabalho! Quando Marcos Leão, um dos fundadores da Sociedade Espírita Everilda Batista, foi a Valadares pela primeira vez, chegou comigo

ao sobrado de manhãzinha, tendo ambos viajado de ônibus durante toda a noite. Era sábado, no entanto ela estava de pé. Recebe-o no portão, após abraçar-me:

- Que bom, meu filho! Então você é o Marcos, de que Robson tanto fala. \*

- É um prazer conhecê-la finalmente, D. Everilda.

- Deixe que levo sua bolsa pra dentro.

- Não precisa! Que é isso?...

- Não, meu filho, faço questão.

Ele permitiu, e, enquanto pensava em como agir, pego de surpresa com sua insistência, lá vem ela de dentro de casa, com balde e material de limpeza na mão:

- Aqui está meu filho - disse a Marcos, obstinada. - Pode começar a faxina limpando cada voltinha da cerca aqui do muro. Tudo limpinho, cada cantinho, hein? No fim, confiro se está caprichado.

- Mas...

Não havia como dizer não. Mal chegamos e ela o havia colocado no serviço.

Já era assim durante toda a minha juventude. Sábado pela manhã, então, era sagrado. Acordávamos e, ao pisar no chão, estava tudo molhado.

- Mãe, quem molhou o chão?

- Não sei, meu filho! Agora que está molhado, o jeito é lavar a casa toda, né? Que fazer?...

E assim começava o dia. Ocupava a todos com trabalho, ensinando a aproveitarmos o tempo com

algo útil e, ao mesmo tempo, prevenindo brigas, constantes em famílias grandes cheias de crianças e adolescentes que ficam ociosos. Além de sábado ser dia de feira, ainda era sua exigência nesse dia: as panelas deviam ser todas tiradas pra fora e, sujas ou não, deveriam ser areadas, isto é, polidas com esponja de aço. E como havia panelas em casa!... Casa grande, sempre cheia de hóspedes. Imagine que voltávamos da feira semanal com 15kg de tomate, 20kg de batata inglesa e assim por diante.

128

## ESPÍRITO DO LADO DE LÁ

129

Para nós, Everilda Batista é uma grande referência pelo volume de amor que deposita nas atividades que desempenha. Podemos até dizer que ela fica em segundo ou terceiro plano em meio aos espíritos que nos dirigem, porque permanece sendo aquela mulher simples e discreta que era quando encarnada. Não faz alarde, nenhuma questão de aparecer. Atua nos bastidores; sempre agiu assim - como se diz em Minas Gerais, *pelas beiradas*, como boa mineira que era. Gosta muito de se envolver com as crianças e mães que integram o Departamento de Promoção Humana da instituição. Ultimamente, tem participado com maior interesse das reuniões de desobsessão ou *evocação*,

conforme denominamos. É responsável por acolher aqueles espíritos cujo quadro emocional é mais delicado ou conturbado e, por isso, requer especial atenção.

Essa característica também a capacita a atuar com destaque em outra reunião: a de cartas consoladoras, em que recebo pessoas em busca de mensagens e notícias de seus familiares desencarnados. Everilda Batista é quem faz a ponte mais estreita entre os espíritos que pretendem escrever e o médium, tornando a comunicação medianímica possível e cuidando da parte mais "operacional" do transe. Todo o trabalho só ocorre, porém, com expressa autorização dos benfeitores espirituais. Cabe principalmente ao espírito Alex Zarthú determinar quais espíritos estão aptos a escrever e quais não estão, mas ela é que se encarrega de acolhê-los e estimulá-los na empreitada.

Ao tentar elaborar a mensagem que será transmitida ao familiar, é comum que o espírito enfrente sérios obstáculos. Em primeiro lugar, existe a dificuldade em conceber tanto a vida espiritual quanto a possibilidade de comunicar-se com os chamados vivos. O segundo aspecto é a falta de simpatia com o ambiente de um centro espírita, o qual desperta preconceito em muitos até hoje, que dirá naquele que pertenceu a gerações mais recuadas no século xx, como é o caso no mais das vezes. No que tange à subjetividade do candidato, registram-se as mais variadas reações ínti-

mas diante do desencarne, que costuma favorecer a avaliação da última existência, a revisão das escolhas pessoais, entre outros aspectos. Além disso, em quarto lugar, podem-se citar as emoções conturbadas do espírito, devidas ao calor do momento, que invariavelmente denotam seu grau de maturidade e a forma como viveu suas experiências até o momento. Frequentemente, a sensibilidade fica à flor da pele e vem à tona justamente na hora de dirigir-se ao parente. Ali, diante daquele que se ama, por vezes no primeiro reencontro após a grande viagem... Imagino que não há de ser fácil para ninguém que tenha saudades. E, com as emoções em sobressalto, o que ocorre não é novidade, basta ver os vestibulandos: de tanta ansiedade, na hora H, bem no instante da prova, são acometidos de um branco e esquecem tudo o que estudaram.

São, portanto, muitos os fatores que dificultam a escrita. Contudo, pelo que apontam os estudos da mediunidade, o maior desafio a superar é a falta de afinidade com o médium e de familiaridade com o processo da escrita mediúnica.

Sabemos pouco acerca de como a mediunidade acontece na arena extrafísica, ou seja, na mão contrária, partindo dos espíritos em direção aos encarnados. No entanto, é de se supor que adquirir destreza no exercício de tal faculdade na dimensão "astral deve ser análogo, ao menos em certa medida, à educação mediúnica

básica que temos do lado de cá. Se for assim, o processo pode se arrastar por anos a fio. Aliás, André Luiz<sup>24</sup> demonstrou isso claramente ao relatar, nos textos iniciais de *Os mensageiros* - meu predileto entre seus livros -, a preparação de médiuns no Mundo Maior. Comparo à alfabetização de uma criança, que vai desde o desenvolvimento da coordenação motora para pegar no lápis até a familiarização com os elementos da língua, que possuem grau de complexidade crescente: os símbolos a que denominamos letras, os fonemas, as diversas categorias de palavras, a construção frasal, até ganhar o sentido e a coerência que permitem organizar as idéias em um parágrafo com princípio, meio e fim. Na outra margem do rio da vida, o idioma é o pensamento, mas nem por isso há de ser menos complexo que aqui. Escrever usando as mãos, o psiquismo e o arcabouço cultural de outro ser pensante, convenhamos, não deve ser uma habilidade que se conquista da noite para o dia. Ainda mais assim, de supetão, como é exigido daquele que jamais psicografou e deseja enviar um recado àqueles que lhe são caros.

É aí que entra o coração de mãe, a condução maternal que vence todas essas complicações. Exatamente do modo como faríamos com uma pessoa que não

<sup>24</sup> XAVIER, Francisco Cândido. Pelo espírito André Luiz. *Os mensageiros*. Rio de Janeiro: FEB, 1944. 30ª edição s.d., caps. 3 a 13.

foi alfabetizada e deseja corresponder-se com alguém, Everilda escuta o que o espírito tem a dizer e converte suas idéias em palavras escritas sobre o papel, transpondo o véu que separa os dois lados da vida. Dá forma, estrutura e coesão ao pensamento e aos sentimentos do autor da carta. Para tanto, vale-se da identidade fluídica que tem comigo, o médium de que se utiliza, e do equilíbrio emocional que detém, importantíssimo na hora de superar as barreiras inerentes ao processo e comunicar-se com êxito.

É preciso lembrar que, se mediunidade é transmissão do pensamento, uma tarefa como essa, que ocorre diante do público, naturalmente está mais ou menos sujeita à influência de todos ali reunidos, que emitem, sem cessar, formas-pensamento e idéias impregnadas de emoções durante o transcorrer da psicografia. No fundo, todos participam de uma autêntica reunião mediúnica. O transe de modo algum se resume a uma relação entre o espírito e o médium, exclusivamente; muito pelo contrário, ela é permeável e ocorre em meio à atmosfera mental do ambiente, que é o resultado do tipo de pensamento ali elaborado ou a somatória das vibrações individuais. Apelos de saudade, súplicas e preces, pensamentos desconexos e sem ligação com o momento, vibrações de frustração, impaciência, cansaço, desânimo, desespero... Tudo isso deve ser transposto pelo espírito comunicante e por

quem o auxilia. As cartas, afinal, são chamadas consoladoras não é à toa. Quem ali está, em sua maioria, sofre com a ausência de alguém.

**LEMBRO-ME DE UM DOS PRIMEIROS EPISÓDIOS** de patologias espirituais complexas registrados nos anais da Casa de Everilda Batista.

Marcos não suportava ver Rodrigo, e em hipótese alguma dava as costas para ele. Rodrigo, jeito pacato, enfrentava situações vexatórias em virtude da implicância gratuita, sem causa aparente. Marcos, que nunca fora dado a agressões físicas, chegou a despejar uma estante repleta de livros sobre o outro, após aplicar-lhe uma sucessão de golpes. O caso atingira o ápice do desequilíbrio; ambos eram fundadores da instituição.

Em uma assembléia administrativa, que reunia coordenadores das duas dimensões da vida, Everilda Batista, com seu jeito um tanto maroto, indaga:

- Que brilho é este na nuca de Marcos?

Imediatamente Joseph Gleber, médico espiritual, um dos mentores da Casa, intervém. Everilda Batista, como quem não quer nada, tinha indicado a gênese do problema entre Marcos e Rodrigo. Localizara um aparelho parasita, implantado no sistema nervoso central.

Hoje encontramos facilidade relativa em detectar a presença desses instrumentos, através do desdobramento induzido. Altamente tecnológicos, elaborados

em laboratórios do astral inferior, tais aparelhos podem projetar imagens mentais poderosas em suas vítimas, possibilitando o domínio mental à distância, portanto sem a presença constante do chamado obsessor. Na época, entretanto, os médiuns desconheciam essas técnicas.

Como pôde Everilda identificar o artefato? Joseph Gleber revelaria, mais tarde, seu *segredo*:

- É que ela ama demais... e aprendeu a enxergar com as lentes do amor<sup>25</sup>.

As faces de Everilda - a mãe, a mulher e a mentora - estão caracterizadas no livro *Uma alma do outro mundo me fez gostar do meu mundo*. A primeira metade do livro fala da mãe e da mulher, num papo muito pessoal, num diálogo direto com o leitor, em que trata de afeto, elegância, sensibilidade: os aspectos femininos que todos precisamos resgatar em nossa personalidade. Na segunda metade do livro, vêm-se as orientações da mentora. São textos que ela escreveu ora admoestando os trabalhadores de sua casa, ora concitando os integrantes de sua família espiritual a conscientizar-se de seu papel perante as responsabi-

134

135

25 O trecho que relata a detecção do aparelho parasita, até este ponto, foi extraído, na íntegra, da introdução do livro *Uma alma do outro me fez gostar do meu mundo* (PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Everilda Batista. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 2004/2006, 3ª ed.).

**lidades** confiadas pelo Alto. São mensagens em que o espírito Everilda Batista fala por si ou, em muitas **delas**, é porta-voz de alertas e instruções diretas de outros benfeitores.

NO QUE DIZ RESPEITO À FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE espírita, recebi de Everilda Batista a orientação com a incumbência de inaugurar "uma casa no caminho", como costumavam dizer os benfeitores. Foi sua primeira psicografia, através do médium Francisco Cândido Xavier, no ano de 1989, em Uberaba, MG. Minha mãe desencarnou em outubro de 1988 e já no mês de janeiro de 1989 encaminhou essa mensagem.

Estava eu no Grupo Espírita da Prece, onde Chico realizava o trabalho da psicografia. Estava cheio, cheiíssimo como costumava ser, pois era um cômodo grande em relação à construção, mas muito pequeno se comparado ao necessário para acolher as centenas e centenas de pessoas, dezenas e mais dezenas de ônibus, de todo o país, que procuravam o médium de Uberaba nas noites de sábado. A maior parte dos visitantes ficava do lado de fora da casa, pelo jardim, tentando ver algo através das janelas. Naquela noite, porém, eu havia conseguido adentrar o recinto onde se dava a psicografia e até pude sentar-me num dos bancos - inteiriços, como os de igreja - que acomodavam algumas dezenas de privilegiados. Digo *privilegiados* porque assistir

ao Chico trabalhando, participar de uma atividade com ele era uma experiência realmente memorável.

O médium iniciava a atividade lá pelas 17 horas e ia noite adentro. Lá pelas 23 horas, quase meia-noite, já havia se esgotado meu "fôlego" para assistir ao trabalho. Estava cansado, sonolento e com fome e, além do mais, nunca tive mesmo a paciência entre uma de minhas virtudes. Aproveitei ter notado uma senhora de mais idade próxima à porta, de pé, e sinalizei para que viesse se sentar em meu lugar. Um dos assistentes do local a ajudou, de modo que vencesse o salão cheio para chegar até a mim, enquanto me esgueirava em direção à saída. Esse processo consumiu vários minutos, porque o salão estava mesmo lotado. Antes de cruzar o umbral da porta, no entanto, ouço a voz de Chico; enfim começara a leitura das cartas. Já estava de costas para a mesa que havia na frente, onde ele escrevia, mas minha atenção foi atraída imediatamente:

- De sua mãe, Everilda Batista, para seu filho, Robson Pinheiro - congelei ao ouvir a primeira frase.

Entre muitas coisas que disse, revelou que minha iniciativa de ceder o lugar à senhora fora fator decisivo para que lhe concedessem a autorização de escrever. Falou em servir - seu verbo predileto - e em como aquele fato demonstrava a importância de seu ensino de sempre: amar e servir.

Bem mais tarde, quando Everilda psicografou seu

primeiro livro, entendi que não havia sido apenas eu, com meu pequeno gesto, que tivera uma atitude solidária, a ponto de merecer apreciação por parte dos benfeitores. Lançamos a obra na festa de inauguração oficial da sede da Sociedade Espírita Everilda Batista, em 1997. Diz ela, no livro:

*Acomodei-me em determinado canto do pequeno salão, próxima de meu filho, que chorava muito com as emoções que experimentava por estar ali. Eu aflagava-lhe os cabelos, enquanto Matilde se dirigia para a mesa mediúnica, falando com o dirigente espiritual da reunião da noite. Recolhi-me em preces, rogando a Deus por aquela multidão que vinha em busca de algum consolo para suas mágoas, dores e sofrimentos.*

*Deixei meu filho sentado e dirigi-me para perto de um espírito que atendia algumas pessoas de maneira tão amorosa que, quando passava a mão sobre a cabeça de alguém, suave luz envolvia o seu assistido, causando-lhe imenso benefício. Pedi para auxiliar de alguma forma e fui imediatamente aceita na equipe de trabalho, ficando encarregada de ajudar as mães que vinham pedir notícias de seus filhos desencarnados. Fiquei imensamente satisfeita com a oportunidade que me fora concedida e pus-me a trabalhar. Era tanto por fazer que logo me envolvi inteiramente na tarefa que me fora confiada. O trabalho sempre fora para mim um motivo de alegria e, deste lado da vida, desde que despertei para a verdadeira vida, nunca me permiti um único momento de ociosidade.*

*Nesse- envolvimento com o consolo a outras mães desencarnadas, não vi o tempo passar, até que o meu nome foi pronunciado por elevado companheiro da Vida Maior, que orientava os trabalhos da noite.*

*- É a sua vez de mandar o seu recado - falou o amigo espiritual. - Aproveite e fale ao seu filho.<sup>26</sup>*

Como se pode ver, ela não ficou envolvida somente comigo, muito pelo contrário. Logo se preocupou em olhar ao redor e viu que havia serviço a realizar. Como sempre fez, aliás: nunca ficou de braços cruzados. Naquela noite em Uberaba ouvi, entre outras coisas, após anunciarem meu nome como destinatário da primeira carta a ser lida:

*Meu filho, gostaria que você me emprestasse as suas mãos para que eu possa vesti-las como luvas, afim de amparar os que caem, socorrer os aflitos e enxugar as lágrimas dos que choram. Gostaria de continuar a obra que eu desempenhava antes, através de suas mãos.*

A essência do que foi dito por ela não se resume à fundação de um centro espírita; é sobretudo um convite ao trabalho, a fim de dar continuidade a uma tarefa,

---

<sup>26</sup> PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Everilda Batista. *Caravana de luz*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 1997/1999, 3ª edição, cap. 2, p. 38-39. A obra citada encontra-se esgotada na ocasião do lançamento deste livro, contudo será relançada em edição inteiramente revista em 2009, com novo título, novo projeto gráfico e textos inéditos.

à tarefa que ela desempenhava. Assim, a casa que leva seu nome nasceu juridicamente em 22/11/1992; entretanto, a verdade é que a instituição representa o prolongamento da história que começa na pequena Ataléia, protagonizada pela mulher Everilda Batista. No primeiro capítulo, em 1948, assume o papel de mãe do bebê recolhido pelos irmãos e, já no início da década seguinte, implanta a Sopa do Zarur. Esse é o nosso DNA, essa é a nossa raiz, da qual nunca haveremos de nos afastar. Mais que tudo, a proposta apresentada naquela noite em Uberaba - exemplificada ao longo de sua reencarnação - é de natureza educativa, pois consiste em promover o ser humano, ajudando-o a conquistar dignidade. O ano de 1992 é um marco tão-somente por indicar a materialização desse projeto na realidade física de forma plena. Na nova etapa, alicerçado sobre os fundamentos espíritas, ganha novo significado e maior abrangência tanto com a fundação da Casa quanto, a partir daí, dos demais núcleos que compõem a Universidade do Espírito de Minas Gerais.

No que concerne aos aspectos operacionais, sempre procurei conduzir as instituições que fundei tendo como inspiração a maneira como Everilda empreendia sua atividade em Governador Valadares e em Ataléia. Para mim, ela é das maiores referências, com o jeito simples de fazer as coisas, ao mesmo tempo determinado e vigoroso, ainda que, a princípio, sem

nenhum recurso financeiro... Não obstante, a despeito de qualquer limitação, acreditava e provava ser possível realizar algo de útil, bom e valoroso. No âmbito filosófico, o compromisso com a doutrina espírita trazida por Allan Kardec sempre foi crucial - reiteradamente defendida pelos benfeitores desde o início, representados por Alex Zarthú e Joseph Gleber. Contudo, no pragmatismo do dia-a-dia é o exemplo que recebi de Everilda que aponta o caminho para contornar desafios e concretizar sonhos, até mesmo quando, aos olhos de todos, eles mais parecem alucinações. Encaro sua vida como fonte de inspiração justamente pela intimidade que tivemos, pela ligação visceral de alma a alma e por ter Everilda vivenciado o Evangelho, a grande bússola, no máximo de suas forças.

140

---

141

Quando abrimos a Casa, um dos pedidos a que o espírito Everilda Batista deu muita ênfase - mais tarde, sem o saber, o médium Chico Xavier o referendou em conversas particulares - é que a instituição fosse semelhante a uma casa de família, que não adquirisse jamais o jeito de um centro espírita, no aspecto convencional. Desejava ela que qualquer pessoa, ao entrar, tivesse a impressão de adentrar o lar de uma grande família. Até mesmo a construção deveria lembrar uma casa, e não uma instituição, em estilo casarão de fazenda, uma grande residência. Queria muitas flores, cor, alegria e aconchego; tudo vibran-

te, com gente que mantivesse bem vivo o sentido de família. Deveria ser um lugar onde todos pudessem se abraçar, se beijar e desenvolver esse contato humano com naturalidade. Dessa forma, a Casa de Everilda tem tal característica como marca registrada, e procuramos manter acesa a chama mesmo hoje, com mais de 120 voluntários atuantes. Os trabalhadores são muito carinhosos, cumprimentam-se com beijos e abraços. Estão sempre juntos, compartilhando as coisas boas e os desafios. Afinal, esse era o método adotado por minha mãe ao conduzir a família: era rigorosa na hora de chamar a atenção e intransigente em suas posturas éticas, mas também amorosa ao extremo. Conseguia aliar essas duas dimensões como ninguém. Quanto a nós... Bem, somos aprendizes matriculados em sua escola. Dirigir a casa espírita sem jamais perder a feição de família - eis o resumo de sua recomendação.

- Aqui eu vou pôr os meus filhos. Vou ser igual uma galinha - Everilda usava exatamente essa expressão, mesmo desencarnada. - Serei uma "galinhona" velha. Abrirei minhas asas, meu filho, e abrigarei meus pintinhos debaixo das asas; é isso que eu quero. Não quero que você faça uma construção semelhante a um centro convencional, como existe por aí.

Ao elaborar a planta original de construção da Sociedade, dirigi-me novamente a Uberaba, que fica a

485km da capital, a fim de submeter o esboço à apreciação de Chico Xavier. Era um sábado à tarde quando me recebeu rapidamente em sua residência. Naquela época, não conhecia ainda o médium Carlos Baccelli. Assim que entreguei o desenho ao Chico, ele arrastou as mãos por sobre o papel, pra lá e pra cá, como se estivesse lendo através do tato, sentindo o relevo dos traços... Olhou por mais alguns instantes e finalmente disse:

- Vá fazer um passeio lá no centro do Baccelli - disse ele. - Vá ao Lar Pedro e Paulo - que fica no bairro de Lourdes - e amanhã volte aqui.

Na ocasião, Baccelli já não mais freqüentava as reuniões na casa do grande médium de Emmanuel. Obedeci e fui ao Lar Espírita Pedro e Paulo, claro: era difícil ignorar um conselho do Chico. Demorei a chegar, pois o endereço é distante para quem vai a pé, num bairro mais retirado. Não sabia o que o Chico queria dizer e recorde-me de ficar, durante o percurso, elucubrando a respeito, a fim de compreender. Assim que entrei, uma coisa saltou aos olhos: a simplicidade. Observei atentamente ao redor e percebi o telhado colonial, pé-direito até muito baixo, o pessoal trabalhando na cozinha - a cozinha logo me chamou a atenção. Havia alguns livros expostos sobre uma mesa, um ou outro velhinho andando pelo pátio. Mirei aquilo tudo e pensei:

- Gente, que o Chico quer dizer com isio aqui, com o trabalho do Lar Pedro e Paulo?

Retornei à casa do Chico no domingo à tarde, conforme solicitara. Examinou novamente a planta do arquiteto, da qual muito me orgulhava. Consistia numa construção- de quatro andares, com um salão imenso. Chico enrolou o projeto, fixou bem no fundo dos meus olhos e disse:

- Tenha cuidado, meu filho. Em casa que muito cresce, o amor desaparece.

Tão logo se pronunciou, entregou-me o canudo e deu por encerrada a conversa, que mal havia começado.

O médium mineiro adorava esses ditos, frases como essa, com uma rima em geral simples, mas que revelavam grande sabedoria. Acredito que tantas de suas máximas sobreviveram e são repetidas justamente em razão disso: a forma fácil aliada ao conteúdo verdadeiro; a mesma fórmula dos ditados populares. Nunca pude esquecer aquele comentário.

Embarquei no ônibus com destino a Belo Horizonte perturbado com o que vira e escutara. Ao meditar sobre os acontecimentos do fim de semana, acabei por entender a mensagem que Chico havia procurado transmitir. O alerta era para ter cuidado e não fazer um *super centro*. Assim que cheguei do Triângulo Mineiro, promovi uma reviravolta completa nas decisões tomadas até ali, com relação às obras. Um centro espírita médio, na proporção de nossa instituição, já representa bastante trabalho e exige grande esforço

para sua manutenção, em matéria de recursos financeiros tanto quanto energéticos e humanos. Imagine se tivéssemos erguido uma casa de quatro pavimentos, conforme o ambicioso projeto original... Por certo o trabalho se tornaria sufocante, indo além de nossas possibilidades, especialmente naquele momento, quando a Casa dava os primeiros passos.

Confesso que hoje relativizo o conselho de Chico Xavier. Àquela época, funcionou. No entanto, lidamos na atualidade com o desafio de uma casa pequena para o número de pessoas que recebe e as atividades que realiza. Com a quantidade de gente que a procura, carecemos de espaço físico maior, e o crescimento não foi contemplado no projeto original. Por exemplo: temos cursos regulares com aproximadamente 350 alunos matriculados em 15 a 20 turmas, e cerca de 2 mil pessoas que freqüentam, semanalmente, a casa. A sede tem apenas um pavimento e meio, em virtude de ligeiro declive do terreno, num lote urbano de 360m. Em contrapartida, mesmo ao levar isso em conta, percebo aspectos importantes na recomendação de Chico, sobre fazer uma casa de proporções menores. Às vezes, há espíritas que se apressam em dizer que ele estava equivocado, em situações diversas, porém isso reflete o pensamento de um grupo que tende a criticá-lo por seu jeito meio caipira de fazer espiritismo. Na outra extremidade, há quem

abraça sua filosofia incondicionalmente. Como em tudo, a sabedoria reside no meio-termo.

Quem sabe seu objetivo não era dizer que, com a sede monumental desde o início, teríamos também, desde o ponto de partida, uma casa com problemas de dimensões análogas? Apesar do incômodo causado pelas reformas periódicas, de constantemente ter que novamente planejar o uso do espaço, adaptando, conciliando e aproveitando melhor, é possível que esse modelo apresente tremenda vantagem. O tamanho, o porte físico aumenta na medida exata da experiência e da sabedoria dos trabalhadores, que adquirem desenvoltura gradativamente. A expansão física se dá como consequência natural do aprendizado humano; a mudança externa resulta do movimento interno. A construção cresce e se aprimora de modo progressivo, como reflexo do ganho de maturidade - tanto no plano individual quanto no coletivo. Ademais, é um enorme estímulo à nossa inteligência, pois antes de passar à nova etapa, primeiramente devemos esgotar as possibilidades que a estrutura atual oferece. As experiências que os dirigentes acumulam com o tempo determinam, até certo ponto, o incremento das atividades por parte da equipe espiritual e, por conseguinte, a necessidade de ampliar as instalações. Ou seja, o desenvolvimento é concomitante com a caminhada espiritual.

Parece óbvio que, se você inaugura uma casa espírita enorme desde a abertura, os problemas já nascem do mesmo tamanho. Mas o que dizer dos dirigentes? Será que estariam maduros o suficiente para administrar preocupações desse porte? Quanto a nós, certamente não estávamos. Se você começa pequeno e, aos poucos, vai avançando, o processo é evidentemente diferente.

Isso me leva a crer que tanto Chico Xavier quanto Everilda Batista, ao frisar que deveríamos manter as características familiares, insistiram para avançarmos com calma, um passo de cada vez, sem atropelar etapas. Em essência, queriam dizer o mesmo: "Olha, meu filho, você não está preparado, ainda, para administrar uma obra desse tamanho. Então, permita-se crescer gradualmente; dê tempo ao tempo".

Ao longo dos 16 anos de atividade da Sociedade Espírita Everilda Batista, completados em 2008, ano em que lançamos este livro, me pego a imaginar. Na hipótese de termos permanecido com a construção estática, ocupando-a paulatinamente, isso em nada refletiria a realidade íntima dos trabalhadores envolvidos, tampouco o dinamismo que imprimimos ao trabalho como um todo. Na Casa, nós, os trabalhadores, temos como uma das características a necessidade constante de modificação, de mudança, de aprimorar tanto a tarefa como as dependências que nos envolvem. Isto é: queremos

ver no ambiente à nossa volta alguma correspondência com o panorama íntimo, em incessante revolução.

Em suma, depois de toda essa digressão, alguém poderia, de maneira bem sucinta, afirmar que a razão para tantas obras é simples, é uma só: denomina-se Síndrome de Everilda Batista. É a sina de tê-la como mentora! Dez casas em dez anos: já pensou o que é isso?

## A MELHOR ÁGUA-DE-COCO DO MUNDO

Everilda Batista desencarnou após grande sofrimento, no que tange à saúde. Jamais ela usaria a palavra *sofrimento* ao se referir ao seu incômodo, mas não há outro nome para descrever as complicações severas que apresentava. Muito do que fez foi a despeito das noites maldormidas, da tremenda dor no peito - fiel companheira das noites e mais noites que atravessou recostada na poltrona por não agüentar se deitar, devido à intensa falta de ar que a acometia em crises regulares. Como ficaram fundas, cravadas na minha memória aquelas madrugadas... Meu quarto era o último dos quatro que havia no sobrado em Governador Valadares, ao passo que o seu era o primeiro, aquele cuja janela dava para a rua, na frente da casa. Ao menor suspiro, imediatamente eu pulava da cama e em fração de segundos estava a seu lado. Isso porque ela

nunca reclamava, em hipótese alguma; não me recordo de uma só vez tê-la ouvido praguejar a respeito de sua situação e dos desafios que enfrentava. Resultado: quando ela enchia o peito de ar e deixava escapular um ligeiro gemido, uma expiração audível, eu já sabia: era hora de sair depressa, em direção ao hospital, pois estava no auge da dor. Vivemos inúmeras vezes essa rotina, tanto que acabou se aposentando por invalidez, devido ao problema respiratório.

Quantas viagens fizemos por causa dos tratamentos de saúde! Aliás, eram as únicas que fazíamos. Belo Horizonte, Ipatinga... Até ao Rio de Janeiro, que está a uma distância aproximada de 600km, fomos numa dessas vezes.

148

- Bida, quero ir ao Rio com vocês, para conhecer a cidade - manifestou-se meu pai. - Vocês não vão sem mim de jeito nenhum.

149

- Mas, Dema, o dinheiro está tão curto... Como iremos nos manter os três naquela cidade? - eu sempre acompanhava minha mãe em suas peregrinações de saúde, desde novo. - Mal podemos pagar a passagem de ônibus!

- Ah! Não quero nem saber. Eu vou junto.

Minha mãe também sabia ceder. Levou o marido a tiracolo, que cumpriu o quê havia prometido. Conforme era seu objetivo, já na Av. Presidente Vargas, pertinho do terminal rodoviário Novo Rio, distanciou-

se de nós a fim de "conhecer a cidade", e nos perdemos dele. Minha mãe, doente, bastante debilitada, e eu, com 14 ou 15 anos, numa cidade completamente estranha a ambos. Tive de deixá-la em um posto policial e sair à procura dele. Mas qual a probabilidade de achar alguém assim, a esmo, no centro do Rio?

Quem já se viu encurralado em circunstâncias como a que estávamos e, aflito, recebeu ajuda de espíritos discriminados exclusivamente em razão da conformação espiritual de que se revestem ao se apresentar aos médiuns, não tem como não refletir sobre o preconceito. Ao menos nos círculos espíritas mais conservadores, que celeuma "dos diabos" acontece quando se fala em exu, ciganas ou bombonjiros<sup>27</sup>. Quanta ignorância! E do pior tipo: a que não quer se esclarecer, por puro prejulgamento. Confundem quiumba - espírito delinqüente - com exu, o guardião da ordem e da disciplina. E, o que constitui lugar-comum na história brasileira desde as missões jesuíticas, tais

<sup>27</sup> Para saber mais a respeito desses espíritos, recomendamos enfaticamente a leitura dos livros *Tambores de Angola*, *Amanda e Legião*, todos já citados aqui (PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Ângelo Inácio. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, ed. originais em 1998/2006, 2004 e 2006, respectivamente). Neste último, a nota de rodapé 16, na página 139 (cap. 3), presta relevante esclarecimento sobre as variantes do termo *pombajira* ou, mais corretamente, *bombonjiro*.

peças contribuem para demonizar o *exu*. Pior: citam fontes pretensamente eruditas para defender seu posicionamento, sem se dar ao trabalho sequer de consultar alguma autoridade em cultura negra ou africana<sup>28</sup>. A lógica equivale a perguntar ao engenheiro sobre medicina - e tomar o remédio prescrito - ou a consultar um advogado sobre culinária por causa de suas credenciais no âmbito do direito. Curioso é que os próprios espíritas nos sentimos injustiçados ao ser alvo de críticas da parte de "especialistas" que se aventuram em falar de mediunidade e espiritismo sem jamais lhes ter estudado os pormenores...

Pois é naquela hora de aperto, perdidos na zona portuária, a porção menos maravilhosa do Rio de Janeiro, que deparo com uma mulher bonita, bem arrumada e nada discreta, voluptuosa até, que agita seu leque e olha-me penetrante, medindo-me de cima a baixo:

150

151

28 Parece justo afirmar que a maioria, senão todas as culturas em que predomina o traço oral foram altamente difamadas e vilipendiadas no processo de aculturação por parte das civilizações que as conquistaram, ao menos desde a Grécia e o Império Romano, para ficar apenas no mundo ocidental. Esse processo parece ter se acentuado a partir da popularização da imprensa, que facilitou o acesso às fontes escritas, emprestando-lhes novo valor - e poder. O sucesso da prensa tipográfica de Gutenberg é contemporâneo das chamadas Grandes Navegações e do que se convencionou chamar de Revolução Cultural - ou seja, ocorre nos

- E então, *gajo?* - pronunciou com forte sotaque espanhol. - Não sabes *adonde* ir? Siga-me, que vou mostrar-te *lo camino* até *su padre*.

Estupefato, é óbvio, eu a segui imediatamente!  
Que alternativa?

Há quem se assustará e, ao ler minhas linhas, será tentado a dizer: "Que espírito inferior! Preocupado com as coisas da matéria, prestando-se ao papel de guia...". Sabe? Sou muito, muito grato a espíritos justamente assim, *apegados à matéria*. Sem eles, a segurança de nosso trabalho se comprometeria, e grande volume de obstáculos, bem materiais, provavelmente prevaleceria. Evidentemente, os exus efetivamente comprometidos com a ordem trabalham sob a coordenação de guardiões mais esclarecidos. O que não dá para imaginar é Bezerra de Menezes montando guarda na porta de uma casa espírita... Cada um com seus talentos, por favor.

séculos xv e xvi. Ao dominar povos de tradição oral, as "sociedades escritas" sobrepujam-se àqueles e, com certo ar de superioridade, relegam o saber oral ao segundo plano; deturpação e discriminação são subprodutos naturais. Para comprovar isso, basta examinar a visão que ainda hoje resiste sobre povos que foram colonizados, como o indígena ou o africano, bem como acerca da cultura cigana. Felizmente, a sabedoria popular tratou de preservar muitos conhecimentos através dos tempos, que hoje ganham as páginas impressas e - será por isso? - começam a ser reconhecidos com o *status* de soberania que detêm as demais culturas.

Fato é que a cigana levou-me até meu pai. Encontrei-o bem junto ao porto. Nunca soube o nome dela, apenas recordo que trajava um vestido esvoaçante, nas cores verde e preta. Antes de se despedir, ainda me indicou o ônibus que deveria tomar para ir ao hospital. Minha mãe ficou internada por três dias no Rio, fazendo diversos exames.

Para instigar ainda mais, conto outro caso inusitado envolvendo os exus. Ainda em Valadares, noutra época, quando possuiu um fusca, mãe sentia-se muito mal. Meu pai estava ausente, e táxi nem fazia parte de nossas cogitações... também eles não existiam com a facilidade de hoje em dia, ainda mais no interior. Não sei dizer como ocorreu exatamente, sei que fiquei tão aflito que, quando dei por mim, adentrava com Everilda no hospital da cidade. Deslocara-me até ali de carro, do que me certifiquei já no estacionamento. Segundo o próprio autor da peripécia - o Exu das Sete Encruzilhadas ou apenas Seu Sete<sup>29</sup> - revelou-me naquele dia, ele assumiu meu psiquismo através da mediunidade e guiou o carro até o hospital. É claro que cometeu

152

153

29 Para mais informações sobre esse espírito, reportar-se ao capítulo do livro *Aruanda* que, numa espécie de entrevista, trata exclusivamente de sua história pessoal e cuida de dirimir as dúvidas sobre o papel da controversa figura denominada *exu* (*op. cit.*, cap. 9: "Sete, o guardião das sombras").

uma contravenção. Ou várias: eu não era nem maior **de** idade! Contudo, salvou minha mãe. Foi das piores crises que ela teve e, dado nosso desespero e a ação incomum do espírito, presumo que corria sério risco, porque os espíritos geralmente não nos impedem de viver as experiências drásticas que muito nos podem ensinar. Em resumo: minha gratidão a esse grupo de espíritos é descomunal. Defendo sua presença e sua contribuição onde quer que seja, e afirmo que eles têm nos sustentado as iniciativas confiadas pelo Alto.

**ÀS VÉSPERAS DE SEU DESENCARNE, EVERILDA** permaneceu uma semana em Ipatinga, na casa do primeiro filho adotivo, Pascoal. Durante esse período, procurou se aproximar da esposa dele, que não gostava de minha mãe, por quem nutria uma inimizade há anos. Já no leito, com a saúde bastante debilitada, tratou de fazer as pazes com Lúcia. Quando seu quadro tornou-se mais crítico, chamou a mim e à filha Marvione, entre os familiares que ali estávamos.

- Filhos, estou louca para beber água-de-coco.
- Claro, mãe, já vamos pegar pra você - eu já ia saindo em direção à rua para comprar quando ela me fez dar meia-volta.
- Não, meus filhos. Quero da água-de-coco de Valadares, que é muito melhor. Vocês dois vão lá pegar pra mim.

- Mãe! Mas são quase duas horas daqui até lá, a senhora sabe! Só pra trazer água-de-coco?

- A daqui também é ótima - interveio a irmã.

- Vocês vão negar o pedido de uma mãe moribunda? - ela sabia ser chantagista quando queria... tipicamente maternal.

Apenas acenamos com a cabeça, um tanto a contragosto, mas sem ter o que dizer, e partimos em direção à rodoviária. Lá chegando, embarcamos na viagem mais longa de nossas vidas. Ela insistira para que fôssemos ambos, eu e Marvione. Não abriu mão disso.

Antes mesmo de descermos do ônibus em nossa cidade, intuitivamente, soube que sua condição já tinha piorado.

- Nossa mãe acaba de ser internada - anunciei. - Ela vai desencarnar hoje.

- Que é isso, mano?

- Pode acreditar. Vamos telefonar pra Ipatinga imediatamente.

Nessa hora, não sei como, mantive a calma. Sempre tive essa reação nas horas graves; deixo para desabar depois da tempestade. No primeiro telefone público - vale lembrar que o ano era 1988 - recebemos a confirmação. Tomamos o ônibus no sentido contrário imediatamente, cientes de que ela tinha, propositadamente, afastado os dois filhos mais ligados a ela naquela hora grave. Ao chegar de volta a Ipatinga, fomos

direto ao Hospital Márcio Cunha. Não pudemos vê-la, no entanto. Estava no cri.

Telefonei em seguida para Marcos Leão, em Belo Horizonte, e pedi que viesse, pois sei quanto a amava. Ele partiu naquele mesmo dia às 18 horas; próximo à meia-noite, fui esperá-lo na rodoviária.

- Ela está bem?

- Sim. Está tudo bem. Vamos pra casa dormir e amanhã cedo iremos até o hospital.

Na manhã seguinte, acordei Marcos e o informei do desencarne. Dez minutos antes de ele chegar a Ipatinga, Pascoal passara de carro pela rodoviária, com toda a família a bordo.

- Ela desencarnou, não foi? - antecipei-me.

Apenas assentiram. Minutos antes, vi algo como uma borboleta muito brilhante voando, batendo as asas lentamente e desaparecendo no céu. Sabia: era ela. Nossa mãe efetivamente havia partido para a pátria espiritual. Havia nos deixado. Ela, a massa que dava liga a toda a família...

No dia seguinte, Marcos questionou indignado:

- Por que você não me disse que ela já tinha desencarnado?

- Você perguntou se ela estava bem, e respondi a verdade. Não adiantaria mais nada. Aconteceu pouco tempo antes de você chegar.

Estive pessoalmente à frente dos arranjos dessa

hora, desde a liberação do corpo no necrotério até o enterro, passando pelo traslado até Governador Valadares e o funeral. Fiz, conforme a vontade dela, uma despedida sem tons de morbidez e com a máxima alegria possível. Estava elegante no caixão, como desejava, sem perder a pose - nem o salto<sup>30</sup>. Expulsei as carpideiras e alguns parentes distantes, que só chegam para rezar ladainhas e trazer aguardente.

- Minha mãe nunca bebeu e detestava essas lamúrias católicas! - gritei, atirando as garrafas no meio da rua.

Caravanas e mais caravanas vieram para seu enterro. Eram quilômetros de carros e centenas de pessoas que vinham de Ataléia e de toda a região ao saber de seu falecimento. Gente e mais gente que não conhecíamos, que descobrimos; uma a uma tinha sido ajudada por Everilda Batista em momentos graves e vinha prestar seu tributo de gratidão.

Tudo encerrado, meu pai e meus irmãos resolvem fazer a loucura de mudar-se para Ipatinga. Afirmaram não mais suportar continuar vivendo na mesma casa, agora sem Everilda. Foi necessário alugar dois imóveis: um defronte à residência de Pascoal, apenas para guar-

30 No livro *Uma alma do outro me fez gostar do meu mundo* (op. cit., cap. 19) Everilda Batista explica o porquê de seu pedido inusitado, ao menos para ela, de estar arrumada e maquiada na hora de seu funeral.

dar os móveis, que levaram todos, e outro para morar. Passada a euforia, vi-me sozinho em Valadares, com a casa vazia. Até Marcos tivera de partir, pois precisava voltar ao trabalho. Eu já estava fixado em Belo Horizonte há alguns anos, mas resolvi ficar ali por um mês ou dois, até terminar de cuidar dos detalhes legais. Nessa hora, chorei. Chorei copiosamente a morte de minha mãe e a saudade que sentia a apertar o peito.

Oito meses mais tarde, estava com as finanças, que nunca foram meu forte, bem abaladas devido a dívidas assumidas quando do enterro. O tempo em Governador Valadares, sem trabalhar, comprometeu nossa renda. Àquela época, minha subsistência era fruto do trabalho como terapeuta holístico, e Marcos, com quem dividia o aluguel, também era autônomo: trabalhava com bijuterias. Numa das idas a Valadares naquele período, recebi um telefonema e a visita de uma mulher, que dizia ter uma encomenda para mim. Discretíssima, falou apenas:

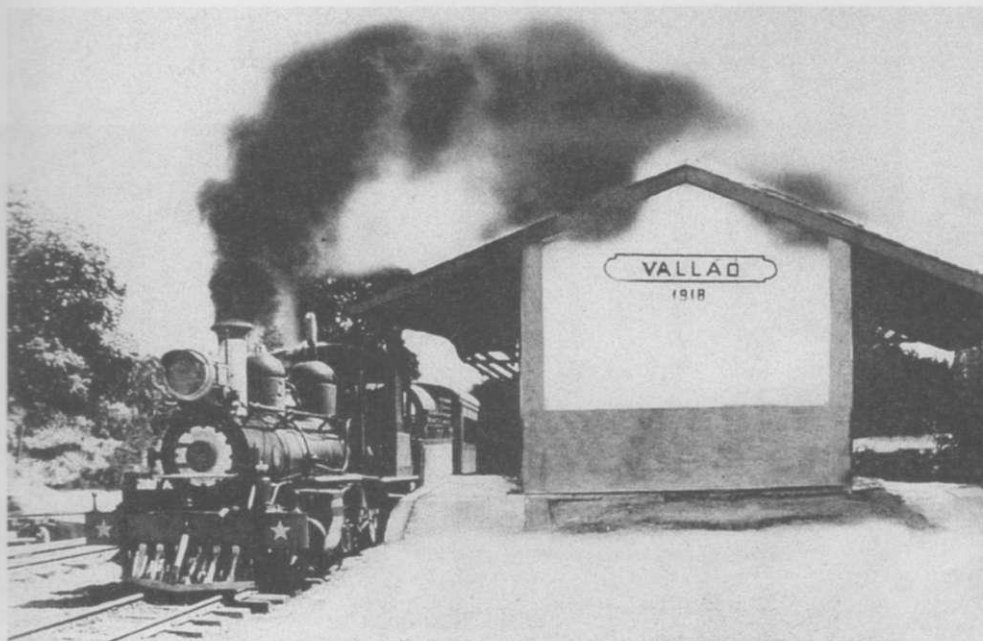
- Everilda mandou guardar isso e entregar pra você oito meses depois de sua morte. Disse que você estaria passando necessidade.

No envelope, uma quantia que efetivamente me tirou do sufoco. Um valor considerável, para meu nível de renda e, principalmente, para o de minha mãe: quitei as dívidas e ainda vivi do dinheiro por um mês ou mais. Era inacreditável: ela lhe tinha deixado uma in-

cumbência prevendo meu próprio aperto após sua morte! Como pode?!

Só então fui descobrir quem era aquela senhora da mais alta confiança de Everilda Batista. Assim como mais umas 20 mulheres, era uma das revendedoras de produtos de porta em porta que trabalhavam sob a coordenação de minha mãe. Comercializavam painéis e utensílios domésticos no estilo bem típico do interior - que sobrevive até hoje, mesmo nos grandes centros -, isto é, tocando campanhas e vendendo fiado. Elas tinham uma profissão e uma fonte de subsistência, pois eram comissionadas, e Everilda garantia renda extra para manter sua enorme família e as obras sociais que realizava. O mais impressionante, entretanto: por anos a fio, fez isso em segredo. Como conseguiu manter oculta a atividade durante tanto tempo? Não sei. Fato é que nem sequer desconfiávamos da situação.

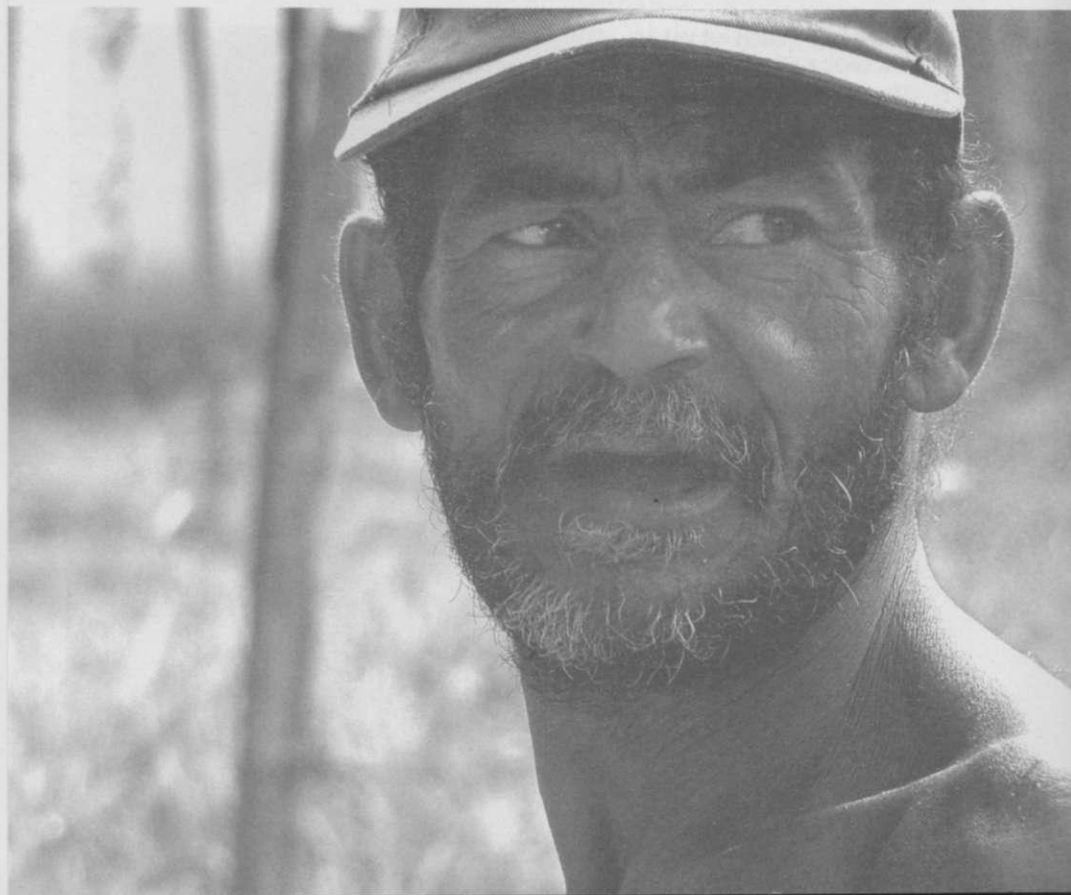
Esse trabalho inspirou O espírito Pai João a orientar um projeto denominado Meninas Gerais. Trata-se de um modelo de educação voltado para a cidadania, para O resgate do valor da cultura, do trabalho, da beleza e das habilidades domésticas, envolvendo senhoras e donas de casa em atividades diversas: mulheres simples, como ela, batalhadoras do dia-a-dia, que redescobrem quanto podem e sabem fazer por meio do aprendizado de um ofício, entre muitas outras coisas.



**ESTAÇÃO DE TREM EM VALÃO,  
À ÉPOCA EM QUE A MENINA  
EVERILDA BATISTA EMBARCOU  
NA MARIA FUMAÇA DE MUDANÇA  
PARA CARLOS CHAGAS E, DE LÁ,  
ACABOU FIXANDO-SE EM ATALÉIA.  
AO LADO, O ASPECTO ATUAL DA  
ESTAÇÃO, QUE SE TORNOU POSTO  
POLICIAL, E O NOME DA ESTRADA.**

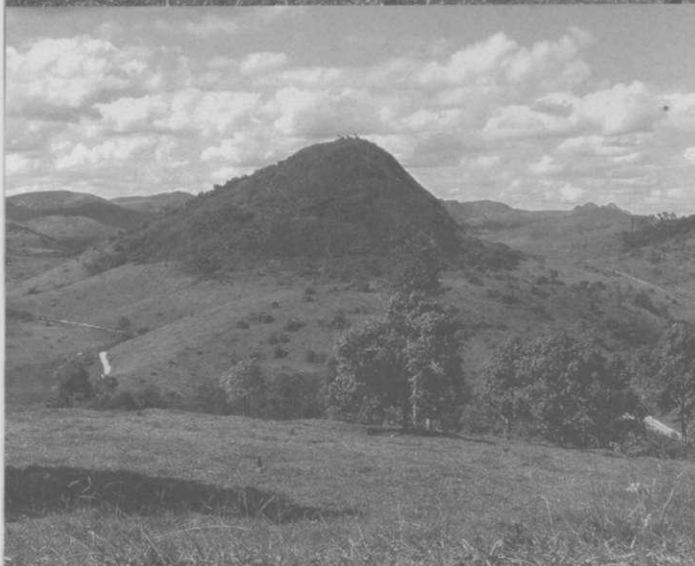
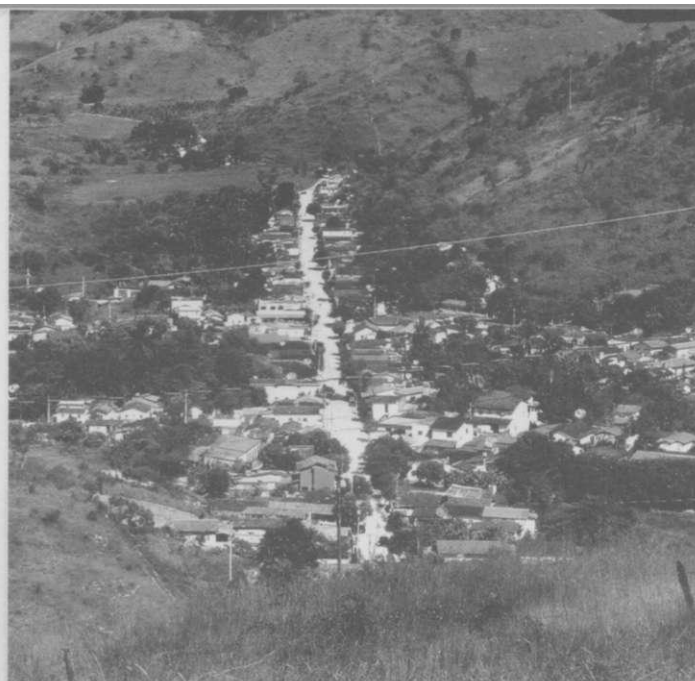


CONSTRUÇÃO ORIGINAL DA ÉPOCA  
EM QUE EVERILDA BATISTA NASCEU,  
NA DÉCADA DE 1920. VALÃO JÁ ERA  
DISTRITO DE POTÉ, MUNICÍPIO QUE  
CONSTA DE SUA CÉDULA DE IDENTIDADE.  
ADILSON, SEU SOBRINHO, FILHO DE LUCI  
BATISTA OU TIA PRETINHA.

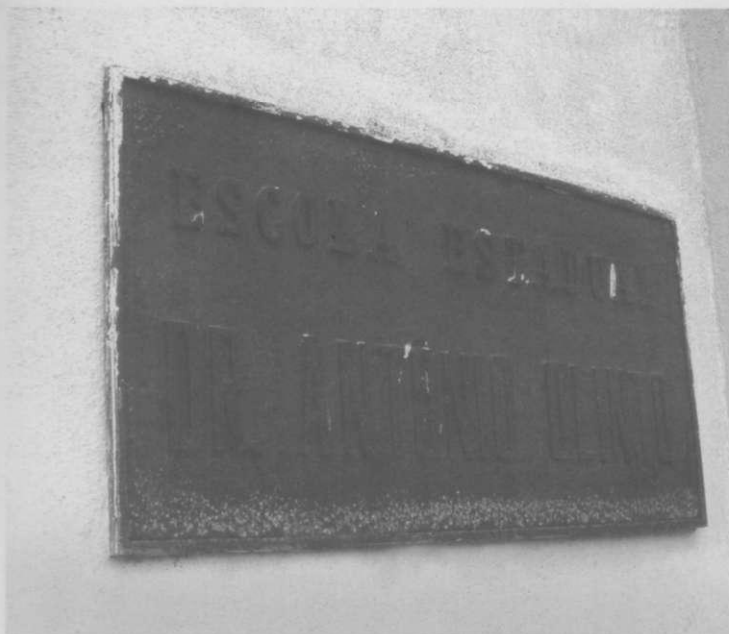


**DOIS ÂNGULOS DA CASA QUE  
PERTENCEU A UMA AMIGA DE  
DINHA OU IA. NUMA VISITA,  
ESTA SENTIU CONTRAÇÕES  
E ACABOU DANDO À LUZ  
EVERILDA BATISTA ALI MESMO,  
EM 29/11/1929. A LOCALIZAÇÃO  
FOI REVELADA PELA PRÓPRIA  
EVERILDA, ESPÍRITO, QUE  
APONTOU A SEU FILHO O  
LUGAR ONDE NASCEU.  
PAISAGEM NA ESTRADA QUE  
LIGA TEÓFILO OTONI A ATALÉIA.**





**VISÃO PARCIAL DA  
CIDADE DE ATALÉIA NO  
ANO DE 2007.**  
AS BELAS MONTANHAS  
NOS ARREDORES DE  
ATALÉIA, VISTAS A PARTIR  
DO PONTO MAIS ALTO DA  
CIDADE, UM CAMPO DE  
POUSO PARA PEQUENAS  
AERONAVES.



**A PLACA DA FACHADA E O PÁTIO DA ESCOLA ESTADUAL DR. ANTÔNIO OLINTO, A ÚNICA EXISTENTE EM ATALÉIA DURANTE O PERÍODO EM QUE EVERILDA NELA TRABALHOU, A PARTIR DE MEADOS DA DÉCADA DE 1950.**

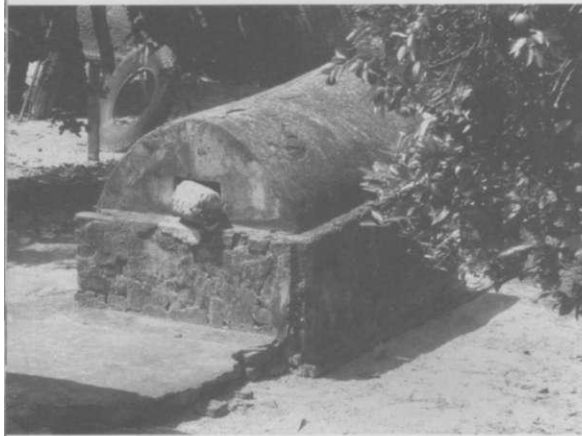
O PORÃO DA CASA EM ATALÉIA, ONDE A MÃE DE ROBSON SERVIA A SOPA DO ZARUR DIARIAMENTE A 58 CRIANÇAS. PARECE TER PARADO NO TEMPO O BAR ONDE O IRMÃO ADOTIVO PASCOAL ALVES PEREIRA FOI ABANDONADO COM POUCO MENOS DE UMA SEMANA DE VIDA. EMBRIAGADOS, AGNALDO E ERASMINO ACHARAM QUE UM RECÉM-NASCIDO SERIA UM BOM PRESENTE ANTECIPADO DE CASAMENTO PARA SUA IRMÃ, EVERILDA, ENTÃO COM 19 ANOS.



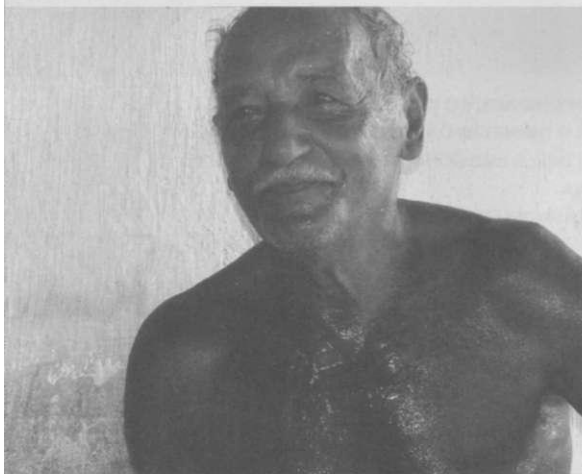


**VISTA ATUAL DO PRIMEIRO IMÓVEL DE PROPRIEDADE DO CASAL EVERILDA E ADELMÁRIO, EM ATALÉIA. ADQUIRIDO COM O DINHEIRO DA VENDA DE GEMAS QUE ELA MESMA EXTRAIU NA LAVRA, FOI ONDE DEU À LUZ ROBSON. FACHADA, ASPECTO LATERAL E DETALHE DO POÇO OU CISTERNA.**

**ELE AÍ MOROU ATÉ COMPLETAR 8 ANOS DE IDADE; NUMA DESTAS ÁRVORES, CONHECEU O AMIGUINHO ZEZINHO, SEM SABER QUE SE TRATAVA DE UM ESPÍRITO.**



**FORNO DA CASA NA RUA  
CRUZEIRO, EM ATALÉIA,  
ONDE NASCEU. NELE, A  
MÃE PREPARAVA IGUARIAS  
REGULARMENTE E EM  
GRANDE QUANTIDADE.  
A SERVENTE ESCOLAR  
NEZINHA, COLEGA DE  
EVERILDA BATISTA NA  
ESCOLA DE ATALÉIA,  
SORRI AO LEMBRAR DA  
AMIGA, QUE PREPAROU  
OS QUITUTES DE SEU  
CASAMENTO. HENRIQUE,  
MARIDO DE TIA PRETINHA,  
ÚNICA IRMÃ DE EVERILDA.**





A IRMÃ MARVIONE, ENTÃO COM 4 ANOS,  
A AVÓ DINHA E A MÃE, EVERILDA BATISTA, ÀS  
VÉSPERAS DE COMPLETAR 40 ANOS, OCASIÃO  
EM QUE RESOLVE MUDAR-SE DE ATALÉIA.



**O CASAL ADELMÁRIO E EVERILDA ENTRE OS FILHOS MAIS VELHOS, LUIZ E JOSÉ. EM SEGUIDA, EVERILDA BATISTA NA LAVRA, EXATAMENTE NO CENTRO, APOIADA SOBRE O BRAÇO, CERCADA PELAS DEMAIS MULHERES QUE TENTAVAM A SORTE NA EXTRAÇÃO DE PEDRAS.**

**ABAIXO, NOVAMENTE ELA ESTÁ NO CENTRO, DE BRANCO. DE PÉ, SUA MÃE E INÁCIA JARDIM, MÃE DE BÁ, DE CABELOS SOLTOS. AGACHADOS, UMA FAMÍLIA QUE EVERILDA AUXILIAVA E OS FILHOS SILVANA, MARVIONE E JOSÉ.**

**EROTILDES OU SIMPLEMENTE  
TIDA, ESPOSA DO TIO, AGNALDO.  
RESIDENTE EM TEÓFILO  
OTONI, É ELE O IRMÃO MAIS  
VELHO DE EVERILDA, O QUAL  
A PRESENTEOU COM O BEBÊ  
DEIXADO NUM BAR DE ATALÉIA.**





**EMOCIONA-SE AO REVER  
O TREVO EM TEÓFILO  
OTONI E CONTEMPLAR  
A ESTRADA QUE LEVA A  
ATALEIA. A PLACA MARCA  
70KM DE DISTÂNCIA. EM  
1969, AOS 8 ANOS DE  
IDADE, FEZ A VIAGEM  
NA MÃO CONTRÁRIA.**

**EXATAMENTE ALI,  
JUNTO DA FAMÍLIA E  
ARDENDO EM FEBRE,  
AGUARDOU POR UM  
CAMINHÃO QUE PUDESSE  
RETIRAR A MUDANÇA  
DA CHUVA E LEVÁ-LOS  
ATÉ GOVERNADOR  
VALADARES.**



**O IRMÃO ADOTIVO AOS 58 ANOS DE IDADE. PASCOAL FOI O PRIMEIRO FILHO DE EVERILDA BATISTA.**

ARLINDA TEIXEIRA, A "TIA" LINDA, FOI QUEM INICIOU ROBSON NO CONHECIMENTO DA DOUTRINA ESPÍRITA A PARTIR DE 1979, EM IPATINGA. LÁ DIRIGE A CEJA - COMUNIDADE ESPÍRITA JOANNA DE ÂNGELIS, QUE EM 2006 COMPLETOU 15 ANOS DE FUNDAÇÃO.





**HOSPITAL MÁRCIO  
CUNHA, EM IPATINGA,  
ONDE DESENCARNOU  
EVERILDA BATISTA NO DIA  
26/10/1988.**

ASPECTOS DA USIMINAS,  
SIDERÚRGICA CUJA  
HISTÓRIA SE CONFUNDE  
COM A DO SURGIMENTO  
DA CIDADE, FOI A  
EMPRESA ONDE ROBSON  
TRABALHOU DURANTE OS  
ANOS EM QUE LÁ VIVEU,  
DE 1979 A 1986.

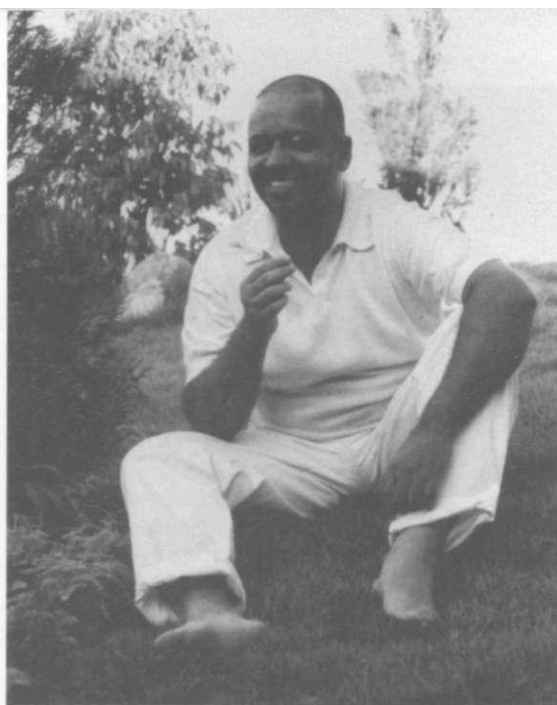




SÉRIO, NOS INSTANTES QUE PRECEDIAM A ABERTURA DO EVENTO DE LANÇAMENTO DO PRIMEIRO LIVRO, *CANÇÃO DA ESPERANÇA*, NO CENTRO CULTURAL DA UFMG.

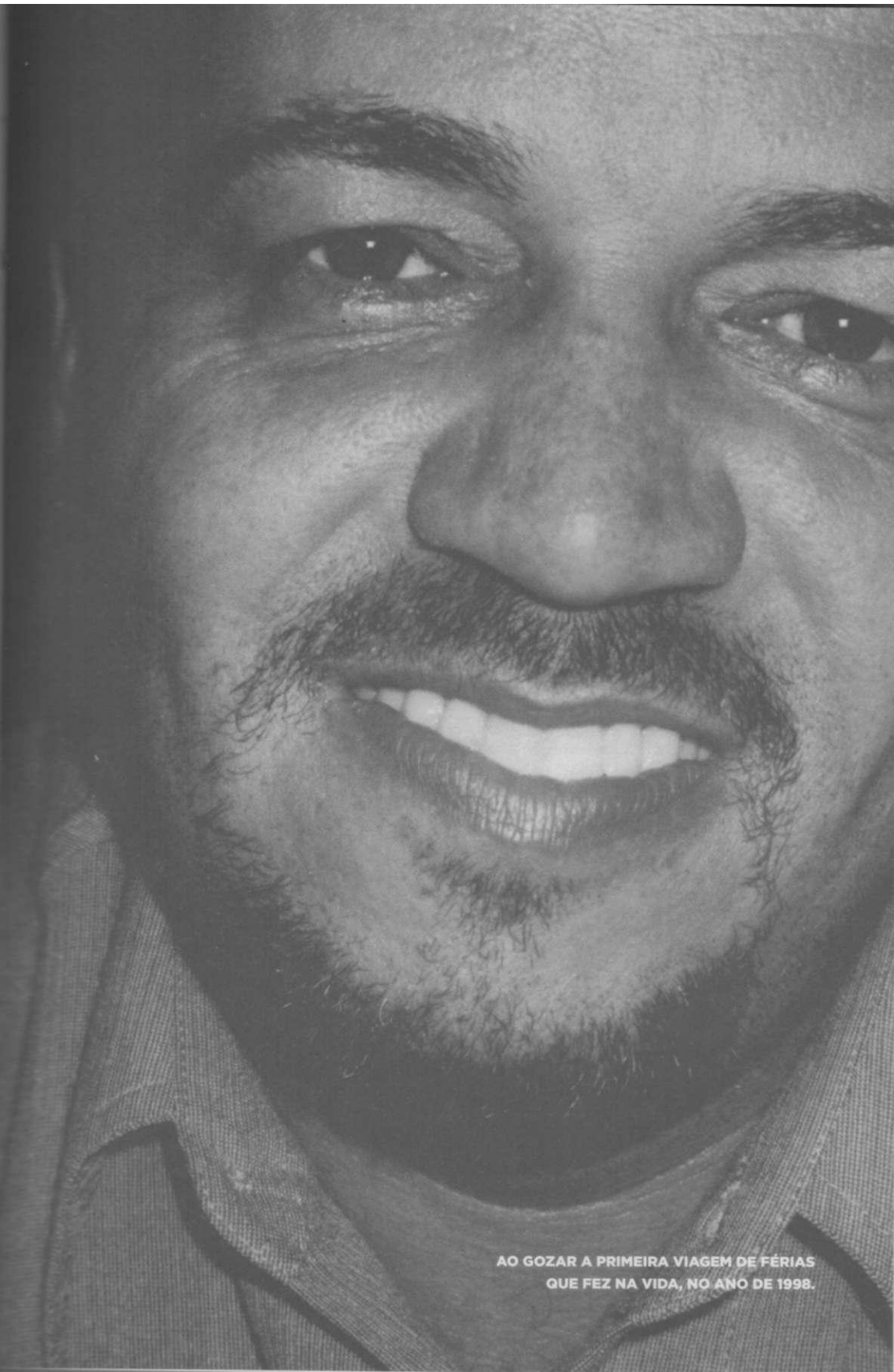
NO MESMO ANO DE 1996, REÜNEM-SE VOLUNTÁRIOS DA CASA DE EVERILDA BATISTA E FAMILIARES NA CASA QUE DIVIDIA COM MARCOS LEÃO, QUE ESTÁ DE ÓCULOS. OS DE MAIS: SANTUZA, A SOBRINHA KARINE, REINALDO, LEILA, A IRMÃ MARVIONE, RODRIGO OTÁVIO, O PAI, APELIDADO DE DEMA, E A IRMÃ ADOTIVA, BÁ.





**ÀS VÉSPERAS DE LANÇAR O LIVRO *SABEDORIA DE PRETO-VELHO*, NOS JARDINS DA CASA DOS ESPÍRITOS EDITORA, EM 2003.**

LEILA E MARCOS LEÃO CAMINHAM NA PRAÇA DA MATRIZ, NA CIDADE DE CAMPO BELO. ACOMPANHAVAM O MÉDIUM AO INTERIOR DO ESTADO PARA FINALIZAR A PREPARAÇÃO DA OBRA *TAMBORES DE ANGOLA*, LANÇADA EM 1998.



AO GOZAR A PRIMEIRA VIAGEM DE FÉRIAS  
QUE FEZ NA VIDA, NO ANO DE 1998.

# 5

## JOSEPH GLEBER E ALEX ZARTHÚ

"EQUILÍBRIO NO  
FALAR, EQUILÍBRIO NO PENSAR,  
EQUILÍBRIO NO AGIR."

JOSEPH GLEBER

"SIMPLIFICA, MEU FILHO,  
SIMPLIFICA."

ALEX ZARTHÚ, O INDIANO

- MAS AQUI NÃO É UMA DEMOCRACIA, ROBSON?  
- indaga o porta-voz de um grupo dissidente na casa espírita, que desejava deliberar conforme seus próprios desígnios acerca de certas atividades.

- Explique aos meus irmãos o seguinte - interpe-la Joseph, sem que o tivesse percebido de antemão. - O centro espírita não é nem de longe uma democracia. O sistema de funcionamento é a *teocracia*: de Deus para os homens através dos espíritos. Os rumos do trabalho são determinação do Alto e não dependem da concordância ou discordância de meus irmãos. Caso prefiram, meus irmãos podem fundar outra casa e administrá-la como democracia. Aqui, em nome da equipe espiritual, reiteramos: estamos numa teocracia.

Eis um diálogo que retrata fielmente a conduta de Joseph ao administrar os destinos do trabalho na Sociedade Espírita Everilda Batista. Pessoalmente, agrade-me muito seu estilo. Direto, objetivo, assertivo. Separa

aquilo que é passível de avaliação - "Estas são sugestões para apreciação de meus irmãos", assinala ao fim de várias orientações - daquilo que deve ser executado, sem mais delongas, pois a coordenação espiritual assim o decidiu. E pronto. No caso citado, companheiros de trabalho, bem intencionados, desejavam realizar tarefas que contrariavam os fundamentos da instituição. Tratava-se de atividades beneméritas, nobres, porém inoportunas e impertinentes à Casa de Everilda Batista, pois fugiam ao planejamento traçado pelo Alto. Acaso tem cabimento pensar que os planos superiores devem ser submetidos à aprovação dos seguidores, um a um?

A postura adotada por Joseph assusta muita gente, que espera dos espíritos superiores uma postura sempre cordata, que invariavelmente lhe passem a mão na cabeça e lhe digam amém. Está aí uma visão absolutamente distorcida da realidade. Basta ver as inúmeras repreensões feitas por Jesus, dirigidas não só a escribas e fariseus, seu alvo predileto. O maior espírito que a humanidade pôde conhecer censurou os próprios apóstolos, seus **12** escolhidos, em mais de uma oportunidade<sup>31</sup>.

De modo análogo, Joseph classifica **0** que não está

178

179

31 Exemplos de Jesus repreendendo fariseus e doutores da lei: Mt 21:12-14; 23. **0** rabi da Galileia faz admoestações e críticas severas aos apóstolos: Mt 16:8; Mc 4:40; 9:19, 33-35; Lc 24:25, entre muitas outras passagens.

bom como ruim, sem meias-palavras.

- Isto precisa ser feito! - declarou certa vez, ao encontrar dificuldades em abrir, através de mim, uma porta defeituosa, que emperrava.

Sem grosseria, sem ser descortês, mas também sem rodeios nem eufemismos tão à moda na sociedade brasileira contemporânea. Isso às vezes lhe custa o apreço ou a simpatia dos voluntários da Sociedade Espírita Everilda Batista. "Nossa! O Joseph esfregou minha cara na parede" - ouço alguém dizer, ocasionalmente. O que fez, procuro saber com outros que o escutaram, foi apenas dizer que determinada coisa é inadequada e deve ser corrigida. Bem sei que há boa dose de exagero, de drama, como somos tão inclinados a fazer. Há solo fértil para o melindre em agrupamentos humanos, e às vezes tenho a impressão de que isso é mais acentuado dentro dos limites do centro espírita.

Com freqüência, sobra uma rebarba para o médium depois do transe, devo confessar... O espírito vai embora e quem permanece é que tem de pagar o pato, mas hoje arco com as eventuais conseqüências com tranqüilidade, pois acredito firmemente nessa forma de gerenciar as coisas.

**JOSEPH GLEBER É UM DOS ESPÍRITOS MAIS importantes, presentes e atuantes através da minha mediunidade. Orienta o trabalho de uma forma bas-**

tante direta. E incessante. Às vezes, de onde quer que esteja - e onde quer que eu esteja - capto seu pensamento, alguma orientação, alerta em caso de perigo. Algo que o conceito kardequiano de ubiqüidade<sup>32</sup> explica, mas que não deixa de ser impressionante, em grande parte das vezes.

Diferentemente dos demais, é um espírito bastante conhecido nos quatro cantos do país<sup>33</sup>. Atua, com o mesmo nome, principalmente em reuniões de materialização e ectoplasmia, bem como naquelas ligadas à saúde. Gosta dessa área e sempre fez questão de me dizer que não dá "carteira de identidade pra médium nenhum, tampouco certificado de propriedade" para ninguém, pois aprecia a possibilidade de manifestar-se através dos mais diversos instrumentos mediúnicos.

Existem médiuns que afirmam que seu mentor se apresenta apenas através de si, e de mais ninguém.

32 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. *Op. cit.* Itens 88-92: "Forma e ubiqüidade dos Espíritos".

33 O livro *Medicina da alma* contém biografia (*op. cit.*, p. 25-30) razoavelmente detalhada do espírito Joseph Gleber, do qual se conhece certo volume de informações a respeito de sua última encarnação. Físico nuclear e médico alemão, apesar de sua origem judia foi recrutado pelo III Reich para desenvolver uma das etapas do projeto nazista de desenvolvimento da bomba atômica. Foi cremado junto com seus familiares ao se negar a concluir a parte que lhe cabia.

Na hipótese de comunicar-se por meio de outra pessoa, apressam-se em declarar: "Ah, mas o meu é que é o verdadeiro". Ora, Kardec arrancaria os cabelos com tal pensamento. Para o codificador do espiritismo, a universalidade do ensino dos espíritos era a maior comprovação das verdades reveladas por meio da mediunidade, a comprovação definitiva de algum preceito, o sinal de que este deveria integrar os princípios da doutrina que sistematizou.

*Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares. (...) [A comunicação é revelada] de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo.<sup>34</sup>*

Cioso dos fundamentos espíritas, desde o início Joseph avisou:

- Não dou certificado de propriedade a médium nenhum. Dou comunicação onde for necessário e através de quem julgar útil ao trabalho do Cristo. Portanto, não tenha a pretensão de que vou me manifestar somente através de você.

Acho fantástica tanto essa sua característica quan-

<sup>34</sup> KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. Op. cit. Introdução: "Autoridade da doutrina espírita: Controle universal do ensino dos espíritos", p. 31.

to sua franqueza ao dizer sem rodeios coisas como essa, pois joga por terra qualquer ilusão a respeito da pretensa exclusividade que alguém possa alimentar possuir. Isso é uma das muitas coisas admiráveis no espírito Joseph Gleber.

### **PRONTO PARA NASCER**

Everilda Batista relatou-me, juntamente com minha avó materna e a irmã Bá, uma história que ilustra muito bem o jeito de Joseph. As três foram as pessoas a presenciar o fato, na época em que nasci.

182

---

183

Minha mãe costumava passar graves dificuldades na hora do parto. Sempre teve muitos problemas de saúde e, nas quatro vezes em que deu à luz, correu risco de morte. Seus dois primeiros partos foram realizados por minha avó, a parteira oficial da cidade, numa época em que os médicos eram raros. Existia apenas um médico na cidade de Ataléia entre os anos de 1955 e 1965, chamado Dr. Antônio Pinto. Meu pai havia recorrido a ele ainda no pré-natal, dadas as complicações da gravidez. Conforme explicou o doutor, a situação era tão grave que ou salvava a criança - eu - ou a mãe; dificilmente ambos sobreviveriam.

Quando as contrações começaram, meu pai saíra a cavalo para buscá-lo fazendas afora, numa época de

parcos recursos: não havia telefonia, e qualquer distância consumia tempos até ser vencida. Será que chegaria a tempo? Segundo minha avó pôde constatar, Dr. Antônio Pinto estava certo em seu prognóstico: ou Everilda morria e a criança nascia, ou vice-versa.

Minutos após a saída de meu pai, nervos à flor da pele, adentra um médico em casa. Minha avó, Maria, deu graças a Deus. Contava que era um senhor alto, claro, com os olhos bem claros e cabelo curto, meio arripiado. Era muito branco e trazia envolvendo a boca aquela máscara típica dos médicos durante procedimentos cirúrgicos. Seu sotaque era bastante carregado:

- Prrrrovidencie água quente e panos limpas - pediu à minha avó. - Rápido. Tudo ficarrrrá bem.

Diligente, minha avó pegou a água, que permanecia constantemente aquecida sobre o fogão a lenha, e ajudou a preparar uma bacia e o que mais foi solicitado pelo médico. Após o parto, este banhou a criança e, todos tranqüilizados, prescreveu um medicamento para ajudar Everilda a se restabelecer.

Minha mãe disse que, quando finalmente teve forças para olhar o médico com atenção, notou que a metade do corpo dele era pura luz; só um dos lados, de perfil, pôde divisar com perfeição. Gritou, então:

- É defunto, Ia! - apelido de minha avó Maria. - É defunto que veio fazer meu filho nascer!

Ao mesmo tempo, quando o médico fazia men-

ção de despedir-se, minha avó notou que, em vez de sair pela porta, ele entrou parede adentro. Nesse instante, virou-se para ela e, abaixando ligeiramente a máscara de médico, esboçou um sorriso e se afastou. Maria começou a gritar também:

- Não acredito! Isso é alma do outro mundo, é alma do outro mundo.

No interior de Minas, havia um hábito muito estranho, parecido com os dos judeus da época de Davi e Golias. Quando alguém se desesperava, punha-se a rasgar a própria roupa. Minha avó, escandalosa como só ela, saiu quintal afora aos berros, apavorada:

- É defunto, é defunto, é defunto! Alma do outro mundo!

184

185

Àquela altura, a criança já chorava; havia nascido saudável.

A explicação mais plausível para o fato é que o espírito tenha se materializado a fim de conduzir o parto, uma vez que foi percebido pelas três mulheres presentes. Para tanto, é provável que tenha usado o ectoplasma de minha mãe e dessa irmã de criação, Bá, extraordinária médium de efeitos físicos. Aliás, ambas se prestavam a fenômenos dessa natureza. Foi um tipo de materialização em que se percebeu tão concretamente o ser - como se fosse outro encarnado - a ponto de não terem notado a realidade dos fatos até o

momento em que o espírito assim o permitiu<sup>35</sup>.

Claro, é preciso considerar também o componente emocional do momento, que certamente nublou o raciocínio de todas, que não indagaram de onde tinha vindo aquele "doutor". Imagino a surpresa de meu pai ao chegar e encontrar tudo resolvido.

MUITO MAIS TARDE, JÁ NA DÉCADA DE 1980, Everilda decidiu se submeter a um tratamento espiritual num centro espírita onde havia materialização. Chamava-se Dias da Cruz, na cidade de Caratinga, a 120km de onde morava, na direção do Rio de Janeiro. Recentemente, acredito que no ano de 2007, cheguei a manter contato com o pessoal dessa instituição; o médium de materialização já havia desencarnado. Numa das vezes em que minha mãe lá esteve, houve materialização; ela reconheceu o espírito imediatamente. Ao voltar, relatou-me:

- Sabe aquele espírito que apareceu quando você

<sup>35</sup> Ainda que possa parecer um tanto sobrenatural o fenômeno, Kardec esclarece que nada há de antagônico às leis da natureza nas aparições tangíveis. O texto indicado a seguir, além de esclarecer o assunto, contém diversas indicações bibliográficas nos próprios textos do Codificador a esse respeito (KARDEC, Allan. *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1944. Iª-edição especial, 2005. Cap. 14: "Os fluidos", 11 parte, item 36. Ver as quatro notas da editora a esse item).

nasceu, o Joseph Gleber? Lá no centro, quando o espírito se materializou pra me atender, olhou pra mim e disse: "Você me conhece, não é?". Tenho certeza de que era ele.

Reparou também no cabelo, meio arrepiado, os olhos claros, aquele mesmo jeito estranho, o sotaque carregado... Tudo se assemelhava. Não tinha dúvidas, era o mesmo médico, o "defunto" que havia realizado o parto em **1961**.

Hoje avalio que, para uma pessoa que veio diretamente das trevas do umbral, eu não podia nascer - tinha que ser arrancado de lá por um espírito! Vindo direto de onde vim, da situação delicada em que me encontrava no período entre vidas - ou erraticidade -, era preciso alguém muito habilidoso e com crédito no Alto para me tirar daquela situação. Devo isso ao Joseph Gleber e aos benfeitores.

---

186

187

## AS VOZES DO SILÊNCIO

Foi a partir dos meus **9** anos, aproximadamente, que comecei a perceber dois espíritos próximos - além do Zezinho, que, eventualmente, brincava comigo. Via dois espíritos em forma adulta.

Um deles apresentava-se com um traje desconhecido para mim. Parecia um oriental, portando um tur-

bante em tons de azul-claro, com uma pedra encravada no centro, verde-esmeralda. Eu não fazia idéia do que fosse turbante, é óbvio, fato que dava àquilo tudo um aspecto pitoresco, para dizer o mínimo. Ele sempre se mostrava - ou eu o percebia - com uma roupa bem clara, repleta de detalhes bordados. Tinha expressão bastante séria, completada pela barba e pelo cavanhaque muito bem feito. Olhar penetrante, olhos escuros, era Alex Zarthú, nome que fui descobrir bem mais tarde.

O outro espírito se vestia na maior parte das vezes como médico, era alto e muito magro. Ocasionalmente trajava camisa e calça com suspensório. Até meus 17 anos, esses dois espíritos não conversavam comigo. Tampouco percebia o pensamento deles; não dirigiam palavra a mim. Porém, me acompanhavam nos momentos mais difíceis: nessas horas, via sua figura e sentia sua presença, mas não ouvia sequer uma palavra, jamais. Os dois representavam para mim, apesar de todo o seu silêncio, a figura paterna, a autoridade, como se ambos fossem meus pais. Em toda a minha infância e juventude, a pessoa do meu pai carnal foi uma presença apenas simbólica. Não tive um pai presente; quando atravessava algum momento importante ou decisivo, os dois espíritos apareciam, pelo menos até o momento em que ingressei na igreja evangélica.

Esses pensamentos, as emoções e lembranças que despertam, tudo me remete ao ano de 1979, na cidade

de Governador Valadares<sup>36</sup>. Era uma tarde de sábado. Eu deveria realizar uma pregação na igreja da qual participava, quando o espírito de aparência oriental resolve aparecer. Ele e o outro amigo espiritual, ao qual viria a dever os melhores momentos de minha vida: Joseph Gleber, o tal médico às vezes de suspensório.

- Pastor, o demônio está aqui - anunciei, entre constringido e aflito.

- Mas não é possível - asseverou o Pastor Benedito. - Você é batizado e lavado no sangue de Jesus! Canta, coral!

Eu lá, parado, esperando o coral cantar. À minha frente, o colegiado de pastores aguardava o momento em que me dirigiria àquela assembléia, o que decidiria para sempre o meu destino. Assim eu pensava, assim eu esperava. Queria, com todas as forças de minha alma, ser um ministro de Deus. Aquele era o dia do teste, da pregação da palavra de Deus. Escolhido um versículo aleatório, sem aviso prévio, deveria eu discorrer sobre exegese e hermenêutica bíblicas durante

188

189

36 Parte do trecho aqui iniciado, que narra os acontecimentos na igreja evangélica, no ano de 1979, foi extraído da introdução do livro *Gestação da Terra*. O relato foi editado a fim de enriquecê-lo e dar-lhe mais detalhes (PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Alex Zarthú. *Gestação da Terra*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 2002/2007, 8 edições, "Vozes do vento", p. 13-18).

duas horas. Era o exame de praxe para ser admitido no colégio de pastores da igreja, localizado no estado do Espírito Santo. Como já tinha feito todos os cursos extracurriculares disponíveis, restava-me apenas a matrícula numa espécie de curso técnico de teologia, equivalente ao atual ensino médio. Sairia dali como aspirante a pastor, mais" um ministro consagrado ao Altíssimo, conforme era esperado por todos.

Creio que minha mãe nunca rezou tanto como naquele dia. Sabia que aquele não era o meu caminho. As mães são sempre mães. Quando eu lhe disse que seria um pastor - minha mãe não era evangélica -, ela me disse que aguardasse o tempo, pois ele era mais sábio do que eu. Eram palavras enigmáticas, que escondiam a sabedoria de uma mulher simples.

O silencioso Zarthú aparece para mim minutos antes de eu começar a pregação.

- Como é o demônio, meu filho? - indagou o Pastor Benedito.

- Ah! Pastor... Ele tem um monte de pano amarrado na cabeça - respondi, completamente ignorante em matéria de indumentária oriental.

- É pra esconder o chifre!... Canta, coral!

Não sei dizer ao certo o que senti, mas de uma coisa tenho certeza: sabia que não sairia dali o mesmo. Zarthú veio de mansinho, e, com o olhar penetrante, senti que me rasgava o interior, devassando-me

a alma. Minha respiração ofegante denunciava a emoção daquele momento que eu jamais esqueceria. Ele aproximava-se vibratoriamente de mim. Um misto de medo e de emoções contidas durante anos se avolumava em meu peito. Senti como se estivesse para explodir, tão forte o coração batia. A presença de Zarthú tinha algo de diferente de todas as outras vezes que o havia visto. Eu não sabia definir o que era, diante da força moral que o espírito deixava transparecer. Ele sabia o que eu pensava - e mais: penetrava meu interior, como se me conhecesse desde longas eras. Não tinha como me furtar ao seu olhar e à sua energia vibrante.

Pensei que iria morrer ali mesmo. O Pastor Benedito segurava minha mão, úmida de suor. Eu tremia e, para o pastor, mantinha o olhar fixo no nada. Mirava alguém que ele não podia ver.

- Tem outro demônio, pastor. O outro tem uma máscara que tampa sua boca... - descrevia o apetrecho médico, habitual do então desconhecido Joseph.

- É para esconder as presas! Viu como o diabo se disfarça? - e, virando-se, incentivava a comunidade, que já começava a ficar impaciente. - Canta, coral!

- Hoje nós vamos falar através de você - nunca esquecerei as primeiras palavras que Zarthú me dirigiu nesta encarnação.

Zarthú falou. Ouvi sua voz pela primeira vez nesta existência. Até então ele nunca me falara; ou, se fa-

Iara, não se utilizou de palavras articuladas, e eu não soubera interpretar o olhar, a expressão e os gestos. Mas ele resolveu falar.

Eu percebia sua voz ressoar dentro e fora de mim, potente, marcante e, ao mesmo tempo, suave e pausada. É algo difícil de descrever. Somente com a alma se pode perceber a grandeza de momentos como esses. Nenhuma palavra ou expressão é capaz de representar o significado de que se reveste para mim a palavra de Alex Zarthú.

- Pastor! O diabo disse que vai falar através de mim! - estava apavorado.

- Canta, coral!

Como costumo brincar, espírito superior também tem limite para a paciência. Alguns minutos naquele embate dos demônios com o coral e o espírito do turbante repete, em tom de ultimato:

- Vamos falar através de você.

Tomado de fé, com toda a força de minha alma, rebato veemente:

- Em nome de Jesus você não fala - senti como se algo quebrasse dentro de mim. A impressão era a de uma casca de ovo se quebrando dentro de minha cabeça.

- Em nome de Jesus eu já estou falando. Olhe para trás.

Não pude acreditar, tamanho o pânico de que fui

tomado ao ver a cena que se descortinou diante de mim. Ao virar-me, vi meu corpo no púlpito, expressando-me numa voz que não era minha, com um sotaque estranho, palavras que saíam da minha boca sem que eu as dissesse, tampouco determinasse. Presumo hoje ter sido Joseph Gleber, o outro *demônio*, a se dirigir à população ali reunida, por fazer mais seu estilo esse tipo de "aparição" pública. Os últimos lances do diálogo com Zarthú haviam ocorrido comigo desdobrado, conversando com o espírito próximo ao teto da igreja, a vários metros do chão. Foram apenas segundos ou frações de segundo até que fosse tomado pela inconsciência, numa das duas únicas vezes em que assisti, fora de mim mesmo, a meu corpo durante a comunicação mediúnica. Não me lembro de mais nada até voltar do transe, quando li, rabiscado a giz no chão do púlpito:

- Termina aqui, hoje, seu estágio nesta religião.

Foram palavras difíceis de ser interpretadas, mas impossíveis de ser contestadas, em razão da firmeza demonstrada por Zarthú. A seguir, proferiu o conselho sábio, do qual até hoje não me esqueço:

- Aconselho-te que estudes os livros de um estranho - para mim - senhor chamado Allan Kardec.

Citou o nome de um centro espírita da cidade, a Associação Espírita Vicente Pifano, trazendo ainda o endereço completo e o nome de quem deveria procu-

rar. Listou também as cinco obras mais importantes do Codificador, uma a uma.

Zarthú não deixava margem para ser interpretado. Suas palavras eram uma sentença da qual eu não poderia escapar. Ele definira, ali na igreja, toda a minha vida dali em diante. A partir de então, fui cativado pela presença e pela energia do amigo que até hoje, através de palavras sábias, tem guiado meus passos.

Naquela tarde de sábado, porém, meu destino não poderia ser outro: expulsão. Havia sido possuído pelo demônio em plena casa de Deus! Choroso, angustiado, fui-me embora para casa, para o colo de minha mãe, como era o desejo daquele jovem de 17 anos que tivera todos os seus sonhos e esperanças frustrados.

Embora a decepção, que para mim era o fim do mundo, minha mãe me recebe na porta:

- Sabia que lá não era seu lugar! Você é do mundo, meu filho, é do mundo, como sempre lhe disse - e antes mesmo que eu pudesse abrir a boca, prossegue.  
- Ainda vou ver você sentado num toco, incorporado dum preto-velho! - ela satirizava e gargalhava, mas com tal afeto que não pude me chatear.

- Mãe!... O demônio me assumiu dentro da igreja!

- Eu sei, meu filho, eu sei... Vamos orar.

Era nosso hábito ajoelhar para rezar e assim o fizemos, eu, minha mãe e Bá, a irmã de criação com quem mais estreitei relacionamento. Assim que eleva-

mos nossos pensamentos ao Alto, lá estavam de novo os dois espíritos, responsáveis por minha desdita, segundo avaliava no momento. Desta vez, Bá e Everilda também os viram, o que me faz especular sobre a possibilidade de estarem materializados, apesar de ambas igualmente possuírem vidência. Contudo, a ocasião era relevante, e havia o recurso energético disponível para que a materialização se efetivasse.

Usaram da palavra novamente. Desta vez foi o espírito do médico, conhecido de minha mãe, que falou:

- Temos uma proposta de trabalho na mediunidade com Jesus.

Baluciei qualquer coisa, completamente atordoado diante dos acontecimentos marcantes, que mexiam com as emoções.

- Ocorre que, uma vez aceita, a proposta não tem volta. Aliás, qualquer que seja sua resposta, será definitiva. Não tem volta. Portanto, daremos um mês para você pensar. Durante um mês, não apareceremos para você e nem você nos ouvirá de forma alguma. Após esse tempo voltaremos a conversar.

E aí eles se diluíram. Minha mãe, sempre discreta e respeitosa, certamente ciente da gravidade da hora, nada falou. Durante o mês seguinte, tentei inúmeras vezes retornar à igreja evangélica. Para a mesma igreja, era impossível. Porém, naquela época, freqüentava duas igrejas, uma aos sábados e outra às terças e sex-

tas-feiras. Em vão. Aonde ia, havia uma carta relatando o acontecido, e o pastor responsável não me aceitava. Resumidamente o documento descrevia o episódio do demônio que me assumira dentro da igreja: "O irmão Robson Pinheiro Santos apostatou da fé". Era um apóstata, alguém que havia desertado da fé, na visão dos antigos irmãos. Não encontrei lugar, nem nas cidades vizinhas. Regressava para casa sempre muito desanimado, e minha mãe invariavelmente dizia:

- Ah, meu filho... Lá não é seu lugar. Eu sabia desde o início que você tinha outro trabalho a fazer. Vamos orar.

Passados exatos 30 dias o espírito Joseph Gleber me procurou, novamente acompanhado de Zarthú. Quer dizer, eu não estava atento à data; estava brincando, jogando qualquer coisa em frente de casa com meus irmãos. De repente, ouvi alguém me chamar repetidamente. Não usava o nome Robson, mas outro, que prefiro não citar. Escutei o nome repetidas vezes, até que minha mãe convidou:

- Filho, vamos lá pra dentro fazer uma oração.

Ao chegarmos ao quarto de minha mãe, ajoelhamos aos pés da cama, como gostávamos de fazer ao rezar. Tão logo nos pusemos a orar, ambos se mostraram e Joseph se antecipou:

- Viemos receber sua resposta, saber se você aceita a mediunidade com Jesus.

Durante aquele mês, tive tempo para pensar. Frustrado ante as tentativas de retornar à igreja, lembro que pautei minha decisão de acordo com a seguinte linha de raciocínio: "O Novo Testamento traz duas afirmativas, nas epístolas do apóstolo João. Uma delas: *Nisto conheceis o Espírito de Deus: Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus, mas todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus.* A outra, talvez ainda mais significativa: *Todo aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus*<sup>37</sup>. Como o espírito está falando da mediunidade *com Jesus*, então... Essa tal mediunidade não sei o que é, não conheço. Mas, se for de Jesus, é de Deus, e portanto eu topo."

196

197

- Eu aceito.

Caí na bobeira de aceitar!... Falo assim porque os espíritos superiores nunca apresentam imediatamente toda a proposta. Mostram-na à medida que cada passo é dado. Desconhecia o que vinha a reboque da palavra *mediunidade*; achei que servir a Jesus seria, simplesmente, ficar cantando e louvando a Deus, numa linguagem diferente.

No instante em que pronunciei aquelas duas palavras, Joseph tirou um papel, semelhante a um pergaminho, bem longo mesmo, que desenrolou e pôs-se a ler:

37 ijo 4:2,3,15 (*op. cit.*).

- Pois bem, não tem retorno, então. Você aceita e agora temos umas condições a fim de que você siga o trabalho com o Cristo. A primeira condição: você não se casa nesta encarnação.

Nem sabia o que era encarnação, mas sei que a primeira notícia foi um choque. Queria, a todo custo, casar com a Luzia, com quem namorava firme. Sonho fugaz, porque aproximadamente um mês após o "aceito" seu pai encontrou um emprego em Manaus, no estado do Amazonas, a mais de 4 mil quilômetros de distância! Minha futura esposa partiu imediatamente com toda a família, sem se despedir.

- O trabalho que você tem a realizar não é compatível com a administração de uma família, você terá outros filhos em sua vida - explicou o espírito.

Não imaginei a que filhos ele se referia... Somente hoje, tanto tempo depois, vejo que os filhos são os livros, que foram se multiplicando - hoje, mais de 25. Representam os filhos do casamento espiritual, dessa aliança com os espíritos. Além das dezenas de trabalhadores e crianças da casa espírita, é claro.

Joseph enumerou outras exigências. Pouco depois, perguntei a Zarthú o que eu deveria ler para me preparar, e ele disse: *O livro dos espíritos*. Após uma semana, tendo concluído a leitura, tornei a perguntar: *O livro dos espíritos* foi a resposta.

- Mas de novo?

Reli a obra em um mês.

- E agora? - voltei a indagar.

- *O livro dos espíritos* - ele respondeu outra vez.

Demorei seis meses na nova leitura e entendi que deveria sempre me manter ligado à obra inaugural da codificação espírita.

### **CANTAR COM ESPERANÇA**<sup>38</sup>

Aquele dia foi especial. Nunca imaginei que iria conhecer alguém incomum como aquele rapaz de estatura mediana - mais ou menos 1,75m -, olhos e cabelos castanhos, de uma persistência a toda prova quando se tratava de fazer contato com alguém. Assim conheci Franklim, autor e protagonista da história contida em meu primeiro livro.

Tudo começou quando me dirigia a meu consultório terapêutico, na Rua Carijós, centro de Belo Horizonte. Tinha o costume de visitar uma banca de revistas na Praça Sete de Setembro, ponto nevrálgico da capital mi-

38 Na redação deste trecho, tomou-se por base a introdução à nova edição revista da obra *Canção da esperança* e acrescentaram-se-lhe detalhes (ver texto original em PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Franklim. *Canção da esperança*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora. 1ª ed., 1995, 8 reimpressões; 2ª ed. revista, 2002, 3 reimpressões, p. 13-28).

neira. Todos os dias ali passava exatamente às 8 horas da manhã e lia as manchetes do jornal *Estado de Minas*.

Numa daquelas manhãs de julho de 1995, ao redor da tal banca onde lia minhas notícias prediletas, fui abordado por um rapaz, que tentava estabelecer um diálogo comigo: -

- Bom dia! - falou efusivamente o estranho, à medida que se aproximava delicadamente e de maneira a demonstrar intimidade.

- Bom dia - respondo entre ríspido e hesitante, afastando-me imediatamente para o outro lado, pois não desejava ser incomodado por um estranho em minha leitura gratuita do jornal diário.

Assim que contornei a banca, eis que o rapaz estava lá a me esperar, sorridente, já no lado oposto àquele onde nos encontrávamos antes.

- Gosta de ler notícias também? - foi logo me perguntando.

- Sim, gosto de ler o jornal todos os dias *sem ser incomodado* - tornei a responder, embora intrigado pelo fato de o rapaz insistir na aproximação e na tentativa de travar diálogo.

Sem mesmo terminar a leitura, deixei o moço ali plantado, ao lado da banca e dos jornais, e dirigi-me ao consultório.

Não mais me preocupei com o jovem. Porém, no dia seguinte, à mesma hora, eu por lá passava nova-

mente e outra vez fui abordado pelo rapaz estranho, que agora insistia em conversar comigo. Mas eu não queria ser incomodado. Fui então em busca do amigo Marcos Leão, que gerenciava uma banca de livros espíritas no outro lado da praça, e contei a ele o fato. Deu-me um conselho que tratei de seguir:

- Cuidado com quem você não conhece. A Praça Sete é freqüentada por tanta gente estranha que creio ser melhor evitar esse cara. Parece que ele insiste em falar com você... Veja bem com quem está se metendo!

Eu, desconfiado por natureza, resolvi evitar de maneira mais enfática a aproximação do jovem desconhecido.

200

Durante mais cinco dias todas as manhãs ele estava ali a minha espera. E eu, naturalmente, o repelia de maneira cada vez mais firme, pois queria a todo custo me ver livre do intruso, que dificultava minhas leituras diárias do jornal. No último dia, contudo, diante de minha negação em conversar com ele, o rapaz foi mais enfático do que eu:

201

- Se você não sentar ali - apontou para as escadas do extinto Cine Brasil, um dos mais tradicionais da cidade - eu irei ao seu consultório para conversar com você. Já sei onde você trabalha e não adianta me evitar.

Fiquei assustado diante de tamanha insistência e da possibilidade de ele ir até meu local de trabalho. Seria uma ameaça? Estaria ele mal intencionado? Muita

coisa se passou em minha mente naquele momento.

- Sei inclusive onde você mora e preciso tanto conversar com você que posso ir à sua casa caso não queira conversar comigo por aqui.

Não tinha escapatória. Teria de ceder à sua vontade, pois, ao que parecia, o sujeito estava disposto a tudo, e eu não poderia correr o risco de ele aparecer em meu consultório, muito menos em minha casa. Não sabia e nem queria saber quem era ele e o que desejava de mim. No entanto, diante da pressão, achei por bem ceder naquele momento, até encontrar um jeito de me livrar desse cara estranho.

Foi aí que ele me perguntou:

- Você é pai-de-santo? - eu vestia uniforme branco, próprio do trabalho na área da saúde.

- De jeito nenhum! - apelei, cheio de preconceito. - Eu sou médium espírita. Espírita, viu? E a roupa branca é uniforme para o meu trabalho.

- Desculpe-me, Robson - replicou ele, para o meu espanto. Já sabia até o meu nome! Meu Deus, o cara estava realmente de olho em mim, monitorando meus passos.

Aos poucos, aquele jovem implacável foi me contando sua história interessante. Disse que morou no Bairro Santa Tereza, tradicional em Belo Horizonte, e revelou-me o nome da mãe, do irmão, da irmã e do pai. Era alegre, muito alegre, e acabou conquistando-

me a confiança, vencendo minha resistência, diante do otimismo que o distinguia.

Todos os dias, durante um mês, eu passava por ali, sempre apressado para ler o jornal, e o Franklim a minha espera, pronto para contar um pouco mais de suas aventuras na vida e falar de seus familiares, a quem era muito ligado. Fui conhecendo gradativamente suas peripécias de jovem, até que, em determinado dia, o sujeito responsável pela banca me chamou, em meio a uma conversa calorosa com Franklim, com a seguinte indagação:

- Robson, você sabe que não tenho nada com sua vida, mas é que eu queria poder ajudá-lo, se você estiver passando por algum problema...

202

- Tudo bem, mas não estou com nenhum problema. A não ser a falta de dinheiro... - respondi.

203

- E com sua mãe, sua família, tudo está bem? - insistiu o rapaz da banca.

- Tudo normal, apesar de minha mãe estar agora do outro lado da vida. É que ela morreu.

- Ah!... Meus sentimentos. Então é por isso.

- Não! Você não entende. Ela morreu há alguns anos, e não precisa se preocupar com nada. Aliás, agora sou eu que não estou entendendo nada.

- Sabe o que é, Robson? Há mais de um mês que vejo você conversando aí, em frente à banca...

- Ah! É com meu amigo Franklim - interrompi.

E ele continuou:

- Você conversa, conversa, e não vejo ninguém!

Todo o mundo está pensando que você é louco.

E eu, apontando para o Franklim, disse-lhe:

- Este é o rapaz com quem venho conversando durante todo esse tempo. E o que isso tem de mais?

- É que não tem ninguém aí, Robson! Você fala, fala, gesticula e fica rindo por aí... Você sabe, as pessoas pensam que você perdeu a razão.

Nesse momento parei, olhei para o Franklim como que à procura de uma explicação. Ele tinha um jeito de morder a ponta do dedo indicador, como se fosse uma criança flagrada numa peripécia qualquer. Disse-me:

- É que eu sou desencarnado...

- E você não me disse isso? Me fez de bobo esse tempo todo e eu caí na sua conversa. Você é um obsessor! - acusei, cheio de indignação.

- Mas você não me perguntou se eu era desencarnado. Assim, eu também não lhe disse nada... Estamos quites.

No meio da conversa com Franklim, o rapaz da banca intrometeu-se, demonstrando maior preocupação comigo:

- Veja bem como você está... Agora mesmo está falando com nada, gesticulando feito doido.

Saí então, deixando o dono da banca para trás sem nada entender, assim como Franklim.

Vejo espíritos desde a infância, com certa regularidade, e mais intensamente após os 17 anos. As aparições geralmente não são projetadas dentro de minha cabeça, como ocorre com muitos médiuns. Eu as vejo e ouço sua voz como se fossem uma pessoa de carne e osso. Quando acontecem, as visões e percepções são externas, quase palpáveis. Portanto, muitas vezes aconteceu de dialogar com encarnados, enquanto, na verdade, era com um desencarnado que conversava. Somente mais tarde fiquei mais atento ao fenômeno, e diversas situações constrangedoras foram assim evitadas. Apenas as experiências do dia-a-dia puderam produzir o amadurecimento necessário ao contato mais intenso e consciente com o plano espiritual.

204

Dirigi-me ao consultório. Exatamente no cruzamento com a Rua Espírito Santo, a cerca de um quarteirão da banca de revistas, vi o espírito Alexandre Novaes, um amigo de longa data, saindo do prédio do Banco Real (de dentro da parede, literalmente), caminhando em minha direção:

205

- Por que tanta pressa? Aonde você vai, correndo assim? - perguntou-me o espírito, com um ar de ironia.

- Imagine você que fui enganado durante um mês por um tal de Franklim, e vocês nem me avisaram que era um obsessor. Agora todo mundo me acha louco! - bufei.

Demonstrei minha indignação de maneira muito enfática, como se o espírito Alexandre Novaes fosse culpado por minhas trapalhadas.

- Calma aí, rapaz! - retorquiu Alexandre. - Você espera despistar um espírito assim, com essa correria toda? Por que não ouve o que ele tem a dizer? Assim poderá julgar de maneira mais apropriada.

- Você então passou para o lado dele? É também um obsessor, agora? - acusei o espírito, dialogando com ele pelo pensamento, uma vez que eu conhecia Alexandre há muitos anos.

Segui apressado para o oitavo andar do prédio onde se localizava o consultório. Não sei ao certo como cheguei lá em cima, se por elevador ou pelas escadas, tamanha a indignação que sentia pelos espíritos diante da situação que eu julgava ser errada. Estava arrasado com o fato de ter estado conversando durante um mês com Franklim e ele nem por isso me dizer que era desencarnado. Isso não era de se agüentar. Imagine todo o mundo me vendo ali, falando não se sabe com quem, rindo, gesticulando, quando ninguém além de mim via o tal espírito. Isso eu não poderia perdoar.

Quando abri a porta do consultório, eis que os vi, já à minha espera.

Agora eram dois. Franklim e Alexandre Novaes. Não havia como estar enganado: queriam me passar para trás.

Foi Alexandre que primeiro falou:

- Que tal agora você se aquietar e nos ouvir um pouquinho só?

- Você então passou para o lado dele, tentando me enganar também?

Alexandre conhecia meu jeito cabeça-dura. Continuou, num tom mais sério:

- Bem, já que você é tão radical assim, que tal então seguir o conselho de Allan Kardec em *O livro dos médiuns* e primeiramente *ouvir* o que espírito tem a dizer, para então poder julgá-lo segundo o conteúdo de sua mensagem?

Alexandre soube tocar em minha ferida. Invocara o mestre Allan Kardec e seus escritos e sabia perfeitamente como eu buscava sempre a fidelidade irrestrita aos seus postulados.

Não foi sem reservas que cedi ao apelo de Alexandre Novaes:

- Está bem, então fale e seja breve, pois tenho muito que fazer, e não posso ficar por aí dando ouvido a espíritos desocupados.

Os dois olharam um para o outro, e então Franklim começou a sua história - a parte que eu ainda desconhecia:

- Desencarnei vítima do HIV - disse-me o espírito. - Minha mãe e o restante da família ainda moram em Santa Tereza, e por isso uso o pseudônimo

de Franklim (com "m" no final), a fim de evitar que alguém possa identificar-me. Procurei por vários médiuns com o objetivo de escrever a minha história. Nenhum deles, entretanto, teve coragem de me deixar ditar minhas memórias, pois temiam (imagine!) a contaminação com o HIV pela minha presença. Pensam que, pelo fato de eu haver desencarnado com aids, eles também poderiam contrair a doença, simplesmente com a minha aproximação. Outros dois médiuns ficaram tão assustados com a minha proposta de escrever um livro sobre esse assunto que me disseram que eu havia *escapado* do umbral. O lugar de alguém que desencarnou com aids é no umbral, segundo sua concepção. Imagine você que eles querem a todo custo me colocar num inferno criado pelos espíritos só porque tive algumas experiências dolorosas e que não correspondem àquilo que muitos espíritos ortodoxos acham que é o mais acertado.

A bem da verdade, acho que o que contava mesmo era o fato de Franklim não ser nenhum espírito famoso, que desse ibope para os médiuns.

Prosseguiu a narrativa:

- Desse modo resolvi desistir de minhas intenções de ditar o livro e fui à cidade de Uberaba, no Triângulo Mineiro, para conhecer o médium Chico Xavier. Quem sabe, pensava eu, na minha ingenuidade, não poderia ser ele o médium através do qual eu escre-

veria o livro a respeito de minhas experiências com o HIV? Foi assim que numa tarde de sábado eu estava no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, juntamente com outros espíritos. Na ocasião, conheci seu amigo Alexandre Novaes, que também estava lá auxiliando nas tarefas espirituais. Muito prestativo, apresentou-me ao espírito Bezerra de Menezes, para que eu tentasse algo junto ao médium. Dr. Bezerra me falou que o médium não poderia atender ao meu desejo naquele momento, mas, se eu arranjasse um outro médium com o qual tivesse afinidade, ele mesmo, o Dr. Bezerra, poderia escrever o prefácio do livro, através do médium de Uberaba, a fim de me auxiliar no meu intento.

208

---

209

"Imagine como me senti naquele momento. Eu já havia procurado vários médiuns e eles todos tinham rejeitado a minha proposta. Agora o próprio Bezerra de Menezes, tão respeitado no meio espírita, pedia-me para arranjar outro médium... Isso parecia ser algo impossível. O Chico não poderia psicografar o livro, pois já havia tarefas definidas para ele. Arranjar outro médium... eu não conseguiria. Aí Alexandre Novaes entrou em cena. Incentivou-me, informando que sabia de um médium - disse Franklim, apontando para meu conhecido de longa data, que se mantinha em silêncio. - O tal médium, segundo o que ele disse, não era lá grande coisa. Aliás, era um médium um tanto incomum, não muito obediente aos conse-

lhos dos espíritos, rebelde por natureza, e talvez exatamente por isso fosse capaz de aceitar o convite para psicografar o livro."

Ouvi atentamente a história de Franklim até aquele ponto e então resolvi interferir na conversa:

- Por que vocês não procuram logo o tal médium para escrever o livro e me deixam trabalhar em paz?

Agora foi a vez de Alexandre Novaes interceder, enquanto Franklim apenas observava:

- E você não desconfia quem é o tal médium de que falei?

- Claro que não - respondi. - Veja lá se eu tenho a obrigação de conhecer outros médiuns... só me resta essa!

- É claro que só pode ser você! - exclamou o espírito, esboçando um sorriso entre os dentes. - Quem mais poderia ter o perfil mencionado, a não ser você? - Alexandre sempre possuiu uma forma debochada de falar, uma irreverência muito bem-humorada, mas que naquele momento não me agradava em nada.

- Mas então, além de me ofender, você ainda deseja a minha cooperação? - redargui, com autêntica perplexidade.

Não posso dizer o que se passou em minha cabeça naquele momento. Saí do consultório, dirigindo-me à banca de livros espíritas, para falar com Marcos Leão. Talvez ele me auxiliasse com alguma idéia.

Contei-lhe todo o conteúdo da conversa que tivera com Franklim e Alexandre. Marcos pensou um pouco, ajustou os óculos de lentes grossas, que corrigiam sua miopia grave e lhe conferiam um aspecto esquisito, e depois me falou:

- Por que você não experimenta deixar o espírito escrever e, à medida que ele ditar os capítulos do tal livro, a gente analisa, de acordo com as instruções de Kardec?

- E se ele for um obsessor? O que farei?

Marcos, aficionado por temas relativos à obsessão, encheu-se de empolgação e falou-me em seguida:

- Você só saberá isso após a leitura das mensagens! Aliás, você poderá levá-las a Uberaba e verificar com Chico Xavier sua opinião. Deixe o espírito escrever; depois a gente analisa...

Ficara assim definido. Permitiria que Franklim escrevesse alguma coisa para analisar seu texto. Após a leitura de um trecho de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, coloquei-me à disposição do espírito.

Minha mediunidade tem a característica de ser mecânica, ou seja, durante o processo da psicografia os movimentos do braço ocorrem involuntariamente; tomo conhecimento do texto somente quando o leio. Assim, porque não precisava enxergar o que seria escrito, e também devido à minha curiosidade, que certamente me levaria a ler o que o espírito redigia, psi-

cografei o livro de Franklim com as luzes apagadas. De outra forma, certamente estabeleceria um debate mental com ele, durante a escrita, o que constituiria empecilho ao trabalho. Fora um conselho do amigo espiritual José Grosso, ainda por cima. Eu sempre perguntava muito, falava o tempo todo, questionando o espírito; com as luzes apagadas, pelo menos não poderia ler o que se esboçava sobre o papel. Concluída a psicografia, leria as mensagens, deixando assim Franklim mais à vontade para desenvolver suas idéias.

Um detalhe curioso a respeito dessa psicografia foi que Alex Zarthú, que acompanha tudo e sempre está por trás das ações dos demais integrantes da equipe espiritual, impôs uma exigência a Franklim antes mesmo de o trabalho começar, conforme me revelou posteriormente. Sei que a determinação não agradou muito ao autor espiritual, no início, mas Zarthú fez questão de que ele selecionasse trechos de *O livro dos espíritos* como epígrafe para cada capítulo da obra.

Dessa maneira, foi escrito *Canção da esperança* - meu primeiro texto mediúnico que mereceria o título de *livro*. Aliás, sobre o título da obra há episódios igualmente especiais.

UM ANO E MEIO ANTES DESSES FATOS, HAVIA recebido uma mensagem do espírito Cazuza, uma música intitulada *Canção da esperança*. Como nunca

apreciei nomes famosos assinados ao fim das comunicações, lembro de ter colocado uma interrogação de cima a baixo na página psicografada, em tamanho gigante, sobre o texto.

Na época, jamais imaginaria que aquela letra seria parte de algum livro - muito menos imaginava que eu haveria de psicografar um livro algum dia. Até então, psicografara apenas mensagens esparsas, orientações espirituais e coisas semelhantes. Mas livros definitivamente não estavam nos meus planos.

Eu não conhecia, porém, o plano dos espíritos.

Após receber a letra que compunha a canção do espírito Cazuza, entreguei-a a outro amigo, Rodrigo Almeida, para que pudesse guardá-la. Assim o fez. Guardou-a tão bem que nem ele sabia mais onde estava a poesia mediúnica. Até aí, apenas mais um texto sem tanta importância desaparecido.

Meses se passaram. Após uma série de peripécias junto a Franklim, pude então seguir a sugestão inicial feita pelo amigo Marcos naquela longínqua manhã, em que me recebera na banca de livros espíritas. Era hora de dirigir-me à cidade de Uberaba para apresentar o livro a Chico Xavier. Parece inacreditável, porém exatamente na semana em que cogito viajar recebo um telefonema de um amigo uberabêense, transmitindo o recado do próprio Chico. Ele se antecipara; queria me ver na próxima sexta à noite.

Havia um problema bem mundano a contornar, no entanto. Com que dinheiro viajaria? Naqueles dias, nem com a passagem rodoviária poderia arcar. Fui à casa de uma amiga e, um tanto sem graça, pedi um empréstimo. Disse-me ela:

- Não vou lhe emprestar, vou lhe dar. Mas há uma condição: você tem de entregar a Chico esta carta - e passou-me às mãos um envelope pardo.

Pus-me logo a caminho. Na verdade, estava atrasado. Só consegui embarcar no ônibus na sexta à noite, quando já deveria estar em Uberaba, conforme o horário estipulado por Chico. Mesmo correndo sério risco de que não mais pudesse me receber, segui viagem.

Ao sentar-me no fundo do ônibus, como era meu gosto, vejo um sujeito feio, malcheiroso até, assentado numa poltrona próxima. Tinha aspecto mal-encarado mesmo. E o pior: estava olhando para mim e sorrindo um riso meio bobo. Bastou isso para que eu tivesse certeza: seria assaltado. Segurei minha mochila nos braços e fiquei alerta. Maquinei mil coisas, paranóico, e decidi que não podia dormir durante toda a madrugada na estrada, sob pena de ter meus pertences furtados. "Ah! Meu Deus... Que azar", pensava eu.

Enfrentei bravamente a noite acordado e, ao amanhecer do sábado, desembarcávamos em Uberaba. Ainda na rodoviária, vem se aproximando justamente o sujeito estranho. Grande, ele tinha um cabelo afro meio

espetado; o rosto não inspirava confiança. Deus meu, e aquele homem resolve dirigir a palavra a mim:

- Moço, você pode me ajudar?

- É... - hesitei, mas não consegui pensar em nenhuma desculpa.

- Não sei como chegar neste endereço - mostrou-me um papel com anotações. - O senhor não pode me levar até lá?

Que fazer? Ele não me deixaria em paz. Disse ter procurado o guarda, mas não obteve direcionamento. A verdade é que sua fala era igualmente insólita, meio fanha. Era difícil compreender o que dizia.

- Vamos lá - resolvi guiar o rapaz, apesar do medo. - Acompanhe-me.

214

215

No trajeto a pé até o endereço, procurei todo o tempo ir pelo meio da rua, disposto a dar um solavanco e fugir, caso sofresse qualquer tentativa de assalto. Caminhamos por cerca de meia hora quando chegamos ao destino. Na porta, lia-se: Associação dos Surdos-Mudos de Uberaba, ou coisa assim. Pra meu espanto - nem havia me dado conta - logo adiante estava a residência de Chico. Meu destino e o dele eram quase vizinhos.

Despedi-me e fui até a frente da casa de Chico, meio sem saber como proceder. Sentei-me na calçada, orei e decidi aguardar não sei muito bem o quê. Havia perdido o horário marcado, na noite anterior,

e sabia do rigor que o médium de Emmanuel tinha com sua agenda, devido aos muitos compromissos e às inumeráveis pessoas que o procuravam, de todo o Brasil. Cerca de meia hora de espera, sai lá de dentro a D. Aparecida, fundadora do abrigo de pacientes com fogo selvagem ou pênfigo, uma das tantas obras sociais inspiradas por Chico. Grita ela em direção à rua:

- Seu Róbis! Ô Seu Róbis, Chico mandou chamar - um vozeirão grosso e um sotaque bem caipira eram particularidades dela, uma mulher simples, de uma fibra admirável.

Espantado, levantei-me e entrei.

- Está com fome, Robson? - na verdade, Chico jamais me chamou assim; usava o mesmo nome que Joseph e Zarthú empregam.

- Claro, Chico!

- É, meu filho, você continua o mesmo - sorriu, pedindo a alguém que preparasse um pão com mortadela para mim. - Sempre com fome.

Ao fim do lanche, indagou novamente:

- Mais fome, filho?

- Sim, Chico! - e pediu mais um pão, porém agora viera só com manteiga.

- Ainda tem fome?

- Sim - repetimos o diálogo.

Porém ele tornou:

- Agora acabou, né, filho?! Se continuar comendo

assim, vai depenar a casa deste velho! - brincou ele.

E mudou de assunto rapidamente:

- Sabe por que o recebi aqui hoje, Robson?

- Não, Chico, não sei.

- Emmanuel estava perto de você na rodoviária.

Quando decidiu ajudar aquele rapaz, que é um pupilo dos benfeitores espirituais, especialmente de Scheilla, ele me disse para recebê-lo, mesmo fora do horário. Aquele jovem faz um grande trabalho adotando crianças surdas, e é inspirado diretamente pelo Alto.

E eu, que o tinha ajudado mais por medo que outra motivação... Que é o preconceito, não?

Prosseguiu o médium:

- Há uma mensagem psicografada por você, meu filho, presa numa gaveta. Seu amigo Rodrigo não tem duas casas? Na mais distante, no segundo andar, tem uma cômoda. Na terceira gaveta, contada de baixo para cima, há uma mensagem que ficou presa no fundo, atrás da gaveta, no abrir e fechar. Pegue essa psicografia: ela dará nome ao livro e deve ser inserida nele.

Era impressionante a riqueza de detalhes da indicação, até para Chico. Avaliei que ele devia estar meio doido. Não podia ser... Nem me lembrava da tal mensagem.

Após a conversa, disse-me ter um presente para mim. A seu pedido, alguém lhe trouxe um pequeno baú, do qual tirou um papel. Era a introdução do livro

- Bezerra de Menezes efetivamente a tinha escrito pelas mãos de Chico Xavier, exatamente como fora prometido ao espírito que quisera escrever suas memórias, em Uberaba. E pensar que eu tinha ido lá para colocar Franklim à prova... Meu maior trunfo de descrédito em relação a ele era a aposta de que Chico não falaria nada que abonasse o livro. Dei com os burros n'água. Resultado: Franklim não era nenhum obsessor; tudo que me havia dito era a mais pura verdade, como o grande médium mineiro pudera atestar.

Como se tudo isso não bastasse, como se a mediunidade de Chico carecesse de casos espantosos e de revelações inusitadas, antes de se despedir, ele fala:

- Ah! Filho. Dê um recado à sua amiga Sônia. A que lhe deu um envelope para me entregar, que está dentro de sua mochila. Diga a ela que já li a carta e estou a par do caso. Os benfeitores vão auxiliar.

- É mesmo, Chico... - eu já estava de saída, na porta.

- E dê lembranças a seu amigo Marcos, que me mandou a camiseta que também está na sua mochila. Diga que adorei o presente.

Com efeito, Marcos tinha me dado a incumbência de presenteá-lo, e eu, evidentemente, havia esquecido. Não me lembraria se Chico não falasse.

Ao regressar a Belo Horizonte, telefonei para Rodrigo já da rodoviária, imediatamente ao chegar, a fim

de encontrar a referida mensagem. Depois de lhe dizer onde ela estaria, dirigimo-nos à sua casa mais distante, na região de Venda Nova, na periferia da cidade. Qual foi nossa surpresa ao verificarmos, um tanto incrédulos, que, debaixo da terceira gaveta da velha cômoda, de baixo para cima, eis que surge a letra da música *Canção da esperança*. Exatamente no local indicado por Chico. Nem mesmo Rodrigo seria capaz de esconder a mensagem psicografada bem debaixo da gaveta, que deve ter escorregado e ficado presa no fundo.

O LIVRO FOI IMPRESSO, APÓS MUITAS IDAS E vindas, por meio de uma doação que recebemos, no valor integral da publicação. Mais uma prova da ação dos espíritos, pois não fazíamos idéia de como levantar o recurso necessário. Apesar da generosidade do patrocinador, publicar um livro nunca foi algo sem dificuldades, atropelos e desafios. Nessa ocasião, por exemplo, por algum motivo que não sei explicar, a versão do livro que foi impressa era uma versão pré-final do texto, e não a definitiva, que continha todas as correções. Apavorei-me, mas foi novamente Chico Xavier quem aconselhou: "O livro precisa sair, meu filho. Vai-se melhorando no caminho".

Chegaram a nossas mãos os primeiros exemplares alguns dias antes do Natal de 1995, inviabilizando, portanto, qualquer evento de promoção e lançamento

da obra naquele ano. Adiamos o lançamento para os primeiros dias de 1996, quando agendamos uma palestra no Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais, dando a público a história de Franklim como uma autêntica canção de esperança.

Era uma época em que a aids estava no auge, tema de todas as notícias. Da mesma forma, o preconceito.

O livro foi um sucesso, atingiu surpreendente repercussão, ainda que com as limitações de nossa primeira experiência no campo editorial.

Ainda em 1996, Franklim resolveu me apresentar à sua mãe. Disse-me que ela estaria assistindo a uma palestra no Centro Espírita Oriente, um dos maiores e mais tradicionais da capital mineira. Deveria me deslocar até lá, a fim de que ele me mostrasse a mulher que havia sido sua mãe na última encarnação.

No dia marcado, lá estava eu no Centro Espírita Oriente, já acostumado a sair de casa para encontros agendados pelos espíritos. Sentei-me num dos bancos, esperando pelo Franklim. Não o vi. Esperei algum tempo e julguei que era uma brincadeira. A reunião terminara, e nada de ele aparecer.

Todos saíam do centro espírita. Eu, sempre apressado, já estava do lado de fora quando avistei Franklim abraçado a uma senhora. Ele gritava para mim:

- Minha mãe, minha mãe! - bradava excitado, alegre.

Os demais não o escutavam, mas era essa, ao menos, a minha percepção do seu pensamento. Depois de muito titubear, resolvi abordar a mulher. Aprendi a discrição com o espírito Zarthú; salvo com orientação expressa, jamais toco em assuntos que envolvam percepções espirituais com quem quer que seja. Para se ter uma idéia, quando cheguei a Belo Horizonte, vindo do interior do estado, comecei a freqüentar um centro espírita. Zarthú determinou desde o início: "Não se atreva a dizer que é médium; estude, passe a trabalhar nesta casa como qualquer outro, vencendo as devidas etapas, a seu tempo".

220

221

No entanto, o caso ali, com a mãe de Franklim, era singular. Após um diálogo mais ou menos longo, comentando amenidades, enchi-me de coragem e perguntei se ela tinha algum parente próximo desencarnado. O espírito, ao meu lado, dizia a todo momento:

- Fala logo para ela que estou aqui, fala logo! Eu já não lhe dei provas demais?

Sem responder-me diretamente, a mulher notou o meu jeito um tanto diferente e me perguntou:

- Está acontecendo alguma coisa com você?

- Desculpe-me - disse eu. - É que estou às voltas com um espírito que insiste para que eu fale algo para a senhora.

- Diga-me, meu filho - falou a mulher.

Resolvi então lhe dizer. Perguntou-me se pode-

ria saber o nome do espírito e eu finalmente confessei a ela que se tratava do Franklim, um espírito que escrevera um livro através de minha mediunidade. Naturalmente lhe disse o nome verdadeiro do espírito, e não esse pseudônimo. Isso a fez se emocionar profundamente. Ela reconheceu seu filho querido não apenas pelo nome, mas por outros detalhes que ele forneceu. Franklim enviou-lhe um recado ali mesmo, numa esquina da Rua Aquiles Lobo, na Floresta, um bairro da região central. Ficamos eu e ela amigos a partir de então. Conheci também a irmã dele, Elizabeth, a quem mais tarde ofereci um exemplar do livro.

Um dos lances mais interessantes sucedeu tempos depois, quando Elizabeth ficou grávida. Franklim reencarnaria através da própria irmã, segundo Chico Xavier me confirmou certa ocasião. Passava eu em frente a uma maternidade, na região hospitalar de Belo Horizonte, quando a mãe - agora avó - de Franklim saía do hospital e, avistando-me, gritou meu nome:

- Robson, Robson! Espere um pouco, o Franklim reencarnou! - ela já sabia de tudo. - Vou buscá-lo para você ver.

Entrei e esperei, naturalmente muito emocionado, pois era a primeira vez que teria nos braços uma criança que eu tinha certeza de ser a reencarnação de um espírito que escrevera através de mim.

Em instantes, apareceu alegre, segurando o filho nos braços - agora, neto recém-nascido:

- Veja, Robson, ele tem até a mesma marca no bumbum! Parece que veio assim para ser identificado por nós.

Em outro momento, ela havia comentado que Franklim possuía uma marca distintiva, uma mancha marrom. Morrendo de curiosidade, perguntei, enfim:

- E a nova mãe, a Beth, ela sabe que é o Franklim que reencarnou através dela?

- Claro que não! Só nós dois sabemos. Vou ajudar a criar meu netinho e filho do coração com o mesmo amor que eu sempre tive por ele. É o meu filho que retornou, Robson! É o meu filho...

222

---

223

E eu, segurando a criança nos braços, meio sem jeito, falei para o menino:

- Agora você vai ter de pagar todo aquele vexame que me fez passar na Praça Sete... A vida espera por você, meu amigo.

É que o espírito José Grosso me esclarecera que Franklim reencarnado seria médium. Entregando a criança para a vovó coruja, continuei meu caminho cheio de emoção, com as lágrimas descendo na face, agradecido a Deus pela bênção da reencarnação. Rezei por ele. E por todos os médiuns também. Franklim agora é um belo garoto e está sendo brilhantemente educado por sua nova mãe.

## MEDICINA DO CORPO E DA ALMA<sup>39</sup>

Em novembro de 1996, já freqüentava há alguns meses um grupo mediúnico no Centro Espírita Amor e Trabalho, na cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, MG. Durante os trabalhos, às quartas-feiras, o médium Hércules Fernandes fazia pintura mediúnica e vez ou outra eu psicografava.

Certa noite, entrei em sintonia com elementos do plano extrafísico e foi apresentada à minha vidência uma cena. Via um livro sendo colocado à minha frente, e sobre ele caía uma rosa vermelha. Da rosa destacava-se uma pétala, que se transformou em sangue, manchando o livro. Fixei o olhar para ver o que estava escrito no livro e pude ler o título: *Medicina da alma*.

Ao final da reunião, fiquei em silêncio e não desejei relatar o ocorrido, deixando para minhas reflexões as imagens percebidas. Quando os demais médiuns tive-

<sup>39</sup> Para este texto sobre o livro *Medicina da alma*, partiu-se da introdução inédita feita para a edição comemorativa da obra, lançada quando o livro completou 10 anos, em 2007. Sobre o texto original, foram feitas diversas intervenções a fim de acrescentar detalhes. Também foram feitos reparos importantes, conforme se explica no capítulo 8 desta obra, intitulado "O hipno". (Ver texto original em PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Joseph Gleber. *Medicina da alma*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora. 1ª ed., 1997, 12 reimpressões; 2ª ed. revista, 2007, 3 reimpressões, p. 11-24.)

ram a iniciativa de relatar suas impressões e o resultado de suas observações, uma das médiuns presentes disse ter visto um livro cair à minha frente, com algo de cor vermelha a envolver o livro. Mas era só. Ela não havia percebido mais nada. Outra médium afirmou:

- Vi o livro também, em cima da mesa. Vi ainda uma rosa, uma rosa despetalada.

A partir de então, complementei o relato da médium, falando a respeito do que havia notado.

Àquela altura, vinha psicografando alguns textos do espírito Joseph Gleber, mas ele sempre me instruíra a guardá-los, pois não gostaria que fossem levados a público, ao menos naquele momento. Assim procedi, conforme sua orientação. Marcou um horário: todas as noites, às 3 horas da madrugada. Às 2h30 punha-me de pé, tomava um chá após lavar o rosto, apagava as luzes e fazia uma prece. Em instantes, a mão começava a movimentar-se sobre o papel.

Naquele tempo, não vivíamos a era da informática, com equipamentos tão difundidos como na atualidade. Portanto, não possuía computador doméstico, tampouco na casa espírita. Para facilitar o processo, numerava as folhas de uma resma inteira, porque Joseph era muito veloz na escrita, e não havia quem pudesse dar plantão para coletar o papel, retirando-o da minha frente à medida que o espírito escrevia. Assim, ao preencher cada folha, jogava-a para o lado, e ela ficava sobre a

mesa ou caía ao chão. Encerrada a atividade, recolhia as páginas, que a essa altura estavam espalhadas por todo o cômodo, e as arranjava conforme a numeração. Na maior parte das vezes, como já disse em outro momento, psicografava no escuro, a fim de evitar a leitura do texto e, conseqüentemente, o debate com o autor durante o processo. Eram folhas no formato A4, nas quais ele rabiscava apenas meia dúzia de palavras - garranchos mesmo - e logo já passava à seguinte. Nada ecológico... Procurava manter pacotes de folhas à disposição em casa. Ignorava que o conteúdo trazido faria parte do tal livro, *Medicina da alma*. Psicografava aleatoriamente; não havia ligado uma coisa com a outra.

No início de 1997, mais precisamente em janeiro, o benfeitor espiritual me pede para ficar à sua disposição e, se possível, que me retirasse para algum lugar junto à natureza. Ele prosseguiria os escritos e os reuniria num volume a ser publicado. O título: *Medicina da alma*.

Recebi a notícia com enorme estranhamento, porque tinha psicografado somente o livro *Canção da esperança* e não imaginava prosseguir nessa direção; nada ouvira a respeito de um futuro livro. Guardei as informações como uma enorme interrogação. Geralmente tenho um pé atrás com relação às orientações. Desconfiado - mineiro demais, talvez? -, não atendo a tudo que os espíritos falam; pelo contrário, espero as instruções se confirmarem através de mecanismos distintos,

sobretudo as de maior impacto. Acredito que Kardec ensina que semelhante atitude é a mais segura com relação às revelações provenientes do mundo espiritual.

Como terapeuta holístico, mantinha um consultório, à época, no imóvel que dividia com a Casa dos Espíritos Editora, no centro de Belo Horizonte, na Rua Guajajaras, 781. Certa manhã, ao chegar ao endereço na companhia de Marcos Leão, o único computador que possuíamos encontrava-se ligado - mas o havíamos deixado desligado no dia anterior, ao fim do expediente! Éramos Marcos, eu e Rodrigo Almeida, outro fundador da Sociedade Espírita e da Casa dos Espíritos, a fechar a sala. Depois do espanto, ao olhar o monitor ligado, ambos notamos uma série de mensagens escritas na tela. Ignorávamos, mas estávamos diante do fenômeno da transcomunicação instrumental. Uma frase se destacava entre as demais: "Contato, contato, contato, queremos fazer contato". É necessário lembrar que o equipamento era daqueles que operavam em DOS. O sistema operacional Windows ainda engatinhava.

Ficamos a cogitar se não era uma peça que alguém desejava pregar, uma brincadeira de gosto duvidoso. Afinal, quem havia digitado aquelas mensagens? Para piorar a situação, repentinamente os caracteres do DOS, de aspecto normalmente estático, entraram em movimento diante de nossos olhos! Eu e Marcos ficamos apavorados. Jamais presenciara esse fenômeno atra-

vés de médium algum e éramos apenas os dois na sala. Concluímos que o computador estava com vírus ou outro problema; ou que aquilo era brincadeira de alguém.

Mandamos naquele mesmo dia a máquina para a assistência técnica. Estava tudo em ordem, para nossa decepção. Quando o computador retornou para o escritório, um ou dois dias depois, resolvi trancar o cômodo onde ele ficava. Desliguei tudo pessoalmente, inclusive o cabo de força na tomada, e guardei a chave. Chegamos no dia seguinte, pela manhã, e novamente estava ligada a máquina. Lia-se no monitor: "O próximo livro a ser lançado é *Medicina da alma*". Nessa segunda vez tive medo. Ante a nova mensagem, impossível não associar a notícia às percepções relatadas no Centro Espírita Amor e Trabalho.

"Próximo livro? - pensei comigo. - Vou ter novo livro? Será que não basta o *Canção da esperança*? Meu Deus! O *Canção* já está dando muita dor de cabeça a todos nós. Agora, mais um? Seria mesmo através de mim?"

Ao longo de uma semana assistimos aos fenômenos. Apareceram o nome do livro e o do autor espiritual, entre outros dados. As comunicações traziam a assinatura de outro espírito. Identificado apenas como Albert, dizia-se amigo de Joseph Gleber. Durante aquele período, os trechos escritos reiteravam que o próprio benfeitor pedira a Albert para fazer as mensa-

gens chegarem até nós, insistindo no tópico do livro a ser lançado. Provavelmente, caso não houvesse uma intervenção "sutil" como essa, eu me recusaria a publicar *Medicina da alma*.

De acordo com o pedido de Joseph, parti para a Serra da Mantiqueira durante um final de semana. Acompanhava-me o amigo Sebastião Bicalho, uma espécie de mecenas dos espíritos na ocasião. Naquele local psicografei, entre outros, o capítulo 9 de *Medicina da alma*, que fala sobre aura. Joseph o escreveu todo em alemão, como se não bastasse o texto estar espelhado, o que era um hábito do autor espiritual. Mas, em alemão, era a primeira vez... Simplesmente não pude ler nada sem a devida transcrição e posterior tradução.

228

229

À parte o fato de ter de acordar às 3 horas da manhã, a psicografia ocorreu de forma tranqüila. Concluída a escrita do livro, duas semanas antes do carnaval de 1997, fui presenteado por Marcos Leão com um plano de saúde. Teria cobertura imediata para qualquer procedimento médico, inclusive cirurgias e exames, em virtude de uma campanha promocional que abolia as carências típicas desse tipo de produto. Na verdade, era um seguro-saúde. Não imaginava o que poderia ocorrer comigo, pois, até aquele momento, não havia experimentado nenhum problema de saúde grave que justificasse, ao menos para mim, a preocupação em ter um seguro-saúde.

O livro *Medicina da alma* logo entrou no processo de diagramação e preparação, pois desejávamos publicá-lo ainda no início do ano. Todos estávamos ansiosos na Casa dos Espíritos, que então mal havia começado suas atividades, pois aquele recém-terminado era o segundo livro a ser publicado; nada sabíamos, entretanto, acerca da programação do Alto e do autor espiritual.

Ainda faltavam alguns dias para os originais rumarem em direção à gráfica, quando, numa conversa com o espírito Joseph Gleber, ele me disse:

- Não permitirei que você publique um livro sem atestar, com sua experiência, a validade de seu conteúdo. Certamente me envergonharia diante dos benfeitores da espiritualidade, caso me utilizasse de um médium que não houvesse dado testemunho do trabalho. Não basta psicografar um livro; é necessário que você experimente o valor de sua mensagem.

Ainda assim eu não imaginava o que poderia se esconder por detrás das palavras de Joseph. Pensei que no dia-a-dia da casa espírita iríamos estudar o livro, algumas técnicas de magnetismo e apenas isso. E não era bem isso o que Joseph queria falar.

Na segunda-feira que antecedia o carnaval, comecei a sentir algumas dores abdominais. Tirando proveito do plano de saúde que meu amigo me havia oferecido, imediatamente procurei um médico. Fui informado, através de um rápido exame clínico, que

o meu caso era algo muito comum - apenas problemas intestinais. Naquela época, tinha por hábito comer muito (muitíssimo!), e, portanto, o que sentia era somente o resultado de meus abusos alimentares.

Voltei para casa e usei alguns medicamentos indicados pelo médico. Mas nada de melhorar. Enquanto o livro *Medicina da alma* estava sendo preparado para entrar na gráfica ainda antes do carnaval, minhas dores foram aumentando de tal maneira que resolvi procurar diretamente um pronto-socorro, para possíveis averiguações.

No ato da assinatura dos papéis, o corretor que havia vendido o seguro-saúde me advertira:

- Olha, Robson, caso algum dia você precise se internar em Belo Horizonte, de forma alguma vá ao Hospital x, pois, embora tenha recursos muito modernos e seja pioneiro em matéria de tecnologia, é atualmente o campeão mineiro de infecção hospitalar.

Como estávamos próximos ao carnaval, procurei três hospitais e não consegui ser atendido em nenhum, tanto por falta de profissionais disponíveis quanto por falta de profissionais disponíveis - e outros problemas mais, alegados pela administração. Só havia um pronto-socorro onde consegui ser atendido: exatamente aquele que corretor me advertira a evitar a todo custo. Mas não havia jeito. As dores pioraram gradativamente, e naquele instante eu já não conse-

guia andar. Fui carregado por um amigo. Diagnóstico: apêndice supurado. Precisava ser operado imediatamente, do contrário não haveria possibilidade de sobreviver. "Quarenta minutos", disse o médico, era o máximo que podia esperar.

Como não havia outro jeito, fui internado ali mesmo, em caráter de urgência; nem sei direito se fizeram todo o pré-operatório necessário. Naquela época eu estava com altas taxas de glicose, porém não me recordo de haver sido indagado a respeito pela equipe médica responsável. Ao ser admitido no bloco cirúrgico, mal fiz uma prece e aplicaram-me anestesia pen-durai. Muito nervoso, pedi algo para apagar.

Exatamente no dia em que baixei ao hospital para me submeter à cirurgia, *Medicina da alma* dava entrada na gráfica, cujos funcionários trabalhariam durante o feriado para produzi-lo.

Lembro-me de que, após a cirurgia, ouvia algumas vozes ao longe e me sentia de fato deslizando, levitando. Minha primeira conclusão lógica é que havia desencarnado, pois me sentia algo tonto, leve, o que atribuí imediatamente ao fato de já estar no plano espiritual. Preocupei-me com as crianças que amparávamos na casa espírita. Quem tomaria conta delas caso eu desencarnasse? Naquela época, eram 60 crianças. E as demais atividades, como prosseguiriam?

Uma voz de timbre suave, pendendo para os tons

agudos, falava-me:

- Robson, meu filho! Esqueça os problemas, que tudo já passou! Jesus te chama para uma vida nova.

- Estou morto! - pensei, sem forças para falar.  
- É Scheilla que está me recebendo do outro lado. Quanta honra!

Novamente a voz se fez ouvir:

- As dores já passaram, tudo já acabou, viu, meu filho? Pode acordar, porque agora tudo será renovado!

Não podia ser diferente: estava mesmo desencarnado. Mortinho da silva.

Sentindo-me tonto, em virtude do efeito da anestesia, ainda com o olho fechado, achei que estava flutuando. Era uma maca, apenas, e alguém me conduzia. Levitando, nada...

Fui arrancado abruptamente de minha ilusão:

- Robson, acorda! - abri os olhos e um homem barbudo, de aspecto rude, dirigia-se a mim.

- É o umbral, não é Scheilla! - imaginei.

Senti uma mão a sacudir-me de modo mais intenso, e a voz parecia me arrancar do transe da morte. Abri os olhos e vi que não estava morto coisa alguma. Era o médico que fizera a cirurgia: -

- Ocorreu algo durante sua cirurgia. Você está sendo encaminhado ao cti.

Rapidamente perdi a consciência e entrei em coma durante os próximos **19** dias, em que fiquei in-

ternado em estado grave. Na verdade, é interessante o que aconteceu, porque não perdi a consciência, propriamente dita; fiquei desacordado, mas consciente, próximo ao teto do cômodo durante grande parte do tempo, em desdobramento astral.

Durante esse período, foi requerida a presença de meus familiares, que vieram do interior com a expectativa de comparecer ao meu funeral. Minha família, toda evangélica, sem exceção, estava atordoada e só pensava em despedir-se de mim. Eu, desdobrado, achava-me no teto do CTI e presenciava tudo, pensando:

- Que povo besta! Estou tão bem, e eles chorando assim. Eles é que precisam de ajuda.

Numa dessas visitas ao CTI, minha irmã dirigia-se, aos prantos, a meu corpo inerte:

- Pode morrer em paz, meu irmão. Não se preocupe conosco! Jesus vai lhe socorrer.

E, numa outra ocasião, uma amiga (mui amiga!), falava-me baixinho, enquanto meu corpo definhava no leito:

- Robson, eu sei que você me ouve. Não se preocupe, meu amigo. Vamos comprar seu caixão, e, desde já, saiba que consegui junto à minha família a liberação do jazigo que compramos num cemitério da cidade. Vá em paz! Não se preocupe com as contas. Está tudo preparado. Joseph Gleber com certeza irá recebê-lo do outro lado.

- Miserável! - pensava eu, desdobrado. - Será que não sabem que, apesar de ser espírita, detesto a idéia de me transformar em espírito? Estou tão bem e vocês mangando de mim...

Certo dia, quando meu pai e minha irmã foram convocados pelo médico de plantão para uma conversa mais franca e definitiva a meu respeito - quer dizer, desligar os aparelhos que me mantinham vivo -, a enfermeira chegou correndo, requisitando a imediata presença do médico. Eu havia me sentado sobre a maca depois de longos 19 dias de coma. Estava arrancando os fios ligados a mim e falava num idioma desconhecido. Joseph Gleber, incorporado, retirava-me do cti:

234

- Estou retirando *minha* médium desta cama - anunciava ele, num sotaque carregado, misto de ídi-che, alemão e português, segundo me relatou mais tarde quem presenciou o fato.

235

Curioso fenômeno ocorreu em torno de mim. Médicos não conseguiam chegar muito perto; de um momento para outro, pareciam ser barrados por algum campo de força invisível. O amigo Marcos Leão os advertiu:

- Não tentem entender o que es"tá ocorrendo. Vocês com certeza não conseguirão.

O espírito havia interferido de tal maneira que todos se afastaram, limitando-se a indicar um dos apartamentos ao qual eu fosse levado. Joseph conduziu meu cor-

po até determinada maca, e os enfermeiros, assustados, acompanharam-no, retirando-me do CTI, com o médico de plantão em estado de choque diante do inusitado.

Assim que me instalaram no apartamento, Joseph Gleber me assumiu novamente, bem como Alex Zarthú, o Indiano, que se assentou em posição de lótus. Ambos se revezavam, na posse de meu psiquismo, com o espírito Pai João de Aruanda, que cantava a plenos pulmões - ou com o que restara dos meus - com toda a potência de sua voz:

*Cadê a minha pemha*

*Cadê a minha guia*

*Minha terra é muito longe*

*Meu gongá é na Bahia...*

A música prossegue. Foi uma balbúrdia total; demoraram a se acalmar. Voltei a receber a visita do médico somente quando os espíritos acharam por bem se retirar, deixando-me junto a Marcos, a meu pai e minha irmã. Estes dois últimos não se cansavam de orar e exclamar:

- O sangue de Jesus tem poder!

Contaram-me mais tarde que vários espíritos - entre eles Everilda Batista, minha mãe, Zarthú e Scheilla - apresentaram-se através da psicofonia ainda quando estava no quarto do hospital, alguns deles provocando inclusive efeitos físicos. Ao ter alta, estava uns 35kg mais magro. Deram-me vários motivos para o que ocor-

ra: ouvi dos médicos câncer, aids e outros diagnósticos como esses. Entretanto, somente três meses depois é que descobri a verdade sobre o que havia sucedido.

APÓS A PUBLICAÇÃO DE "MEDICINA DA ALMA", tão logo me recuperei, fui a Uberaba apresentar o livro a Chico. No regresso, tomei um ônibus em trânsito, na estrada, e não na estação rodoviária. Assim que o ônibus parou e entrei, uma pessoa lá dentro falou-me:

- Você é o Robson Pinheiro?

Respondi que sim, intrigado com aquela mulher franzina que me abordava. Acabou me explicando:

- Sou a enfermeira que estava de plantão no dia da sua cirurgia. Iniciava meu trabalho ali exatamente naquele dia; era meu primeiro dia no Hospital x.

Lembrei-me da voz fininha da mulher: ela era a suposta Scheilla. Só que era uma Scheilla negra e bem pequenininha! Nada tinha a ver com a Scheilla espírito. Era de fato a mesma voz aguda, de timbre suave, que ouvira ao sair do bloco cirúrgico. Prosseguiu:

- Você sabe o que ocorreu com você?

- Não. Até agora os médicos não chegaram a uma conclusão; cada um diz uma coisa.

- Nada disso! - revelou ela. - Fomos chamados ao fim da operação e advertidos para não comentar nada a respeito do que ocorreu, a fim de evitar problemas. Mas a verdade é que você teve infecção hospitalar.

Exatamente no campeão mineiro de infecção hospitalar é que havia me internado; nada mais natural de se esperar. Ocultaram-me o fato em razão das possíveis conseqüências jurídicas que poderia acarretar, segundo confirmou a enfermeira, relatando-me os pormenores.

Meses mais tarde, ao participar de um evento de lançamento do livro, contei essa mesma história numa casa espírita em Belo Horizonte. Um homem levantou a mão e pediu a palavra:

- Eu estava presente e fui o médico que executou a cirurgia. Presenciei tudo.

Estávamos no Centro Espírita Bezerra de Menezes, no Bairro Santa Efigênia. Ele completou:

- Inclusive, estou aqui não por ser espírita, mas porque procuro no espiritualismo, de modo geral, explicações para os fenômenos que ocorreram em torno de mim na ocasião.

Como se pode ver, *Medicina da alma* trouxe a oportunidade de provar na minha vida o conteúdo do livro, de acordo com o que Joseph Gleber havia alertado. Se o assunto é medicina, saúde espiritual e holística, nada mais razoável que experimentar fatos relacionados com tais temas. Só que não entendi assim ao ouvir o benfeitor. Imaginei que *experimentar* significasse estudar, desenvolver algumas práticas de bioenergética que Joseph me ensinara.

Isso me remete às palavras de Teresa de Calcutá, ao afirmar que Jesus nunca prometeu ruas floridas nem caminhos asfaltados. De fato, falou que "estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que a encontram"<sup>40</sup>. Ninguém pode esperar que, por ser um medianeiro, os espíritos o poupem de qualquer coisa. De forma alguma. A porta é estreita, e apertado é o caminho. Quem vê a mediunidade como a porta fácil, com um caminho asfaltado, está diante de outras vias, não das estradas do Cristo. O que não quer dizer que se deve encarar a mediunidade como sofrimento. Há quem diga: "Você está sofrendo pela mediunidade!". Não, não é isso. A mediunidade é prazerosa. O intercâmbio com os espíritos traz contentamento. A certeza da imortalidade produz uma satisfação tremenda e uma sensação de confiança na vida.

Os desafios da mediunidade são os mesmos com que todo ser humano depara, nos diversos aspectos de sua vida: profissional, familiar, afetivo... A mediunidade talvez faça ressaltar os desafios individuais, devido à própria sensibilidade do veículo mediúnico, ou seja, do sensitivo. Talvez os acontecimentos não sejam mais intensos, mas sua percepção hipersensí-

40 Mt 7:14 (BÍBLIA de Referência Thompson. São Paulo, SP: Ed. Vida, 2004. Tradução contemporânea de João Ferreira de Almeida).

vel lhe dê essa impressão.

A dor de cabeça é maior no médium? Não! É o médium que é hipersensível. E o médium precisa ter certa dose de autocrítica para não deixar a euforia "missionária" tomar conta de si, tampouco *z'frescurite*. Todo médium é muito fresco (eu inclusive). Qualquer coisinha fica sentido, ressentido ou emocionalmente abalado. Cansei de ver alguém conversar de modo mais firme com um médium e ele dizer: "Nossa, Fulano me destruiu, brigou comigo". Ou talvez essas coisas só ocorram em nossa casa espírita...

O espírito Pai João de Aruanda tem uma forma interessante de falar disso no livro *Alforria*<sup>44</sup>. O grande problema é que o ser humano, médium ou não, acaba dando mais valor ao desafio ou ao problema do que à vitória espiritual. Então o desafio parece maior. A dor tem mais valor, pois a dificuldade é ressaltada. Todavia, segundo o ensinamento dos espíritos e mediante uma visão mais ampla da vida, podemos constatar que o aprendizado é muito, muito mais bonito e importante.

Lançar livros como *Medicina da alma* tem trazido essa experiência agradável. Costumo dizer que, quando se esboça o projeto de um livro a psicografar, começo a imaginar o que terei a aprender com ele, qual a próxima lição. É Joseph quem fala:

<sup>44</sup> *Op.cit.*

- Estou escrevendo primeiramente para você! Não estou escrevendo para o outro. O outro é consequência. Se você aprender o outro também aprenderá.

O texto psicografado traz uma mensagem primeiramente para o médium, depois para o leitor. Caso o sensitivo não aprenda com o produto de sua experiência mediúnica, caso não traga sentido vivo e vibrante para ele, não adianta: não vai funcionar com o público. Se naquilo que o espírito disser não houver algo novo e palpitante para o porta-voz do conteúdo - "Já estou cansado de saber isso..." - também não surtirá efeito sobre quem o recebe. O intercâmbio com o Mundo Maior deve necessariamente provocar uma repercussão na vida do mediano, trazer um redirecionamento, uma transformação propiciada pela essência daquilo que se transmite através de seu arcabouço psíquico. Assim, algo similar se verificará com o receptor da comunicação.

Não me resta dúvida sobre essa questão. O impacto sobre aqueles que lidam com a obra na fonte, na origem, é diretamente proporcional à reação do público à obra. Veja o que ocorre com nossos livros, lançados pela Casa dos Espíritos. Motivam-nos no trabalho espiritual, envolvem as pessoas ao longo de todo o processo, tanto na editora quanto na casa espírita. A partir da equipe parece irradiar algo que age sobre o público. Seja para agradar ou incomodar, os leitores não ficam impassíveis.

## PSICOGRAFAR É PRECISO

Ocorreram fenômenos e situações muito positivas enquanto estava no hospital, na época do *Medicina da alma*. Ainda no período em que estive em coma, a saudosa D. Maria Pinto, que coordenava o departamento de assistência social da União Espírita Mineira, organizou um grupo de oração - porque todos esperavam que eu desencarnasse. Reuniu jovens em uma escola pública da região norte de Belo Horizonte, em Venda Nova, que permaneceram um fim de semana inteiro em uma espécie de vigília de oração e estudos, durante a qual dedicavam vibrações em favor da minha recuperação. Essa mobilização só aconteceu em virtude da repercussão que atingiu o livro *Canção da esperança*. Assim que saí do coma, ela foi me visitar no apartamento do hospital, juntamente com um grupo de 20 jovens. O médico me perguntou:

- O que você é?
- Gente! - respondi como pude.
- Não... - ele insistiu. - Quero saber se você é alguma pessoa importante.
- Não! Nunca fui nem serei. Sou gente mesmo.
- Mas você não está entendendo - tornou a argumentar. - Está um tumulto do lado de fora do hospital. Tive até de requisitar um guarda. Há pessoas com violão, cantando.

Como a maioria não conseguiu permissão para

entrar no quarto, os jovens deram a volta pela rua e ficaram debaixo da janela. Cantaram, numa espécie de serenata dedicada a mim, e as vibrações da música muito me ajudaram. O médico dizia não saber o que fazer com aquelas pessoas; fato é que não poderiam permanecer tocando, segundo disse, pois incomodariam as pessoas em outros apartamentos. Pedi então que os deixasse subir. E assim liberou-se para que entrassem no quarto em grupos. Cantavam, faziam um culto, depois vinha outro grupo. Houve certo frenesi no ambiente, de tal sorte que até a psicóloga do hospital, ao descobrir que eu era médium, em vez de vir conversar comigo como terapeuta, começou a chorar, pedindo ajuda a mim, que estava no leito do hospital.

242

243

Poucos dias depois recebi alta. Cheguei a casa numa quinta-feira pela manhã e, à noite, queria visitar a Sociedade Espírita a todo custo. Há um bom tempo estava afastado e tinha saudades. Quiseram me demonstrar da idéia, insistiram que não agüentaria... Entre outras características que herdei de minha mãe, a teimosia se destaca. Respondi que se vestissem uma roupa em mim e me levassem não haveria problema algum.

Há anos a quinta-feira é dia de reuniões públicas em nossa casa espírita, com receituário e orientação espiritual. Esta havia sido suspensa há semanas, pois, nessa época, as orientações vinham somente através de mim. Graças a Deus, isso mudou. Outros amadu-

receram e assumiram um compromisso com a tarefa.

Chegando à casa espírita, um companheiro, também da União Espírita Mineira, era o orador da noite. Adentrei o salão apoiado por dois amigos, de um lado e do outro, porque não agüentava manter-me de pé sozinho, muito menos caminhar. O palestrante olhou-me e disse:

- Mas, você por aqui, Robson? Esperava vê-lo só na reunião de desobsessão!

Não agüentava fazer nada, ainda não dava para trabalhar, mas era imensa a saudade daquele ambiente, da atmosfera da instituição. Puseram-me numa cadeira à cabeceira da mesa; logo que sentei, apoiei a cabeça nas mãos, com os cotovelos sobre a mesa. Estava muito fraco e era difícil suportar o peso da cabeça. O "prestativo" Rodrigo Otávio entendeu que eu desejava psicografar só porque tinha a mão na testa. Mais que depressa, depositou uma pilha de papéis à minha frente, com lápis e caneta.

Os espíritos pareceram não resistir à visão do papel... Lembro-me apenas de ter percebido que eu estava muito cansado, abatido, e de ter fechado os olhos. Quando os abri novamente, já tinha transcorrido todo o horário da reunião, e havia 28 mensagens psicografadas, destinadas às pessoas que haviam comparecido para receber orientação espiritual, mesmo tendo sido informadas da suspensão da atividade em caráter

temporário. Para mim o transe é tão natural que não o percebi começar. Na última folha o espírito Joseph Gleber se dirigia a mim. "Aprenda que, mesmo abatido, você não precisa estar vencido." Mesmo diante dos obstáculos, é preciso prosseguir.

### NEM SÓ DE PAPEL VIVE O HOMEM<sup>42</sup>

Segundo o prognóstico médico - que, graças a Deus, costuma falhar -, a infecção hospitalar deveria causar vários reveses, como queda de cabelos, perda das unhas e dos dentes e sabe-se lá o que mais, principalmente em virtude da quantidade de antibióticos potentes que fora necessário utilizar. Além do mais, haviam descoberto que eu era diabético e que, sendo assim, a cicatrização da cirurgia não se daria dentro do prazo previsto.

Felizmente, tudo ocorreu diferente. Dizem que quando os médicos acertam o diagnóstico, já deve-

42 Este texto, acerca da obra *Tambores de Angola*, foi elaborado a partir da abertura inédita redigida para a edição comemorativa dessa obra, lançada quando a Casa dos Espíritos Editora completou 10 anos. Foram realizadas diversas alterações no texto original, a fim de acrescentar detalhes (ver texto original em PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Ângelo Inácio. *Tambores de Angola*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora. 1ª ed., 1998, 14 reimpressões; 2ª ed. revista, 2006, 7 reimpressões, p. n-30).

mos nos dar por satisfeitos, pois o prognóstico cabe somente a Deus. Uma semana depois saí do hospital, e até hoje os dentes não caíram, nem os cabelos (que sempre foram poucos), nem mesmo as unhas. A cicatrização completa do corte - feito com desleixo pelos cirurgiões, que davam como certa minha morte - deu-se em 15 dias, sem maiores complicações, naturalmente em decorrência da intervenção da equipe espiritual de Joseph Gleber, que agiu intensamente naquela ocasião.

Retornei para casa ainda muito abatido, como era de se esperar num caso grave como aquele. Marcos procurava ficar comigo em casa, assistindo-me na recuperação, porém tinha de trabalhar para manter as despesas. Nossa situação financeira nunca permitira abusos, e o imprevisto na área da saúde rapidamente esgotara qualquer reserva. Em convalescença, com meu consultório terapêutico fechado, dependíamos inteiramente de seu trabalho para o sustento.

Lembro-me de que era uma quinta-feira aquele dia em que retornei para casa sob os cuidados dos amigos, que também estavam na expectativa de minhas melhoras.

No dia seguinte, sexta-feira portanto, Marcos iria trabalhar e eu ficaria sozinho em casa. Como não tinha condições de me levantar da cama sem ajuda, pedi a ele que me pusesse de pé antes de sair, pois se-

ria bem mais fácil me deitar mais tarde, escorregando pouco a pouco, do que me levantar. Seria menos doloroso. A região submetida à cirurgia ainda doía muito, e a fraqueza era geral. O desgaste fora bastante intenso, devido à infecção generalizada. Além disso, sabendo que eu ficaria só em casa e conhecendo os espíritos como eu os conhecia, imaginei ser grande o risco de quererem trabalho imediato. Pedi então a Marcos que tirasse de nossa casa todo o material de psicografia, como papel, canetas e lápis.

Assim que fiquei só, em pé, encostado no umbral da porta, o benfeitor espiritual Alex Zarthú se mostrou à visão, convidando-me ao trabalho:

246

- Então, meu filho, tudo bem?

247

Claro que respondi que não estava bem coisa nenhuma.

- Estou semidestruído! Saí do hospital, tive esse problema todo com a cirurgia, não sei o que ocorreu comigo, eu não estou agüentando quase nada. Estou com muita dor e sozinho. Não consegui uma pessoa pra ficar comigo em casa.

- Meu irmão, está na hora de trabalhar - disse ele, praticamente ignorando minha resposta. - Vamos escrever algumas palavras.

- Você está doido! - respondi, indignado. - Saí ontem do hospital, depois de *de-ze-no-ve* dias em coma, e vocês querem trabalhar! Nem cicatrizou direito a ci-

rurgia, estou com dores fortes e vocês ainda dizem que devo trabalhar... Afinal, eu estou quase morto!

- Então, meu filho - tornou o mentor, inalterado, o que acentuava o tom de sua ironia -, se você está quase morto, está melhor do que eu, pois já faz mais de mil anos que morri, e estou trabalhando até agora. Portanto, vamos trabalhar...

- Mas eu pensei que mentor tinha de passar a mão na cabeça do médium, tratar ele com cuidado, carinho... Além do mais, eu não tenho aqui material para psicografar. Não tenho papel, caneta nem lápis.

- Não importa, meu filho. E aquela máquina ali? - indagou, apontando para o computador.

- Só me faltava essa! Eu nunca psicografei em computador.

- Não tem problema algum. Para tudo há a primeira vez.

- Mas não posso me sentar; sinto muitas dores ainda...

- Isso também não vai atrapalhar, meu filho, pois escreveremos apenas algumas palavras. Você pode ficar em pé, certo de que não interferiremos em suas dores. Usaremos apenas suas mãos.

- Mas...

Não tinha mais argumentos para usar com o espírito. Ainda hoje penso que os mentores precisam de terapia urgentemente, pois todos parecem sofrer de

uma compulsão por trabalho. Não gostam absolutamente de férias nem repouso.

Aproximei-me do computador, conforme orientado. Porém, para que não visse o que seria escrito, eu deveria manter o *zoom* reduzido. Tudo bem, tive de ceder. Liguei a máquina, li um trecho de *O Evangelho segundo o espiritismo*, a pedido de Zarthú, e cedi os braços para a digitação, concluindo que ele próprio escreveria. Afinal, segundo o espírito me dissera, seriam apenas algumas palavras. Não deveria demorar. Eram 8h20 naquela manhã de sexta-feira. Eu ficaria de pé mesmo, pois não agüentava sentar.

Para minha surpresa, os dedos dispararam velozes sobre o teclado, como se não fossem minhas as mãos de "dedógrafo", que só sabiam catar letras aqui e ali. Nunca imaginara um indiano de tempos remotos tão familiarizado com as modernas tecnologias.

Às 14 horas cessaram os movimentos, ininterruptos durante todo o tempo. Curiosamente, não vi as horas passarem e, mesmo sem poder ler o que era digitado, não me senti entediado. A presença dos espíritos sempre foi extremamente agradável.

Terminada a escrita, amplio o *zoom* e deparo com um nome que me era inédito: Ângelo Inácio. "Quem é esse sujeito?" - indago mentalmente. "Será um obsessor?" talvez fosse a próxima pergunta, seguindo a lógica dos grandes fantasmas que amedrontam os espíritos

modernos: obsessão e animismo. Volto ao início do texto e o título é muito forte: *Tambores de Angola*.

Era um livro! Um livro! Os espíritos tinham escrito um livro! "Apenas umas poucas palavras." Sei... Porém, o que saberia um indiano como Zarthú sobre Angola? O tal Ângelo Inácio era obviamente o autor espiritual. Ou seja, fora enganado também acerca de quem escreveria; só então me dei conta de que Zarthú não escrevera uma linha sequer.

- Viu, meu filho? - dirige-se a mim novamente o espírito Zarthú, após o encerramento do trabalho. - Isso é apenas para você aprender que nunca deve conservar as mãos vazias e que sempre é possível fazer algo benéfico, proveitoso; sempre há como empregar seu tempo de modo construtivo.

Como discordar? Estava com certa raiva e cansado, mas tinha que dar o braço a torcer: mais uma vez, ele tinha razão. Estava pronto o livro *Tambores de Angola*. À exceção do último capítulo, acrescentado mais tarde, o primeiro romance de Ângelo Inácio fora psicografado em apenas algumas horas, naquela inesquecível manhã de sexta-feira. O livro foi escrito um dia depois que tive alta do hospital. Bem mais tarde fiquei sabendo a identidade que se esconde por trás do pseudônimo escolhido pelo autor espiritual. No momento, havia associado com alguém que tinha visto antes, entre os anos de 1989 e 1990.

Exausto, fui deitar-me; só li o texto uns dois dias depois. Desconhecia completamente a natureza do assunto, e me peguei impressionado e curioso para conhecer detalhes que o enredo revelava: a estrutura de um quartel-general das trevas, a ação nefasta de espíritos experientes no trato com o magnetismo e a hipnose, a descrição clara dos trabalhos de umbanda em sua simplicidade e em seu verdadeiro sentido, a trajetória de um tal Erasmino, que aprendia a baixar o topete e a começava a conhecer o espiritismo autêntico, sem a feição preconceituosa que lhe emprestam alguns...

250

251

Transcorridos aproximadamente 2 meses desde essa ocasião, fui a Uberaba, no Triângulo Mineiro, levar uma cópia do livro a Francisco Cândido Xavier, bem antes do lançamento, como havia feito com meus dois livros anteriores, *Canção da esperança* e *Medicina da alma*. Através de Chico haviam sido dadas, no ano de 1988, as primeiras orientações para a fundação da casa espírita que dirigi até pouco tempo, a Sociedade Espírita Everilda Batista. Ele próprio acompanhou de perto alguns lances da minha mediunidade - apesar de estar a 485km de distância -, desde que o conheci, em 1984, quando eu ainda morava em Ipatinga, MG.

Sendo assim, naquele ano de 1997 eu estava lá novamente, livro em punho, encadernação de capa dura, no maior capricho, buscando em Chico algum apoio e certo aconselhamento com relação à nova obra.

Afinal, minhas apreensões tinham razão de ser, ainda mais naquela época. Não sei o que era pior, segundo o ponto de vista da ortodoxia espírita: falar em tambor (há um preconceito no movimento espírita contra instrumentos de percussão, não é?) ou em Angola e qualquer outra nação africana... Para piorar a situação, o livro de Ângelo tinha os dois elementos já no título.

Chico me recebeu certa manhã em sua residência, na cozinha, rapidamente, como de outras vezes. Olhou para o livro, esboçou um leve sorriso e disse:

- É, meu filho, este livro tinha de vir. Já era para ter sido psicografado por outro médium, mas não foi possível. Lance o livro, meu filho, mas, quando o fizer, tire umas férias e se lance para fora do país!

- Por que, Chico? - indaguei.

- Por causa da caridade dos irmãos espíritas, meu filho... - respondeu ele, encostando o dedo na própria língua enquanto pronunciava a palavra "caridade". - Mas o livro tem que sair. Quem dera se eu fosse recebido por estes pretos-velhos de que fala o livro quando eu desencarnar... Eu ficaria muito feliz.

De fato, lançar *Tambores de Angola* não foi fácil. Além das dificuldades esperadas, com espíritos interessados em atrapalhar quaisquer projetos de esclarecimento das consciências, o livro de estréia do Repórter do Além, como se denomina Ângelo Inácio, foi como um furo de reportagem, um escândalo jornalís-

tico digno de sua época de encarnado. Custou-nos a perda do nome de *espiritas*, felizmente apenas perante alguns que pretendem se apropriar da aplicação exclusiva do termo. Julgando-se autoridade oficial no assunto, empossados em meia dúzia de cargos, arrogam-se o direito de classificar como *doutrinário* e *antidoutrinário* tudo quanto há. Seguem critérios inimagináveis, pois o próprio codificador do espiritismo, Allan Kardec, jamais adotou tal atitude. Ainda mais ele, vítima da inquisição espanhola, que mandou queimar seus livros em Barcelona...

Não sei se por ironia do destino ou maldição do Ângelo, a afronta veio pelos jornais. As instituições onde exercemos nossas atividades foram desqualificadas num certo veículo de mídia impressa em Minas Gerais, ligado ao movimento espírita, e eu, feito mãe que vê um filho ser destrutado, queria a desforra, tentava devolver na mesma moeda. Pretendia utilizar para isso nosso jornal *Spiritus*. Felizmente os companheiros do jornal me dissuadiram - ou melhor, me impediram, pois estava obstinado.

Buscamos resolver o impasse consultando os espíritos, que, para minha frustração à época, responderam: "Continuem trabalhando, meu filho. O tempo mostrará o resultado de seu trabalho. Continuem trabalhando, que ninguém atira pedras em árvore que não está dando frutos".

Hoje vejo que valeu a pena acatar a opinião dos demais. Rememorando esses episódios agora, passados alguns anos, parecem uma história longínqua, sem o efeito que tiveram à época. Possivelmente porque os retornos positivos a respeito do livro foram tantos e tão significativos que aniquilaram qualquer manifestação de censura. *Tambores de Angola* é o título da Casa dos Espíritos Editora que mais repercussão teve junto aos leitores, que com frequência nos escrevem, telefonam e contam o papel que o livro desempenhou em suas vidas e no contexto de suas casas espíritas ou umbandistas. É o que mais vendeu até hoje, em números absolutos - são mais de 115 mil exemplares até o ano de 2008 -, e nos abriu muito, mas muito mais portas do que as poucas que fechou.

Exemplo disso é um caso cômico do qual me recordo. Certo dia, fazendo uma palestra no interior do estado de São Paulo, a dirigente me recebe à porta um tanto desconfortável. Agradece que tenha aceitado seu convite, mas afirma que todos os livros psicografados por mim (uns três ou quatro, na ocasião) eram bem-vindos, à exceção de *Tambores de Angola*. Tudo bem. No decorrer da palestra, comentei sobre a doutrina de libertação da consciência que é o espiritismo, e como é importante combater o preconceito. "Por exemplo, hoje fui proibido de expor o livro *Tambores de Angola*, que está ali atrás, encaixotado, simplesmente porque

fala de pretos, velhos e índios, cuja existência incomoda muita gente" - disse. Claro que nunca mais voltei ao centro, mas o povo acorreu ao local onde estavam as caixas antes de eu terminar de falar. E o objetivo do livro, que visa esclarecer o que é umbanda e o que é espiritismo, foi atingido.

O curioso é que esse movimento todo ocorre até hoje, e os tambores não pararam de repercutir. Para minha satisfação ainda maior, muitos daqueles que combateram a obra na época do lançamento, exclusivamente por preconceito, resolveram ler o texto na íntegra (conforme recomenda Kardec, a propósito). Se assim fizeram para criticá-lo com mais propriedade, decepcionaram-se. Ao conhecer o que contestavam, passaram a respeitar o livro e creditar-lhe o devido valor. Alguns, mais corajosos, reconheceram o próprio equívoco e defendem a obra ainda hoje.

Fico feliz em perceber que o trabalho não seria possível sem os pretos-velhos, caboclos e exus e por *Tambores de Angola* contribuir para a desmistificação desses espíritos. Concordando com o que me disse Chico Xavier, eu também ficarei muito feliz em ser recebido por essas entidades quando aportar do lado de lá da vida.

6

BÁ

"QUE TANTO CHORA,  
AI MEU DEUS QUE TANTA PAIXÃO  
QUEM ESTÁ NESSE APARELHO É  
MARIANA NO GONGÁ."

VOVÓ MARIANA

PARECE QUE ESCUTO A VOZ DELA AINDA HOJE, um ano após seu desencarne, que ocorreu em novembro de 2007, a atender ao telefone com seu jeito peculiar:

- Maria Santos Sampaio.

Bá falava assim, o nome completo, de modo ligeiro, quase brusco, mesmo após os dois acidentes vasculares cerebrais que sofreu, em 1991 e 1997, que lhe deixaram seqüelas tanto na fala como no lado direito do corpo. Não dizia *alô, pronto*, nada do tipo. Repetia o nome todo, como se batesse continência. Dava um ar oficial ao gesto de falar ao telefone que ainda hoje soa curioso.

Ela sofreu ainda um terceiro AVC, durante uma cirurgia, para amputar as duas pernas ameaçadas pela gangrena, após complicações, suscitadas pelo fumo, que se arrastavam por mais de três anos. Nesta terceira vez, o AVC retirou-lhe a fala por completo e contribuiu para conduzi-la ao estágio crítico em que permaneceu durante pouco mais de duas semanas, quando

finalmente faleceu, aos 63 anos de idade. Fico imaginando que choque deve ser voltar da anestesia geral sem ambas as pernas e, como se não bastasse, sem poder falar. Assim, de repente, de modo imprevisto.

- BÁL. - Ela dizia se recordar da primeira vez em que ouviu essa sílaba pronunciada como a lhe chamar. Foi da minha boca, ainda bebê, que saiu o apelido adotado pela família, que marcou a todos por ter sido o primeiro som nítido que balbuciei, a primeira pessoa a quem chamei, a primeira palavra que aprendi.

Não sei de onde vem a forte ligação de coração a coração que sempre senti por Bá, fato é que sempre foi assim. Ela quase me venerava; eu era a única pessoa, após minha mãe ter falecido, a quem ela respeitava e obedecia. Digo *obedecia* porque Bá era endiabrada mesmo, e às vezes precisava ser colocada na linha. Só a perda da saúde física é que deu jeito definitivo em sua alma, primária como pedra bruta. Quanto a mim, era no seu colo que gostava de deitar, afora o de minha mãe. Aliás, mãe me educava - apesar de meus irmãos alegarem certo favorecimento de sua parte no que tangia a mim, em relação aos demais... Com certa razão, hei de confessar. Mas Bá não tinha essa preocupação: ela me defendia. Apanhei de Everilda Batista apenas em uma ou duas ocasiões, quando criança. Não porque ela não quisesse bater - não, ela não era adepta da psicologia moderna -, mas porque Bá não deixava.

- Se você não me deixar bater nele, Bá, você vai ter de apanhar - anunciava mãe. - Alguém tem de apanhar, porque o que ele fez está errado e não pode ficar sem correção.

Segundo o senso de justiça de Everilda, era assim que funcionava. Assim, diante do ultimato dado por ela diversas vezes, Bá, sem titubear, oferecia-se para apanhar em meu lugar.

Uma das primeiras meninas adotadas por Everilda Batista, Bá viu nascer um a um, três dos quatro filhos naturais de minha mãe. Quando ela chegou, apenas José Adelmário já havia nascido. Aos 12 anos já participava ativamente da vida familiar, tornando-se indispensável no dia-a-dia, como uma espécie de braço direito daquela que administrava os rumos do ambiente doméstico. Incansável, Bá não conhecia a preguiça. Dura e exigente, sabia impor as ordens de Everilda Batista em sua ausência, mesmo quando os pequenos se rebelavam e faziam artes e estripulias (e como faziam...). Ainda que tenha cometido excessos - quem não os comete? -, fato é que foi ela que teve coragem, pulso firme e dinamismo para auxiliar bem de perto na criação da prole numerosa. Na época não havia TV, a babá eletrônica, e as crianças eram muito inquietas e carentes de educação. Reconheço: era necessária rédea curta para lidar conosco.

## PEDRA BRUTA

Acredito firmemente que Bá era um espírito imaturo, jovem, do ponto de vista reencarnacionista. Nítidamente inexperiente, trazia todos os sinais de uma alma que começava a desenvolver o conceito de bem e de mal. Não se vêem hoje em dia tantos espíritos com essa característica reencarnados, especialmente aqueles que nasceram após a década de 1960, que são mais vividos, em sua grande maioria. Costumam apresentar visível capacidade intelectual e perspicácia desde muito cedo, o que não significa que sejam mais adiantados, sobretudo no aspecto moral.

Minha irmã adotiva Maria, era rude, primária ou primitiva mesmo. Nunca conseguiu sair da série inicial, em que deveria ser alfabetizada. Até morrer, aprendeu apenas duas coisas, no que tange aos assuntos escolares: a contar de 1 a 10 e a escrever o próprio nome. Penosamente, a despeito de todos os esforços de minha mãe em prol de sua educação. Sem exagero, foram uns 10 anos a fio, tentativa após tentativa, ano após ano, visando à aprovação para a segunda série. Em vão; nunca conseguia. Ora por falta de interesse, ora por causa de namoricos ou de brigas na escola, outras vezes devido a características muito particulares de sua mediunidade, conforme explicarei mais adiante. Lembro de uma entidade que se apresentava como Caboclinho de Aruanda e cantarolava através dela, afirmando, na letra da canção, não

ter tido tempo de estudar. Parecia querer que o mesmo sucedesse com Bá. Em hipótese alguma ela ia ao banco ou fazia compras, por exemplo. Até seu desencarne, era a caçula Marvione que executava tais coisas para ela. Foi um custo fazê-la aprender a usar o telefone.

Não foi uma nem duas vezes que tive notícias dos feitiços que fazia - e obrigava outras irmãs, principalmente Silvana, a colaborar. Esta, por sua vez, mesmo medrosa demais, conseguiu enganar Bá aqui e ali. Quando Bá lhe pedia que escrevesse o nome de alguém para colocar na boca do sapo ou queimar com pólvora, Silvana espertamente redigia caracteres a esmo, confiante de que Bá, analfabeta, não descobriria. E jurava a ela ter escrito corretamente, temendo as represálias que frequentemente descambavam para a agressão física. Entre a época que conheceu o terreiro do qual participou, onde se praticava um misto de umbanda e candomblé, e a ocasião em que "entregou o coração para Jesus", tornando-se evangélica, praticou verdadeiras barbaridades.

Certa vez mandara escrever o nome de alguém numa vela, de baixo para cima e vice-versa. Entoou um ponto que falava em quebrar o pescoço, quebrar o braço - e ela o ia repetindo, num gesto mântico, vigoroso, projetando verdadeiro ódio naquilo que fazia. À medida que cantava, partia vagarosamente a vela em três pedaços, que permaneciam presos pelo pavio. Em determinado ponto, quando julgou ter movimentado recur-

262

---

263

262

sos suficientes, acendeu a vela, atirando-a metros à sua frente, ao mesmo tempo em que pronunciava o nome do espírito evocado para cumprir o desígnio infeliz. A vela caiu de pé, a despeito de estar quebrada, e começou a estourar, provocando estalidos semelhantes ao de água no óleo quente. Logo escutamos alguém gritando: era contra uma vizinha que direcionara a magia, a qual teve imediatamente um lado inteiro do corpo chamuscado, como se tivesse sofrido uma queimadura grave.

Aspecto interessante esse da emoção, fator que dá consistência e confere durabilidade à criação energética, menosprezado por muitos de nós, espíritas. Nos raros momentos em que conseguimos canalizar uma carga emocional amorosa, de nível superior, compatível com a intensidade de ódio que alguns mobilizam na hora de fazer feitiços, vislumbramos a veracidade das palavras que Jesus pronunciou ao secar uma figueira: "Em verdade vos digo que, *se tiverdes fé e não duvidardes*, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até se a este monte disserdes: Ergue-te e precipita-te no mar, assim será feito"<sup>43</sup>. É comum ver interpretações religiosas a essa passagem referindo-se exclusivamente à fé em Deus, à fé religiosa. No entanto, o comentário diz respeito ao ato de acreditar, pura e simplesmente; refere-se ao poder intrínseco à vontade quando se ali-

43 Mt 21:21 (*op. cit.*, grifo nosso).

menta uma convicção inabalável. Em sua explicação, o Galileu revelava uma lei, que pode ser empregada seja para o bem ou para o mal - ele não especifica. Basta notar que, sugestivamente, se vale desse princípio para *amaldiçoar* uma árvore: "Nunca jamais coma alguém fruto de ti". Conforme relata o evangelista, os apóstolos "viram que a figueira tinha secado desde as raízes"<sup>44</sup>. Ora, não há como colorir a história com tons amenos: o Rabi usou o poder do pensamento para destruir, matar algo. Tendo em vista que ele não fazia nada sem um objetivo, por certo há uma lição a extrair dos pormenores desse episódio. E há quem defenda, até mesmo no meio espírita, que não existe magia negra...

**NINGUÉM SEGURAVA BÁ POR COMPLETO. FILHA** de Tia Inácia, uma *bugra pegada no laço*, Bá era igualmente indomável. Minha mãe conseguiu exercer certa vigilância sobre ela, assim como eu; éi amos apenas os dois a quem respeitava. Como me mudei da cidade em 1979, passei a década de 1980 retornando para casa somente nos fins de semana e, após 1986, quando finalmente vim para Belo Horizonte, as visitas se tornaram ainda mais espaçadas.

Ao ler esses parágrafos talvez você tenha chegado à conclusão de que minha irmã era maldade pura.

<sup>44</sup> Mc 11:14, 20 (*op. cit.*).

Como disse, não: o adjetivo correto é *primária*. Até certo ponto, Bá me faz lembrar os puris, os índios guerreiros e destemidos que mencionei no capítulo 3. Indiferentes ao julgamento moral, por desconhecimento, colaboram nos trabalhos do bem sob a coordenação do espírito Pai João de Aruanda, um pai-velho respeitado, mas seriam uma ameaça caso gozassem de liberdade irrestrita e fossem soltos ao próprio juízo, dada sua falta de maturidade espiritual.

Uma das características de espíritos dessa categoria, e que Bá tinha em abundância, é o instinto de defesa e proteção daqueles que ama. Quem não é apreciado deve ser combatido e, em última instância, exterminado. Aquele que se ama deve ser favorecido e protegido a qualquer preço. É mais ou menos essa a lógica que rege aqueles espíritos em que o *instinto* predomina em relação à *inteligência* e ao *bom senso*; é mais ou menos assim que Bá se comportava. São os luminares da Codificação que elucidam melhor o tema e mostram como, no espírito jovem no exercício da razão, a natureza animal é predominante em muitos momentos. Em suma, faz parte da trajetória evolutiva<sup>45</sup>.

264

265

45 No próprio *O livro dos espíritos* há esclarecimentos valiosos a respeito do assunto. Consultar especialmente os itens 115 e 127: "Progressão dos Espíritos", 101: "Terceira ordem: espíritos imperfeitos" e 75: "Inteligência e instinto" (KARDEC, *op. cit.*).

## DA SUBJUGAÇÃO À MEDIUNIDADE

Alguns dos mais interessantes fenômenos mediúnicos que já presenciei se realizaram por intermédio de Bá. Um deles aconteceu quando Bá vivenciou um processo de obsessão gravíssimo, ao qual já me referi no capítulo 2.

Desde a época em que minha mãe a adotou, apresentava um comportamento estranho aos olhos de qualquer um. Lavava enorme pilha de vasilhames, por exemplo, após mais de 20 pessoas terem feito refeição. Deixava tudo escorrendo e, sem razão aparente, terminava por derrubar tudo no chão, de propósito. Admoestada por Everilda, ficava amuada até o fim do dia. Reações abruptas como essa, agressões gratuitas, mudanças bruscas de humor; tudo isso fazia parte de sua personalidade. O tempo foi passando e os problemas tornaram-se cada vez mais complexos. Contudo, a família nada entendia de processos obsessivos, sob o ponto de vista espiritual, principalmente da forma como sucedia com Bá.

Ao mudarmo-nos para Governador Valadares, em 1969, a situação agravou-se e, a partir de então, viram-se episódios impressionantes. No mês de junho, durante as comemorações de São João, jogava-se em meio a fogueiras e saía incólume da aventura. Cheguei a vê-la brincando com as brasas, com a naturalidade de um malabarista que brinca com garrafas

no circo. Eram coisas inacreditáveis. Havia outros momentos em que ela se atirava - ou era arremessada - contra cercas de arame farpado, que, mesmo rasgando toda a roupa, não lhe provocavam qualquer corte ou dano na epiderme. Num acesso de fúria, vi quatro homens tentar detê-la sem conseguir. Bá tinha apenas 1,50m de altura e sempre foi magra, quase franzina. Quando minha mãe já não suportava mais seus ataques, cada vez mais freqüentes, resolveu procurar um centro espírita. Os dirigentes da instituição, que existe ainda hoje, disseram que o caso não era para eles e indicaram um terreiro de umbanda, conforme relatei anteriormente.

266

Não posso deixar de enxergar um paralelo entre o caso de Bá e certo episódio relatado nos Evangelhos:

267

*Senhor, tem misericórdia de meu filho, que é epilético [ou lunático] e sofre muito. Ele muitas vezes cai no fogo e na água. Eu o trouxe aos teus discípulos, mas não puderam curá-lo.*

*Respondeu-lhe<sup>46</sup> Jesus: Ó geração incrédula e perversa!*

46 O espírito Estêvão, conhecedor de assuntos bíblicos, defende que a repreensão de Jesus se destinava *aos apóstolos*, e não ao pai do menino. Nessa hipótese, parece equivocada a opção do tradutor pela inclusão do pronome "lhe", não consensual em outras versões, tampouco nos demais Evangelhos sinóticos, em que a história reaparece (Lc 9:37-45; Mc 14-29, com mais detalhes). A passagem bíblica adquire coerência se entendermos que o Mestre reclamava com os pupilos por tê-los investido

*Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino.*

*Então os discípulos, aproximando-se de Jesus em particular, perguntaram: Por que não pudemos nós expulsá-lo?*

*Jesus lhes respondeu: Por causa da vossa pequena fé. Em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível. Mas esta casta de demônios não se expulsa senão por meio de oração e jejum.<sup>47</sup>*

O PROBLEMA DE BÁ ERA GRAVE E A CASA ESPÍRITA não estava preparada para lidar com aquele tipo de fenômeno. Posto assim, parece que a limitação é do espiritismo, mas não é o que ocorre. Cabe aqui uma pausa para análise, inspirado pelas palavras de Jesus ao repreender os apóstolos por sua pequena fé. Ele lhes faz um alerta: com determinada casta de espíritos, só se obtém êxito com *jejum* - ou *preparação* moral e intelectual - e *oração* - isto é, ligação com o Alto.

Fico a recordar Kardec, que conseguia resolver a

de autoridade e, contudo, não terem podido curar o rapaz. Se dirigida ao pai, a intemperança de Jesus soaria no mínimo inesperada. (Estêvão é autor de *Apocalipse: uma interpretação espírita das profecias* e *Mulheres do Evangelho*, ambos pela psicografia de Robson Pinheiro. Casa dos Espíritos Editora, 6ª ed. revista, 1998/2005 e 4ª ed., 2005, respectivamente.)

<sup>47</sup> Mt 18:15-17; 19-21 (grifo nosso).

esmagadora maioria dos casos que lhe apareciam na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, como se pode verificar na *Revista espírita*<sup>48</sup>. Que será que mudou de lá para cá? O cabedal de conhecimentos trazidos pela doutrina espírita? Certamente que não.

Espíritos têm alertado para o fato de que as trevas aprimoraram os métodos de coerção do psiquismo de suas vítimas. Nós, terapeutas do espírito, temos ficado muitas vezes devendo, aos que nos procuram, uma postura mais condizente com tais métodos. Não se trata de atualizar a filosofia kardequiana, já que ela permanece adequada; a hora é de refletir sobre o caráter progressista do espiritismo e modernizar e aperfeiçoar nossas *técnicas de abordagem* ao plano extrafísico. Seja mais liberal ou mais conservador, todo adepto sério se defrontará, cedo ou tarde, com questões que colocarão em xeque as ferramentas de que dispõe para avançar sobre o terreno das obsessões e patologias espirituais. Tais instrumentos se revelarão inadequados em determinadas circunstâncias.

A encruzilhada em que se verá o obrigará a decidir: até que ponto deverá rejeitar as novidades, sob pena de cristalizar-se no tempo? Por outro lado, como acatar tudo o que surge sem o devido exame, fato que consistiria grave ameaça à integridade da própria dou-

48 KARDEC, *Op. cit.*

trina? Está aí enunciado um problema real, que aflige todo aquele que compreende a importância de não desfigurar a prática genuinamente espírita com a admissão de preceitos carentes de demonstração. O tema não é objeto desta obra, por isso encerramos a interrupção da narrativa com as palavras do Codificador. A atitude do homem de ciência, que a tudo examina *primeiro* e julga *depois*, transparece de seu texto em inúmeros momentos. Neste breve parágrafo, estabelece um parâmetro para solucionar o dilema citado:

*O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.<sup>49</sup>*

## INCONFORMADA COM O QUADRO DE BA, EVERILDA

· · KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1944. 1ª edição especial, 2005. 11 parte, item "Constituição do Espiritismo", subitem 2: Dos cismas, p. 420.

ficou sabendo de uma casa de umbanda no próprio bairro onde residíamos, o Santa Helena. Na verdade, uma espécie de *umbandomblé*. Dada a gravidade do momento, fomos juntos vários da família, inclusive minha avó, Dinha ou Ia, como era apelidada por uns e outros. Bá foi quase arrastada, em vista da impossibilidade de convencê-la. A razão, conhecemos hoje: estava à beira de um processo de subjugação, estágio avançado de influência patológica espiritual. Naquela época, porém, ninguém suspeitava disso.

A mãe-de-santo conduziu todos ao interior do terreiro e concentrou-se em frente ao gongá. Após alguns momentos sem ninguém saber ao certo o que se passava, a mulher, que trazia um penacho na cabeça, incorporou o espírito de um índio da falange dos tupinambás. O caboclo falou que faria uma *puxada* e que todos deveriam permanecer bastante atentos. Caso o espírito obsessivo se comportasse com violência em demasia, extrapolando os limites, deveríamos recolocar o penacho sobre a cabeça da médium, o qual seria removido para a realização da puxada, o trabalho de desobsessão à moda umbandista.

Foi nessa ocasião que recebi a saudação do Caboclo Tupinambá, conforme relatei no capítulo 2. Não sabíamos que o espírito do velho guerreiro indígena já estava ao meu lado desde aquela época e que era reverenciado pelo outro espírito incorporado, seu *filho*,

que atuava através da mãe-de-santo.

Quando o caboclo posicionou as mãos da médium em transe sobre a cabeça de Bá, uma na frente e outra na parte posterior, prontamente houve uma transferência energética e espiritual. O espírito, que durante tantos anos obsidiava e atuava através de Bá, manifestou-se de imediato na mãe-de-santo. Todos temeram, em virtude da maneira brusca e incomum com que se apresentou. Olhando firmemente para minha avó, ele se pronunciou:

- Já não me conhece mais, sua égua? - reproduzo seus termos fielmente. - Não sabe quem sou? Já me esqueceu, sua desgraçada?

Minha avó Maria não entendeu o motivo daquele tratamento. Na verdade, todos estávamos boquiabertos, sem compreender por que se dirigia a minha avó daquela maneira. Ninguém fazia idéia da realidade. Nada na manifestação trazia à lembrança algum fato do passado. A entidade esclareceu:

- Eu sou Domingão, o Domingos Batista, e abandonei você quando esta aí - disse, apontando para minha mãe - tinha apenas 3 anos de idade. Vim para estes lados [de Governador Valadares] quando aqui ainda se chamava Figueira do Rio Doce. Trabalhei como capanga do coronel Pedro e, depois, do coronel Altino. Fui matador profissional.

A esta altura, Dinha se recordou de quando fora

abandonada pelo marido e, então, enfrentou severas dificuldades. Minha mãe se adiantou e perguntou-lhe por que estava fazendo tudo aquilo com Bá. Ele respondeu:

- Quando a mãe dela esta grávida - Inácia Jardim, a mãe de Bá -, ela me prometeu a filha, que seria minha, para eu batizar. Nunca esqueci da promessa. Depois de participar de tantas tocaias aqui em Figueira do Rio Doce, foi a minha hora de morrer numa emboscada. Matei **99** pessoas e aí morri debaixo de uma ponte, antes de inteirar **0** número **100**. Desde então, me senti atraído por essa, que me fora prometida ainda em vida. À medida que **0** tempo passou, fiquei mais e mais ligado a ela; toda vez que me percebe de alguma forma, tem as reações que vocês já conhecem. Afinal, ela é minha por direito.

Ao encerrar sua história, prometeu a minha avó que em breve chegariam notícias da outra mulher que ele teve quando se mudou para ali, antes de **1938**, quando a localidade deixou de se chamar Figueira do Rio Doce. A promessa de meu avô pistoleiro foi cumprida. Dali a **3** meses, minha avó topou com a dita mulher num bairro bem próximo de onde morávamos e chegou até a conhecer duas filhas que Domingos Batista gerou naquele casamento. Conversa vai, conversa vem naquela noite na tenda umbandista, **0** espírito acabou propondo que pararia de arremessar Bá ao

fogo ou na lama ou jogá-la em lugares impróprios ou degradantes, como vinha fazendo até então. Entretanto, passaria a beber através dela a partir daquele dia. Com efeito, diversas vezes Bá chegou a beber um garrafão de 5 litros de cachaça, sem embriagar-se, nem sequer o odor permanecer. Até álcool etílico ingeriu, no auge da perturbação.

Após o diálogo, a entidade desligou-se da médium. E foi ali mesmo, naquele terreiro, que minha irmã adotiva passou a desenvolver suas faculdades psíquicas, atuando na incorporação inconsciente. O trabalho mediúnico, pouco a pouco, bem lentamente, trouxe-lhe regeneração e equilíbrio, sem que ela o percebesse. Jamais vi nada igual à Bá quando entrava em transe. O aspecto fenoménico em si não surpreende como espetáculo, mas naquilo que evidencia - a demonstração incontestada da atuação de uma força poderosa. Alguns chamariam essa força de *sobrenatural*, todavia o espiritismo a traduz, a explica e sobre ela se debruça, para revelá-la como aquilo que é: uma lei da natureza, a mediunidade.

Bá sofria completa metamorfose ao servir de instrumento para quem atuasse sobre seu psiquismo. A fisionomia e a postura corporal passavam por espantosa transfiguração, oferecendo imensos recursos em matéria de expressividade e de ectoplasma ao comunicante afeito ao seu perfil. Já a vi receber um caboclo

índio que, ao emitir seus brados, pulava como grilo. Sem exagero: num cômodo de quatro paredes, Bá ia de encontro a uma delas, dali pulava para outra, para o chão e depois o teto, em questão de segundos. Quem me lê associa a descrição ao movimento do mutante Fera ou Beast, o personagem de pêlo azul da série de quadrinhos X-Men, que virou desenho animado e longa-metragem. É mesmo a comparação mais próxima que encontro, com a ressalva da pequena estatura da médium extraordinária, do ponto de vista das possibilidades psíquicas. Noutra oportunidade, a vi mergulhar, do alto de uma pedreira, em meio a quedas d'água rumo ao fundo do rio e por vários minutos ficar submersa. Mais de uma vez achamos que tinha morrido ao atirar-se de tão grande altura e, depois de procurá-la, lá estava ela sobre uma rocha, tranqüila, incorporada da Mãe d'Água a pentear os longos cabelos negros, absolutamente lisos.

Há quem diga: "Para que tudo isso? Qual a finalidade?" Há aqueles que preferem desqualificar e afirmar: "Isso é uma inverdade" ou "Isso é impossível". É evidente que cada um livre para formar a opinião que bem entender. Mas o mérito do espírito kardequiano é justamente este: o professor Rivail teve notícias de mesas que se movimentavam e respondiam a perguntas e, notadamente devido ao último fato, resolveu pesquisar *antes* de formar juízo. Quão miraculoso

deve ter sido ouvir falar de móveis pulando nas festas parisienses, regadas a champanhe e absinto! Muitos certamente apressaram-se em declarar: "É fraude, é charlatanismo!" ou "Trata-se de ocupação de tolos e desavisados". O homem de ciência Kardec nada disso fez. Preferiu investigar, sem idéias preconcebidas, e interpretar o fruto de sua observação. No decorrer do processo, deparou com os espíritos, agentes responsáveis por aqueles fatos notáveis, e, a partir de então, corporificou toda uma ciência, toda uma filosofia elaborada pelos Imortais.

Hoje em dia, escasseia tal postura diante das ocorrências mediúnicas, o que é uma lástima. O temor em relação ao fenômeno incomum e o medo do desconhecido forjaram, em muitos locais, um padrão de comportamento altamente castrador, ao qual todo médium se vê compelido a enquadrar-se. Se o indivíduo não imprime determinadas características à comunicação ou apresenta faculdades não convencionais, o diagnóstico geral é simples: animismo, é "coisa da cabeça dele". Ou obsessão. O aspecto destoante ou inusitado se transforma em faceta que deve ser *educada* - freqüentemente eufemismo para *adestrada*, *moldada* ou *podada*. Só há validade em quem se comporta como a maioria. Mas, como, se não há um médium igual ao outro? Que lógica esdrúxula, que contra-senso diante dos princípios espíritos!... E, lamenta-

velmente, vigente em diversos círculos do movimento espírita. Rechaça-se o novo, o pitoresco e o instigante em nome da "preservação do equilíbrio". Preconizando o bom senso e a fé raciocinada, pilares da conduta de Allan Kardec, restringem-se os horizontes ao que é cotidiano, ao que já é consagrado, ao âmbito do consensual. Entretanto, o espírito científico não viceja na zona de conforto; ao contrário, floresce é no domínio do desconhecido. Ao empobrecer-se o campo de investigação, surge a monotonia e estabelece-se a rotina, a falta de entusiasmo.

276

277

#### **BRINCANDO COM FOGO**

Naquela tenda onde fora socorrida, Bá recebeu pela primeira vez a preta-velha Vovó Mariana e a Cabocla Jurema. Durante muitos anos, esses dois espíritos trabalharam através de minha irmã adotiva, realizando curas como só vi através de minha mãe. Geralmente, a assumiam de repente, fato sobre o qual Bá não tinha nenhum controle. Estivesse no meio de quem fosse, independentemente do número de pessoas presentes, se houvesse alguém realmente necessitado ela entrava em transe. Claro que isso não era rotineiro, tampouco ocorria por qualquer futilidade. Até porque minha mãe não gostava de prática mediúnica em casa e cos-

tumava dizer: "Lugar de espírito é no centro espírita". Coibia o que era possível, impedindo, por exemplo, que se cantassem pontos em casa. Não obstante, havia momentos que isso fugia ao controle.

Numa dessas vezes, uma amiga de minha mãe por décadas, a D. Amanda, por quem nutria grande estima, necessitava de socorro. Sua filha, que tinha saúde bastante instável, encontrava-se gravemente enferma. Desenganada pelos médicos, esperava morrer. Inconsolável, D. Amanda aparece e logo vemos Bá no chão, incorporada:

- Vem cá que essa nega vai cuidar disso pra vas-suncê, minha filha - era Vovó Mariana.

Aproxima-se de D. Amanda, toma suas mãos e diz:

- Sua filha num pode morre agora de jeito nenhum. Pensa nela, minha filha.

Em seguida, a preta-velha começa a puxar ou sugar algo da filha doente, através de sua mãe, ali presente. Em instantes, Bá estende-se no chão. Contorce-se toda e dá a impressão de estar vomitando, porém sem expelir secreção alguma. Vovó Mariana sempre pedia que ninguém tocasse na médium durante esse tipo de fenômeno. Menos de um minuto depois, a preta-velha levanta-se e anuncia:

- Já está boa, minha filha. Vai com Deus!

D. Amanda partiu feito um raio ao encontro da filha, pois na época o telefone não era popularizado

como hoje. Soubemos posteriormente que, de fato, ela havia melhorado.

À MEDIDA QUE EXERCIA A MEDIUNIDADE NO terreiro, Bá despertou certa inveja, em razão de suas potencialidades fenoménicas notáveis. Por esse e outros motivos, que não cabe aqui analisar, numa ocasião a mãe-de-santo resolve testar Bá: "Vamos ver se ela é médium mesmo". Em vários barracões de candóblé, essa é uma prática mais difundida do que se possa pensar. A fim de cumprir seu intento, a dona do terreiro prepara o cachimbo - conforme o hábito daquele culto - que Vovó Mariana costumava utilizar. No entanto, em vez de colocar fumo, enche o forninho de pólvora e apenas cobre-a com fumo, a fim de disfarçar a sabotagem. Os trabalhos se iniciam e tudo transcorre normalmente, até que a preta-velha pede seu cachimbo, após entoar a cantiga a seguir:

*Eu sou uma nega-veia dos tempos do cativoiro  
Eu vim olhar meu neto, que está nesse terreiro  
Eu sou uma nega-veia que não güenta mais andar  
Quem mexer com nega-veia tem peso pra carregar.*

Ao pôr os lábios de Bá na boquilha, Mariana pede à mãe-de-santo que acenda o cachimbo. De súbito, em vez de tragar, sopra fortemente, provocando leves queimaduras no rosto da mulher, propositadamente.

- Isso é pra vassuncê aprende a respeita nega-

veia e nunca mais brinca com coisa séria - sentenciou a preta-velha.

Vovó Mariana, que nos acompanha até os dias atuais, é dos espíritos mais amorosos que conheço. Faz-se sempre presente para socorrer, especialmente quando um de nossos trabalhadores corre perigo. No caso relatado, porém, acostumada ao trato com marginais no astral inferior, soube se impor e usar das ferramentas disponíveis para coibir o abuso, usando a linguagem ou a forma que aquele ambiente conhecia. Para dar um basta a uma situação inaceitável, usou do confronto direto, retornando *o feitiço contra o feitiçeiro*, como afirma o dito popular. Arma controversa, sem sombra de dúvida, mas bem típica das práticas da quimbanda e adequada ao local.

Aquela mãe-de-santo gostava de testar seus médiuns. Antes desse acontecimento, contava Everilda Batista, tomou de uma bacia de cacos de vidro e mandou espalhá-los pelo chão do local onde os médiuns atendiam. Na hora da reunião, jogou brasas ardentes por sobre os cacos e disse:

- Vamos ver quem está mesmo incorporado!

A Cabocla Jurema, que assumira Bá, partiu para o meio da roda e, ao som dos cânticos e atabaques, sambou no meio do vidro quebrado e do braseiro. Com a aparência de quem se divertia com a atitude da mãe-de-santo, como se não bastasse aquela demons-

tração de dons mediúnicos e paranormais, arrematou com um desafio:

- Se quiser testar mesmo, pode jogar álcool!

E assim foi feito. Minha mãe conta que a Cabocla dançava no meio das chamas sem se queimar. A mãe-de-santo, contudo, não teve a coragem de ir para o meio do fogaréu.

**EM DADO MOMENTO, A CABOCLA JUREMA PEDIU** para que minha irmã não cortasse mais os cabelos. Ela era uma índia escura, com cabelos lisos, negros, muito compridos e sedosos. Durante longo tempo, ela manteve o compromisso de não cortá-los. Certo dia, contou-me uma visão que tivera de si, sentada numa cadeira confortável. Segundo afirmou, Vovó Mariana teria aparecido e lhe mostrado seu futuro. Presenciei pessoas servindo-lhe à mesa, que interpretou como seus empregados, e recebia tudo de suas mãos. Aquilo lhe fazia sentir-se superior, e se regozijava com o que via. Vovó Mariana disse-lhe que, no fim da vida, Bá seria servida por outros. "Tudo o que precisar será levado às suas mãos", disse a mãe-velha. Minha irmã deduziu que ficaria rica, tão rica que disporia de muitos serviços; que, quando desejasse um copo d'água,-não seria necessário nenhum esforço - bastaria chamar.

Essa passagem me lembra Paulo de Tarso, exímio conhecedor da mediunidade ou dos *dons do espírito*.

Escreveu ele: "O que profetiza é maior do que o que fala em línguas, *a não ser que também interprete para que a igreja receba edificação*"<sup>50</sup>. Isto é: há a visão e há a interpretação. Na prática, esta adquire mais relevância do que aquela - é *D* que demonstra o apóstolo no decorrer do capítulo citado, na epístola aos Coríntios. Os grandes reis do Antigo Testamento sabiam que não basta ver, por isso convocavam profetas a fim de interpretar seus sonhos com acerto, como José do Egito, Daniel e tantos outros.

Bá elaborou interpretação particular à visão, a seu bel-prazer. Com o tempo, a previsão não se concretizou como esperava; nada de ficar rica nem de contar com serviçais. Pelo contrário, era cada vez mais dependente da família e de minha mãe, de maneira especial. Inconformada, cortou os cabelos, a título de retaliação, não obstante as recomendações da Cabocla Jurema. Passou a maldizer a preta-velha, que, segundo entendia, não havia cumprido o prometido, fazendo-a enriquecer. Com os cabelos, feito um Sanção moderno, foram-se os dons mediúnicos e a saúde. Alguns anos depois de minha mãe desencarnar, Bá "entregou o coração para Jesus" numa igreja evangélica, passando a amaldiçoar tanto a Jurema quanto a preta-velha Vovó Mariana.

<sup>50</sup> 1Co 14:5 (*op. cit.*, grifo nosso).

Mais alguns anos depois de se converter, sofreu um AVC, que afetou os movimentos do lado direito do corpo, aprofundando sua dependência de outras pessoas. A comida, o medicamento e outras coisas eram-lhe servidas por mãos alheias; dependia de outras pessoas inclusive para lhe dar banho. Mesmo assim, reclamava do engodo de que fora vítima, alegando que a antiga previsão não se concretizara. De acordo com seu ponto de vista, a preta-velha era o demônio, que a enganara. Que é o poder da interpretação!...

Desencarnou com ambas as pernas amputadas, absolutamente à mercê daqueles que a amavam. E era realmente muito amada por todos da família. Vó Mariana não errara: Bá teve tudo de que precisou trazido pelas mãos de outras pessoas - não serviçais, como ela supunha, mas amigos e parentes que a auxiliavam.

Quanto a Domingos Batista, o Domingão, como era chamado quando pistoleiro, foi resgatado das regiões inferiores por minha mãe, Everilda Batista, em 1991. Eu trabalhava na Fraternidade Espiritual Cristã Obreiros da Vida Eterna, em Belo Horizonte, da qual participei da fundação. Ao fim de uma noite de atividades, recebo de minha mãe um pedido de ajuda, informando que recebera a autorização e dispunha das condições para socorrer meu avô naquela noite. Outra médium e eu fomos desdobrados e conduzidos até uma região onde divisávamos espesso nevoeiro. Fica-

mos à distância, mas Everilda teve êxito: ele foi resgatado e veio a reencarnar na própria família.

Bá modificou-se muito ao longo dos anos. Pude observar como o tempo, a dor e a enorme saudade que sentia de Everilda Batista acarretaram sensíveis mudanças em sua alma. Como a vida reserva surpresas necessárias ao nosso aprendizado, de 2000 a 2003 dividiu o mesmo teto com meu pai, com quem sempre antipatizou e teve enormes atritos, até o desencarne dele. Os dois, que não se gostavam, tiveram de aprender a aparar suas arestas, numa dessas contingências da vida. O coração endurecido amoleceu, apesar de ter morrido teimosa e cabeça-dura como sempre, dando trabalho à minha irmã Marvione, que a acompanhou mais de perto nos últimos momentos. Na dimensão extrafísica, pude vê-la algumas vezes, já refeita, numa situação espiritual bem melhor do que quando padecia de seu processo obsessivo.

Nome Everilda Batista Santos  
 Estabelecimento EE "Labor Club"  
 Carteira de Identidade CPF 069.915.216 - 04  
 Ano em que entrou no estabelecimento MG 08.08.74 pag. 08 col. 04



Nomeada em 04/07/1954  
 Posse em 28/09/1954  
 Exercício em 09.08.74  
 Ingresso no S.P.E. Efetivada em 29/03/60  
 Substituta de \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_  
 Contratada de \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_  
 Enquadrada \_\_\_\_\_  
 Reenquadrada \_\_\_\_\_  
 Reenquadrada \_\_\_\_\_

Endereço (residência) Rua Bom Despacho n° 60 - Bairro Sta H  
 Endereço (outro local de trabalho) PASEP 100 541 977 72

PROMOÇÃO			QUINQUÊNIO				A	
Nível	A contar de	Publicado em	Nº	A contar de	Publicado em	Nº de filhos	Data de nasc.	
			4º	07.09.1974	02.10.75 p.1165			
<b>FÉRIAS PRÊMIO</b>								
			Ano	Período	Publicado em			
			1975	08/08 a	MG 01.08.75			
				05/12/75	pag. 14 col. 4			
						Ano	%	

# FUNCIONAL

Serviçal - Cód. NE-07

Masp 71.548 Função Sarvente Escolar

Delegacia VII DRE Inspetoria \_\_\_\_\_

Título de eleitor 78 26ª A S. 1ª

Grau de instrução:  Incomp  1º Grau  2º Grau

Pai \_\_\_\_\_

Filiação: \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

Data de nascimento 17/11/29

Naturalidade Poté Estado Civil Ca

Cônjuge Adelmário Pinheiro Santos

Profissão do cônjuge \_\_\_\_\_

Mudança de nome Guilherme Batista para Guenilda Batista

Data 29/05/1959

Identificação apresentada Apresenta

DE FAMÍLIA		LICENÇAS				
Nome	Publicado em	Ano	Art.	Início	Dias	Término
		1974	158	01-08-74	30	30-08-74
		1974	158	31-08-74	30 prorog	29-09-74
		1974	158	01-10-74	30	30-10-74
		1974	158	31-10-74	60	29-12-74
		1976	158	27-03-76	30	25-04-76
		1976	158	26-04-76	60	24-06-76
		1977	158	28-01-77	30	26-02-77
		1978	158	13-02-78	30	14-03-78
		1978	158	15-03-78	60	13-05-78
		1978	158	14-05-78	60	12-07-78
		1978	158	14-05-78	61	13-07-78
		1978	158	14-07-78	60	11-09-78
		1978	158	14-07-78	68	13-09-78
		1978	157	14-09-78	30	13-10-78
ESPECIAL		1978	158	13-10-78	90	10-01-79
		1979	158	11-01-79	45	24-02-79
		1979	158	25-02-79	240	23-10-79
		1979	158	23-10-79	90	20-01-80
		1980	158	31-01-80	60	30-03-80
		1980	158	21-03-80	90	18-06-80
		1980	158	19-06-80	180	15-12-80

RETIFICAÇÃO N. 042/80

O Supervisor do Serviço Médico, em vista das conclusões constantes dos respectivos laudos, concedeu as seguintes licenças para tratamento de saúde:

Batificando as publicações das datas: 23.06.78 — 10.05.78 — 28.05.80 — 01.03.80 — 11.03.80 — 20.03.80 — 28.03.80.

7a. DRE/Governador Valadares

Governador Valadares — 71.548  
 — Everilda Batista Santos — 61  
 — 14.05.78 — 158.  
 Governador Valadares — 71.548  
 — Everilda Batista Santos — 62  
 — 14.07.78 — 158.

MG 06-05-80 - pag. 10. col. 01

DRE do Governador Valadares

O Diretor da 7ª Delegacia Regional de Ensino do Governador Valadares, tendo em vista competência delegada pelo artigo 1º anexo VI, Item 1, alínea c) da Resolução n. 3.103 de 19 de setembro de 1979, afasta do exercício preliminarmente a aposentadoria, até a véspera da publicação do respectivo ato, nos termos do artigo 10.º do Decreto n. 10.623 de 02 de agosto de 1967, com direito aos vencimentos e vantagens do cargo, Everilda Batista Santos, Servicial, Código NE-07, Simbolo V-2, Masp. 71.048 da E. E. Labor Club, O.2.O.B., de Governador Valadares.

MG 29-01-81 - pag. 06. col. 01

Aposentadoria

N. 37780

Tendo em vista competência delegada pelo artigo 1º, anexo VI, Item 1, alínea c), da Resolução n. 3.103 de 19 de setembro de 1979, concede vencimento, a título de auxílio-doença, nos termos do artigo 266, da Lei 800, de 05 de julho de 1952, aos seguintes servidores:

Governador Valadares

E. E. Labor Club — O.2.O.B.;

Everilda Batista Santos — Servicial — Código NE-07 — Simbolo V-2 — Masp. 71.548, 01 (um) mês, referente o período de 15 de junho de 1979 a 15 de maio de 1980, em que sofreu licença, para tratamento de saúde.

MG 26-06-80 - pag. 11. col. 05

RETIFICAÇÕES

Do Minas Gerais de 26 de junho de 1980.

Aprovação de Exercício, página 03, coluna 03.

Concessão de Auxílio-doença, página 11, coluna 03.

Onde se lê:  
 Everilda Batista Santos — Masp. 71.548, do Governador Valadares, Lem-se:  
 Everilda Batista Santos.  
 Lotação de removida, página 03, coluna 04.

MG 10-07-80 - pag. 22. col. 04

COMUNICAÇÃO N. 501/80

O Supervisor do Serviço Médico, em vista das conclusões constantes dos respectivos laudos, concedeu as seguintes licenças para tratamento de saúde:

Governador Valadares — 71.548  
 — Everilda Batista Santos — 180 — 19.6.80 — 158.

MG 01-07-80 - pag. 07. col. 05

PORTARIAS

N. 018/81

Tendo em vista competência delegada pelo artigo 1º, anexo VI, Item 1, alínea c), da Resolução n. 3.103, de 19 de setembro de 1979:

Concede adicionais quinquenais de 1979, nos termos do artigo 231 da Constituição Estadual de 01 de outubro de 1979 aos seguintes servidores:

Governador Valadares:

— EE Labor Club — O.2.O.B.;

Everilda Batista Santos — Servicial — Código NE-07 — Simbolo V-2 — Masp. 71.048 — 5º quinquênio a contar de 26 de setembro de 1979, 2º quinquênio a contar de 10 de setembro de 1964, retificando publicação anterior, que o concedeu com incorreções, 1º quinquênio a contar de 10 de setembro de 1959, retificando publicação anterior, que o concedeu com incorreções.

MG 24-01-81 - pag. 09. col. 01

NA PÁGINA ANTERIOR, DETALHE DA FICHA FUNCIONAL DA SERVENTE ESCOLAR EVERILDA BATISTA NA ESCOLA EM QUE TRABALHOU DE 1974 ATÉ A APOSENTADORIA. APANHADO DE RECORTES DO MINAS GERAIS, DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, EM QUE FORAM PUBLICADAS DIVERSAS LICENÇAS MÉDICAS DE EVERILDA BATISTA E, FINALMENTE, A CONCESSÃO DE SUA APOSENTADORIA.

**MEMORANDO DATADO DE  
21/1/1981, QUE ORDENA  
O AFASTAMENTO  
PRELIMINAR DE EVERILDA  
PARA AGUARDAR À  
PUBLICAÇÃO DE SUA  
APOSENTADORIA, QUE  
SE DARIA EM ABRIL  
DAQUELE ANO.  
ASPECTO DAS CRIANÇAS  
NA SALA DE AULA DA  
LABOR CLUB NA DÉCADA  
DE 1970, À ÉPOCA EM  
QUE LÁ TRABALHAVA.  
NÃO SE ADMITIAM  
ALUNOS COM ORELHA  
OU UNIFORME SUJOS,  
TAMPOUCO SEM ESCOVAR  
OS DENTES. ELA AJUDAVA  
AS PROFESSORAS  
A INSPECIONÁ-LOS  
DIARIAMENTE.**

7ª DELEGACIA REGIONAL DE ENSINO DE GOVERNADOR VALADARES

MEMORANDO DE AFASTAMENTO PRELIMINAR À APOSENTADORIA DE  
ACORDO COM LAUDO MÉDICO

EM 21 / 01 / 81

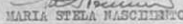
Professora

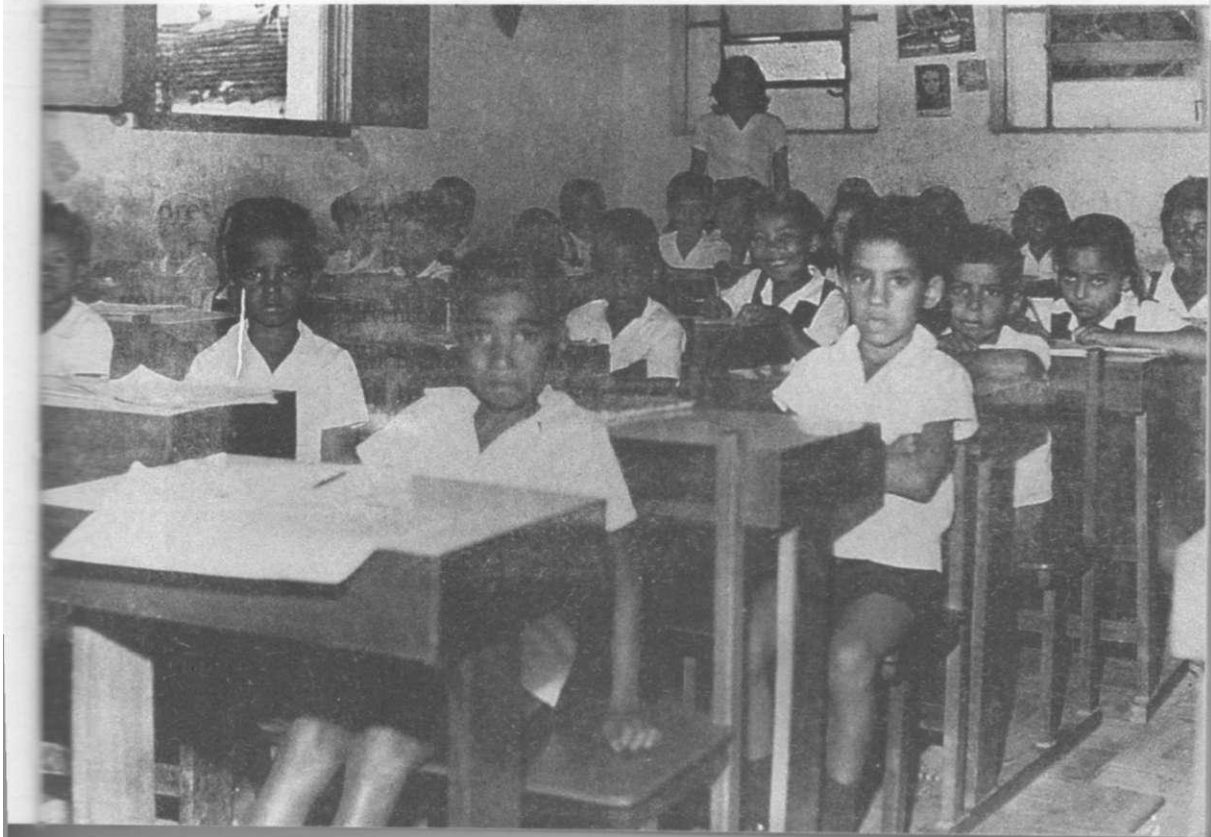
Clémice de Freitas Schwab  
MD. Diretora 66. Labor Club a.e.r.  
Gov. Valadares



De acordo com o art. 10 do Decreto Estadual nº 10.628, de 09 de agosto de 1967, autorizo-vos a incluir em folha de pagamento o nome de Everilda Batista Santos, cargo SNEOTV2, Localidade Gov. Valadares, Inasp 71548, que ficará afastada do exercício a contar do 1º dia após o término de sua última licença publicada de acordo com o art. 150 da Lei 869 de 05-07-52 até a véspera de sua aposentadoria, com direitos e vantagens do cargo, em virtude de Laudo Médico Oficial nº 3971 de 09.12.80 com visto do Chefe do Serviço Médico da Secretaria de Administração em 10.12.80 apresentado nesta 7ª Delegacia Regional de Ensino.

Atenciosamente,

  
MARIA STELA NASCIMENTO  
Diretor I - 7ª DEE





SECRETARIA DE EST. DO D. EDUCAÇÃO  
13ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE ENSINO  
DE GOVERNADOR VALADARES

EM: 05 / 03 / 1997

MEMORANDO

Prezado(a) Senhor(a),

Para que possamos atender solicitação da  
SERHA fizemos enviar nos  
- Contagem de tempo do início de seu exercício até  
a expedição da publicação de seu ato de aposentadoria  
de Everilda Batista Cantos Masp. O71.548 inclusive con-  
tagem de tempo Municipal, se houver, que deverá ser  
feita em papel timbrado contendo: Visto do prefeito,  
cargo exercido, período de trabalho, dias de exercício,  
fonte/folhas de pagamento, data da exoneração ou  
despedida do cargo em função  
- Data de último contra-cheque  
- Endereço atual

Pedimos a gentileza de atender com urgência a solicitação e  
anexar este memorando a sua resposta.

Atenciosamente,

Escola Estadual Labor Club - 1.4.6.C.  
R. Venâza, 917 - Gr. Duquesa - Gov. Valadares  
Resolução nº 4887 de 09.02.94  
Parecer nº 164/94 de 10.03.94  
Decreto nº 36.194/94 de 08.10.94  
Portaria nº 1081/94 de 14.10.94

ESCOLA ESTADUAL LABOR CLUB 1.4.6.C  
Av. Venâza, 917  
Gr. Duquesa  
Governador Valadares / MG  
CEP: 38057730 Fone: 271.2060

DECLARAÇÃO

Em resposta ao memorando da 13ª CRE, datado de 05.03.97, decla-  
ramos que em nossos arquivos não consta contagem de tempo municipal de  
EVERILDA BATISTA CANTOS, MASP. 071.548, e por termos conhecimento do end-  
reço atual não nos é possível enviar contra cheque atualizado.  
Segue declaração do afastamento das atividades da refe-  
renciada funcionária.

Governador Valadares, 13 de março de 1997

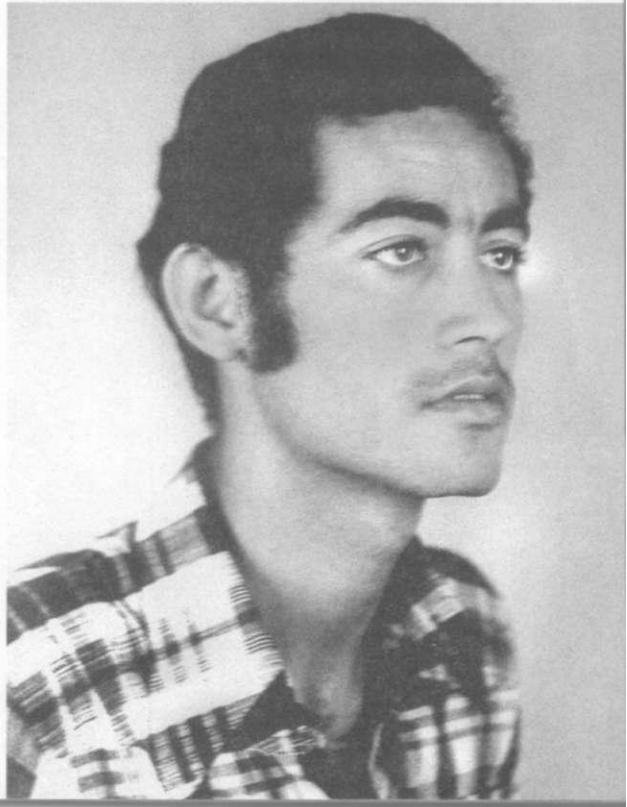
*Bandra Lopera*  
RESPONSÁVEL  
BANDRA LOPERA  
Masp 290.960-4  
CPF 438.889.158-07



**ESCOLA ESTADUAL LABOR CLUB  
NA DÉCADA DE 1960, ONDE  
EVERILDA BATISTA TRABALHOU  
COMO MERENDEIRA.  
AO LADO, OS IRMÃOS LUIZ E  
O MAIS VELHO, JOSÉ. ABAIXO,  
O BEBÊ LUIZ EUSTÁQUIO.**



**A CAÇULA MARVIONE  
NA DÉCADA DE 1980;  
AOS 3 ANOS DE IDADE, A  
ÚNICA FILHA NATURAL  
ERA O XODÓ DO PAI.  
ABAIXO, O IRMÃO JOSÉ  
ADELMÁRIO AOS 20  
ANOS DE IDADE.**





NO TOPO, À ESQUERDA, A AVÓ MARIA CARLOS, QUE TEVE TRÊS SOBRENOMES - UM PARA CADA MARIDO. OS APELIDOS TAMBÉM VARIAVAM: DINHA PARA SEUS NETOS, IA PARA SEUS FILHOS E MACHADINHA QUANDO QUERIAM ZOMBAR DELA. A SEU LADO, EVERILDA BATISTA AOS 58 ANOS. A ALGUNS MESES DO DESENCARNE, SENTIA MUITAS DORES NO DIA DA FOTOGRAFIA. ENTRE OS ADULTOS: OS BEBÊS ROBSON E LUIZ E, ABAIXO, ROBSON COM 10 E 16 ANOS, RESPECTIVAMENTE. OS HOMENS: ADELMÁRIO, PAI, E O IRMÃO LUIZ, ADMIRADOR DOS HIPPIES.

**MURO E ENTRADA DA ESCOLA  
ESTADUAL LABOR CLUB  
EM 1970, POUCO ANTES DE  
EVERILDA LÁ TRABALHAR, E  
NA ATUALIDADE, EM 2007.**

ABAIXO, A FACHADA E UM DOS PÁTIOS,  
BEM COMO A CANTINA ONDE EVERILDA  
TRABALHOU POR MAIS DE 6 ANOS. AO  
VISITAR O LOCAL, ROBSON RECORDOU-  
SE DA MÃE DEBRUÇADA SOBRE O  
BALCÃO, QUE PERMANECE IDÊNTICO À  
ÉPOCA EM QUE ELE ERA ADOLESCENTE.



**A MÃE EVERILDA BATISTA AOS 50 ANOS,  
NA COZINHA DA CASA DO BAIRRO  
SANTA HELENA, NAS RARAS VEZES  
EM QUE PODIA ARCAR COM UM DE  
SEUS PRAZERES: BEBER COCA-COLA.  
A IRMÃ MARVIONE, EM 2007, CONTÉM  
O CHORO AO LEMBRAR-SE DA MÃE.**





AS ÚLTIMAS IMAGENS DA  
IRMÃ ADOTIVA MARIA OU  
BÁ. EM JANEIRO DE 2007,  
PRESTES A COMPLETAR  
63 ANOS, ESTAVA A 10  
MESES DO DESENCARNE.

MÉDIUM DE VOVÓ  
MARIANA E DA CABOCLA  
JUREMA, EMOCIONA-SE  
AO FALAR DE EVERILDA  
E RI AO RECORDAR AS  
HISTÓRIAS ENVOLVENDO  
O SEU DEMA, COM QUEM  
GOSTAVA DE IMPLICAR.





**O PONTO DE ÔNIBUS ONDE EVERILDA TEVE SUAS PERNAS IMOBILIZADAS POR UM ESPÍRITO OBSESSOR. PARA CHEGAR AO PRÉDIO DA ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA VICENTE PIFANO, TEVE DE ATRAVESSAR A RUA NO ÂNGULO MOSTRADO, ARRASTANDO-SE PELO CHÃO. AO FUNDO, ATRÁS DAS ÁRVORES, VÊ-SE A INSTITUIÇÃO. NO ALTO, A CASA DA RUA BOM DESPACHO, 60, NO BAIRRO SANTA HELENA, FOI A 10ª MORADIA DA FAMÍLIA NA CIDADE, TOTALMENTE CONSTRUÍDA POR EVERILDA. APÓS 10 ANOS EM GOVERNADOR VALADARES, PÔDE TER A CASA QUE DESEJAVA.**

**VISTA A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA VICENTE PIFANO, A RODOVIÁRIA ESTÁ ENTRE O PONTO DE ÔNIBUS E A INSTITUIÇÃO, A QUE EVERILDA CHEGOU ARRASTANDO-SE, NUMA QUARTA-FEIRA DE 1979.**

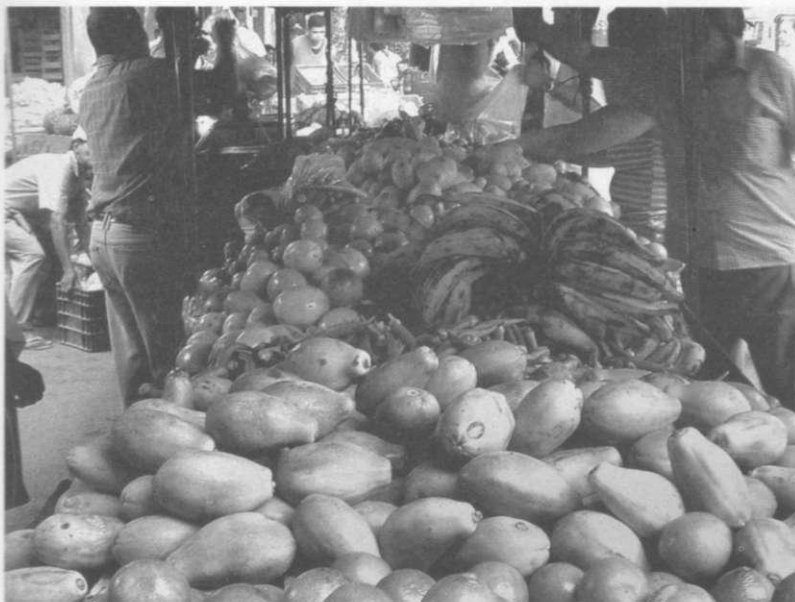
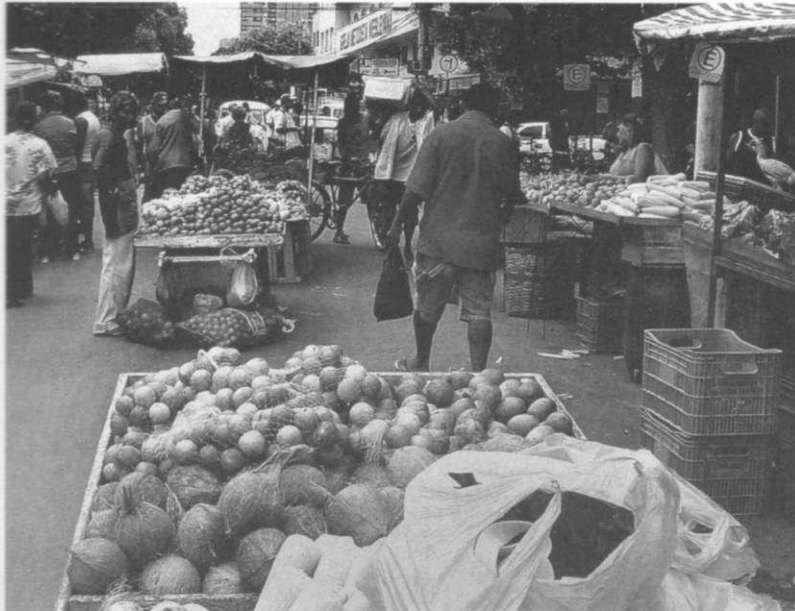
HOJE DESCUIDADO, O GRADIL DA CASA DO BAIRRO SANTA HELENA FOI ATÉ ONDE MARCOS LEÃO CHEGOU NO DIA EM QUE CONHECEU EVERILDA. ANTES MESMO DE ENTRAR, RECEBEU DELA MATERIAL PARA LIMPAR CADA VOLTA DA ESTRUTURA METÁLICA.





**RESIDÊNCIA DO PREFEITO DE GOVERNADOR VALADARES EM 1978, ONDE EVERILDA ENTROU PARA EXIGIR O DIREITO DE CONSTRUIR SUA CASA.**

**ABAIXO, A ESCOLA ESTADUAL EUZÉBIO CABRAL, ONDE FEZ CURSO DE MERENDEIRA, E A CASA DA RUA 44, EM QUE A PAREDE CAIU SOBRE SEU MARIDO, CONFORME PREVIRA.**



**TODOS OS FINS DE SEMANA, ACOMPANHAVA A MÃE À FEIRA, DA QUAL FOI FREGUESA ASSÍDUA. EM MÉDIA, A LISTA SEMANAL INCLUÍA 20KG DE BATATA INGLESA, 10KG DE TOMATE, MUITA MANDIOCA E ABÓBORA, PARA COMER COM QUIABO, PRATO QUE ELA ADORAVA. OS TEMPEROS NÃO PODIAM FALTAR: COENTRO, CEBOLINHA, URUCUM E PIMENTA-DO-REINO.**



**NO JAZIGO DA FAMÍLIA, EM GOVERNADOR VALADARES, ESTÃO OS CORPOS DE EVERILDA, SEU DEMA E BÁ: CEMITÉRIO SANTA RITA, QUADRA 8, NÚMERO 60.**

O CORREDOR DÁ ACESSO A UMA DAS CASAS DE FUNDOS EM QUE MOROU. AO VISITÁ-LA, NÃO TOLEROU ENTRAR, DEVIDO ÀS RECORDAÇÕES DO PERÍODO DE MAIOR SUFOCO FINANCEIRO NA FAMÍLIA.





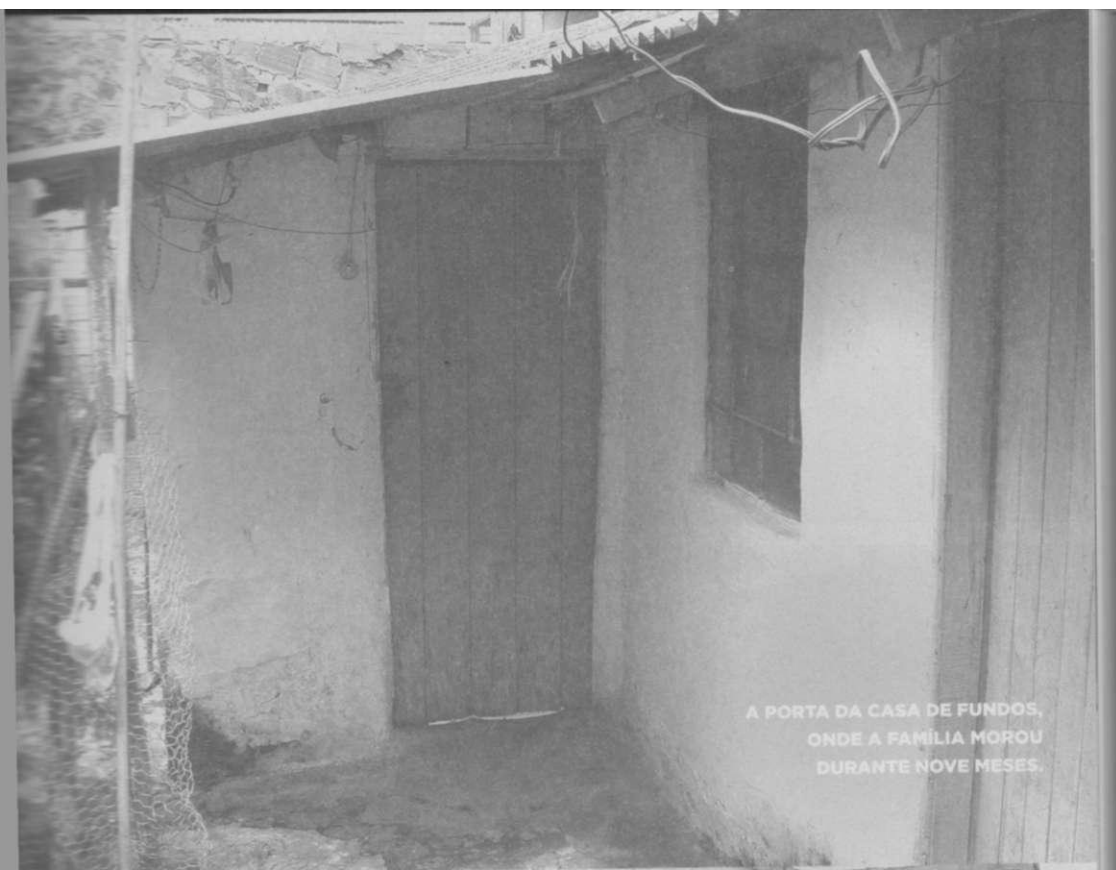
O GARFO CLUBE, NA ILHA DOS ARAÚJOS, ERA ONDE ACONTECIAM AS FESTAS MAIS CONCORRIDAS DA CIDADE, QUE É CORTADA PELO RIO DOCE. EVERILDA, FREQUENTEMENTE CONTRATADA PARA SERVIR O *BUFFET*, CAPRICHAVA NO QUIBE: TRIGO, CARNE E MUITA HORTELÃ-PIMENTA DEVIAM SER MOÍDOS TODOS JUNTOS.





**A RUA IAPU FOI PRIMEIRO ENDEREÇO EM GOVERNADOR VALADARES. EXTENUADA, A FAMÍLIA AGUARDAVA COM A MUDANÇA NA RUA ATÉ EVERILDA FINALMENTE ALUGAR UMA CASA.**

AO LADO, A FACHADA MOSTRA O MURO DA VIZINHA, DE ONDE ROBSON E OS IRMÃOS ESPIAVAM A NOVIDADE: A TV EM PRETO-E-BRANCO. "MÃE! TEM UMA CAIXA DE FÓSFOROS GRANDE CHEIA DE GENTE MEXENDO DENTRO".



A PORTA DA CASA DE FUNDOS,  
ONDE A FAMÍLIA MOROU  
DURANTE NOVE MESES.





**A SOCIEDADE ESPÍRITA  
EVERILDA BATISTA, NA  
RUA TURQUESA, EM DOIS  
MOMENTOS DISTINTOS:  
EM 1998, DURANTE A  
CONSTRUÇÃO; E NO ANO  
SEGUINTE, MESES APÓS  
SUA CONCLUSÃO.**

Contagem, 13 de julho de 2008.

①

João Filipe, De  
sempre sempre.

O educador do espírito é  
- espírito - do educador.

Na metodologia do Grito  
resulta-se - papel de educador  
e do educando. Ele, como  
professor, fornece a estrutura  
de trabalho e particularidade  
esperando que se proporcione  
a aprendizagem. A voz de inspiração,  
de motivação e a geração de  
conhecimentos, ele, o  
professor planejado, inicia,



Real e eficaz para que  
você, ou quem digere de  
você, ou quem for  
você, ou quem for  
você, ou quem for

A psicologia divina  
então faz cada indivíduo  
na valor de cada um  
tudo o que age  
que os desenvolve o  
papel de cada um do  
trabalho de cada um  
então, então

A PSICOGRAFIA É MECÂNICA, OU SEJA,  
ROBSON SÓ TOMA CONHECIMENTO DO QUE  
ESCREVE ATRAVÉS DE SI AO LER O TEXTO.  
TRECHO DE MENSAGEM DO ESPÍRITO  
EURÍPEDES BARSANULFO, PSICOGRAFADA  
DURANTE REUNIÃO PÚBLICA EM 13/7/2008.

**O QUARTEIRÃO DA RUA CARIJÓS, EM BELO HORIZONTE, ONDE FICAVA A BANCA DE JORNAIS EM QUE FOI ABORDADO PELO ESPÍRITO FRANKLIM.**

VISTA DA PRAÇA SETE DE SETEMBRO, QUE NA VERDADE É APENAS UM MONÓLITO; A CONSTRUÇÃO EM REFORMA ERA O ANTIGO CINE BRASIL, EM CUJAS ESCADARIAS ROBSON CONVERSOU COM FRANKLIM POR MAIS DE UM MÊS, SEM NOTAR QUE ERA DESENCARNADO.



ALGUMAS FOTOGRAFIAS E DOCUMENTOS A  
RESPEITO DO CASO FRANKLIM E DO MONÓLITO  
DE SETE DE SETEMBRO, EM BELO HORIZONTE, EM  
1964. A FOTOGRAFIA DE CIMA É DO ARQUIVO  
MUSEU DE ARQUITETURA DA UFMG. A DE  
BAIXO É DO ARQUIVO DO MUSEU DE ARQUITETURA  
DA UFMG.



**INDIGNADO AO  
DESCOBRIR A REALIDADE  
SOBRE FRANKLIM, PARTE  
EM DIREÇÃO AO 8º ANDAR  
DO PRÉDIO. MANTINHA  
ALI UM CONSULTÓRIO DE  
TERAPIA HOLÍSTICA, A  
MENOS DE DUAS QUADRAS  
DA PRAÇA SETE.**

A MEIO CAMINHO, DE  
DENTRO DA PAREDE DA  
AGÊNCIA BANCÁRIA  
SITUADA NA ESQUINA DAS  
RUAS CARIJÓS E ESPÍRITO  
SANTO, É ONDE SURGE  
O ESPÍRITO ALEXANDRE  
NOVAES, QUE INTERCEDE  
EM FAVOR DE FRANKLIM.



**O CENTRO ESPÍRITA  
ORIENTE, DIANTE  
DO QUAL FRANKLIM,  
DESENCARNADO, APONTA  
SUA MÃE AO MÉDIUM E O  
COMPELE A ABORDÁ-LA.**

A ANTIGA SEDE DA  
CASA DOS ESPÍRITOS  
EDITOR, NA RUA  
GUAJAJARAS, ONDE  
OCORRERAM FENÔMENOS  
DE TRANSCOMUNICAÇÃO  
INSTRUMENTAL. LIA-SE NA  
TELA DO COMPUTADOR:  
"O PRÓXIMO LIVRO A SER  
LANÇADO É *MEDICINA  
DA ALMA*", ENTRE  
OUTRAS PALAVRAS  
QUE ANUNCIAVAM A  
DETERMINAÇÃO DO ALTO.





**NO 11º ANDAR DO PRÉDIO DA RUA RIO DE JANEIRO, VÍTIMA DE UM GOLPE DE ESTELIONATO, MIROU OS POMBOS E PENSOU: "QUERO VOAR TAMBÉM". POR POUCO UM ESPÍRITO NÃO O INDUZ AO SUICÍDIO. FOI SALVO DO TRANSE INFELIZ POR UMA CRIANÇA QUE INVADIU SUA SALA, AOS BERROS.**

# 7

## UMA CASA NO CAMINHO

"AQUI FILHOS DE DEUS  
ESTUDAM, APRENDEM E ENSINAM  
CIÊNCIAS. MENTALIZE EFICÁCIA,  
RESPEITO E DISCIPLINA.  
ESTE LUGAR É UM TEMPLO DA  
VIDA." ALEX ZARTHÚ, O INDIANO

- MAS, CHICO, NÓS JÁ PARTICIPAMOS DE UM centro espírita... Para que fundar mais um? - disse eu ao grande médium mineiro, em Uberaba.

Em 1989, Marcos e eu participamos da fundação de um centro espírita em Belo Horizonte, a Fraternidade Espiritual Cristã Obreiros da Vida Eterna. Trabalhávamos ativamente nessa instituição, quando, em maio de 1992, fui chamado por Francisco Cândido Xavier a visitar-lhe no Triângulo Mineiro. Um companheiro próximo a Chico me telefonou, transmitindo o recado de que ele desejava falar comigo acerca de um trabalho. Devo ser sincero: tomei o ônibus em direção a Uberaba, numa viagem de 7 horas de duração, não tanto por causa do trabalho a ser proposto, mas na expectativa de ter com o Chico, de conversar com ele. Ao chegar à cidade, o médium recebeu-me em sua residência e, logo após a saudação, emendou:

- Já está na hora de fundar mais uma casa no

caminho, meu filho.

Desde a primeira menção ao assunto, sempre usou essa expressão: *mais uma casa no caminho*. Portanto, era *mais uma* e não a Casa do Caminho, como se fosse o nome da futura instituição. O termo representava a síntese de um trabalho. Assustei-me com a proposta de abrir mais uma frente de trabalho. Ao tomar conhecimento, ainda ao telefone, do objetivo do encontro marcado por Chico entendi que "o trabalho" a ser proposto visava dar fôlego maior à tarefa que já desempenhava no grupo Obreiros da Vida Eterna: conferir mais ânimo, vigor ou dinamismo às atividades. Nem por um instante me passou pela cabeça algo diferente. Expressei minha surpresa a Chico, argumentando que estávamos perfeitamente integrados à casa recentemente inaugurada, há menos de três anos. Naturalmente, não entrou nos detalhes naquele momento; só bem mais tarde, anos mais tarde, é que entenderíamos o projeto dos espíritos. Reiterou a orientação, sem se importar com minhas objeções:

- Olha, meu filho. É necessário fundar mais uma casa no caminho, porque sua tarefa não vai ser realizada onde você está.

Voltei de Uberaba e comuniquei o fato a Marcos Leão, também um dos trabalhadores atuantes no Obreiros - forma abreviada como sempre nos referíamos à instituição. Marcos, que me acompanha na

trajetória no meio espírita desde o ano de 1986, ficou apreensivo quanto ao que eu lhe relatei; no entanto, não opôs nenhum obstáculo. Reagiu pensativo, sem manifestar-se contra nem a favor de qualquer posição, ao menos inicialmente. Ele confiava decisões graves como essa a mim, como quem diz, em silêncio: "Estou a seu lado, seja qual for a opção".

Após dormir apenas uma noite em casa, prossegui em direção à cidade do Rio de Janeiro, devido a um compromisso anteriormente agendado com o amigo Lívio Rocha, médium com o qual já tínhamos promovido eventos de pintura mediúnica. Chegando à capital fluminense dois dias depois da conversa com o Chico, fui convidado por uma amiga a visitar uma médium chamada Adaíla Barbosa, que morava na Barra da Tijuca. Marília Danni apanhou-me na própria rodoviária, a fim de me fazer companhia; teríamos tempo, uma vez que Lívio só estaria disponível à noite. Além do mais, nunca consegui aprender a me locomover com desenvoltura, no Rio, embora tantas vezes tenha visitado a cidade. Ela atuava no teatro e conhecemo-nos porque encenava uma peça de temática espírita - *Lembranças de outras vidas* -, cujas apresentações em Belo Horizonte foram organizadas pelo Obreiros da Vida Eterna.

Adaíla, que conheci nessa ocasião, é uma pessoa extremamente cativante. Segundo Marília me informara, o trabalho da médium consistia em prestar uma es-

pécie de apoio ou orientação espiritual a muitos artistas, principalmente da Rede Globo, além de outros profissionais ligados ao teatro carioca. Recordo vividamente que eu e minha guia turística chegamos à tarde ao apartamento de Adaíla, após almoçar, pois a Barra da Tijuca é distante da região portuária, onde fica o terminal rodoviário. Quando adentramos o local onde prestava atendimento, ela estava ocupada, em outra sala; dessa forma sua secretária acomodou-nos na sala de espera. Tão logo sentamos, contudo, Adaíla fala em tom de voz alto, de dentro do quarto onde estava. Pronuncia meu nome, a me chamar, embora jamais houvéssemos nos encontrado. Ela não me conhecia; nunca me havia visto. Após repetir meu nome por detrás da porta, saúda-me como quem revê um amigo de longa data, abraçando-me. Despede-se daquele que atendia para me receber daquele jeito tão caloroso.

- Ah! Finalmente... Estava te aguardando desde cedo, porque aqui está cheio de gente da Espanha, cheio de ciganos - ela se referia a desencarnados, evidentemente. - Todo mundo veio te precedendo hoje. Queria te abraçar em nome do povo espanhol.

Foi no mínimo inusitada a maneira como me recebeu. Sem dar tempo de recuperar-me do susto, pergunta-me, para meu completo assombro:

- Vai ou não vai fundar uma casa no caminho?

"Não é possível!" - pensei. Deus meu, se aquilo não

era a demonstração mais explícita da ação dos espíritos e de dotes mediúnicos impressionantes, não sei o que era. Impossível negar: os Imortais estavam usando as possibilidades psíquicas de Adaíla para atestar definitivamente que a orientação transmitida por Chico não era mera idéia ou opinião, de caráter pessoal. Para aqueles que acham que mediunidade séria só se dá dentro das fileiras ortodoxas do espiritismo, o fato poderia provocar estranhamento. Pois essa médium, que certamente seria desqualificada por muitos, deu provas cabais de que estabelecia comunicação efetiva com os espíritos.

O que me deixou mais perplexo foi o fato de ela ter usado rigorosamente a mesma expressão do Chico: *mais uma casa no caminho*. Adaíla não tinha qualquer relação com Chico Xavier, que se encontrava há mais de 860km dali, e eu havia acabado de estar com ele em Uberaba, dois dias antes. Diante das palavras idênticas às empregadas pelo médium mineiro, indaguei a ela quem é que lhe falava a respeito da tal casa no caminho. Sempre fui um tanto cético, incrédulo, e apelo para todas as explicações antes de creditar os acontecimentos a agentes extrafísicos.

Respondeu Adaíla:

- Ora, esse tanto de gente que está aqui te acompanhando! Estão falando comigo a tarde inteira, desde o meio-dia estão cá em casa - àquela hora o relógio marcava 16 horas, aproximadamente.

Notando que eu ficara um pouco ressabiado, Adaíla completou:

- Você tem que fundar com urgência esse trabalho, porque onde você está não vai dar pra fazer sua tarefa.

Simplesmente inacreditável. A semelhança era inconfundível. Chico Xavier e Adaíla Barbosa haviam dado a mesma comunicação, coincidente até nos pormenores. Saí dali boquiaberto e com a pulga atrás da orelha. Não sabia a que tarefa ambos os médiuns se referiam. Não tinha noção do que pretendiam dizer. Dois dias antes, Chico afirmara que era necessário fundar novo trabalho - e ele fora além: eu deveria começar esse trabalho em minha própria casa.

318

---

319

Ao encerrar a visita a Adaíla, dirigimo-nos a um bairro em Jacarepaguá, vasta região mais ou menos próxima à Barra da Tijuca. Marília ainda me conduzia, e largou-me na porta do apartamento de Lívio Rocha, aonde chegamos à noite, por volta das 21 horas. No instante em que adentrei, ele já estava entregue ao transe. Atuava através do médium O espírito Antônio Francisco Lisboa, O Aleijadinho, que orientava os trabalhos de pintura realizados por Lívio. Notei que existia apenas um trabalho pronto sobre a mesa.

A mãe do médium recebeu-me à porta. Assim que nos cumprimentamos e acomodei meus pertences, ela tratou de mostrar-me O tal desenho, realizado por Lisboa minutos antes, conforme me relatou. Foi O

próprio Aleijadinho que se adiantou e, por meio de Lívio, estendeu-me o esboço, logo que me aproximei da mesa. O papel trazia desenhada uma casinha meio infantil, tendo abaixo a legenda: *Uma casa no caminho*.

Pela segunda vez naquele dia, a mesma expressão. Idêntica à que Chico pronunciara; igual à usada por Adaíla Barbosa.

Assim que o espírito terminou de conversar com as pessoas presentes, não me contive:

- Mas, Lisboa, que significa isso? Você pode me dar mais detalhes a respeito dessa casa no caminho?

Com a voz firme e o tom sério que lhe é costumeiro, o artista respondeu-me:

- Significa o mesmo que você ouviu anteontem e hoje.

Como rejeitar fatos tão patentes, peremptórios? O médium Lívio Rocha não sabia sequer que eu havia estado em Uberaba, com Chico Xavier, tampouco fora informado de minha visita a Adaíla Barbosa, pois ainda não havia tido oportunidade de comentar com ele. Levando-se em conta que nos habituamos muito aos avanços tecnológicos, que passam a fazer parte do dia-a-dia, vale assinalar que o ano em que tais fatos se desenvolvem é 1992. Nessa época, celular e *e-mail* praticamente inexístiam; assim, a dificuldade nas comunicações era considerável.

Impossível não se aperceber de que havia algo de

muito sério em tudo aquilo. Foram três demonstrações inequívocas de que os espíritos estavam se valendo de vários médiuns para atingir o mesmo objetivo, trazer a mesma mensagem. Em outras palavras, era exatamente aquilo que Kardec denominou de universalidade do ensino dos espíritos, ou seja: médiuns estranhos entre si, em lugares diferentes, recebendo comunicações iguais senão na forma, ao menos no conteúdo. Isso foi interessantíssimo. E, nesse caso, verificavam-se coincidências tanto na forma quanto no conteúdo.

Regressei a Belo Horizonte. Após entendimentos com Marcos Leão, que, como já disse, era com quem dividia o aluguel doméstico, assim como algumas responsabilidades no Obreiros, decidimos abrir um culto do Evangelho no lar. Seria aos domingos, às **19** horas, em nossa própria residência.

Voltando um pouco atrás na sucessão de acontecimentos, ainda em Uberaba, havia recebido mais alguns elementos para reflexão. No instante em que fazia menção de me despedir de Chico Xavier, ele ofereceu-me um livro. Insistiu em que estudássemos aquela obra, que me era desconhecida até então. O título: *Espírito/Matéria: novos horizontes para a medicina*, de José Lacerda de Azevedo<sup>51</sup>. Tratava-se do livro-base da apometria, uma técnica para reuniões mediúnicas

<sup>51</sup> AZEVEDO. Porto Alegre, RS: Casa do Jardim. 8ª ed. ver. ampl., 2005.

desenvolvida pelo pesquisador gaúcho, autor da obra. Foi o próprio Chico Xavier, portanto, que introduziu em nossas futuras atividades o estudo da apometria, naquele dia mesmo em que mencionou a *casa no caminho* pela primeira vez. Nos 10 anos que se seguiram, dedicamo-nos ao estudo aprofundado da nova técnica, tendo ocasião de experimentá-la de modo esporádico e sempre a partir de orientação expressa dos espíritos, caso a caso. Até que, finalmente, no ano de 2002, recebemos do Alto o sinal verde para abrir reuniões regulares de tratamento apométrico.

Antes que me retirasse, Chico ainda falou:

- Você podia visitar a Federação Espírita do Estado de São Paulo, meu filho, e observar o funcionamento do sistema de cursos da Feesp.

O grande médium de Uberaba plantava uma semente cuja importância de modo algum pude avaliar ao escutá-lo naquele dia. Nem sonhava o alcance que seus dizeres ganhariam em nossas atividades. Os cursos de estudo do espiritismo constituem um dos pilares dos trabalhos que ora desempenhamos.

Prosseguiu ele:

- Não é pra copiar nada, meu filho. Apenas observe e, noutro momento, a gente vai conversar sobre algumas idéias.

Tão logo me entregou o livro, junto com a outra orientação pediu-me também:

- Meu filho, *jamais* esqueça de trabalhar com o magnetismo; não se esqueça do magnetismo. O passe magnético foi esquecido nas casas espíritas - não obstante Kardec ter sido exímio magnetizador, pensei. - Todos aplicam passe humano-espiritual ou o passe misto, porém o passe magnético está relegado ao esquecimento. Portanto, nunca abandone o passe magnético na nova casa no caminho.

## PASSES NA COZINHA

Chegou o domingo em que inauguraríamos o culto do Evangelho em nossa moradia, localizada na Rua Congonhal, 295, no Bairro Santa Terezinha, região oeste da capital mineira. Era uma casa "muito grande", enorme: três cômodos, no total. Compareceram nove pessoas - e esse foi o gérmen da Sociedade Espírita Everilda Batista, que seria fundada, oficialmente, em novembro daquele ano.

De maio até novembro, dedicamo-nos com afinco aos estudos, até que recebi novo chamado de Chico. Disse-me, com todas as letras, que era hora de oficializar a instituição nascente. Na verdade, ao longo daqueles meses, havia a clara percepção de que ali nascia um trabalho dotado de personalidade própria. Desde o início, e gradualmente, Marcos e eu assumimos o

compromisso com a nova obra que surgia, sob a égide dos benfeitores espirituais.

Dois ou três meses após a abertura do culto, resolvemos conversar com os amigos da casa espírita à qual permanecíamos ligados, a Fraternidade Obreiros da Vida Eterna. Avaliamos que a reunião de diretoria era o momento oportuno para dar a notícia, conferindo assim o caráter formal necessário a uma comunicação dessa natureza. Não houve brigas, tampouco desentendimento entre nós. Chamamos os companheiros de trabalho e expusemos a intenção de trilhar o caminho apontado enfaticamente pela equipe espiritual. Estruturávamos uma tarefa diferente - nem melhor, nem pior -, apenas diferente daquela em que vínhamos colaborando até ali. Permanecemos no Obreiros da Vida Eterna durante alguns meses, a fim de não desfaltar as tarefas e indicar nomes para assumir o papel que desempenhávamos. Não é fácil fazer adaptações e descobrir pessoas dispostas a se comprometer com as atividades. Quando julgamos que a transição estivesse concluída, migraríamos definitivamente para a Sociedade Espírita Everilda Batista.

Durante aqueles meses, fazíamos o culto do Evangelho em nossa residência, entendendo-o como um grupo nascente. Foi um momento singular e importantíssimo, no qual se definiram as orientações atinentes a nosso futuro e tomaram-se decisões de ca-

ráter essencial, que caracterizam o perfil e a conduta adotada por nós. Foi ainda um período de intercâmbio estreito com os benfeitores, de modo que a casa surgia com as diretrizes claras e seguras enviadas do Alto.

Em pouco tempo, surgiu uma conversa no Obreiros, censurando o fato de realizarmos reunião de caráter mediúnico em nossa residência. Como sempre fui estudioso e questionador, contestei o disse-me-disse, apresentando diversas referências a casos similares. D. Yvonne do Amaral Pereira, por exemplo, fez as melhores reuniões mediúnicas em seu próprio lar. Das psicografias mais elaboradas de Chico Xavier, grande parte foi feita na casa dele. Que dizer então de Allan Kardec, que realizou todo o trabalho de composição de *O livro dos espíritos* em reuniões familiares, dentro do ambiente doméstico? Nem existia centro espírita na época. Por que não poderíamos continuar com o intercâmbio mediúnico em nossa residência? Há algum impedimento absoluto em relação a isso?

Consultamos o espírito Joseph Gleber a esse respeito, que nos aconselhou a evitar, porque éramos um grupo ainda incipiente, uma única atividade: as reuniões de desobsessão. Especificamente dessa categoria de reunião era prudente resguardar-se por um tempo. Quanto às demais, destinadas ao contato com os mentores e orientadores espirituais, poderiam ser realizadas com tranquilidade. Foram maravilhosos momen-

tos de intercâmbio mediúnico, em que assistimos a efeitos físicos, materialização de sons e luzes, entre diversos fenômenos. Fatos que, num grupo maior, bem mais dificilmente se obteriam. As condições ali reunidas eram muito particulares.

Já no ponto de partida vimos como é de grande valia, desde os primórdios, a casa espírita buscar extrair dos mentores o máximo de detalhes a respeito de seu funcionamento, à luz dos projetos superiores. Muitos decidem fundar uma casa espírita motivados basicamente por uma dissidência, animados pela raiva ou pelo desapontamento com os dirigentes. Qual a chance real de ter um futuro brilhante algo que começa assim, de modo intempestivo, sem qualquer planejamento?

Em nosso caso, seria irresponsável simplesmente virar as costas e romper o vínculo com o Obreiros da Vida Eterna da noite para o dia. Marcos coordenava um grupo com mais de 20 integrantes, na mocidade ou juventude, bem como uma reunião mediúnica. Quanto a mim, ocupava a vice-presidência e coordenava diversas tarefas, entre elas grupos de estudo da mediunidade. Fizemos uma proposta que consistia em permanecer por mais um ano na casa espírita, tocando ambos os projetos em paralelo.

Claro que houve certo ciúme, como é natural entre seres humanos; todavia, em hipótese alguma houve desavenças. Atribuo isso ao fato de termos decidido

preparar outras pessoas para assumirem nosso lugar. Deixar a casa de modo incoseqüente, sem programar uma transição inteligente, além de não ser um gesto elegante, seria incoerente com a própria equipe espiritual, pois muitos dos espíritos que nos guiavam também orientavam a outra casa. José Grosso, Palminha, Scheilla, Joseph Gleber, Fernando Augusto de Lacerda e Mello<sup>52</sup>, entre outros amigos do Mundo Maior, aconselharam-nos a assim agir.

## ANTES DE PEGAR A ESTRADA, O MAPA

Se há um aspecto que Chico Xavier deixou bem claro - assim como Joseph Gleber e Alex Zarthú - é o foco de nosso trabalho. O objetivo principal é a *divulgação das idéias espíritas*, para a qual devem concorrer todos os esforços. Sem exceção, toda atividade deve ter isso como finalidade última, direta ou indiretamente; isto

326

327

<sup>52</sup> *Fernando Augusto de Lacerda e Mello* (1865-1918) foi um médium português que cumpriu auto-exílio no Brasil a partir de 1911, devido a perseguições políticas que sofreu. Médium bastante maleável na psicografia, é considerado por alguns como precursor de Francisco Cândido Xavier. Suas comunicações foram publicados por vários jornais cariocas, assim como na coletânea *Do país da luz*, ainda hoje editada pela Federação Espírita Brasileira (Rio de Janeiro, **RJ**: 1919. 7ª ed. s.d. 4 volumes).

é, devem dar sustentação à tarefa central. Portanto, a tônica não são as obras de assistência social, tais como oferecer sopa e cestas básicas, promover campanhas de arrecadação de roupas e alimentos ou fomentar qualquer espécie de ajuda material. Caso ocorram, tais atividades devem ter dimensão discreta ou reduzida em relação ao todo, pois visam à manutenção, em termos vibracionais ou fluídicos, das atividades principais. Nada contra as inúmeras e louváveis iniciativas que se operam na área, mas não é esse o plano dos espíritos conosco, em particular. O objetivo é trabalhar prioritariamente com a difusão das idéias codificadas por Allan Kardec através dos seguintes instrumentos, em ordem de relevância: o livro espírita, os cursos de estudo da doutrina, o tratamento espiritual e o magnetismo, bem como as publicações periódicas e os eventos de temática espírita, tais como espetáculos teatrais, feiras e lançamentos de livro, entre outros. É importante que exista, sim, um trabalho de promoção humana - um dos braços da obra, voltado à população de baixa renda, especialmente crianças. No entanto, também aqui, os olhos precisam estar voltados à propagação de idéias e à renovação da consciência, usando da assistência social como um trampolim para chegar ao resultado almejado.

Questionamos, questionamos e questionamos incansavelmente os espíritos a respeito dos pormeno-

res de nossa tarefa como agrupamento espírita. Quer dizer, uma vez esclarecido o escopo de trabalho, que atividades desenvolveríamos na prática, no cotidiano? Recebemos todas as informações necessárias para aquele momento inicial. Alternadamente, manifestaram-se os espíritos Joseph Gleber, Zarthú, Adolf Fritz, José Grosso, Palminha, Scheilla e Pai João de Amanda, todos encaminhando orientações diversas, semana após semana. Esclareceram acerca da trajetória da Sociedade, explicando como deveriam funcionar as reuniões públicas e a conversa ou atendimento fraterno, que receberia os visitantes; as reuniões de tratamento espiritual e de evocação; a evangelização infantil e, no futuro, os cursos de estudo do espiritismo.

328

329

Evidentemente, os espíritos não antecipam informações desnecessárias, que poderiam apavorar aqueles que iniciam uma jornada como essa. Até porque o andamento das coisas depende de uma série de fatores ligados à resposta que nós, encarnados, damos a seus planos - que não são estanques, inflexíveis. Na época, não imaginávamos, por exemplo, que a obra representada pela Casa de Everilda Batista se transformaria em algo mais amplo, denominada pelos benfeitores de Universidade do Espírito de Minas Gerais. Em 1993, os espíritos anunciaram que deveriam ter início os cursos e psicografaram uma espécie de ata de fundação da área de ensino, embora não tenham

revelado a extensão do compromisso.

Em suma, desde os primeiros momentos foram enumeradas as tarefas às quais deveríamos nos dedicar. Embora nem tudo se tenha dado de modo espontâneo, muito pelo contrário. Como disse, foi fundamental a atitude de perguntar, recurso que Allan Kardec explorou ao máximo e do qual foi o maior encorajador. Aliás, a doutrina espírita deve seu nascimento à alma perscrutadora do Codificador, pois foi sua iniciativa de formular questões que deu origem a *O livro dos espíritos*, a pedra angular do espiritismo.

Indagamos os mentores, entre outros assuntos, quais espíritos eram responsáveis pelas tarefas previstas para nossa Casa, uma a uma. Conversamos longamente com os espíritos incorporados, ora através de mim, ora de Marcos Leão. Evocamos os benfeitores e interagimos com eles, com questionários previamente elaborados, demandando a orientação daqueles que eram responsáveis diretos por esta ou aquela atividade. Passamos a conhecer nominalmente ao menos o encarregado de cada departamento, no âmbito extrafísico. Entre os espíritos citados, recorde-me de que Scheilla trouxe orientações a respeito de nossa reunião de tratamento, por exemplo. Tivemos muitas e muitas reuniões com essa finalidade, em que procurávamos compreender o objetivo e os pormenores de cada tarefa, de acordo com o que os espíritos nos jul-

gassem maduros para conhecer, evidentemente. No futuro, não queríamos nos sentir perdidos em meio a tentativas e erros, fundando uma tarefa e afundando-a logo depois. Entendíamos que era prioridade estabelecer as diretrizes para que em 10, 15 ou 20 anos os trabalhadores pudessem dispor de um roteiro a seguir. Esse esboço traçado pela espiritualidade contém os parâmetros pelos quais nos guiamos na atualidade e consiste, graças a Deus, em um esteio firme para a realização das tarefas.

Já no início de 1993, Zarthú, O Indiano, esclareceu que O nosso projeto não comportava um centro de grandes proporções. Reiterou a fala de Everilda - "Nunca percam a feição de família" - e, em certa medida, antecipou as palavras que Chico pronunciaria futuramente: "Em casa que muito cresce, O amor desaparece". O mentor acrescentou que O projeto superior compreendia a abertura de vários núcleos e não apenas um. Erguer um centro enorme não estava nos nossos planos. À medida que a casa espírita fosse crescendo, O ideal seria desmembrá-la e indicar um dos trabalhadores mais experientes para coordenar O outro núcleo. Na verdade, O apelo dos benfeitores reportava-se claramente à própria orientação de Kardec, que defende ser preferível grande número de células a uma só. Zarthú enfatizou ainda que ergueríamos um templo e, como tal, era preciso que refletisse a simpli-

cidade do trabalhador, de um lado, assim como a beleza da mensagem, de outro. Deveríamos aliar simplicidade e beleza em tudo que levássemos a efeito.

**DOMINGO APÓS DOMINGO, PONTUALMENTE ÀS** 19 horas, o grupo se encontrava para orar. Após os minutos dedicados ao estudo, abríamos a palavra aos emissários do Alto, que dirigiam o trabalho. Dava-se então uma reunião mediúnica, que, aos poucos, adquiriu a conotação de tratamento espiritual, na qual os espíritos Joseph Gleber e Adolf Fritz atendiam as pessoas ali presentes e, ao mesmo tempo, iniciavam a todos nas questões do chamado magnetismo animal ou mesmerismo. Formava-se ali nossa primeira equipe de magnetizadores.

A partir desses encontros semanais, o núcleo crescia gradativamente. Quando aprovamos o estatuto, no dia 22/11/92, na assembléia geral de fundação da Sociedade Espírita, contávamos apenas nove integrantes. Todos escolheram, por unanimidade, o nome de minha mãe para nomear a instituição. Meu voto, vencido, era dar ao grupo o nome de Maria de Nazaré. Ambas as sugestões, coincidentemente, remetiam à figura materna. Estava decidido: optamos por Sociedade Espírita Everilda Batista, em razão da proximidade e do que representava aquele espírito que, ainda em 1989, manifestara, pelas mãos de Chico Xavier, o desejo de prosseguir seu

trabalho. Já naquela época, passamos a chamar a instituição de Casa de Everilda Batista, quando queríamos nos referir a ela com maior intimidade.

Uma semana depois da fundação oficial, o número de pessoas aumentou para mais de 20. Em breve, não caberia mais gente dentro da "mansão" de três cômodos onde morávamos. Diante do desafio de abrigar o contingente cada vez maior que nos procurava, a vizinha, generosamente, cedeu a varanda de sua casa, onde nos reuníamos - desde que não chovesse, uma vez que não havia paredes para proteger-nos do mau tempo.

332

333

## CONTAGEM REGRESSIVA

Após alguns meses da fundação do novo núcleo, chegamos à conclusão de que era inadiável nos dedicar à arrecadação de recursos com o objetivo de adquirir um terreno. Devíamos batalhar pela construção da sede da Sociedade Espírita Everilda Batista; desde o início, rejeitamos nos mudar para um imóvel alugado. Segundo percebíamos, aquele era o momento de assegurar à casa uma existência física sólida e perene, sem estar sujeita à instabilidade que o aluguel necessariamente acarreta. Com alegria, logo apareceram indícios de que essa sensação que nos inspirava era, na realidade, captada dos espíritos. Mais uma vez, provaram que o

trabalho é dos *espíritos* e não dos *espíritas*, pois conduziram recursos e pessoas a fim de colaborar de modo decisivo com seus projetos.

Quando fomos fazer o registro oficial da fundação da casa espírita, já percebemos a interferência dos Imortais. A pretensão era estabelecê-la na cidade de Belo Horizonte, usando o endereço de minha residência, onde as reuniões começaram. Ao chegar ao cartório, com toda a papelada no ponto de efetivar o registro, o espírito Alex Zarthú aparece para mim de frente à repartição.

- Não registre em Belo Horizonte - falou ele. - Vocês devem registrar a Casa em Contagem - cidade da região metropolitana de Belo Horizonte.

Ignorávamos o porquê de registrar em Contagem; entretanto, diante da determinação do espírito, que não deixava margem para discussão, vimo-nos compelidos a ceder. Arranjamos o endereço da casa de um amigo, Reginaldo, que o emprestaria exclusivamente para fins de registro. Preparamos novamente a documentação e, ao me dirigir ao cartório, na companhia de Heitor, o secretário da instituição, Zarthú faz-se novamente visível, à frente da repartição.

- Não devem registrar a Casa nesse endereço - falou enfático. - Vou lhe indicar o endereço e você a registrará nesse lugar.

- Tudo bem, mas não podia avisar antes? - bufei.

Os espíritos costumam deixar a gente quebrar a cabeça até a última hora; só então é que vêm com o socorro, a orientação. Há horas em que essa necessidade de aprendizado, que permeia tudo, exige muita paciência nossa, não?

De todo modo, compensou acatar a orientação, como pudemos verificar, com o passar do tempo. Zarthú nos indicou um endereço na Rua Turquesa, 308, Bairro São Joaquim. Nunca havíamos estado nesse local; assim, rumamos para lá, a fim de conhecê-lo. Para nossa surpresa, já conhecíamos a moradora do imóvel. D. Maria era uma senhora com quem havia cruzado por duas ou três vezes, quando compareceu a palestras na Fraternidade Obreiros da Vida Eterna. A partir daquele reencontro, passou também a frequentar nosso culto no lar e, mais tarde, tornou-se inclusive uma das integrantes de nossa equipe mediúnica.

O espaço apontado por Zarthú era cheio de vegetação, com apenas um pequeno casebre nos fundos, onde D. Maria morava. Havia muitas árvores, folhas pelo chão, laranjeiras floridas; verdadeira mata em miniatura, extremamente agradável e diferente da paisagem ao redor, na vizinhança. Chegou a nosso conhecimento que D. Maria realizara ali um culto de oração ao longo das últimas três décadas. Com grande boa vontade, ela permitiu que constasse em ata seu endereço como sede da instituição, apenas para efeito

de registro no cartório. Meses depois, quando já tinha maior liberdade comigo, procurou-me.

- Robson, moro sozinha neste terreno e estou com um problema bem sério, para o qual gostaria de pedir sua ajuda. Anos atrás fui dona deste terreno; há uns 25 anos, mais ou menos. Foi quando tive de vendê-lo, pois precisava do dinheiro. Um rapaz chamado Luiz falou que o compraria de mim e, generosamente, me deixaria viver aqui, enquanto fosse viva, pelo tempo que fosse necessário. Ele não precisava do imóvel. Só que agora é ele quem se vê obrigado a vender o lote onde moro, e não tenho onde ficar.

Relatei a conversa ao grupo, que ficou muito sensibilizado com o drama de D. Maria. Ela cativara a todos, e era uma senhora com uma história de vida impressionante, um tanto sofrida. Para se ter uma idéia, era portadora de graves complicações no trato digestivo, conseqüência de dilatados períodos de fome que enfrentou na infância e na juventude. Todos se condoeram da situação, e resolvemos procurar o dono do lote a fim de conversar sobre sua aquisição. Embora tenha pedido um valor que, na época, era exorbitante para nós, completamente além das possibilidades dos sócios, tive a coragem - ou fiz a loucura - de assinar o contrato de compra e venda.

Lembro bem que, ao subir a rampa da propriedade em direção aos fundos, onde ficava a casa de D. Maria,

estava bastante empolgado para lhe dar a boa notícia, que lhe traria grande alívio. Ao me aproximar da porta, o espírito Palminha mostrou-se e me advertiu:

- Cuide bem disso aqui, porque vou construir minha barraca bem neste lugar, viu? - disse, apontando para um ponto. - Vou colocar uma base aqui.

Na ocasião, não entendi que a tal base se referia à própria sede da Sociedade. Compramos o terreno sobretudo para mantê-la ali; essa havia sido nossa principal motivação. Foi a forma que encontramos para que D. Maria não fosse despejada.

Avaliando hoje, com o distanciamento que o tempo proporciona, vejo como tantas vezes a vida nos envolve numa espécie de torpor e acabamos cumprindo os desígnios do Alto, mesmo sem ter consciência disso. Tinha certeza de que aquele era o caminho. Mas só no meio do processo é que ficou claro que o lugar era aquele, que a sede da casa espírita seria ali. Logo formulamos a proposta à D. Maria, que se sentiu muito agradecida. Ela poderia continuar morando onde estava há tanto tempo, bastando para isso observar o fato de que, agora, fundara-se ali um trabalho que implicava certas exigências. Desde o início, não permitimos fumo nas dependências da instituição, por exemplo. Além disso, teria sua liberdade reduzida no momento das reuniões, futuramente, quando erguêssemos as primeiras paredes.

Estava animado daquele tipo de certeza que ninguém explica, pois é inspirada. Assinei primeiro a intenção de compra; na seqüência, trabalharíamos para pagar o lote, uma vez que o dono topou vendê-lo sem entrada, dividindo o montante em duas partes iguais. Em 30 dias deveríamos dar a primeira parcelas; em 60, a segunda. Do contrário, venderia para outra pessoa, porque tinha pressa. Não havia como protelar a decisão.

A partir dali, entusiasmados e com uma dívida a pagar, começamos a empreender uma série de atividades, tais como ruas do lazer, com o objetivo de arrecadar fundos para a casa espírita.

Dois dias antes da data de quitar a primeira parcela, Marcos Leão e eu estávamos sentados em frente a nossa residência, no Bairro Santa Terezinha, conversando sobre como arranjar o dinheiro para o pagamento da dívida. Ele me perguntou:

- Robson, quanto temos?
- Nem 10% do valor.

Marcos, numa manifestação de desespero:

- Depois de amanhã temos que pagar esta quantia toda! Os espíritos jogaram a gente numa fria, mandaram registrar a Sociedade naquele lugar e agora nós é que vamos pra cadeia.

E começou a jogar a culpa nos espíritos, fazendo o maior drama. Afirmava que a polícia nos prenderia, que seria manchete no jornal *Estado de Minas: Espíri-*

*tas presos na penitenciária de Neves<sup>53</sup> por não pagar dívida. Era puro terror o que profetizava. Lembrei a ele que José Grosso dissera que eles dariam jeito, pois a obra era dos espíritos e não dos espíritas.*

Por volta das 18 horas, 18h30, estávamos ali a discutir a respeito do pagamento quando chega Jefferson Guedes, um freqüentador de nossas reuniões. Chamou-me até seu carro e, sem descer, falou:

- Robson, fiz uma promessa a Nossa Senhora Aparecida. Disse a ela que, se me ajudasse a receber um dinheiro que emprestei há mais de cinco anos, eu daria uma contribuição a alguma instituição filantrópica.

Jefferson era um médium de excelentes faculdades mediúnicas, mas católico ao extremo na forma de pensar e agir. Chegou ao cúmulo de me dizer que Maria - a própria Maria de Nazaré - vinha acordá-lo pela manhã. Sempre tomei aquilo por loucura de médium, sempre com um (no mínimo) parafuso a menos. De tanto insistir na história, certo dia resolvi indagar a respeito ao espírito Fernando de Lacerda, responsável pelas questões mediúnicas em nossa casa:

- Lacerda, que há com O Jefferson? Ele está alucinando? Ou quer apenas chamar atenção?

<sup>53</sup> Ribeirão das Neves, conhecido simplesmente como Neves, sedia um presídio tradicional em Minas Gerais. É um município limítrofe de Contagem, ambos na região metropolitana de Belo Horizonte.

- Não - respondeu-me o espírito. - É mediunidade mesmo. Ele conversa com espíritos com frequência, nesse horário, ao amanhecer.

- Mas então Maria vem mesmo conversar com ele? - perguntei, entre desconfiado e surpreso.

- Não. Ocorre que, por ser muito católico, o médium dá ao que vê a interpretação que lhe convém, de modo inconsciente. Com efeito, Jefferson recebe a visita de um espírito feminino que lhe é familiar. Ela se apresenta com um manto, e isso, para ele, é suficiente para concluir que é Maria de Nazaré. As crenças do indivíduo determinam o modo como vê o mundo extrafísico.

Não me canso de refletir sobre a força da interpretação. Onde está o limite entre a *percepção* e a *interpretação* mediúnica? Eis aí uma questão muitíssimo pertinente à reflexão nos grupos espíritas<sup>54</sup>.

NAQUELE ENTARDECER DO ANO DE 1993, ENTÃO, Jefferson dissera-me que Nossa Senhora o havia aju-

<sup>54</sup> "Animismo e percepção *versus* interpretação mediúnica" é justamente o título de um dos capítulos do livro *Consciência*, em que o autor espiritual Joseph Gleber responde a perguntas formuladas, em sua maioria, por médiuns desencarnados. Grande parte dos assuntos abordados diz respeito à prática mediúnica (PINHEIRO, Robson. Pelo espírito Joseph Gleber. *Consciência*. Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora. 1ª ed., 2007, 3 reimpressões, p. 73-80).

dado e, em razão disso, viera trazer um valor como doação à casa de Everilda Batista.

Olhando para Marcos, expressei certo alívio, embora não soubesse o valor da doação. Isso em razão de adotar uma política um tanto intransigente à época, no tocante às finanças da instituição: não me permitia o mínimo envolvimento com elas, nem sequer para abrir o cheque, que Jefferson me entregara dobrado. Como se isso fizesse algum mal!... Hoje procuro refletir sobre o porquê do tabu em relação ao dinheiro disseminado no movimento espírita, principalmente no que concerne aos médiuns, aos quais parece ser vedado se envolver com questões "menores", materiais. Não era diferente em nossa casa. Entregaria o cheque, exatamente como o recebi, nas mãos do tesoureiro. Coloquei-o dobrado no bolso de minha camisa.

- Puxa vida! Uma doação nesta hora é bem-vinda - comemorei.

Imediatamente liguei para o Sílvio, nosso tesoureiro. Pedi que viesse buscar o cheque. Quando chega a nossa casa, comemora:

- O cheque equivale a mil dólares!

Era a metade do necessário para quitar o lote. Isto é, exatamente o valor da parcela que vencia naquela semana.

Tomados de assombro ante a maior doação, de longe, que havíamos recebido até então - e comple-

tamente inesperada -, o amigo Marcos reafirmou sua "fé" nos espíritos:

- Grande coisa! E de que adianta a metade? Quitamos a parcela que vence depois de amanhã; e, mês que vem, o que faremos?

- Deixe de ser chato e dê o braço a torcer, Marcos - intervim. - Uma coisa é certa: não foi Nossa Senhora Aparecida que auxiliou Jefferson, mas José Grosso ou alguém de sua equipe.

Um aspecto importante é que a confiança que depositamos nos espíritos é acompanhada sempre de trabalho incessante. Nada de ficar esperando o dinheiro cair do céu nem de permanecer de braços cruzados. Um mês após aquele acontecimento, deveríamos pagar a segunda parte do valor acertado. Guardamos o dinheiro arrecadado até ali, em ruas de lazer e outros empreendimentos, mas mesmo assim estávamos longe de alcançar o total necessário. Nessa hora, os artistas desencarnados se manifestaram e nos comunicaram a resolução dos espíritos:

- Vamos fazer uma pintura mediúnica. Separem telas, tintas e promovam um leilão, pois nós vamos pintar - disse o espírito Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que sempre coordenou tais atividades em nossa casa. - Vamos transformar arte em pão para saciar a fome dos filhos que encontrarão abrigo na casa do caminho.

Obedecemos à determinação do Alto, de que Lisboa havia sido porta-voz. Em menos de um mês, organizamos um leilão de arte mediúnica na sede social do Clube Atlético Mineiro, localizada no Bairro Santo Agostinho, na região central de Belo Horizonte.

Na noite em questão, o espaço lotou. O salão, com lugar para 245 pessoas, não pôde comportar os que compareceram. Enquanto os espíritos pintavam, levávamos adiante o leilão. Em determinado momento, quando vimos a boa repercussão do trabalho, uma equipe foi para a rua providenciar mais telas e tintas. Salvou-nos um conhecido, que abriu sua loja no sábado à noite para fornecer materiais em caráter de urgência. Encerrado o primeiro leilão, de 19 às 23 horas, aproximadamente - pasme: havia mais pessoas que desejavam entrar. Abrimos o salão para a nova platéia, e os espíritos, sem interrupção, pintaram até depois de meia-noite, totalizando 5 horas consecutivas de trabalho mediúnico. Ao fim de nova rodada de leilão, todo o material havia se esgotado. Numa só noite, atingimos a impressionante marca de 140 telas mediúnicas, todas arrematadas. Um sucesso arrebatador. Arrecadamos um valor expressivo, que cobria os custos com folga. O lucro foi partilhado com mais duas instituições de Belo Horizonte.

Eis um princípio que sempre adotamos como critério fundamental a observar: partilhar a receita obti-

da, dividir os bons resultados com outros companheiros. E assim fizemos mesmo nesse caso, em que 1/3 da renda do fantástico evento representava menos do que o necessário para quitar a última parcela do lote.

A apenas um dia do vencimento da dívida, uma amiga nos procurou. Talma recebera um prêmio muito grande nos Correios, onde trabalhava. Segundo avaliou, não precisava de todo aquele dinheiro e por isso resolveu doar parte do total. O valor recebido de Talma era suficiente para saldar nossos compromissos. Ou seja, poderíamos investir o restante - os recursos arrecadados nos eventos, inclusive no extraordinário leilão de pintura mediúnica - na construção das primeiras paredes da Sociedade Espírita Everilda Batista.

Resolvidas nossas apreensões, Marcos fez questão de se adiantar, convicto:

- Não falei que era pra confiar? Não disse que José Grosso nos auxiliaria? Eu sempre disse que os espíritos jamais nos deixariam na mão.

Não há o que comentar a respeito da reação tão típica de Marcos.

# 8

## O HIPNO

"DEUS É AQUELE  
QUE DAS TREVAS TIRA A LUZ."  
ALEX ZARTHÚ, O INDIANO

GOVERNADOR VALADARES, ANO DE 1979. UM OU dois meses após ser expulso da igreja evangélica, resolvo acompanhar minha mãe à Associação Espírita Vicente Pifano, onde ela se submetia a um tratamento fluidoterápico ou bioenergético já há algumas semanas. Motivou-se mais particularmente devido ao assédio espiritual que sofria por parte de uma entidade. Embora bastante intenso, confesso que eu nada sabia a respeito. Sempre discreta sobre as dificuldades que a afligiam, ainda mais de ordem espiritual, ela havia mantido silêncio sobre o caso. De todo modo, a luta que vinha travando culminaria ali, naquela noite, num capítulo decisivo.

Chegamos ao ponto de parada do ônibus que nos levava até o centro da cidade, onde se localizava a casa espírita. Assim que Everilda Batista desceu os degraus do ônibus e pôs os pés na calçada, ela foi ao chão, com as pernas completamente imobilizadas. Segura-se com

dificuldade, mas fora um tombo feio. Obviamente, meu primeiro reflexo foi acudi-la, ir em seu socorro.

- Que é isso, mãe? Que houve? - indaguei, surpreso, estendendo a mão.

Everilda era cabeça-dura ao extremo e, quando estava determinada a levar uma coisa adiante, não havia quem tirasse de sua cabeça a decisão. Era impossível movê-la; ia até às últimas conseqüências.

- Você está proibido de me ajudar - respondeu-me, ocupando minha mão apenas com sua bolsa. - Isso é entre mim e ele.

Segundos antes de ir ao chão, havia visto o espírito de relance, a seu lado. Era tarde, pois ele já tinha magnetizado seu sistema nervoso e, no mesmo instante, suas pernas se paralisaram totalmente. Eram peso morto; quem a visse naquele momento julgaria que Everilda era portadora de deficiência física, paraplégica. Sem dúvida, estávamos diante de um espírito singular, porque a investida que concretizara era, no mínimo, invulgar. Todavia, isso nem sequer me passou pela cabeça na ocasião.

Havíamos descido do ônibus em frente à rodoviária da cidade, do lado oposto da rua. No trajeto até a Associação Espírita, além dessa rua havia uma avenida larga a atravessar, e era necessário percorrer a lateral da rodoviária e uma pequena praça. Equivalia a mais ou menos dois ou três quarteirões. Era pouco,

mas, na condição em que minha mãe se encontrava, parecia uma caminhada e tanto.

Resoluta, ela reiterou:

- Me deixe arrastar sozinha, meu filho, pois vou mostrar a esse espírito quem é mais forte, se ele ou eu.

Everilda estava literalmente paralisada ante a ação magnética do espírito, mas não se abateu; pelo contrário, tinha os olhos bem abertos e falava em tom severo, quase desafiador.

- Vou me arrastar até o centro espírita e receber meu passe, custe o que custar - continuou ela. - Esse sujeitinho não sabe com quem está mexendo.

E foi exatamente assim que ela se locomoveu, arrastando-se pelo chão. Comigo ao seu lado, andando muitíssimo devagar, atravessamos a rua tão logo o fluxo de automóveis foi interrompido. Quem olhasse de longe certamente estranharia um jovem saudável andando ao lado de uma senhora que se arrastava pelo asfalto, apoiando-se apenas nos braços. À medida que nos aproximávamos da casa espírita, suas pernas foram ficando cada vez mais sujas e esfoladas. Era muito difícil vê-la naquela situação, começando a sangrar devido às escoriações. É uma situação degradante, que a maior parte de nós, caminhantes, não imagina.

Com muito custo, mas avançando sem nenhuma interrupção - ela não permitiu -, chegamos à porta do centro. Foram os 10 ou 15 minutos mais longos da

minha vida; não sei como consegui manter a calma, pois é dilacerante ver alguém que se ama naquela situação. Subi os poucos degraus e fiz questão de dar a mão para minha mãe. Ela me esculachou:

- Não te falei que eu me virava sozinha?! Pois sozinha também vou me levantar.

Assim foi feito, pois, logo que chegamos à porta do centro, o espírito a libertou. Pôs-se de pé com as pernas sujas e ligeiramente ensangüentadas, recusando-se a receber auxílio. Disse-me em seguida, com firmeza:

- Quero ver que espírito miserável é esse que acha de poder me vencer numa disputa. Vamos ver se ele me dobra com essa história de me perseguir.

Eu ignorava por completo quem era aquela entidade. Além do mais, era uma das primeiras vezes que eu visitava o centro espírita. Lembro bem que estávamos numa quarta-feira e era dia de reunião pública. Everilda Batista se viu livre do algoz, que, possivelmente, empreendera ali o ápice da perseguição. Deduzi que a contenda já estava em curso há certo tempo pelo fato de ela ter reagido sem surpresa à ocorrência, no mínimo, inusitada.

**O CALENDÁRIO AGORA MARCA O ANO DE 1989.** Marcos Leão e eu auxiliávamos no restabelecimento de uma casa espírita no Bairro Serrano, em Belo Horizonte, cujo dirigente havia desencarnado e os traba-

lhos se desestruturaram completamente. Ao mesmo tempo, participávamos ativamente de outra fraternidade recém-inaugurada, de nome Obreiros da Vida Eterna. A Casa de Caridade, como chamávamos a primeira instituição, passava por momentos graves, e vários companheiros se reuniram para auxiliar na reorganização das atividades.

Em uma das reuniões mediúnicas, em que eu trabalhava com a psicografia, recebi uma mensagem deveras interessante, falando acerca do compromisso moral dos médiuns da casa. O autor espiritual discorria com base em passagens bíblicas, fazendo uma ponte entre os ensinamentos do Evangelho e a conduta dos médiuns. E assinava: Estêvão.

Todos os presentes ficaram muito impressionados com o conteúdo enriquecedor da comunicação. O dirigente da reunião chegou a pedi-la emprestada, a fim de imprimir e distribuir entre os integrantes da equipe mediúnica. Tão logo fiz menção de entregá-lhe a mensagem, ouço o espírito Zarthú:

- Tem certeza, meu filho? - diz, sem qualquer afetação. - Cautela.

Eis uma palavra que, na boca de Zarthú, representa grande perigo: *Cautela*. Conforme pude aprender ao longo do tempo, traduzindo para o bom português, significa algo como *Sai correndo!* ou *De jeito nenhum!*, a depender da situação.

E repetiu:

- Cautela, meu filho, muita cautela.

Entendi que não seria prudente divulgar a psicografia. Assim, decidi guardá-la para reflexão posterior.

### **B O F E T Ã O F R A T E R N O**

Rua Rio de Janeiro, centro de Belo Horizonte. **1993.** Marcos Leão e eu alugávamos uma sala comercial num quarteirão fechado ou calçadão de um dos principais pontos da cidade, a Praça Sete de Setembro ou, na língua do povo, simplesmente Praça Sete. Trabalhávamos com bijuterias finas, um produto realmente selecionado, que freqüentava as vitrines das melhores butiques da região. Tínhamos ali a fábrica e o escritório. Era uma sala ampla, onde mantínhamos todo o mostruário à disposição de clientes e distribuidores. Ganhamos um concurso de melhor *design* de bijuterias finas, e o prêmio consistia em representar Minas Gerais numa grande feira do setor em Barcelona, na Espanha. Nosso escritório ficava no 11<sup>a</sup> andar do edifício, se não me falha a memória.

Um belo dia, adentra pela porta uma mulher sofisticadíssima, um tanto obesa, que realmente chamava a atenção pela presença singular. Unhas grandes e muito bem pintadas, trajes pretos, exibia muitos e be-

los acessórios, com direito a maquiagem e salto alto. Seu perfume a precedia. Como toque final à figura exótica e atraente, carregava um gato siamês cuidadosamente escovado. Pediu-nos para ver a coleção de bijuterias mais requintada que tivéssemos.

- Mas claro, como não? - era indisfarçável a empolgação de Marcos. - A senhora veio ao lugar certo. Todas as nossas peças são de primeira linha e de *design* próprio.

Mostrou-lhe todas as peças de que dispúnhamos, enquanto ela escolhia uma a uma aquelas que lhe interessavam. Era insaciável. Comprou mais da metade de nosso estoque e pagou à vista. Estávamos realmente numa fase próspera no campo profissional, muito satisfeitos com os negócios, que iam de vento em popa.

Um mês depois, a mulher apareceu novamente e, além do gato siamês, acompanhou-a um homem igualmente elegante, porém mais discreto. Trajava costume bem clássico, o que o distinguia da população em geral, já que em Belo Horizonte esse traje não é tão freqüente como em outras capitais. Parecia ser o assistente daquela autêntica *madame*. Uma vez mais escolheu dúzias de peças, entre colares, brincos e pulseiras. Depois de elogiar nossa competência e criatividade, terminou por levar toda a coleção. Pagou mais uma vez à vista, em espécie. Era o máximo! Estávamos maravilhados. Para um negócio pequeno como o

nosso, não só o faturamento daquelas grandes vendas era muito representativo, mas sobretudo o reconhecimento chegando com a vitória no concurso, os grandes compradores... Antes de deixar nosso *show-room*, encomendou uma coleção completa, a ser produzida inteiramente em cristal tcheco, material importado do leste europeu. Caro, portanto. O pedido continha de 50 a 100 peças de cada modelo.

Embevecidos, Marcos e eu nos dirigimos a São Paulo, a fim de adquirir a matéria-prima, pois nossa cidade não ofereceria preço competitivo nem estoque nos fornecedores. Até então era o maior volume fechado negociado de uma única vez. Trabalhamos dia e noite na confecção das peças, até que finalmente ficaram prontas. Na data marcada, a mulher retornou com suas duas companhias - o felino e o assessor ou guarda-costas, conforme especulávamos. Examinou a coleção, apreciou os resultados e, assim que embalamos toda a produção, ela disse:

- Gostaria de pedir-lhes um favor. Das outras vezes, levei tudo à vista, em espécie; contudo, o volume agora é maior. Preciso emitir um cheque para 15 dias, no valor total da compra. Não é necessário parcelar. Bastam-me 15 dias de prazo.

Não poderíamos deixar de fazer o negócio. Afinal, a cliente comprara duas vezes um valor muito alto e, como havia dito, à vista, sem nem sequer pedir des-

conto. Em resumo, demonstrara ser de confiança, segundo avaliávamos.

Depois que partiu, tratamos de comemorar. Nunca tínhamos feito uma transação de tão alto valor. Permanecemos com aquela alegria contagiosa por exatos dois dias, já traçando os planos para nova coleção. Até que, de súbito, no meio do expediente, a polícia federal invade nosso escritório, revólver em punho. Eram uns 7 homens numa importante operação que perseguia um dos maiores estelionatários do estado. Um casal roubara muitos cheques na região do Triângulo Mineiro e fizera inúmeras transações no comércio de Belo Horizonte, espalhando cheques roubados por todo lugar. Havíamos sido tão-somente alvo de um dos muitos golpes que a dupla aplicara na cidade. Vinham sendo investigados pela polícia e estavam foragidos há meses.

Além de nossa enorme ingenuidade, na época não eram tão popularizados os sistemas de consulta ao Sistema de Proteção ao Crédito. De todo modo, depois do calote, era fácil avaliar que agimos de forma precipitada. Mas também era inócua essa conclusão. Agora, nosso problema era descobrir o que fazer para contornar problemas de tal magnitude. Não tínhamos idéia de como fazer para saldar as dívidas que contraímos em São Paulo, na aquisição de matéria-prima, nem de como pagar toda a mão-de-obra recrutada para fazer a coleção. Não tínhamos capital, patrimônio pes-

soal, nada. Morávamos de aluguel, andávamos de ônibus; levávamos uma vida modesta e regrada.

Uma semana depois da decepção, encontrava-me sozinho no 11º andar do edifício, olhando pela janela de nossa sala. Estava muito desiludido, pensativo e deprimido; no fundo do poço. Não via saída para aquela situação. Contemplando a paisagem, o movimento frenético dos carros lá embaixo, os passos apressados das pessoas, olhei para cima, como a buscar inspiração, alguma solução ou esperança. No entanto, um misto de angústia e amargura sufocava-me o peito. Quis fugir. Desaparecer dali, num passe de mágica. Foi quando reparei nos pombos que vinham do alto e davam vôos rasantes, circulando livremente entre terraços e sacadas dos prédios da vizinhança. Voavam, voavam, até finalmente pousar aqui e acolá, como bem entendiam. Vi alguns pombos mais abaixo, próximos de onde eu estava. Havia muitos naquela tarde, ora decolando ora pousando no parapeito da janela daquele 11º andar. Em dado momento, ocorreu-me o pensamento:

- Meu Deus! Se eu tivesse asas para voar como aquelas pombas... Voaria já, para bem longe daqui, e não teria de enfrentar essa bomba que hoje temos em nossas mãos. Como eu gostaria de voar.

Naquele instante, ensaiei olhar mais para baixo, debruçando-me sobre o parapeito da janela. Desejava observar os pombos com mais detalhes, em seu vôo

que me parecia tão libertador.

- ÁáááááááL. - escutei, de súbito.

Era um grito alto, estridente, repentino. Logo após, um choro quase convulsivo, somado a berros escandalosos. Uma criança, filha do inquilino de uma sala no mesmo piso, começou a chorar copiosamente, o que me arrancou do semitranse a que me entregara. Automaticamente, fui em direção a ela. Depois que a conduzi à sala do seu pai, sacudi a cabeça, ainda um tanto atordoado, e desci para a portaria do prédio, pois me distraíra do episódio dos pombos. Estava tão desolado que não me dei conta, por exemplo, de que poderia fazer uma prece. Não percebi com nitidez o que ocorrera.

Conversei um pouco com o porteiro e saí em direção à rua, a fim de andar um pouco e - quem sabe? - desanuviar os pensamentos, liberando-os da frustração que representava o ocorrido, o golpe que recebêramos. Caminhei até uma das transversais, a Rua Carijós, e dali pensava em ir ao Parque Municipal, a menos de io minutos dali, a pé, usufruir da companhia das árvores e dos chafarizes. Desci duas quadras da Rua Carijós ainda envolto em pensamentos conturbados. Quase na esquina com Rua da Bahia, recebo um golpe fortíssimo na face, uma baita bordoadada vinda de alguém que não conhecia e que também não cheguei a ver. Fui arremessado para o lado oposto ao que me encontrava, enquanto dois veículos colidiram um com

outro exatamente no lugar onde eu passara pouco antes. Arranhei o braço e machuquei a perna no tombo, entretanto, salvei-me do acidente certo. Eu seria atingido em cheio caso o soco não tivesse me desviado da rota. Com esse episódio, os acontecimentos recentes ganharam contornos graves e, finalmente, fui içado do torpor em que me achava. Os pensamentos desconexos me deixaram, cedendo lugar à preocupação pelo que sucedera nas últimas horas. A polícia logo se fez presente e me envolvi com tudo aquilo. Só pude concluir que fora auxiliado de alguma forma, não sei por quem, mas que me livrara de danos maiores.

356

357

## A MEDICINA DA ALMA

Novo local: um apartamento do hospital onde me internara há algumas semanas, desde o carnaval de 1997. Após um período de 19 dias no CTI, retornei à consciência já no leito de um quarto, levado pelos espíritos, que, por sua própria conta, deram fim ao coma. Incorporaram dentro do cti, desconectaram-me da aparelhagem médica e conduziram-me ao apartamento. Conforme relatei, eram os bastidores do livro *Medicina da alma*, que acabara de entrar em produção.

Por esses dias, deitado e ainda muito fraco - cerca de 35kg mais magro -, reparo em um espírito cuja

indumentária parecia ser toda confeccionada do mesmo material verde-musgo, uma espécie de plástico ou lona grossa. Ao movimentar-se, sua roupa fazia um barulho característico, que me despertou atenção inicialmente, me fazendo percebê-lo. Com efeito, era semelhante a um plástico endurecido, e ele arrastava-se de lá para cá, acompanhado de um odor fétido. Inegavelmente, havia um quê de crueldade em sua fisionomia. À frente do hospital, durante aqueles instantes, um grupo de jovens cantava, liderado por D. Maria Pinto, saudosa trabalhadora da União Espírita Mineira. Endereçavam a mim suas vibrações, mobilizados em virtude da repercussão do livro *Canção da esperança*, que chegara às livrarias no ano anterior.

O espírito sentou-se na poltrona ao lado da cama onde eu me encontrava estirado e, apontando em direção à janela, de onde vinha a música dos jovens, disse-me, num misto de raiva e desprezo:

- Esses miseráveis! São uns idiotas. Você está usando de uma arma desonesta. Mas pensa que vai me vencer com sua artimanha?

Desconhecendo a que se referia a entidade, respondi no mesmo tom:

- Não sei do que você está falando nem sei por que veio até aqui.

- Vou destruir você, seu desgraçado! Eu lhe odeio com todas as forças de minha alma.

E o diálogo transcorreu mais ou menos assim:

- Bom - retuquei, em pé de igualdade. - Se pensa em me matar, é melhor tentar outro plano. Você não me conhece e portanto não sabe que estou na doutrina espírita não porque eu seja bom... Pelo contrário, é porque não presto e estou nela para melhorar. Porém, se eu passar para o seu lado da vida por sua causa, é você quem vai se ver comigo. Vou tornar-me seu perseguidor e não vou deixar você em paz um segundo sequer. Aí então veremos quem é o pior.

Depois de algum tempo nessa "troca de gentilezas", o espírito voltou-se para mim e disse:

- Você se lembra do que aconteceu com você lá no prédio onde trabalhava, em **1993**?

Como eu ia me recordar assim, de súbito, de algo ocorrido há quatro anos? Uma entre milhares de coisas que acontecem todos os dias... O espírito prosseguiu:

- Você estava na janela vendo os pombos voar e senti um desejo de voar também. Eu é que estava ao seu lado e quase o fiz suicidar-se, não fosse aquela miserável criança aparecer no corredor, invadindo sua sala.

Imediatamente, o acontecimento me veio à memória.

- Lembra-se do que aconteceu lá na Rua dos Carijós? - acrescentou ele. - O carro quase lhe atropelou, recorda? Você sentiu um tapa no rosto, um bofetão... Pois bem, esse não fui eu, e sim seu amigo espiritual,

que tentava livrá-lo de mim. Eu estava é dentro do carro que teria atropelado você, caso não fosse a intromissão de um tal mentor seu. Por pouco você não perdeu a vida naquele dia, por duas vezes, e eu obtive sucesso no meu intento.

Aos poucos o estranho ser desfilava o rosário de tentativas frustradas de acabar com minha vida. Dedicava-se há mais de 10 anos a essa empreitada. Mas havia algo mais em mim que o incomodava, e eu não suspeitava do que podia se tratar.

Novamente, ouviu-se a música lá fora, e ele, olhando furioso pela janela, disse-me:

- Miserável, você! Está usando de uma arma poderosa contra mim. Mas me verá ainda... Aguarde!

Saiu, ou melhor, deixei de percebê-lo através da **vidência**. Restávamos somente eu e o espírito Zarthú, **que** me repreendeu:

- Cautela, meu filho, cautela com esse espírito. Você não tem idéia do perigo que ele representa.

Ouvi o benfeitor, mas confesso que menosprezei **sua** advertência, pois sempre achei que a melhor saída era enfrentar corajosamente qualquer espírito que **se** pusesse a desferir ameaças. Em nome da defesa ao trabalho, agir com total destemor era a atitude mais **ioÉligente**, a meu ver.

Ainda sob o impacto emocional dos acontecimentos: que marcaram profundamente minha vida naqueles

dias no hospital, recebi alta e fui para casa. Mais ou menos recuperado do transtorno físico causado pela infecção hospitalar, poucos dias após a psicografia do livro *Tambores de Angola* fui à casa espírita. Era sábado, dia de atendimento às nossas crianças. Assim que lá cheguei, o espírito de verde-musgo novamente apareceu para mim, porém, desta vez, com todo o circo armado.

Recebeu-me "afetuosamente", conforme relatei na introdução inédita que escrevi para o livro *Medicina da alma* em 2007, quando a obra completou 10 anos. Transcrevo trecho dela extraído, para comentá-lo em seguida.

360

361

*Tínhamos, na época, 45 crianças mantidas no trabalho que desenvolvíamos, de apoio familiar e promoção humana [na Sociedade Espírita Everilda Batista]. Certo dia, já mais refeito, fui à casa espírita, e a primeira pessoa que encontrei foi Nina, voluntária que alimentava as crianças. Entre as meninas que vi ali, sendo atendidas, uma sobressaía devido à feiúra e ao completo desleixo na aparência. Sem meias palavras: era feia de doer.*

*Nesse exato momento, O mesmo espírito do quarto de hospital resolve aparecer novamente.*

*- Vou destruir essa miserável - sentenciava, apontando para a criança, que, de tão feia e suja, parecia abandonada.  
- Você verá O que vou fazer com essa coisa... - referia-se à menina.*

*Diante da ameaça do espírito, tomei a criança no colo*

*num só impulso e passei a enfrentar o espírito, discutindo, efetivamente brigando com ele. (...)*

*Falei que defenderia a criança a toda prova e que seria abrigada por mim e pela instituição, embora a situação e a aparência lamentáveis em que se encontrava.*

*- Você ama essa criança horrível? - perguntou o espírito, visivelmente transtornado.*

*- Deforma alguma. É claro que não amo, pois somente hoje a estou vendo, pela primeira vez. Mas me esforçarei para amar, é claro, principalmente depois de lhe dar um banho e roupas decentes. Se dissesse que amo alguém que nunca vi estaria mentindo para você. Contudo, se ela veio até nossa casa espírita, é porque os mentores a confiaram a mim (...). Me esforçarei para amá-la e, um dia, com certeza conseguirei. Mas isso não importa agora! Você não fará coisa alguma contra essa criatura, pois ela está sob a minha tutela.*

*Resoluto, entreguei a criança para Nina, que coordenava as atividades naquela tarde de sábado. Quando já esboçava os primeiros passos em direção a um local reservado da casa espírita, o espírito me deteve. Meu plano era desdobrar-me e enfrentá-lo pessoalmente, pois tenho a facilidade de me projetar fora do corpo com lucidez. Ele de modo algum faria qualquer coisa contra a criança.*

*Eis que o espírito começou a chorar quando eu tomei a causa da criança e a defendi. Perguntou-me:*

*- Você sabe quem é essa miserável que você defende mesmo sem conhecer?*

- Não! Não faço a menor idéia. Como disse antes, estou vendo essa menina pela primeira vez.

Aos prantos, disse-me, então:

- Ela é minha filha! Essa criança foi minha filha em minha última encarnação. E, se você é capaz de defendê-la da maneira como o fez, mesmo sendo ela filha de seu perseguidor, que desejava matá-lo, é porque a doutrina que você abraça tem algo diferente.

"Você me venceu! A partir de agora, quero conhecer mais essa doutrina que você adotou como regra de vida. E tem mais - acrescentou o espírito, visivelmente abatido. - A partir de agora, serei seu guardião. Eu o defenderei contra qualquer ataque. Pedirei permissão para acompanhá-lo e, quando você falar de seus livros, conte minha história, a história de alguém que foi vencido pela força do amor."

362

363

Não fomos apenas eu e Nina que acompanhamos a situação... Mais alguns companheiros presenciaram a cena, que envolvia a criança suja e o diálogo que se passou entre mim e o espírito. Tudo isso ainda está fortemente impresso em minha memória, com todos os detalhes. Seria capaz de jurar, ainda hoje, que os eventos se deram rigorosamente da forma relatada. Entretanto - nem sequer desconfiava -, havíamos sido vítima dos artifícios de uma entidade extremamente habilidosa. Somente 10 anos mais tarde é que nos seria revelada a verdade por detrás dos acontecimentos daquela tarde de sábado.

Naquele dia, o silêncio dos espíritos a respeito do ocorrido foi quebrado apenas por Zarthú, que, mais uma vez, alertou:

- Cautela com este espírito, você não sabe o quanto ele é perigoso.

Por muitos anos, enquanto eu fazia palestras de lançamento do livro *Medicina da alma*, em vários cantos do Brasil, notava a presença da entidade, que me pedia para contar sua história como um testemunho de conversão pela força do amor... E assim o fiz, convencido da realidade de suas palavras e das cenas que vivenciara. Descobriria bem mais tarde quanto estava enganado a respeito desse habitante da esfera extrafísica. Naquele tempo, não conhecíamos nem lidávamos ordinariamente com as obsessões complexas, tampouco havíamos dado início às abordagens sistemáticas de tais casos com o emprego da técnica apométrica. Em suma, acreditei sinceramente que o espírito estivesse do lado do bem. Por muitos e muitos anos.

Houve outro fato passageiro relacionado ao caso, ao qual não atribuí maior importância. Deu-se na região metropolitana do Recife, num *workshop* que ministrei acerca de técnicas de magnetismo. De relance, por um breve instante, notei como a tal entidade parecia fugir da presença de Jamar, um dos espíritos guardiões comprometidos com nosso trabalho. Estranhei aquilo, mas, em vez de indagar os espíritos a respeito

do que eu percebera, calei-me. Deixei que se passasse o tempo e acabei me esquecendo da visão, sem esclarecer minha desconfiança.

### O HIPNO ATACA DE NOVO

Ano: 2004. Local: Jaboatão dos Guararapes, município do Grande Recife, PE. Meu editor, Leonardo Möller, e eu viajávamos por um período relativamente longo, no qual faríamos muitas palestras na região metropolitana da capital pernambucana. Visitaríamos Olinda, Paulista, Jaboatão dos Guararapes, entre outros lugares. Já havíamos realizado diversas palestras nesses lugares e estávamos acostumados com os procedimentos da viagem, tanto quanto aqueles que os recebiam já tinham se habituado a lidar com nossas manias e com nosso jeito, que nem sempre agrada.

Por algum motivo - que, a meu ver, só a influência espiritual explica -, diferentemente das demais vezes que ali estivemos, não realizamos as orações que são parte da rotina ao nos hospedar em qualquer local. De maneira imprevidente, deixamos de evocar os guardiões para reforçar a guarda em torno de nós e esquecemos de formar campos de força e de proteção no ambiente onde dormiríamos. Envolvemo-nos de tal modo no ambiente agitado onde nos estabelecemos que simples-

mente nos descuidamos dos princípios mais elementares de autodefesa psíquica, energética e espiritual.

Um espírito ou um grupo de espíritos aproveitou-se da situação e armou uma sucessão de ardis em nosso caminho. Não encadeamos os fatos, é claro, e partimos para a tarefa, que, em todos os sentidos e sob qualquer ângulo que se examine, foi a mais difícil, terrível e complicada dos últimos anos. Em todos os centros espíritas onde falei, sem exceção, houve ocorrências que tornaram a realização das palestras um tormento. Voltávamos para casa indignados, noite após noite. Numa delas, ao retornar, sentamo-nos à mesa para lanchar, como de costume. Senti um odor diferente, um cheiro azedo e profundamente desagradável. Com náuseas, recusei alimentar-me e fui deitar-me. Na manhã seguinte, ao acordar, deparo com uma barata enorme andando sobre a face e a boca de Leonardo, que dormia na cama ao lado, no mesmo quarto. Chamei-o, assim que a vi deixar seu rosto. Resultado: nos dias subsequentes, Leonardo teve uma erupção cutânea de grandes proporções.

Um pouco mais de malícia ou de atenção, apenas, e poderíamos associar os fenômenos à ação de alguma inteligência extrafísica operando nos bastidores, mas não. Mais tarde soubemos que o odor era uma armadilha. Um envenenamento que seria provocado por uma espécie de feiticeiro desencarnado, que, cien-

te do hábito de comermos algo antes de dormir, preparou uma cumbuca com material astral tóxico, endereçada a mim, e deixou-a sobre a mesa, astutamente.

No meio da viagem migramos de Jaboatão dos Guararapes para Olinda, porém tudo dera errado com os hotéis que supostamente haviam sido reservados por quem nos convidara. Tais estabelecimentos não ofereciam a mínima estrutura para nossa acomodação e, por isso, partimos para outros, mas estavam todos lotados... Foi um dia inteiro, no calor intolerável, até termos de pagar um dos mais caros da cidade, o único com vagas disponíveis. Ficamos à mercê de várias outras situações desafiadoras, que ocultavam forças de natureza insuspeita para nós, até então.

366

---

367

O golpe de mestre se deu num dos dias que antecederam esse episódio dos hotéis. Depois de uma noite de insônia, no mesmo quarto da tal barata, amanheci o dia com muita dor e a saúde bem abalada. Sentia que algo grave tinha ocorrido. Foi Joseph Gleber quem me esclareceu, naquele mesmo dia:

- Vocês foram vítimas de um ataque de grandes proporções. Equipamentos de tecnologia astral foram montados circundando o ambiente onde repousam. Cientistas das sombras projetaram, sobre vocês dois, forte emanção radioativa obtida a partir do césio **14**. Além de desviar de Leonardo a porção direcionada a ele, canalizando-a para você, absorvi **80%** das irradia-

ções em meu próprio perispírito, pois me interpôs entre o aparelho e você., Mas os 20% que o atingiram causarão estrago. Esteja preparado.

Estava longe de imaginar o alcance do que vivenciávamos em Recife, naquela ocasião. No entanto, o ataque visava mesmo nossa morte, segundo nos informou Joseph.

Àquela altura, evidentemente, já tínhamos recorrido à oração diversas vezes, trocado passes magnéticos, feito leituras... Contudo, o descuido inicial tinha aberto tal brecha que o prejuízo era irreversível.

Cumprimos a agenda de compromissos até o final. Quando chegou a hora de retornar a Belo Horizonte, já há alguns dias vínhamos mantendo contato com a equipe de médiuns de nossa casa espírita. Reuniam-se diariamente para nos dar o suporte imprescindível, a fim de que conseguíssemos regressar. Não foi fácil, mesmo com todo o auxílio.

Estávamos às vésperas da falência da antiga Varig, cujos vôos estavam um verdadeiro caos. Diante das circunstâncias, nossa passagem, é claro, não podia ser de outra companhia aérea. Uma viagem que deveria durar pouco mais de 5 horas transformou-se num inferno que se estendeu por mais de 24 horas de sabores, prantos, complicações e nítida influência de entidades inteligentes e devotadas ao mal. Partimos de Recife às 16 horas, com 2 horas de atraso. Em vez

de Guarulhos, parada original de conexão, fomos acomodados num voo para o Galeão, no Rio de Janeiro. Ao chegar lá, sucessivas previsões de decolagem para Belo Horizonte: 20h30, 21h30, 22h45, 23h59... Todos esses horários foram estimados pela companhia aérea, um a um. Quando a espera se aliviava, ao aproximar-se o horário anunciado, o alto-falante comunicava novo adiamento. Ao ouvir o último anúncio, desistimos e fomos trocar a passagem para o dia seguinte. Ainda tivemos de ouvir do alienado funcionário:

- Somos a melhor e maior companhia aérea do Brasil. Olhe a quantidade de guichês que operamos neste terminal!

368

369

Como diz o ditado, e o funcionário confirmou, perde-se tudo, menos a pose. Foram 45 minutos perambulando de cá para lá até trocarmos para um voo às 14 horas do dia seguinte. E gastamos mais outro tempo equivalente até visitarmos ambos os hotéis nas dependências do aeroporto e decidirmos pelo mais barato. Era uma diária de apartamento superior ou luxo para um cubículo abafado, sem janelas e com pé-direito muito baixo.

Não tínhamos como arcar com outra opção, principalmente depois do gasto imprevisto com a onerosa hospedagem em Olinda. A legislação prevê que, caso o atraso ultrapasse 4 horas, a companhia aérea deve arcar com todas as despesas de alimentação, deslo-

camento e hospedagem do passageiro. Entretanto, a tolerância se renova a cada conexão, ou seja, as duas horas de espera em Recife não se somavam às 3 horas em solo no Rio de Janeiro. Todo o abuso era perfeitamente legal. Além do mais, a iminente bancarrota da Varig tornava remotíssima a hipótese de reembolso.

Durante nossa peregrinação na tentativa de voltar para casa, mantivemos contato diversas vezes com a equipe reunida na Casa de Everilda Batista. Permaneciam ligados ao que acontecia conosco, fato que foi fundamental para que aterrissássemos em segurança no Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins, nas imediações da capital mineira. Isso foi tão importante quanto a atuação dos benfeitores.

Finalmente pousamos, pontualmente, num sábado. Recebemos um telefonema ainda no aeroporto de Confins, há 50km de nossa casa espírita:

- Vocês não vão para casa de jeito nenhum - disse Sônia, uma das dirigentes do departamento médico. - Venham direto para a Sociedade, pois estamos com uma equipe de prontidão. Os espíritos os esperam aqui.

Não havia o que argumentar em contrário. Precisávamos - e como - fortalecer as defesas espirituais e energéticas. Fomos socorridos e amparados naquele dia e em outros mais. Não obstante, o ataque energético acarretou conseqüências sérias para minha saúde,

que atingiram seu ápice em fevereiro de **2006**.

Havia uma palestra agendada em Ilhéus no primeiro sábado daquele mês. As passagens para a cidade do sul da Bahia já estavam compradas. Embarcaria no dia **2** de fevereiro, mas, parafraseando **0** grande Dorival Caymmi, não fui **0** primeiro a saudar Iemanjá. **0** litoral permaneceu distante.

Alguns dias antes dessa data, compareci a uma consulta de emergência devido a dores na região abdominal, que se haviam avolumado nas últimas horas. No segundo atendimento, **0** médico disse, com convicção:

- Realmente, não podemos adiar a intervenção cirúrgica. A região está muito inflamada. Mas será uma punção, uma drenagem simples. Portanto, você poderá fazer sua viagem tranquilamente. Haverá certo incômodo, já que não podemos suturar, devido à inflamação e ao pus. No entanto, não é nada que **0** impeça de viajar. Operamos amanhã e você sai do hospital no dia seguinte. Na sexta você pode tomar seu avião.

Os dois dias de recuperação anunciados pelo médico transformaram-se em nove longos meses. Durante todo esse período, fiquei apenas **12** dias sem sentir dor. Meu médico - sempre dei "sorte" com eles - não prescrevia nada especial para a dor, a despeito de minha insistência. Apenas recomendava os analgésicos convencionais: paracetamol, dipirona sódica, entre outros. Até que uma amiga me ofereceu uma caixa de

comprimidos mais fortes, cuja receita fica retida na farmácia. Foram 12 comprimidos, 12 dias de alívio.

De junho a agosto daquele fatídico ano, deu-se a psicografia de *Legião*, o primeiro volume da Trilogia O Reino das Sombras.

- Não lhe posso tirar a dor - disse o autor espiritual, Ângelo Inácio, ao propor o trabalho. - Contudo, posso distrair sua mente, envolvendo-o nas cenas do livro.

Deitado de bruços, apoiava-me nos cotovelos, sobre a cama. Com almofadas postas sob as axilas, estendia os braços até o *notebook*, no qual Ângelo digitou as palavras que originaram a obra.

Ao longo do processo, novamente emagreci cerca de 35kg. A magreza agravou-se em virtude de uma complicação decorrente de um comprimido prescrito pelo mesmo médico, que, por tentativa e erro - e quantos erros! -, tentava combater a inflamação e a conseqüente falta de cicatrização. Esse medicamento me causou uma reação no esôfago, que exigiu uma alimentação exclusivamente pastosa por quase dois meses, isto é: quando conseguia ingerir algo. Nunca sabia se agüentaria comer, até servir-me da comida e experimentá-la. Era sempre uma incógnita. Quantos se empenhavam por preparar-me uma refeição ou arrastar-me até um restaurante, mas eu não suportava a deglutição. Além disso, havia os gastos astronômicos com caixas e caixas de remédio que não surtiam efeito e eram largadas pela

metade, entre tantas outras despesas. Sem poder trabalhar, a situação financeira agravou-se novamente. Com tudo isso, as emoções, em frangalhos, reservaram-me dias, no mínimo, interessantes.

Não se deve olhar para o passado a não ser para o aprendizado, sob pena de nos transformarmos em estátuas de sal, feito a mulher de Ló, do Antigo Testamento. Mas também devo olhar para agradecer encarnados e desencarnados, que, com maior ou menor paciência, conduziram-me por esses momentos difíceis, que não desejo nem mesmo a meus algozes mais tenazes.

Foram inúmeros atendimentos mediúnicos e bioenergéticos visando ao restabelecimento da saúde. E como ajudaram. Mesmo assim, as complicações se estenderam, parcialmente amenizadas, até o mês de julho de **2008**, quando me submeti a nova cirurgia. O problema não foi sanado por completo, porém já posso me movimentar com maior tranquilidade e sem dor.

Traço comum aos muitos médicos que consultei antes de sujeitar-me à nova operação, todos repetiram, em uníssono, ao examinar-me:

- Podemos ler a respeito de uma fístula como a sua, mas não a vemos, pois é muitíssimo rara e complexa. Há somente uma explicação plausível para isso ter eclodido em seu organismo: a exposição à radioatividade. Necessariamente, você se expôs a um nível de radiação muitíssimo intenso. Você trabalha com

radiografias ou algum outro componente radioativo?

Sem revelar a nenhum dos profissionais da saúde as peripécias de um médium destrambelhado, apenas pensava, ao escutar as reiteradas explicações: "Isso, porque recebi o impacto de apenas 20% das energias irradiadas pelos espíritos que queriam me assassinar".

## O HIPNO REVELADO

Recentemente, recebi um telefonema de um médium do Triângulo Mineiro. Disse-me que, ao ler a edição especial do livro *Medicina da alma*, sentiu-se na obrigação de me ligar, ao tomar conhecimento dos fatos relatados no trecho que reproduzi agora, neste capítulo. Segundo contou, vivenciara a mesma experiência, nos mínimos detalhes, inclusive com uma criança cuja descrição é idêntica à que eu vira. Relatou-me mais. Informou que dois outros médiuns conhecidos dele também passaram por igual episódio, com o mesmo protagonista de verde-musgo. Divisaram o ser extrafísico envergando traje idêntico ao que descrevi no livro. Conversamos bastante e observamos alguns aspectos comuns. Todos nós, os médiuns que o tal espírito influenciou, em maior ou menor medida, trabalhamos com o mesmo foco. Mediunicamente, atuamos no âmbito das obsessões complexas e desenvolvemos

métodos similares de abordagem a essas questões. As casas espíritas que representamos ou dirigimos têm o cerne de suas atividades no estudo e na divulgação das idéias espíritas. Esses indícios foram suficientes para concluir que o espírito perseguia algo específico, havia um plano bem definido de sua parte.

Em dezembro de 2007, indaguei o espírito José Grosso a respeito do assunto, diante dos telefonemas trocados entre nós, os médiuns envolvidos com o mesmo espírito. Descobri que todas as histórias relatadas neste capítulo têm o mesmo protagonista. O tal espírito que apareceu para mim no episódio do hospital foi o mesmo que derrubou Everilda Batista quando se dirigia à Associação Espírita Vicente Pifano, em Governador Valadares. Também foi ele o embusteiro que se disfarçou sob o nome de Estêvão em 1989, deixando-me várias outras mensagens, além da que citei. Mais tarde, a partir de 1992, o verdadeiro Estêvão se apresentaria a mim, sendo mencionado por Chico Xavier em mais de uma ocasião. O espírito adotara esse pseudônimo em homenagem ao mártir da Era Cristã.

José Grosso me esclareceu que, em 1997, o tal espírito se aproveitou da minha fragilidade física e emocional para projetar a imagem da criança, que foi contemplada por mais pessoas, além de mim, como realidade. Todavia, era uma projeção hipnótica de proporção espetacular. Segundo ele, a história não ocorreu

da forma como nos recordamos; nossa percepção foi adulterada por equipamentos e por projeções hipnóticas de uma mente dotada de imensas possibilidades. O caso ainda está em andamento e os desdobramentos futuros certamente revelarão os mistérios de tão sofisticado recurso extrafísico. De todo modo, pude finalmente compreender o que dizia o mentor Zarthú: "Cautela, pois você não tem idéia de quanto ele é perigoso". Com efeito, não tinha a mínima idéia.

Na época da hipnose coletiva, o guardião Jamar entrou em cena. Foi por essa razão que os benfeitores permitiram que o hipno de verde-musgo armasse seu circo dentro da própria sociedade espírita. Jamar, o especialista da noite, apresentou-se ao espírito como suposto aliado seu. Fez as vezes de agente duplo, mais ou menos como o próprio hipno. Disfarçado, o guardião ofereceu-se como parceiro da entidade, como se desejasse uma vingança contra mim em particular. Com tal iniciativa, teve acesso e conheceu os pormenores da ampla rede de laboratórios da qual esse espírito era um dos maiores representantes. Eram 28 organizações no total. O hipno pensou que estava enganando inclusive os mentores, porque transitava com certa liberdade; julgara não ter sido descoberto. No entanto, ele era o verdadeiro enganado, pois o tempo inteiro tinham ciência de suas intenções.

Jamar aproveitou a situação e mapeou os labora-

tórios da subcrosta. Graças à ação do espírito infeliz é que puderam ser escritos os livros *Legião*, *Senhores da escuridão* e outros mais, que ainda serão publicados. Tais obras têm o mérito de revelar as bases, a estrutura e o funcionamento das organizações sombrias, conscientizando os trabalhadores da última hora de um campo de batalha desconhecido. É preciso informação para enfrentar com acerto as investidas perpetradas contra as casas espíritas e as obras da civilização. Em resumo: um mal aparente transformou-se num bem maior; das trevas, fez-se a luz.

Embaixador de organizações do submundo, o referido hipno envolveu diversos médiuns atuantes, inspirando desavenças, intrigas, dossiês e fofocas. Tentou minar o trabalho de algumas personalidades e expoentes do movimento espírita - e ainda está tentando isso, numa atitude de desespero. Sua organização, evidentemente, está desmantelada, e restam ao hipno poucos seguidores. Tornou-se patente que é um espírito que se enquadra na categoria que Allan Kardec classifica como *mistificadores*. Apropriou-se de uma história contada nem sei por quem, em algum lugar, que não era a sua história pessoal. Formou imagens exatamente iguais e as projetou para diversos médiuns, em lugares diferentes. A todos, inclusive a mim, pediu que contasse sua suposta história, com o objetivo de desacreditar os envolvidos. Caso repetissem histórias idênticas pelo Bra-

sil, afirmando que eram casos vivenciados individualmente, ele colocaria em xeque as informações e o trabalho de cada um desses médiuns.

Devo especialmente a José Grosso o esclarecimento de tudo o que houve. Sinto-me hoje muito satisfeito com o desfecho do enredo, a despeito do que vivenciamos e de ter sido, eu mesmo, mantido na ignorância acerca das implicações do caso, por mais de 10 anos. Caso me revelassem a verdade, todo o plano e o disfarce estariam a descoberto, conforme justificaram José Grosso e Jamar. Fico satisfeito ao saber que, de alguma maneira, pudemos contribuir para o esclarecimento desse intricado e sofisticado processo, que ocupou pelo menos 20 anos de intensa atividade, dos dois lados da vida.

A conclusão desta aventura ainda está por ser escrita, uma vez que o hipno continua à solta, pelo menos até a data original de publicação deste texto. Os espíritos escreveram muitas histórias em minha vida e essa será mais uma, que o futuro me reserva. Assim como tantas outras que não couberam aqui, integrará novo volume em que pretendo continuar a descrever o que os Imortais têm me ensinado e realizado ao redor de mim. Afinal, os apóstolos Pedro e João já diziam: "Pois não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido"<sup>55</sup>.

<sup>55</sup> At 4:20 (*op. cit.*).

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

Todos os esforços foram feitos para determinar a autoria e a identificação das fotos usadas neste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar os fotógrafos caso se manifestem. Nas páginas com mais de uma imagem, seguiu-se a ordem da esquerda para a direita e de cima para baixo. As imagens não creditadas são de autores desconhecidos.

### PRIMEIRO CADERNO

p. i, 3, 5-6, 8: Douglas Moreira

### SEGUNDO CADERNO

p. 159: Mario Almendros (imagens 2 e 3)

p. 160-166: Mario Almendros

p. 169-172: Mario Almendros

p. 174: Maria Araújo (imagem 1)

p. 175: Leonardo Möller

### TERCEIRO CADERNO

p. 293: Mario Almendros (imagens 2, 3 e 4)

p. 294: Mario Almendros (imagem 2)

p. 295-303: Mario Almendros

p. 304: Mario Almendros (imagens 2 e 3)

p. 308-311: Mario Almendros

TÍTULO Os espíritos em minha vida  
Memórias

AUTOR Robson Pinheiro,  
editado por Leonardo Möller

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E NOTAS Leonardo Möller

PROJETO GRÁFICO E TRATAMENTO DE IMAGENS ITIOÓ | [WWW.MOO.ST](http://www.moo.st)  
Andrei Polessi  
Mónica Raynel  
Fernanda Muniz

FOTOGRAFIA Mario Almendros

REVISÃO Laura Martins

IMPRESSÃO E PRÉ-IMPRESSÃO | MIOLO Orgrafic

IMPRESSÃO E PRÉ-IMPRESSÃO | CAPA EGB Gráfica

FORMATO 16 X 23 cm

NÚMERO DE PÁGINAS 400

ISBN I CAPA LARANJA 978-85-87781-32-1

ISBN I CAPA ROSA 978-85-87781-33-8

Composto em Gotham e FF Scala. Miolo impresso em papel Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup>; capa impressa em Cartão Supremo Alta Alvura 300g/m<sup>2</sup>, ambos da Cia. Suzano. Novembro de 2008.

Cada real que você dá por um livro possibilita mais qualidade na publicação de outras obras sobre o assunto e paga aos livreiros por estocar e levar até você livros para seu crescimento cultural e espiritual. Além disso, contribui para a geração de empregos, impostos e, conseqüentemente, bem-estar social. Por outro lado, cada real que você dá pela fotocópia não-autorizada de um livro financia um crime e ajuda a matar a produção intelectual.

FSC